



FAMÍLIA KINGSMAN I

# ESQUECA-ME SE FOR CAPAZ

*autora best-seller da amazon®*  
**LARISSA ABREU**

FAMÍLIA KINGSMAN I

ESQUEÇA-ME  
SE FOR CAPAZ

**Copyright © 2022 Larissa Abreu**

**REVISÃO:** Bárbara Lorrany e Emi Colchero

**LEITURA BETA:** Isadora Lacerda

**DESIGN CAPA:** Larissa Abreu

**IMAGEM DA CAPA:** Adobe Stock

**DIAGRAMAÇÃO:** Adriele Gabriel

**ILUSTRAÇÕES:** Mary Ribeiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais, é mera coincidência.

**Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.**

***Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.***

**Edição Digital | Criado no Brasil.**

# Sumário

[SINOPSE](#)

[GATILHOS](#)

[NOTAS DA AUTORA](#)

[PLAYLIST NO SPOTIFY](#)

[PRÓLOGO | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 1 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 2 | PRESENTE](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 6 | PRESENTE](#)

[CAPÍTULO 7 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 8 | PRESENTE](#)

[CAPÍTULO 9 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 16 | PRESENTE](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[CAPÍTULO 36](#)

[CAPÍTULO 37](#)

[CAPÍTULO 38 | PASSADO](#)

[CAPÍTULO 39](#)

[CAPÍTULO 40](#)

[CAPÍTULO 41](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

## **SINOPSE**

*Ela era sua melhor amiga;  
Ele a abandonou enquanto carregava um filho seu;  
Ela não tinha ninguém;  
Nove anos depois, ele vai reencontrá-la casada com seu melhor amigo.*

**Benjamin Kingsman** é um homem sério, centrado e frio. Com um passado de acontecimentos perturbadores, na quais o deixaram sérios traumas, ele sobrevive em meio às inúmeras responsabilidades da família Kingsman que recaem sobre as suas costas.

Ele não queria ser amado por nenhuma mulher que não fosse o seu primeiro amor. Queria reencontrá-la e tê-la para si mais uma vez, não importa o que precisasse fazer.

**Anastácia Snow** sabe o que é a dor em todos os seus tons possíveis. Ela não confia em ninguém. Não tem motivos para tal, quando foi machucada por todas as pessoas que mais amou.

Abandonada grávida, ela entendeu mais uma vez que a pior traição sempre virá de quem mais se ama.

Nove anos depois, de coração quebrado e assuntos inacabados, o caminho de Anastácia se encontra mais uma vez com o de Benjamin para um acerto de contas de um passado que nunca se resolveu.

Benjamin não imaginava encontrar o amor da sua vida casada com o seu ex-melhor amigo de infância. Por mais que o seu coração pulsasse de dor e fúria porvê-los juntos, havia uma quantidade de informações que o

deixava em dúvida sobre tudo, inclusive sobre a paternidade da criança que os acompanhava.

Seria aquele o seu filho? Poderia Benjamin ter um espaço na vida daquela mulher? Quais segredos ela esconde?

As mentiras e intrigas da família Kingsman poderão continuar a afastá-los? O quanto forte Benjamin deverá se tornar para defender o que mais ama?

## ***GATILHOS***

**Abandono parental, violência, violência doméstica, alienação parental**

## **NOTAS DA AUTORA**

Este é um livro de diversas situações que podem ser completamente desconfortáveis para algumas pessoas, portanto, se respeite, e respeite o desenvolvimento de cada um dos personagens.

Da mesma forma que você evoluiu na vida com seus erros, eles também precisam evoluir na história.

*Boa leitura.*

## ***PLAYLIST NO SPOTIFY***

Quer curtir a playlist de ESFC? Use o botão da câmera à direita da barra de pesquisa no aplicativo Spotify. Toque em "Scan", aceite as permissões para Spotify para acessar sua câmera e direcione ao nosso Spotify Code:



Ou clique [aqui!](#)

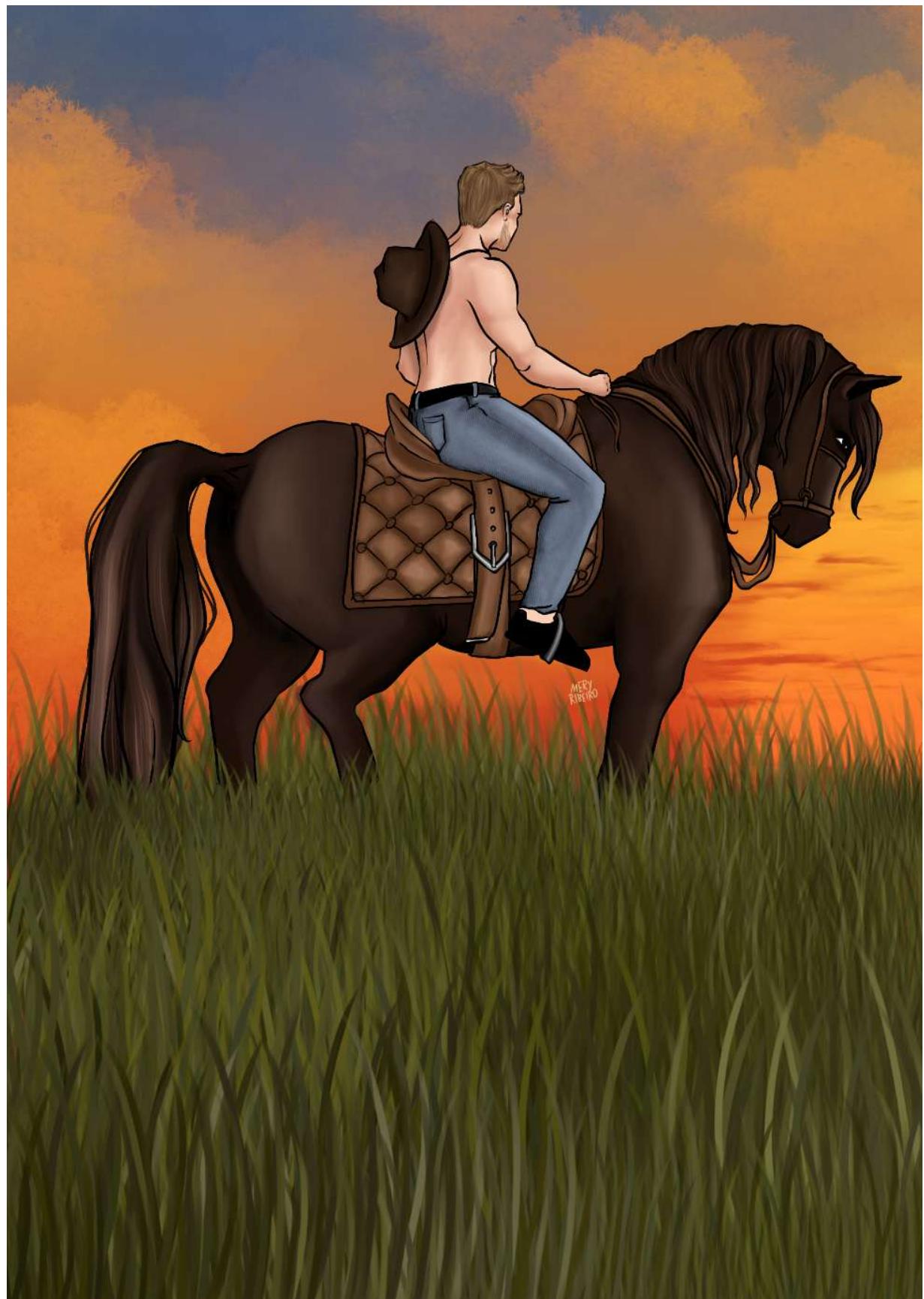
Você vai ser redirecionado ao Spotify, a playlist está disponível para usuários da versão grátis e premium, agora é só curtir as músicas que inspiraram a química do nosso casal!



*Nem sempre o inimigo está do lado de fora.*

*Muitas vezes o inimigo é aquele que te botou no mundo.*





# **PRÓLOGO | PASSADO**

**Benjamin Kingsman, 11 anos**

Já abriu e fechou os olhos querendo mantê-los fechados para sempre?

Não falo sobre desejar a morte, não falo sobre querer morrer. Na verdade, falo exatamente sobre querer viver, mas não *essa vida*.

Eu amo a minha vida, mas *sem ele*.

Sem o cinto.

Sem a música no rádio.

Sem as orações antes do almoço.

Com o passar dos anos, sinto que o meu pulmão aumentou a sua capacidade de guardar o que meu sangue pedia, já que cada vez que eu me escondia debaixo da cama, precisava respirar fundo, e aquele cheiro tão familiar de poeira dos estrados de madeira criavam um gatilho dentro da minha cabeça, que alimentava uma ansiedade que só crescia com o passar do tempo.

Era como um *looping*, tão sagrado quanto o café da manhã ou os banhos antes de dormir.

Eu me escondia e, minutos depois, seus pés afundavam no assoalho velho e comido por cupins, fazendo-os estalar em um canto bárbaro, anunciando que *ele* procurava por mim.

O som da fivela do cinto de couro gasto que arrastava entre as nuances de níveis na madeira do chão, me ditava o que provavelmente viria a seguir.

Do lado de fora estava frio, mas o meu corpo queimava de medo.

Era a ansiedade de uma pequena parte do meu futuro que eu sempre sabia que chegava ao me enfiar debaixo daquela cama.

Aprendi na escola, com a professora de ciências, que a ansiedade era uma coisa boa, que ela nos freia nas situações de risco. O que eu não conseguia entender era o motivo de eu sentir ansiedade, se quem deveria ser freado era meu pai e, não, eu.

O assoalho rangeu, seu rosto enrugado com o grisalho cabelo curto caiu sobre o chão e um sorriso medonho nasceu na sua boca ressecada.

— *Achei você!*



# **CAPÍTULO 1 | PASSADO**

## **Benjamin Kingsman, 19 anos**

No início, eu fechava os olhos para fazer as orações na mesa e realmente orava, mas depois dos doze anos, eu fechava os olhos e tudo que podia ver era a mente nublada. Havia coisas demais presas dentro de mim, que eu precisava externalizar para ser capaz de pensar direito.

“*Engula o ódio*” meu pai dizia.

E eu engolia.

Talvez seja por isso que estou tão cheio dele, quanto o prato estava cheio sobre a mesa.

*Sempre estava.*

Éramos obrigados a digerir tanta coisa dentro de casa que quando chegava hora da comida, ela simplesmente não descia.

Os grãos de arroz arranharam na minha garganta, quando a visão que eu tinha à minha frente era da minha mãe com um hematoma roxo tomado a lateral da sua testa, mas, ainda assim, o sorriso pequeno e miúdo que alegava estar tudo bem, estava ali.

Mas nada estava bem.

Nunca esteve.

E enquanto ele se sentasse na mesma mesa que a gente, nada estaria bem.

Brooke estava sentada ao meu lado. A sua comida estava intacta e fria, seu cabelo castanho cobria boa parte do seu rosto, também carimbado

pela violência de Jonathan Kingsman, que normalizou lições de moral que eram sempre ensinadas na base da força e repetição.

Seu braço estava enfaixado pelo enorme problema que aconteceu na última noite, em que, talvez, meu pai tenha passado de todos os limites possíveis.

Não importa se você tivesse aprendido, ele continuaria para que você nunca ousasse chegar perto de esquecer.

Funcionava tanto que meu irmão mais novo se lembrava delas, quando estava diante da classe apresentando um trabalho e as doses de fogo sobre a pele das punições invadiam a sua cabeça, fazendo com que cada palavra evaporasse como fumaça no vento de dentro da sua boca.

Funcionava tanto que Brooke saía escondida nas noites mais frias da semana para viver a vida que ela sabia que nunca teria. Respirava o ar das plantações junto com uma das suas amigas, mas Jonathan intervivia. Ele sempre encontrava uma forma de nos puxar de volta. Com ela, instaurou o toque de recolher com a desculpa de que ela poderia se engráçar com o filho dos fazendeiros próximos de nós, já que as suas amizades não tinham uma boa fama.

Funcionava tanto que, com o passar dos anos, a minha mão tremia querendo revidar, mas o senso de superioridade que ele impunha em nossas cabeças foi tão bem impregnado, que mesmo que sua imagem paterna fosse uma merda, ainda estava ali, fazendo com que o meu braço sempre permanecesse ao lado do corpo, quando ele começava.

— Por que seu prato ainda está cheio, Brooke? — Jhonatan raspou o prato pela última vez, apoiando suas costas largas sobre o apoio da cadeira, o queixo baixo, mas os olhos atentos a ela.

— Estou... sem fome — sussurrou.

Nicholas fazia força para engolir a última colher de comida com seu prato limpo.

Meu irmão conhecia o peso da mão do nosso pai, mas também sabia que ele sempre gastava boa parte da sua força em si, para então, quando entrar no limiar da fadiga, terminar em Brooke.

Eu era o filho mais velho, sabia como funcionava, mas, ainda assim, sentia o peso da sua mão quando eu partia em defesa da minha mãe ou irmãos.

*Às vezes deixar roxo não era o suficiente para ele.*

Às vezes pintar o dente de sangue era necessário para Jhonatan, assim como o medo precisava ser muito maior que o respeito.

— Talvez sinta fome quando eu deixar você dois dias sem comer. O que acha? — sugeriu meu pai, enquanto limpava a barba suja de caldo de carne.

— Jhon... — Não importa quão roxo seu rosto estivesse, nossa mãe sempre antecedia.

— Cale a boca, Beth! — Rangeu os dentes, repreensivo. — É sua culpa.

Apreensivo, abri a boca e deixei minha voz nítida.

— Não a culpe.

Seu olhar enrugado se estreitou, o seu queixo rodou alguns graus para a direita e um pequeno sorriso inundou a sua boca.

Fechei a minha mão sobre a mesa, estalando cada um dos dedos, enquanto ele caminhava até o lado da minha mãe. Subiu a sua mão pelo ombro dela, passou os dedos pela testa roxa, voltando novamente com seus olhos pesados para a ponta do meu nariz.

— Então deixe-me culpar você, Ben! — Mastigou o ar entre os dentes. — Ela está roxa dessa forma, porque você é incapaz de se portar

como um homem. Você é o filho mais velho, o futuro dessa família. — Jhonatan se afastou de Beth, alisando o estômago como se fosse uma lâmpada mágica. Puxou a alça do seu rádio velho que parecia ter vontade própria e andou em direção a porta, depois de ter pegado um palito e enfiado entre os dentes ainda sujos da carne do almoço. — Vou retirar a rede do lago e espero vocês para puxar a corda do barco.

A regra era clara: as más obediências manchavam o rosto da nossa mãe e, por um erro nosso, ela pagava o preço.

— Seu pai só está... chateado, meninos — murmurou Beth, retirando nossos pratos.

Ela defendia uma família que nunca existiu.

Jhon desaprovava a mulher que eu amava.

Ele tentava minimizar o nosso desejo interno de revidar.

Brooke se levantou da cadeira, mexendo no cabelo rebelde castanho com o único braço bom que tinha. Saltitou pelos degraus da escada até sumir no andar de cima. Ela sabia que a nossa mãe tentava aplacar nosso sentimento conturbado em relação à Jhonatan, por isso não gastava uma saliva sequer tentando interceder por si. Ao menos não depois de *daquele dia*.

Nicholas me encarou, aliviado por não ter o nosso pai no ambiente de refeição.

Do lado de fora, em seu rádio antigo, tocava sua música favorita, o clássico de ‘*Andrea Bocelli*’, *Ave Maria*.

Jhonatan rezava com fé em Deus pela união da sua suposta família, enquanto eu, meus irmãos, e talvez Elizabeth, rezamos para que Deus pudesse lhe tirar o fôlego e livrar nossa carne da sua crença pagã.

— Meu pai está chateado desde que eu me lembre, mãe. — Ela sequer me encarou.

Retirou os talheres de prata da mesa de madeira, enquanto o vento que entrava pela porta balançava as flores no jarro no centro da mesa.

— Ele está preocupado com o futuro... — Tentou se safar.

— Por que o defende? — Novamente avancei.

Suas mãos alcançaram meu queixo e seus dedos afagaram minha pele. Seu olho ainda continuava terno e doce até mesmo para dar as piores notícias de desgraça.

— A mulher sábia edifica o lar — disse.

— Não existe sabedoria em defendê-lo, Elizabeth.

— A vida é difícil, Benjamin. O que sugere que eu faça? Abandone essa casa e passe fome na rua?

— Sabemos o que é difícil — respondi.

Sua mão soltou meu queixo e espalmou sobre a mesa de madeira, abrindo os dedos e forçando-os sobre a mesa embaixo da sua pele. Respirou fundo, trancando dentro do peito a fraqueza que ela nunca deixava sair: o medo.

— Você acha que sabe o que é fácil? Você morou a vida toda aqui, de mesa farta, com a melhor educação. Isso não basta, Ben? O que mais você quer? Do que mais você precisa?

Essas eram perguntas realmente interessantes, onde, talvez, a resposta delas fosse muito mais do que apenas uma palavra.

Mas acho que não ser agredido desde os oito anos pelo pai, já estaria de bom tamanho.

Eu me levantei da cadeira, abracei Elizabeth pelos ombros, beijando sua testa e seu cabelo acobreado.

— Me desculpe, mãe. Eu não deveria ter... perguntado isso a você.

— Seus olhos verdes me encararam e, em sua boca de dentes amarelos, havia um sorriso de disfarce. — Eu te amo, tudo bem?!

— Eu também amo você e seus irmãos, Ben. — Suas mãos agarraram meu rosto e seus lábios se comprimiam em minha testa. — *Tudo por nós.*

Sorri pequeno.

— *Tudo por nós*, mãe.

Ela me soltou e foi para a cozinha.

Nicholas já estava na porta me aguardando. Seus olhos temerosos rodopiavam por todas as árvores acumuladas na beirada do lago.

A regra era clara.

Todas as manhãs, entrávamos no lago nadando para buscar o barco de Jhonatan com peixes que ficavam à deriva no meio dele, pois nosso pai sabia como dar uma surra bem dada, mas infelizmente não sabia nadar.

O Texas normalmente era um lugar quente, mas as fazendas de Dallas conseguiam ser piores. Com o sol tão quente como um maçarico, o chão era quase uma grelha. A areia solta provocava fumaça com o vento forte, nublando o olhar do homem com a melhor visão.

O cheiro de terra causava problemas respiratórios frequentemente em Brooke e, mesmo com um laudo médico, para Jhonatan era apenas uma “frescura”.

O som de Andrea Bocelli parecia ecoar por todos os cantos da fazenda, era como a porra de uma agonia eterna, porque durante todos esses anos, durante as manhãs de almoço e as tardes de pesca, ele nos obrigava a ouvir. E eu, certamente, me lembava da letra, dos sons de cor e salteado, principalmente quando ele usava a música para abafar meus gritos durante as surras quando criança.

A música nunca mais foi a mesma para mim.

Era um decreto direto, mostrando que problemas surgiriam logo.

— Tudo bem? — perguntei ao me aproximar de Nicholas.

Ele ouviu, mas seu rosto não se moveu um centímetro sequer. Sua mão percorreu a barriga até chegar em seu diafragma, onde ele apalpou e logo depois fez uma careta.

— Como nossa mãe diz... *vai ficar* — respondeu.

Nicholas não era cínico ou ácido o suficiente para fazer uma careta com as coisas que eu dizia, pelo menos, não coisas tão complicadas como aquelas.

Ele tinha apenas dezesseis anos.

Dois anos mais novo que eu, mas a sua raiva era tão grande quanto a minha.

Invadi seu espaço, suspendendo a beirada da sua blusa branca, expondo o roxo em volta do machucado sobre a sua pele.

— Que merda...

— Já está secando, Ben. Não é nada! — Minha risada era incrédula.

Ele estava fazendo a mesma coisa que Beth e esse tipo de postura me fez lembrar que muitas vezes eu achei que o problema era eu.

Muitas vezes me pus a acreditar que eu era o culpado por ser um péssimo filho, mas, certa vez, ouvi que um péssimo pai, também faz um péssimo filho.

— Isso foi a surra de Jhonatan? — Minha voz era firme. Tentei passar o dedo sobre o ferimento, mas ele retrocedeu alguns centímetros, dificultando o toque.

— Por favor, irmão... aquele problema... aquele problema daquele dia... só por favor, não fala nada.

Dizem por aí que as pessoas quando passam por muitos problemas, só se deixam levar por eles. Nem todos tem o pé firme no chão para se manter inabaláveis. Nem todos são fortes o suficiente para entender que a correnteza um dia cessa.

Olhar para Nicholas e ver que ele era o retrato perfeito de nossa mãe me doía.

Não que eu fosse alguém tão diferente deles, mas depois da última noite, uma pequena chave virou dentro da minha cabeça e acho que se tivesse virado antes, talvez as coisas pudessem ser diferentes.

O meu corpo e mente foram habituados por anos a ceder em todos os castigos de Jhonatan. Idade era só um número e, aos quase dezenove, Jhonatan fazia questão de mostrar que se ele quisesse, meus joelhos dobrariam diante dele, mostrando-me que no fundo, eu era fraco demais para pôr em prática tudo aquilo que idealizava antes de ir dormir, ou até mesmo durante a noite quando passava as horas em claro, vendo o sol se deitar até o início do alvorecer.

Talvez eu realmente seja fraco como ele dizia e a maior prova disso seja nunca ter executado a frustração que habitava na minha mente.

Mas acho que ver aquilo em Nicholas foi o ápice.

Ele puxou a sua camiseta de volta para o lugar.

— Moleque! — gritava Jhon do lago, passando o peito da mão na testa que suava devido ao sol forte do meio dia. A mão na cintura com o punho fechado indicava falta de paciência.

Fui andando na frente.

Meu pai provavelmente não conseguia enxergar que eu o encarava sério.

A música no rádio me irritava. Falava sobre pecados, mas nem mesmo Maria intercedeu por Jhonatan.

Quem trai os próprios filhos, só têm lugar no inferno.

“Ave maria mater dei, ora pro nobis peccatoribus, ora, ora pro nobis, ora,  
ora

Pro nobis, peccatoribus. Nunc et in hora mortis, in hora mortis nostrae, in  
hora mortis mortis nostrae, in hora mortis mostra, ave maria.”

*(Ave-maria, mãe de Deus, rogai por nós pecadores, rezai, rezai por nós.  
Rezai, rezai por nós pecadores, agora e na hora da morte, na hora da nossa  
morte, na hora da nossa morte a morte, na hora da nossa morte, ave-  
maria.)*

— O que está esperando, imbecil? — gritou meu pai novamente, a voz irritada em um rompante claro de que só o cinto nas minhas costas não placaria a raiva que ele sentia.

Brooke só tinha catorze anos e apanhava como um homem nas suas mãos.

Minha mãe usava roupas largas nas missas aos domingos, tentando esconder o máximo de pele, mesmo que a cidade toda soubesse o que se passava dentro de nossa casa.

Meus irmãos não eram como eu, que havia aprendido com os anos a receber castigos calados.

Com o tempo, nem lágrimas desciam por meus olhos.

Havia apenas o limbo na minha mente e a raiva, enquanto eu trincava meus dentes.

Nicholas era um menino de ouro. Ele se aproximou, tirando a blusa que usava, pronto para pular no lago, mas com o braço erguido contra seu corpo, impediu que passasse adiante.

— Deixe que eu vou. Você está ferido, isso pode infecionar — falei baixo. Virei para o nosso pai ainda em pé sobre o pequeno barco de

madeira. — Nicholas está machucado pela noite anterior. Vou puxar o barco sozinho.

Tirei a blusa e o sapato do pé.

— Fique onde está, Benjamin! Eu quero que apenas seu irmão entre no lago.

Aquilo não era sobre quem levaria o barco para o pequeno cais.

Eu tinha mais força, mas Nicholas era mais rápido.

— Eu disse que Nicholas se machucou com a fivela do cinto, enquanto você o... Ele não pode entrar na água. Seu machucado pode piorar, pai.

Mesmo de longe, ele apontou em minha direção.

— Se o seu irmão não entrar no inferno desse lago agora, eu juro que vou encerar bem a corda para machucar muito mais dessa vez, Benjamin. Então, arremesse seu irmão nessa água agora ou entenda que as consequências do que aconteceu alguns dias atrás não serão nada perto das que terá hoje.

Eu não consegui tirar os pés do chão e, talvez, acho que tenha sido nessa hora que entendi a minha força real quando Nicholas e Beth já haviam se deixado levar.

Eu não sabia o que fazer, mas sabia exatamente o que não fazer.

— O que está fazendo, Ben? Não ouviu nosso pai?

Balancei a cabeça, não negando sua pergunta, mas negando ao meu consciente que já tentava controlar meus pés, fazendo-me ceder a corrente de azar.

— Você está machucado.

Ele agarrou meu braço.

— E vou ficar ainda mais se você não sair do caminho.

— Seu merdinha! — Jhonatan se balançava sobre a madeira do barco dentro das águas calmas do lago. — Você vai ver só quando eu sair daqui!

Seu dedo se sacudindo no ar deu um balanço a mais do que devia em seu corpo sobre a única coisa que o apoiava, então o barco balançou em desequilíbrio e seu corpo atingiu a superfície, afundando na água.

Jhonatan não sabia nadar.

E ali, no lago da nossa fazenda, enquanto a música ainda tocava, Jhonatan batia os braços pela superfície, tentando respirar, buscando um pouco de ar, para quem sabe por sorte, poder conseguir nadar até a beirada do lago, que estava consideravelmente longe.

Nicholas e eu cruzamos os olhares aflitos e, em uma tragédia, um vislumbre de solução pairou sobre nós.

Aquela pequena chance perdida nas orações, onde pela primeira vez eu acreditei que talvez alguém olhasse por nós lá de cima.

Nenhum de nós se moveu.

Se Maria realmente rogasse por nós pecadores, não havia maior prova do que aquela.

Jhonatan perdia as forças, enquanto seu cabelo grisalho ia submergindo no lago e as águas que, antes eram agitadas por seus braços, agora se acalmavam, provando que, mesmo que procurasse por oxigênio fora da água, seus pulmões não encontrariam.

Ainda petrificado, entendi que o ato de firmar meus pés no chão naquele momento fora o mais certo, visto que o alívio de ver o meu pai se afogando era muito maior do que vê-lo sair dali com vida.

Por cima do meu ombro o vento soprou e ao olhar para trás, Elizabeth estava parada.

Ela, por alguma razão, sentia o mesmo.

Poderíamos ter pulado lá e tirado Jhonatan do lago.

Mas por que tirar alguém dos braços da morte quando tudo o que ele fazia era jogar nossas mentes para o vazio?

— Ele se afogou? — questionou Nicholas, quando as águas se tornaram tão calmas, que ninguém nunca diria que alguém havia acabado de se afogar ali. — Merda, deveríamos ter tirado ele de lá... foi nossa culpa.

Eu ainda não tinha forças para abrir a boca.

A ficha demorou a cair.

Eu passei a vida inteira acreditando que onde quer que eu fosse, Jhonatan estaria lá, porém, agora, não mais.

Meu pai estava morto e, mesmo que indiretamente, cooperamos para isso.

Um suspiro longo preencheu meu peito, como um ar velho que foi guardado dentro de mim por tempo demais.

Senti o braço da nossa mãe rodear nossos ombros, em um afago materno que só ela tinha.

— Precisamos tirá-lo de lá.

— Jhonatan não poderia se salvar nem mesmo de si próprio — murmurou Beth.

— Mãe! — Tentei repreendê-la.

Mas como uma grande revelação e um desejo interno que se revelava dentro de Beth, aquele afogamento significava muito mais para ela do que para mim ou para Brooke.

Jhonatan morreu ouvindo sua música favorita.

(...)

A teoria nunca é igual a prática.

Eu era o filho mais velho e Jhonatan, como o homem rústico que era, deixou todas as terras e fazendas para que eu pudesse administrar, mas a cláusula no contrato era tão clara como água cristalina: eu precisava estar em matrimônio.

Acabei por prometer a mim mesmo que não faria coisas contra a minha vontade depois da sua morte e, como eu havia dito antes, a teoria é diferente da prática.

Eu era o homem da casa.

Precisava sustentar meus irmãos e a minha mãe que não tinham nada.

Havia muito mais do que os acordos de Jhonatan ou até mesmo as cláusulas de um testamento estúpido.

Havia o meu coração atado ao par de olhos azuis mais lindos que eu vi na minha vida.

Meu pai fodeu com tudo mesmo em morte.

Tiraram seu corpo no fim da noite daquele dia. Meus irmãos ficaram dentro de casa, Beth não os deixou ver a pele roxa e inchada de Jhonatan boiar pelo lago. A polícia fez algumas perguntas e acho que por eles também já conhecerem a fama do meu pai, não fizeram questão de investigar mais a fundo.

“Um acidente”, alegaram antes de fechar a causa da morte.

A respiração lasciva de Nicholas era mais audível do que os ventos noturnos que surrupiavam pela varanda de trás de casa, dando vista para a plantação de trigo ainda verde. Os grilos estridulavam baixinho e alguns vagalumes piscavam pelo véu escuro da noite que nos cobria.

Meu irmão sabia sobre Anastasia e sobre tudo o que ela significava para mim.

— Se a gente tivesse tirado ele de lá, isso não estaria acontecendo.  
— Seus passos apressados iam de um lado para o outro.

— Eu vou dar... um jeito. Sei que Anastasia vai entender! Não é sobre eu não querer, Nicholas, é sobre botar comida na mesa. Eu posso ficar casado com a filha dos Fitzgerald por um ano, depois peço divórcio e caso com Anastásia. — Segurei seu braço, para que ele pudesse parar e raciocinar direito. — Eu jamais sacrificaria o nosso bem-estar por um desejo próprio. Tudo por nós, lembra?

— Ele morreu, Benjamin. Não precisamos viver uma vida de infelicidade. Talvez dê para vender algumas terras e...

— Não. Preciso pagar seus estudos, cuidar dos cavalos, da saúde da nossa mãe, dos problemas recorrentes de respiração da Brooke. Se eu vendesse alguns imóveis, o dinheiro acabaria rápido demais e em pouco tempo ficaríamos sem um centavo, Nicholas. — Passei a mão pelos cabelos. — Casar com a filha dos Fitzgerald vai nos trazer estabilidade.

— Você vai usá-la.

— Não é sobre usá-la. É um acordo. Ninguém aqui está enganando ninguém. A família dela tem seus interesses e nós temos os nossos. — Sentei sobre a cadeira de madeira na varanda, desabando em cansaço por não ter dormido sequer duas horas direito. — Vamos passar fome em pouco tempo.

Nicholas parou diante dos meus pés com um sorriso amistoso no seu rosto jovial, apoiando-se nos meus joelhos.

— Ben, cuide da saúde da nossa mãe e de Brooke. Não precisamos de luxo. Eu posso estudar e tentar uma bolsa, mas você não precisa sacrificar ainda mais a sua vida por nós.

Eu precisava pensar, mas obviamente se eu realmente fosse optar por não me casar com Helen Fitzgerald, precisaria economizar o máximo

possível para aplicar o dinheiro das fazendas e terrenos da maneira mais certa possível.

Minha cabeça estava a mil e acho que nunca tive o senso de responsabilidade familiar tão grande quanto o que eu estava tendo agora.

Eu não queria sacrificar o futuro que idealizei junto dela, não *agora*.

Brooke passou pelo corredor, se aproximando sorrindo, balançando os cabelos em um coque no alto da cabeça. Se apoiou sobre o batente da porta, passando seus olhos azuis por mim e Nicholas.

Estávamos todos tensos e estressados demais para novas notícias, para um anúncio de rotina ainda pior.

— Benjamin. — Meu olhar caiu sobre o dela. — Anastasia está lá fora, no portão. Ela disse que precisa conversar urgentemente com você.

## **CAPÍTULO 2 | PRESENTE**

### **Benjamin Kingsman**

— Não vou experimentar. Pode embalar que eu vou levar. — Cocei a cabeça. A atendente saiu andando através do salão da loja, com o corpo mais empinado que o normal e o sorriso frouxo por cima do ombro, enquanto ainda olhava para mim, até sumir no corredor que provavelmente daria para o estoque.

Eu precisava de roupas. O divórcio me deixou com quase nada depois que saí da casa de Helen sem tirar metade das minhas coisas. O processo foi pacífico, mas eu não fiz questão de dezenas de pedaços de pano, depois que seus irmãos foram lá e pegaram metade das minhas roupas.

Aquele matrimônio durou muito mais do que deveria, mas só tive coragem de argumentar um divórcio entre nossas conversas, quando vi que ela também empurrava com a barriga.

Acho que não nos separamos antes porque foi conveniente.

Eu passava a maior parte do tempo no Hotel Fazenda e ela me ligava apenas para saber se tudo estava bem.

Aquele era o combinado desde o início, não é mesmo? Então, para quê se importar? O que realmente importava entre nós? Talvez alguns cavalos, algumas fazendas, algumas plantações de destino comercial e alguns imóveis.

Nicholas estudou como um louco por nove anos. Tornou-se um dos maiores investidores do estado e me ajudou a montar cada canto da *Kingshorse*, o hotel fazenda da família Kingsman, que era administrado e

gerenciado por mim. Aquele lugar vinha sendo meu refúgio há muito tempo.

Acho que refúgio é uma palavra agressiva demais.

Equilíbrio soa melhor.

Brooke decidiu não escolher uma faculdade. Quando Jhonatan morreu, ela preferiu viver a vida de uma forma que nunca pode e minha mãe descansava em seu pequeno sítio há vinte minutos do hotel. Ela estava vivendo esses anos como nunca viveu desde a morte de Jhon.

Acho que todos nós estávamos.

Foi difícil, mas conseguimos.

A loja em que eu estava era uma das que eu jamais achei que seria capaz de entrar para comprar um botão sequer, mas depois de muitos anos investindo, fazendo as escolhas que julguei serem certas, hoje era capaz de comprá-la por inteira e todas as suas filiais se eu quisesse.

Quanto mais se tem, mais você deseja.

Embora eu não tenha sido tão duro em perseguir meus desejos quando mais novo, agora eu tentava compensar, alcançando cada maldita meta na minha lista ambiciosa de realizações.

Enquanto a atendente ia buscar as peças que pedi, meus pés curiosos me guiavam quando eu não sabia onde ir.

Sessão de cintos e carteiras.

Mas as fivelas de ferro e cobre tomaram minha atenção.

Como uma volta pelo passado, senti minhas costas arderem, podia ouvir o ferro arrastando com as tábuas do assoalho e os pés se afundando no chão em passos cansados.

Dizem que os traumas são do tamanho da sua capacidade de se lembrar, mas as coisas que Jhonatan nos fez passar, dificilmente seriam esquecidas.

Ele estava morto, mas ainda assim vivo no meu senso de perfeição, de organização e, até mesmo, de escolhas.

E ainda que nove anos da sua morte tenham se passado, ele vivia em boa parte das minhas escolhas.

— Sr. Kingsman? — Ouvi ao fundo. Minha consciência voltou e a atendente seguia ao meu lado, encarando-me nos olhos, aguardando de mim uma resposta, ou um mísero segundo de atenção sequer.

— Desculpe, eu...

— Quer levar o cinto? — ofereceu.

Puxou-o da prateleira e estendeu para mim, enquanto segurava as outras sacolas na outra mão.

— Obrigado, Srta...?

— Karen — respondeu.

Tomei minhas compras em mãos. Com um aceno e um meio sorriso, saí dali a caminho da fazenda.

(...)

Fiquei tempo o bastante sozinho dentro da minha cabeça na adolescência para manter esse gosto pela solidão. A *Kingshorse* estava sempre cheia e me deixava com aquela sensação de dever cumprido, de que, mesmo que as pessoas estivessem sempre indo e vindo, eu nunca estaria sozinho.

Pelo menos, não de companhia.

Com a ajuda de Nicholas, comprei uma fazenda enorme, gigante quase, onde foi necessária uma obra meticulosa para transformá-la em tudo o que ela é hoje e ter a sensação de realmente estar em casa.

Juntar luxo com aquela vida fantástica do interior.

Tudo de alvenaria, vidro e pedras brutas. Foi árduo, mas superou todas as minhas expectativas quanto ao projeto que tínhamos em mãos. Foi naquela fazenda que eu botei todo meu suor e vontades, quando recebi uma rasteira do passado mudando todos os planos que já eram concretos para mim.

Nada na vida é certo.

E muitas das vezes achar que algo está destinado a ser, é só uma forma de perspectiva.

— Sr. Benjamin, já estamos com 85% do hotel ocupado. — Tom era um senhor que beirava os setenta anos. Não tinha filhos ou esposa e tratava todos como se fossem a sua família, inclusive os hóspedes do hotel. Por que eu o trataria de forma diferente? Ele coordenava tudo ali e mesmo que entre as características da sua idade já não predominassem a boa memória, ele conseguia fazer muito mais do que os funcionários mais novos.

— Muito bem, Tom. Peça aos responsáveis pelo site para subir o valor da hospedagem em 25% por cento. A procura vai aumentar às vésperas do torneio de verão. — Ele segurou seus óculos fundo de garrafa, acenando com a cabeça, enquanto me seguia ao atravessar o *lobby* da recepção. — Peça que o cavalariço solte os cavalos no campo para darem uma volta e respirarem um pouco de ar puro, menos Katrina. Eu mesmo vou montá-la mais tarde.

Katrina era a minha companheira de infância e, por ironia, ela tinha exatamente a mesma quantidade de dias, meses e anos que eu. Foi a minha mãe que lhe deu o nome.

Parei no meio do corredor tentando me lembrar de algo a mais, enquanto Tom contava nos dedos o que eu pedia a ele.

— Minha mãe está a caminho. Deve chegar enquanto eu estiver fora até o fim da tarde e vai passar uns dias por aqui. Sei que falta muito para o

torneio, mas acho que vai ficar até lá, então arrume uma suíte para ela com vista para o campo — instruí, botando a mão sobre a maçaneta. — Ah, e já ia esquecendo. O corretor ficou de aparecer por aqui. Quando ele chegar, me avise.

Acenou novamente e saiu, me deixando entrar em meu quarto sozinho.

O que deveria ser minha casa, era na verdade um *Loft* dentro do hotel, feito especialmente para que eu tivesse minha moradia dentro do meu próprio negócio. A porta era como a de todos os quartos, mas era um lugar meu.

O meu canto.

Estava tudo perfeitamente arrumado, desde o tapete no chão, até a abertura da cortina na janela, deixando com que os raios solares do meio dia entrassem invadindo a minha sala.

As flores na posição correta, as toalhas perfeitamente dobradas sobre a mesa do meu quarto, e a pequena sacada de madeira e vidro fumê na sala, que dava para a plantação de soja aos fundos do hotel, onde o sol nascia.

Eu me condicionei a acreditar que a cada alvorecer, era um novo dia.

Tentando passar por cima do passado, tentando passar por cima de coisas que eu achava me deixar mais fraco, das lembranças afiadas que pareciam me cortar a cada vez que eu tentava viver como se elas não estivessem ali.

Não se separa o corpo da sombra.

Estiquei o lençol enrugado sobre a cama e me sentei nela para atender o telefone.

— Me sinto honrado quando você atende o telefone rápido.

Revirei os olhos.

Sabe toda a ironia que achei que Nicholas não tivesse na infância? Ele conseguiu construir e tornar um fator pessoal da sua personalidade com o passar dos anos. Aquele ego sadio típico dos homens da família Kingsman.

— E eu poderia dizer que ainda é muito cedo para piadinhas, mas já são mais de meio-dia. — Deixe as costas irem de encontro ao colchão.

— O meu dia começa às seis horas da manhã, Ben. Deveria fazer o mesmo.

— Sinto lhe informar, mas o meu dia começa às quatro e meia, irmão. Cuido dos animais, em especial Poppy que está prenha. Deve parir logo — eu disse, me referindo a uma das éguas da fazenda.

— Você tem dinheiro para pagar alguém que faça isso.

— Mas eles não têm a intimidade que eu tenho com ela, afinal, ela vai parir logo, precisa de alguém com paciência.

Ele riu do outro lado.

— Respeito, mas ainda me pergunto como você aguenta viver no meio do mato, Ben. Isso não é para mim, irmão.

— É por isso que você mora na cidade. — Botei no viva-voz, depositando o telefone de qualquer jeito sobre a cama. — Mas então, diga qual o prazer da sua ligação? Sabemos que você é mestre em esquecer da sua família.

Ele suspirou fundo.

Com o barulho dos carros buzinando cessando do outro lado da linha, somado ao barulho de algo fechando abruptamente, eu diria que ele havia acabado de entrar em seu carro.

— Seis fazendas foram vendidas. Quatro pagamentos à vista e as outras duas foram através de financiamento bancário. Te mandei um detalhamento por e-mail. Vi também a cotação do projeto com algumas

construtoras e também te mandei... — Nicholas continuou a falar, mas eu me distanciei.

Sabe quando idealizamos tudo na vida, conseguimos alcançar o que foi buscado, mas ainda assim há uma sensação de nunca ser o suficiente?

Nicholas se formou em direito, se especializou em empresas e negócios. Nós comprávamos terrenos, loteamentos em tamanhos extravagantes no interior do Texas, para construir fazendas e vendê-las por milhões para empresas agropecuárias ou para milionários que desejavam ter uma vida de paz que só o interior podia oferecer.

O mundo estava mudando e a vida pacata que a cidade oferecia, já não era tão pacata assim. O ar parecia carregado demais. Para quem cresceu sentindo o cheiro de terra molhada durante a chuva ou o cheiro de poeira no pico do calor, aquilo era agonizante.

Jhonatan acreditava que a vida no interior era muito mais valiosa que a vida na cidade. Nicholas não sofreu tanto sobre as influências do meu pai, mas já eu... era o pilar da família depois dele. Então o peso de *ser alguém* nos meus ombros, acabou transformando o desejo dele, no meu próprio desejo.

Viver sempre na fazenda.

A nossa antiga fazenda ficava a poucos minutos do hotel. Ficou no nome de nossa mãe. Nos negamos a vendê-la e a transformá-la em algo maior para comercializar de qualquer forma.

Foi nela que passamos os momentos mais infernais das nossas vidas.

Foi nela em que Jhon se afogou naquele lago.

— Benjamin, está me ouvindo?

Sacudi a cabeça.

— Oi, claro. Eu vou dar uma olhada no e-mail!

— Está cozinhando novamente, enquanto fala comigo?

Dei uma pequena risada.

— Não dessa vez. — Sentei-me sobre a cama. — Fui dormir tarde ontem.

— Deveria terceirizar os serviços do hotel. É loucura que você queira fazer tudo por conta própria — brincou. — *Filho da puta, você não sabe dirigir? Imbecil! Eu vou atropelar você, desgraçado!*

Típico dele.

— Está falando comigo, enquanto dirige? Sabe que pode tomar uma multa, não é?

— Eu te garanto que tenho bastante dinheiro para pagar multas.

— Você é a lei, Nic.

— Não mude de assunto. Você é tão pão-duro que não quer terceirizar a administração do hotel?

— Não se trata de dinheiro, se trata de ocupar minha mente aqui. — E eu não me deixava mentir.

Elizabeth dizia: mente vazia, oficina do diabo. Quando mais novo, eu não entendia, mas hoje acho que comprehendo melhor. Era bom manter a mente ocupada. Não me dava tempo de fazer perguntas desnecessárias, nem mesmo quando eu entrava no chuveiro para tomar os banhos antes de ir me deitar para dormir.

— Meu irmão, você reserva sua cabeça com coisas desnecessárias. Faça como eu e a ocupe com bocetas. Garanto que vai usar seu tempo de uma maneira muito mais prazerosa do que cuidar de éguas prenhas e tarefas administrativas.

— Talvez uma hora eu dê ouvidos a sua ideia de enfiar uma mulher diferente no meu quarto, mas vou ignorar você agora, Nicholas. — Era a melhor tarefa a se fazer. Depois do divórcio me envolvi com algumas mulheres. Hóspedes, turistas e outras desconhecidas, mas era tudo tão...

passageiro e momentâneo. É como uma maquiagem que você bota no rosto e depois tira sem deixar vestígios que elas estiveram ali. Não agregava em nada. — Você vem no torneio daqui algumas semanas?

— Óbvio. Vou ver minha amada família, mas também não posso deixar de afirmar que as hóspedes do hotel são um... *caminho para o céu*.

— Nicholas — repreendi.

— Entendi, entendi. As notícias são essas. Dê um beijo em nossa mãe por mim.

— Acho que você mesmo deveria fazer isso!

Ele buzinou do outro lado.

— Quando ligo, a ouço se lamentar por pelo menos meia hora que eu não ligo para ela todos os dias — murmurou. — Nós falamos outra hora, Ben.

— Até mais.

Desligou.

(...)

O torneio do hotel era um espetáculo à parte do ano.

A época mais lucrativa para falar a verdade.

Junto com a empresa responsável pelo cuidado de parte dos animais, eu fazia alguns leilões de cavalos para compradores selecionados. Muitos de raça, indomáveis, assim como Katrina, mas diferente de outros. Katrina era minha e muito mais selvagem do que outros cavalos.

Selvagem.

Só respondia ao meu chamado.

Fiel, mesmo depois de tantos anos.

No fundo, ela cuidava de mim tanto quanto eu cuidava dela.

Tomei um segundo banho e respondi todos os e-mails de Nicholas. Conferi a planilha de funcionários para o financeiro e a grade de datas para novas entrevistas, visto que precisaríamos de mais gente para suprir tudo durante a alta temporada. Encarei mais uma vez a divisão de bens, onde Helen desistiu de quase tudo o que construí enquanto ainda éramos casados.

A verdade é que ela já tinha alguém antes que os papéis fossem assinados.

E eu não me importei, porque já tinha alguém no peito desde antes de ela poder me chamar de marido perante um juiz.

O dia quente fazia com que o horizonte das plantações diante daquele sol impiedoso, causasse miragens com o vapor quente saindo do solo, mas ainda assim era lindo.

A paisagem ao redor dos 360º da fazenda era algo único, *inexplicável*. Um terreno plano, com florestas e montanhas limpas no horizonte.

Eu nunca me cansaria daquilo.

Descendo os degraus, acenando para as hóspedes que normalmente tentavam investidas mais tarde, até mesmo perguntando número do meu quarto, ou me seguindo pelos corredores, era algo normal, mas eu sempre conseguia me desvencilhar de alguma forma.

Katrina relinchou quando me viu. Passei os dedos por sua crina marrom de um tato tão macio, seu pelo brilhante, sua musculatura densa, oriunda de uma boa alimentação, vitaminas e muita água.

Ao seu lado, em um espaço bem maior, estava Poppy, deitada nos blocos de feno que seriam trocados nos próximos dias. Sua pele da barriga esticada, o corpo robusto e a respiração cansada, mostrava que em aproximadamente um mês, ela teria seu filhote para cuidar.

Eles eram de casa, tão familiares quanto Katrina.

— Você me parece ansiosa! — Rocei a testa contra as bochechas do animal. Ela continuou parada, seu rabo balançava alvoroçado, seus olhos se fechavam, esperando mais de um carinho tão terno que a deixava ansiosa para chegar no fim de tarde. — Boa garota!

Montei a cela em suas costas e subi sobre ela.

Katrina era espalhafatosa e não desperdiçava tempo quando tomava velocidade pelas plantações que normalmente eu pedia para que ninguém adentrasse e acabasse por destruir, mas acho que aquele momento do dia era um dos únicos momentos que eu tinha para não seguir as regras.

Aquele pequeno momento que me levava à infância mostrando que seguir as regras às vezes não trazia tanta felicidade.

Seu corpo robusto cortou o campo adentro, contra o vento. À medida que eu batia com a rédea, ela corria mais. Era libertador o vento contra o corpo, sentir aquele misto de emoção e livre arbítrio.

Sei que ela também se sentia assim e eu a agradecia infinitamente por me fornecer esses pequenos momentos.

Demos inúmeras voltas. Deixei que ela seguisse livre para ir onde quisesse, carregando nós dois para as florestas de alguns desfiladeiros que havia próximo.

Por mim, não tinha o menor problema. As vezes ela fazia o caminho da antiga fazenda de Jhonatan, mas quando isso acontecia, eu segurava as rédeas em mãos e a guiava para o lado contrário, mas agora, pela primeira eu deixei que Katrina seguisse adiante.

Eu não gostava de passar por lá, mas o pôr do sol na antiga fazenda Kingsman era estonteante. Os raios reluziam sobre o lago Calaham, deixando as águas como uma enorme lâmpada brilhante, ofuscando a visão.

Mas como algo fora do costume, a égua abaixo de mim, resolveu que naquele dia ela faria diferente. Seu corpo alcançou uma velocidade que não

tinha costume entre as árvores altas de eucalipto, levantando tanta poeira que deixava um rastro confuso para trás.

Não demorou muito para que eu entendesse do que exatamente ela corria atrás.

Era outra pessoa.

— Katrina — gritei puxando as rédeas, sem causar qualquer resultado sobre o animal. Ela corria muito mais rápido do que deveria e se eu esbarrasse em qualquer coisa no meio das árvores, rolaria para longe.

Eu havia perdido o controle sobre ela.

Da mesma forma que a égua deixava um rastro de poeira por onde passava, a pessoa a vários metros de nós dois também deixava.

Katrina era selvagem e qualquer um podia perceber apenas em sua forma de correr. Com isso, o cavalo a frente que tentava correr depressa sob as instruções de alguém, não tinha a menor chance contra ela.

A égua se aproximou e com um golpe na boca do estômago meu corpo endureceu, a respiração se tornou tão pesada quanto aço, porque mesmo depois de tantos anos, eu reconheceria aqueles cabelos ondulados e rebeldes em qualquer lugar.

A confirmação veio quando o pequeno rosto feminino, com seus olhos tão verdes quanto as folhas no alto das árvores, me encararam assustados por cima dos ombros, apressando o cavalo em que usava para fugir de mim.

Meu coração errou a batida, cada pelo do meu corpo se energizou e, então, eu tive certeza.

Era ela.

Anastasia.

# **CAPÍTULO 3**

## **Benjamin Kingsman**

Agarrei as rédeas de Katrina tomado pela euforia, onde antes eu pedia que ela parasse, dessa vez eu queria que ela seguisse adiante, dessa vez eu queria que ela superasse sua selvageria e velocidade.

— Anastasia! — gritei, na tentativa de alcançá-la. Sua jaqueta jeans grande sobrava em boa parte do seu corpo. — Espera! — insisti.

Seu cavalo marrom começou a fazer a volta, em direção a antiga fazenda.

Em poucos segundos, quando ela viu que eu a estava alcançando, seus braços puxaram a rédea do animal, fazendo com que ele desacelerasse, erguendo suas patas no ar até finalmente estar completamente parado.

Katrina ainda reconhecia o cheiro dela, seus cabelos, pois graças a ela encontrei o meu passado mais turvo e sombrio.

— O que você quer, Benjamin? — Lasciva e rancorosa. Essas palavras não eram nada diante do rompante que ela usava para expulsar as palavras de dentro da sua boca rosada e cheia.

Ela estava mais linda ainda.

Seu cabelo maior e ondulado enchia suas costas até a cintura. Seus olhos enormes de um tom único esverdeado, que continuavam atentos até o menor dos detalhes, me encaravam ariscos. Seu peito de seios grandes descia e subia conforme o fôlego retornava para dentro do seu corpo.

*Ela estava nervosa.*

Eu conhecia Anastasia na palma da minha mão e, se alguma parte dela de anos atrás permanecia intacta, eu diria que a mulher que estava diante de mim, estava muito mais nervosa do que apparentava estar.

— Por que está fugindo de mim? — questionei.

Sua barriga estava lisa.

O que eu achei que encontraria? Nove anos passaram.

Há nove anos, onde da última vez que eu a vi, ela tinha meu filho no ventre.

Nove anos onde eu achei que, pela primeira vez, eu seria um homem feliz e realizado, ao lado dela.

Nove anos onde não tenha um dia, sem que eu tenha ido me deitar, sem ter pensado em algum minuto do dia em Anastasia.

— Por que eu fugi de você? — Riu. — Foi você quem veio atrás de mim.

Ela sabia que meu olhar oscilava entre a sua barriga e seus olhos. O sol estava a alguns minutos de desaparecer no horizonte, refletindo todos os seus raios laranjas em nós.

Anastasia ofuscava o sol com a sua beleza, tanto que ele precisava se pôr, opondo-se a disputar qualquer tipo de palco com ela.

Pela primeira vez em muito tempo eu me senti como na juventude, quando eu a via pelos pátios da escola, ou no portão da fazenda Kingsman sem poder abraçar sua cintura e murmurar como seria nosso futuro quando ela fosse minha.

Busquei por anos o sucesso, mas parado, diante dela, é como se a imagem feminina diante de mim fosse o que o meu subconsciente buscava.

Se a ideia de que Katrina e eu fossemos um só fosse verídica, isso explicaria o motivo dela ter seguido o cavalo de Anastasia até a metade do caminho da nossa antiga fazenda.

Ela sumiu sem deixar rastro.

Minha cabeça estava se afogando em um mar de perguntas que disputavam em quem teria seu lugar na minha boca primeiro.

Onde ela esteve durante todo esse tempo? Por que fugiu na primeira oportunidade que teve?

— Você entendeu o que eu disse. Onde esteve?

— Isso não é da sua conta — respondeu de imediato. — Me deixe em paz e não me procure.

Soltei uma risada infeliz, esperando algum tipo de brincadeira amarga que me secou cada gota de esperança por dentro.

— Você sumiu.

— Eu sumi? — Balançou a cabeça, enquanto seus cabelos eram sacudidos pelo vento com violência. Katrina não parava de andar. — Não seja hipócrita.

Ela parecia sentir o clima hostil entre nós.

Ela parecia sentir que nada estava bem.

E o que antes era uma liberdade, se tornou uma jaula em volta de mim.

— E o meu filho?

Anastasia puxou as rédeas do seu cavalo ansioso, se preparando para uma partida precoce.

Eu tinha tantas perguntas.

Seu olhar manso e culpado arrependido desviou do meu.

— Eu *perdi*. — E então senti a segunda pancada no meu peito. — Como eu disse, por favor, não... me procure.

E partiu.

Demorei alguns segundos a retomar a vida em tempo real, saindo das memórias do passado que ganharam força ao reencontrá-la, enquanto se

distanciava depressa com seu cavalo.

Ela cavalgava muito bem.

Claro que sim, afinal *eu* mesmo a ensinei, aperfeiçoando-a.

Eu não podia deixar assim.

Eu não podia deixá-la ir sem responder o mínimo, sem responder o básico.

Eu não podia deixar que o meu passado fosse embora sem saber dos “porquês” que foderam com a minha cabeça durante anos.

Katrina tomou velocidade no terreno vasto e amplo. Quando me dei conta, Anastasia ia em direção a nossa antiga fazenda, que estranhamente estava habitada.

Alguns cavalos, um carro estacionado ao lado do cercado.

Eu não tinha coragem de ir. Eu não tinha coragem de revirar *aquelas* memórias e, então, puxando as rédeas do animal abaixo de mim, eu deixei que ela partisse, mas dessa vez vendo com meus próprios olhos.

Observei de longe, enquanto ela descia afoita do seu cavalo antes de passar pelo pequeno cercado branco. Ela me olhou do horizonte, puxando o cavalo pela cela, dando ele a um homem que o levou para o antigo estábulo que eu conhecia muito bem.

Mas o que chamou a minha atenção não foi somente Anastasia entrar em minha antiga fazenda como se fosse dela, mas sim o menino que saiu pela porta da frente e abraçou o seu corpo pela cintura. Ela revidou o gesto carinhoso e o empurrou para dentro de casa, mas em uma última vez, ela direcionou seu olhar para o horizonte antes de fechar a porta.

A fazenda Kingsman estava no nome da minha mãe. Se alguém poderia explicar o que está acontecendo agora, seria ela.

(...)

Diferente de como eu sempre fazia, não deixei Katrina no estábulo. A deixei com o cavalariço e tentei manter a cabeça fria, enquanto as perguntas que não foram respondidas, estavam a todo vapor dentro da minha cabeça.

Anastasia só tinha o avô e ele jamais teria dinheiro para comprar a fazenda Kingsman que, por sinal, não estava à venda.

Esfreguei o rosto pela décima vez, subindo as escadas do deck que dava na entrada do lobby.

Era como se eu estivesse sentado dentro da minha cabeça vendo tudo em um segundo plano.

Como se nada daquilo importasse, como se o hotel não importasse, como se Tom, que andava atrás de mim falando algo que eu sequer conseguia processar, não fosse absolutamente nada.

Como se tudo tivesse sido irrelevante.

Meu passado foi responsável por eu ter chegado onde cheguei e era extremamente preocupante quando o que eu julgava ser uma parte importante da minha vida, se resumir a nada perto do que eu precisava agora.

De respostas.

A dúvida era cruel, porque ela dava abertura para a minha mente me pregar peças agonizantes, como se eu me auto-sabotasse para me jogar no fundo do poço.

— Benjamin, estou falando com você — insistiu Tom me seguindo.

— Para onde está indo?

Apertei a minha cintura com os dedos de uma mão e, com a outra, enfiei os dedos entre os cabelos na parte da frente, raspando o couro até a nuca, tentando controlar um sentimento de cada vez.

— Agora não, Tom. Eu preciso ir para o meu quarto. — Tentei soar o menos ofensivo possível.

— Mas o seu quarto não é nesse corredor. É no outro — respondeu-me, apontando para o lado contrário.

Atravessei na sua frente rápido demais, piscando sem parar. Queria acordar daquilo, olhar no espelho e atestar que tudo não passava da porra de um pesadelo.

Antes de virar o corredor, ele me chamou novamente.

— Eu só queria dizer que... a sua mãe chegou. A camareira está trocando os itens de cama do quarto dela, ela está esperando no seu quarto. No caso, apartamento. — Ajeitou seus óculos. — Tem um convite na recepção endereçado ao senhor. Posso pedir que lhe entreguem mais tarde?

Acenei.

— Obrigado.

Passei direto, respirando firme, com a cabeça ainda longe.

Quando entrei pela minha porta, a imagem da minha mãe, na sacada da sala, sentada na cadeira de madeira, com seus óculos escuro, o chapéu dourado, as pernas cruzadas e pés descalços.

Ela tinha a mesma admiração pela paisagem que eu.

Quando notou a minha presença, levantou e, em saltinhos felizes, ela se aproximou de mim, abraçando-me.

Rodeei meus braços, mas as dúvidas em questão não me permitiam agir conforme eu costumava.

Mãe é mãe. Elizabeth Kingsman conhecia o seu filho mais do que a si mesma. Era o suficiente para entender que coisas estavam no lugar desde que bati a porta, fechando-a.

— O que houve? Você está tenso. — Apertou meus braços sobre a camiseta branca, visivelmente preocupada quando nem mesmo o olhar dela

eu conseguia sustentar.

— Eu... acabei de encontrar Anastasia Snow cavalgando na floresta de eucaliptos.

Seu comportamento a entregou, mostrando que pela primeira vez em muitos anos, ela fez algo sem o meu consentimento. Não que ela devesse fazer, mas se tratando de algo que foi acordado entre mim, ela, Nicholas e Brooke, ela precisava ter nos consultado.

E eu prefiro me recusar a acreditar que meus irmãos agiram por minhas costas.

— Não sabia que você costumava andar de cavalo tão longe. — Desviou o assunto, mas eu não deixaria que ela saísse do ponto em questão.

Eu lhe dei as costas, andando em passos pesados pelo quarto, em círculos constantes, nervoso.

— Sabe o mais curioso? Eu segui Anastasia. E sabe para onde ela foi? — Beth continuou muda. Tirou seu chapéu e seus óculos. Jogou-os sobre a minha cama.

— Se eu tivesse te dito antes você diria *não*, Ben. Precisávamos nos livrar daquele sítio.

Que inferno estava acontecendo?

Acordei com o completo controle da minha vida, mas bastou sair com Katrina e voltar para entender que, de repente, alguém o tirou da minha mão, assim como toda a minha autonomia e conhecimento dos fatos.

— Você vendeu a fazenda para Anastasia? Quando pretendia me contar que ela voltou, Elizabeth?

— Não me chame de Elizabeth. Sou sua mãe!

Aquela velha sensação de raiva me arrepiava os cabelos da nuca e me fazia fechar os olhos para tentar controlar a irritação.

— E eu sou seu filho! Que caralho! Eu sou o último a saber? Eu não sou digno de ter essa informação? Eu tive que descobrir sozinho enquanto levava Katrina para correr nas plantações. — Trinquei os dentes e o soco na parede foi inevitável, estalando e ralando alguns dedos da minha mão. Minha mãe deu alguns passos para trás, deitando seu olhar no chão.

Havia medo nela.

— Está falando como seu pai, Ben. — Aquilo me quebrou ao meio. Ser comparado a quem eu sempre lutei para ser diferente. A raiva foi embora dando lugar a frustração por não poder fazer nada. — Eu pretendia te contar, mas só quando eles se mudassem e eu não achei que seria agora. Lamento que tenha descoberto dessa maneira.

Parei diante de minha mãe, abraçando seu corpo encostado em meu peito, sentindo meu próprio coração se aquietar aos poucos.

— Me desculpe, mãe. Eu não... eu não queria falar dessa forma. — Beijei sua testa demoradamente, sem tirá-la dos meus braços. Esfreguei seus ombros devagar, distanciando um pouco de meu rosto, para mostrar a ela que eu precisava de respostas. — O que Anastasia estava fazendo em nossa antiga fazenda?

Ela ergueu as sobrancelhas em um semblante de surpresa.

— Você não sabe?

— Como assim, não sei?

Comprimiu os lábios, em um meio sorriso sem graça.

— Se lembra de Bruce, seu amigo de infância? — Estreitei os olhos e, mesmo que aquele fosse o início do que ela pretendia dizer, já não me agradava muito. Eu não o via há muitos e muitos anos desde que saíra do estado para estudar. — Um corretor me procurou a pedido dele. Ofereceram uma quantia alta pela compra da antiga fazenda. Como aquele lugar estava abandonado, eu decidi por um ponto final no passado vendendo para Bruce,

que segundo o corretor, estava casado com Anastasia... — Aquilo já tinha sido o suficiente.

Não tinha a menor chance.

Senti os joelhos fraquejarem e a minha respiração ser esmagada dentro do meu corpo. Não importava quanta força eu fazia para tentar respirar, eu simplesmente não conseguia. Era incapaz de vislumbrar outra coisa que não fosse Anastasia ao lado de Bruce sobre um altar.

Meus olhos piscaram e tudo que eu podia afirmar era que aquilo era um pesadelo.

Bruce era filho de Bastar Benner, o sócio do meu pai em muitos negócios, e também meu companheiro nas aulas de equitação quando mais jovem. Nós não éramos melhores amigos, mas havia aquela coisa de amizade, seja na infância, ou na adolescência.

Já soquei a sua cara por investir contra Anastasia sem a permissão dela e receber a notícia de que ela casou com ele, com certeza não foi algo que me descera bem.

Era uma sensação interminável de má digestão que só passaria se eu fosse para alguns palmos abaixo do chão.

— Você diz casados no papel?

— Eles têm um filho. — *Que deveria ser nosso.*

Dei a Bruce de bandeja o que deveria ser meu.

— Mãe, se importa de ir para o seu quarto?

— Você está bem?

— Quero ficar sozinho um pouco.

Ela se aproximou, passando sua mão em meu braço.

— Se quiser eu posso ficar aqui....

— Mãe, *por favor.* — Solicitei novamente e, mesmo hesitante, ela entendeu fazendo o que eu havia pedido.





# **CAPÍTULO 4**

## **Anastasia Snow**

Eu sabia que não poderia me esconder por muito tempo, mas não acreditei que seria descoberta tão rapidamente.

Os empregados de casa tinham boca, mas não falavam.

Tinham olhos, mas não viam.

E, graças a isso, eu podia sair para cavalgar de vez em quando sem que Bruce soubesse por nove anos que eu realmente sabia andar a cavalo.

Minha intenção era refrescar as ideias, mas encontrar Benjamin era de longe o que eu menos queria naquele momento.

Eu sabia que uma hora nos encontrariámos, mas queria adiar isso o máximo que eu pudesse.

Entrei dentro de casa como um furacão.

Ethan subiu para seu quarto. Senti o desespero e a falta de controle me atingir como se eu não pudesse dominar meus sentimentos.

Raiva de mim por ter sido tão tola e acreditar em tantas baboseiras.

Eu precisava proteger meu filho sob qualquer hipótese. Ele não merecia saber que seu pai o rejeitara ainda no ventre.

Eu queria sumir naquele momento.

Minhas mãos agarraram a beirada da cristaleira de vidro, empurrando-a sobre o chão, fazendo com que o vidro nela se espatifasse em milhares de pedaços, com agressividade, lançando cacos de vidro longe e espalhando tudo pela sala.

Bruce não sabia sobre Benjamin.

*Ninguém podia saber.*

Eu era a esposa perfeita e o futuro de Ethan dependia da minha atuação, que até agora foi digna de um Óscar.

Quem eu queria enganar? Já bastava ser enganado por outros. Eu não podia mentir para mim mesma. Precisava trabalhar com a veracidade dos fatos para tentar controlar tudo da melhor forma e não surtar como estava surtando agora depois de um simples encontro.

As coisas poderiam piorar muito mais.

Havia coisas demais entaladas para controlar com tanta maestria.

Não sou de ferro.

Havia mágoas, promessas não cumpridas e uma sina que me perseguia todos os dias.

Eu precisava manter Benjamin longe e seguir com a minha vida como segui até hoje.

Eu precisava encontrar uma forma de não me impactar tanto.

Eu precisava, mais do que nunca, de mais autocontrole do que precisei antes.

A funcionária doméstica se aproximou, tentando esconder seu semblante de surpresa com o que acabei de fazer e eu decidi subir, para ir atrás de Ethan que foi para o quarto conforme ordenei.

— Sra. Anastasia, onde eu devo... botar isso?

Era minha cristaleira de casamento.

*Era.*

— No lixo. Está quebrado, Maria — murmurei antes de continuar subindo os degraus. Fiz um coque nos cabelos, respirando firme.

Ethan percebia quando havia algo de errado. Passar para o meu filho a impressão que eu não tinha o controle das coisas me fazia sentir fraca. Não era o que deveria acontecer.

Abri a porta, vendo-o parado na frente da janela do seu quarto.

O quarto que pertencera a Benjamin e que, por muitas vezes, me escondi para que o pai dele não soubesse que eu estava lá.

Bruce pagou a reforma de tudo.

O carpete branco era macio no chão, a mesa com um computador de última geração ficava no canto esquerdo. A estante de brinquedos e jogos ficava ao lado contrário do quarto, ao lado da janela.

Havia uma televisão, videogames, mas Ethan não gostava disso. Ethan gostava de brincar no campo, de olhar os cavalos que Bruce tinha, mas que não o deixava montar.

— Ouvi o barulho vindo de baixo. Você está bem, mãe? — Se havia algo que eu admirava, era a sua educação e ternura. Isso ninguém tiraria dele.

Me pus ao seu lado, a fim de descobrir o que tinha sua atenção na janela.

Era Bruce.

Estava chegando de carro. Antes que pudesse seguir adiante para entrar em casa, verificou algo no celular e atendeu uma ligação.

— Tropecei, foi só isso. — Alisei a sua pele macia. — E você? Como está se sentindo, meu bem?

Ele era a cópia fiel do pai.

Um lembrete diário do meu passado.

Seus olhos azuis tinham o mesmo brilho de Benjamin. O seu cabelo era como os do pai na adolescência quando eu o conheci e até mesmo o sorriso.

— Eu queria ter ido à escola hoje.

— Mas é feriado. Aos feriados a escola não funciona, lembra? — Ethan se virou, de cabeça baixa. Afrouxei a gola da sua camiseta. — Vem,

deixa eu tirar esses sapatos dos seus pés. Devem estar te apertando.

Ele sentou sobre o colchão da sua cama.

— Mãe, por que o meu pai nunca tem tempo?

Tirei seu primeiro sapato, revelando os dedos do pé vermelho.

Encarei o meu filho de baixo para cima, pensativa.

— Seu pai trabalha muito para manter a qualidade de vida que nós temos, filho. Sei que quando ele arrumar um tempo, ele vai estar conosco.

Quando tirei o segundo sapato, ele puxou os pés, cruzando as pernas sentado sobre a cama.

— Ele sempre tem tempo, mas não para mim.

Bruce poderia não ser o pai que Ethan precisava, mas eu estava ali para suprir todo apoio psicológico que ele precisasse, para lhe acolher perante seus medos, para abraçar o meu filho quando ele quisesse chorar.

Eu estaria ali em qualquer momento, para sempre.

— Bruce só está estressado.

— Ele *sempre* está estressado. — Abaixou a cabeça.

Talvez Ethan tivesse razão.

Só talvez.

Ethan acreditava que Bruce fosse seu pai, mas Bruce sabia que ele não era seu filho legítimo.

Benjamin e ele foram amigos na infância e adolescência, mas o meu envolvimento escondido com Ben não deu indícios que pudessem fazê-lo acreditar que Ethan pudesse ser filho dele, mas sim do seu irmão.

História longa e confusa, que culminava um arrependimento tão grande dentro de mim, que se ele matasse, eu estaria a sete palmos debaixo do chão.

A mentira tinha perna curta e eu sabia que se Bruce descobrisse, eu não poderia usá-la para correr.

Meu filho levantou da cama, arrastando os pés pequenos no chão. Se agachou na minha frente, puxou o meu braço e, então, percebi que a minha mão manchava seu carpete claro de algo vermelho.

*Sangue.*

*Droga.*

Eu havia cortado a mão sem perceber.

— Mãe, tem certeza que está tudo bem? — perguntou Ethan e eu sorri pequeno, puxando a mão.

O ferimento tinha um corte no tamanho de talvez dois centímetros, nada muito profundo, mas grande o bastante para escorrer uma quantidade visível de sangue. Mas acredito que não precisaria de pontos.

Já me feri de maneiras piores.

— Vai ficar, meu amor. Obrigado.

Aprendi desde nova que não tinha tempo para reclamar das coisas ruins. Aprendi que reclamações não eram soluções para problemas.

Minha mãe não reclamou quando meu pai a abandonou grávida de mim. Ela apenas deu um jeito.

Não reclamei quando tive que cuidar dela em seu leito de morte aos doze anos.

Não reclamei quando tive que cuidar de meu avô em seu leito de morte aos quando eu fiz dezoito anos.

Não reclamei quando o homem que eu amava e me fez juras de amor, me abandonou grávida e sozinha, me obrigando a casar com seu amigo por conveniência.

Bruce não era perfeito, mas se Ethan e eu temos teto e comida na mesa, isso não é graças a Benjamin.

Apendi e cresci entendendo que eu não deveria dar valor aos homens.

Era exatamente isso que meu avô e minha mãe diziam, mas mesmo assim eu confiei nele. Acreditei quando ele idealiza um futuro para nós.

Acreditei quando ele dizia que eu era o seu último pensamento ao dormir e o primeiro ao acordar. Ele também era o meu, mas isso foi até eu anunciar que aquele amor indômito havia germinado.

Não guardo rancor.

Nunca guardei do meu pai, mas aquela atitude de merda de Ben poderia ter literalmente acabado com a minha vida e eu sei que a minha mãe olhava por mim dentre as estrelas.

Desci novamente para a sala e dei de cara com Bruce entrando pela porta, enquanto Maria ainda terminava de limpar os restos de caco de vidro.

Meu marido levantou o queixo para mim com um enorme ponto de interrogação nos seus olhos. Viu a empregada limpando tudo e a falta da cristaleira que ele tanto adorava, que ficava próximo da porta de entrada na sala.

A casa ficou enorme depois de meses de obra.

Parecia mais uma obsessão pessoal.

— A cristaleira quebrou? — Sua pergunta era a sua própria resposta.

Desci os últimos degraus mais devagar do que os anteriores.

— Eu esbarrei e... acabou caindo para o lado!

Ele finalmente fechou a porta, batendo o trinco. Tirou seu blazer, depositando sobre o gancho de madeira na parede.

— Esbarrou? Isso era pesado demais. Como esbarrou em uma cristaleira desse tamanho? Era o presente de casamento da minha mãe. — Ele visivelmente ficou nervoso. Não desconfiado, mas eu era a esposa

perfeita e a esposa perfeita não derrubava presentes e destruía coisas importantes.

A esposa perfeita cuidava de tudo.

A esposa perfeita não cometia erros.

— Como eu disse: esbarrei. Foi sem querer. Vou me atentar da próxima vez — respondi, desviando seus olhos que procuravam pelos meus.

Bruce tinha cabelos castanhos escuros, uma pele bronzeada, os olhos escuros, turvos e com um aspecto sério e sempre misterioso.

Era difícil saber o que se passava na sua cabeça e eu nunca me pus a adivinhar.

— Que seja. Distribuí os convites da festa de boas-vindas para todos.

— Se aproximou com alguns passos. Seu sapato empoeirado sujava o assoalho que Maria havia acabado de encerar. — Inclusive para os Kingsman. Não se preocupe, me informei e me disseram que Nicholas não vem para cá há muito tempo e que ele não gosta do *interior*.

A saliva travou no meio da minha garganta e eu já fazia força e me concentrava para não gaguejar.

— Você convidou... Benjamin?

Ele uniu as sobrancelhas.

— Convidei. Ele é dono de um hotel extremamente luxuoso aqui perto, sabia?! Se divorciou ano passado. — Respirei fundo, forçando a saliva descer por minha garganta e fechei os olhos, até senti-la descer até o estômago. — Ethan é o meu filho, Anastasia.

— Por que os convidou, Bruce? Ethan e eu não somos um troféu — murmuriei. — Você já comprou a fazenda, já estamos casados, Ethan é registrado por você. Os familiares de Nicholas não sabem do meu filho...

— Esfreguei as têmporas. — Eu só quero viver em paz.

Passou ao meu lado, subindo as escadas e me ignorando. De repente parou abruptamente, abrindo alguns botões da blusa que vestia.

— Você ainda sente algo por Nicholas, o pai de Ethan?

Bufei, seguido de uma risada perplexa.

— É sério que vamos começar essa conversa?

— Se você seguiu a sua vida, não vai ter problema em vê-los por aqui. E acho melhor se acostumar, afinal, somos todos vizinhos, não é mesmo?! — Ele abriu os braços rindo, como se fosse divertido. — Eu vou tomar um banho. Estou faminto e cansado, *querida esposa*.

Piscou e continuou a subir as escadas até sumir de minha vista.

Bruce tinha essa coisa de precisar sempre estar no topo. Fazia questão que eu usasse as melhores roupas, sandálias, sapatos, joias, mostrando o corpo, a pele, e eu não me sentia bem com isso, ainda mais quando fazia questão que Ethan, uma criança de oito anos, andasse sempre engomado, com roupas sociais demais para a sua idade e seu falso costume de estar com o pai.

Eu só queria paz, mas quando procurei o céu, tudo que eu encontrei foi a entrada para o inferno. Enquanto eu procurava uma saída, tudo o que eu precisava fazer era tentar não me queimar.

(...)

### **Benjamin Kingsman**

Eu estava a meia hora sentado sobre a cadeira da sacada do meu apartamento, olhando para o convite nas minhas mãos. O café ao meu lado já havia esfriado e virado um chá gelado a essa altura.

Eu não havia dormido quase nada no dia anterior e, com toda certeza, dormiria ainda menos se fosse a essa confraternização.

Eu não ia a aquela fazenda há anos e nunca fiz mais do que observar de longe.

Ela estava diferente. Reformada e cercada, os terrenos de trigo que Jhonatan costumava plantar, estavam recém irrigados. Havia plantio mesmo que ainda não tivesse florescido.

Bruce e Anastasia estão casados.

Ele sempre a quis e eu, em toda minha ignorância, fiz de tudo para que ele pudesse por em sua cabeça redonda e burra que ela era apenas minha mulher e de mais ninguém.

Tive a minha chance e desperdicei.

Mas por qual motivo voltar? E por que voltar para a antiga fazenda Kingsman?

Eu me conhecia bem. Não conseguia viver normalmente pelos próximos dias sem saber realmente do que eu precisava saber. Pelo menos algumas perguntas precisavam ser respondidas.

Me vesti adequadamente, mesmo sentindo um receio da resposta que eu poderia encontrar. Me certifiquei de avisar Tom que eu estaria fora por algumas horas noites adentro, tomei uma dose de Whisky, coisa que era rara, mas me faria bem para aquecer o corpo na noite fria de Dallas.

Entrei no meu carro no estacionamento do Hotel e segui caminho.

As luzes eram uma ótima forma de me encontrar no meio da estrada sem um pingo de luz, mas eu ainda conhecia aquele lugar na palma da minha mão.

Estacionei o carro próximo de outros e, sem dúvidas, Bruce não havia poupado convites.

O lugar estava lotado.

Bati a porta do automóvel e passei pela entrada sendo recepcionado por algumas mulheres, que provavelmente foram contratadas para receber as pessoas.

Fora de ambiente. Era assim que eu me sentia.

Bruce construíra um deck enorme de madeira sobre o lago Calaham, adicionou varais de pequenas lâmpadas que cruzavam o céu.

Eu costumava me deitar na beira do lago, com as luzes da varanda de casa apagadas, assim eu podia enxergar os vaga-lumes e as estrelas no céu.

Estava tudo mudado, reformado, mas ainda senti o golpe de nostalgia ao estar pisando naquela terra depois de tanto tempo.

Minha pele conhecia aquela poeira forte, conhecia o barulho dos grilos no mato, dos sapos na beirada do lago, o barulho do vento oeste que tomava a fazenda em dias de tempestade.

— Benjamin? — Virei para o lado e encontrei Daemon Ross, um antigo cliente.

Ele, na verdade, comprou a minha primeira fazenda quando comecei naquele negócio com Nicholas, mas não me recordava que ele pudesse ter qualquer envolvimento com Bruce.

— Daemon? Que surpresa te encontrar aqui! — Ele apertou a minha mão firmemente, com um sorriso gigante em seu rosto já envelhecido. Ele tinha quase o dobro da minha idade quando eu o conheci. Desconfiou do meu negócio pelo simples fato de eu tentar vender a ele uma fazenda de quase seis milhões de dólares quando eu tinha apenas vinte e quatro anos, mas de tudo que ele precisou foi um final de semana na *Kingshorse* para conseguir mudar suas ideias e pré-conceitos infundados contra mim.

— Eu que o diga.

— Não sabia que conhecia Bruce. — Me aproximei, acenando para alguns homens que o acompanhavam.

— Não conheço, mas pelo que sei, ele convidou todos os vizinhos das redondezas — disse. — Mas seu hotel fica a quase 10km daqui, não é?!

Puxei a musculatura do rosto em um sorriso sem dentes.

— Na verdade não chega nem a oito quilômetros — falei. — Bruce e eu nos conhecemos de outras datas.

Daemon deu tapinhas no meu ombro.

— Ah, claro — respondeu, ainda observando tudo ao seu redor. — Companheiros, foi Benjamin Kingsman quem me vendeu aquele paraíso de fazenda.

Ele me puxou para o meio dos leões, enquanto me apresentava como um prêmio para os amigos.

— Então, acho que realmente precisamos conversar, Sr. Kingsman — disse um dos homens alegremente, enquanto pegava um bloco de papel e caneta dentro de uma carteira que não valia menos do que centenas de dólares.

— Para falar de milhões vai ser preciso mais do que um papel para anotar o meu número. Hoje não é um momento para isso, mas não deixe de pegar meu e-mail e marcar uma reunião presencial com o meu irmão. Ele cuida dos valores e da qualidade do que entregamos.

— O menino realmente vale ouro. — Gargalhou.

Eles continuaram a falar, mas o meu corpo endureceu quando encontrei os olhos dela e fiquei surdo.

Tudo o que tinha ao redor dela virou escuridão, porque era a sua presença o maior ponto de foco de luz que eu podia notar.

## **CAPÍTULO 5 | PASSADO**

**Anastasia Snow, 17 anos**

Sentada no gramado da faculdade minha cabeça transitava por lugares distantes. De repente, tudo o que achei ser uma certeza, se tornou um punhado de dúvidas cruéis que me engoliam à medida que eu procurava uma saída plausível.

Uma saída que, de alguma forma, não terminasse de me ferir.

Jhonatan Kingsman estava morto e, talvez, isso dessa alguma liberdade para Benjamin. Não que eu quisesse isso, mas a morte do seu pai seria como emergir de um longo mergulho em águas geladas.

Meu coração singelo nunca amou tanto um homem ao ponto de que uma irresponsabilidade nossa me fizesse carregar uma parte de Ben pelos próximos sete meses.

Eu estava grávida e, pelas minhas contas, não passava de dois meses.

Ele foi meu primeiro homem e foi sob a noite fria de verão no interior do Texas, que jurei que ele seria o último.

Eu não queria nenhum outro homem, porque nenhum deles seria o meu Ben.

— Você precisa falar com ele, Anastasia. — Nicole estava sentada ao meu lado, preocupada, porque para alguém que falava pelos cotovelos, eu tinha virado muda nos últimos dois dias.

Ela era a única que sabia de nós dois.

— O pai dele morreu — sussurrei sem encará-la.

— E você está grávida dele. — *Como se eu já não soubesse.* — Deus, Ana. Você ainda vai fazer dezoito anos. E a faculdade? A bolsa de emprego?

— Nick... Por favor... — Meu murmúrio mostrou mais do que apenas um pedido. Meu murmúrio pediu clemência, porque eu mesma já me sabotava o suficiente, não precisava de alguém para isso. — Ainda tem meu avô.

Suspirei.

Meu avô tinha Alzheimer e, desde que minha mãe falecera, eu cuidava dele, assim como cuidei dela. Acho que vivia um pouco sem esperanças, porque nunca tive alguém para cuidar de mim.

Não até Benjamin chegar.

Eu sabia que era dependência emocional, mas era impossível não ter quando o mundo cuspia sobre mim e a única forma de carinho que eu encontrava era nos braços dele.

Ele me acalentava, me acalmava, mostrava que eu era melhor do que achava que era e que se eu quisesse, poderia ser melhor ainda.

Eu estava no primeiro período de arquitetura, mas o conheci no fundamental da escola.

Ele me defendeu de mim mesma e do mundo desde a primeira vez que eu o vi e, desde então, tem sido apenas eu e ele contra tudo e todos.

— Olha, se você quiser... eu conheço alguém que pode te ajudar com isso. — Ela dizia como se fosse um segredo e pela forma que falava, acredito já saber do que ela falava.

— Me ajudar? — questionei de volta.

— É, se você está grávida de apenas dois meses, você podia... *tirar*.

— Drogas, Nick. Ficou louca? Foi uma irresponsabilidade da minha parte e do Benjamin, esse bebê não precisa sofrer com meus erros.

Nick se esticou pela grama, esparramando seus cabelos que ficavam ainda mais vermelhos sobre o gramado no chão.

— Sabe qual o problema? Você passou a vida inteira cuidando da sua família, mas quando é que eles cuidaram de você?

Abaixei a cabeça.

— Eu não tenho dinheiro para viver sozinha. Além do mais, eu me alimento e cuido do meu avô com o dinheiro que ele recebe da aposentadoria.

— Então, você cuida do seu avô em troca de comida? Acha que isso é cuidar de alguém?

— Meu avô é doente, não tem escolhas. Ele já começou a se esquecer de mim. Às vezes se tranca no quarto e... Benjamin precisa abrir. Bom, Ben tirou a fechadura para que não aconteça mais.

Ela se sentou, pegou a minha mão, tentando uma consolação confusa. Seus olhos sorriam juntamente dos seus lábios e ela suspirou fundo, massageando o peito da minha mão.

— Se Jhonatan morreu é a chance de Benjamin fazer tudo o que prometeu, Ana. Se bem que, se ele realmente te amasse como diz, teria enfrentado o pai por você.

Eu entendia Ben.

Ele amava os irmãos e a mãe mais do que tudo. Desacatar o pai era deixá-los propensos às maldades insanas e doentes de Jhon. Eu nunca seria capaz de pedir que ele abandonasse a família por mim, mas se ele fosse realmente o que eu achava que ele era, ele jamais faria isso, nem mesmo pela mulher que amava.

Ele defendia a família e vendo isso, eu sabia que ele defenderia meu filho e eu da mesma forma.

— Eu seria egoísta se pedisse para que ele passasse por cima do pai por causa de mim.

— Não é passar por cima do pai. É se impor diante dele, Ana.

Nicole tirou uma garrafa de dentro da bolsa.

— Quer? — Aceitei, tomando da sua mão, abrindo e bebendo em goladas grandes. — Como estão as suas notas?

— A mais baixa foi sete na matéria da professora Alex.

— Bom, pelo menos as notas estão boas — atestou.

Sempre fui uma boa aluna.

Como a vida já não tinha sido generosa em dar uma visibilidade financeira para a minha mãe antes dela falecer, aprendi desde cedo que, se eu não estudasse, ficaria na rua da amargura, pois a morte do meu avô seria o prazo final para que eu pudesse encontrar alguma outra fonte de renda para não morrer de fome.

— É... pelo menos isso.

(...)

O ônibus para o interior de Dallas era escasso e eu nunca conseguia chegar a tempo de pegar o primeiro do fim da tarde e acabava precisando esperar quase uma hora e meia para pegar outro.

Eu já estava acostumada.

Já estava acostumada com muita coisa que não deveria.

As pessoas dizem que para que você saia do lugar que não quer ficar, é necessário primeiro que saiba que lá não é o seu lugar, mas eu já estava tanto tempo vivendo aquela vida, que... havia se tornado normal.

O vovô William estava com pneumonia devido ao período de calor, assim o chão ficava mais seco e a poeira era muito maior do que nas outras

épocas do ano. O calor no interior de Dallas era quase infernal e a poeira ainda mais.

O plano de saúde do vovô era o mais simples de todos e o atendimento era precário. Ainda mais com a sua condição atual, não tinha muito o que fazer, apenas nebulização e remédios.

Sempre fui muito boa em contas e usei isso na hora de fracionar, ainda mais, a comida para conseguir comprar os remédios necessários. Estava preocupada com ele, pois a cada remédio tomado, ao invés de melhorar, ele parecia piorar.

Cheguei em casa, abrindo a porta e, no fim do corredor onde ficava a cozinha, encontrei o vovô William sentado no chão, contando cada um dos grãos de feijão que estavam no chão.

— O que está fazendo? — questionei ao chegar perto.

Ele virou o rosto, tentando deixar minha imagem nítida.

— Quem é você? É você que vem aqui roubar meus feijões?

Os lapsos de perda de memória começaram a ser constantes.

— Sou eu, Anastasia. Sua neta! — murmurei, agachando no chão, em uma distância segura.

— Eu não tenho neta. Apenas uma filha safada que saiu se engracando por aí e voltou grávida para casa.

Quem diria que eu estivesse nos mesmos passos da minha mãe.

— A mamãe se foi, vovô, mas eu estou aqui. — *Paciência*. A forma como ele estava debilitado era triste. Sua barba branca e grande era resultado de uma teimosia em que ele não me deixava aparar ou apenas podar. Seu rosto antes redondo agora estava magro, com olheiras profundas, assim como eu, que mal dormia com medo que a madrugada pudesse guardar más notícias.

Se eu contasse a ele que estava grávida, ele esquecia no dia seguinte.

Talvez o vento se lembraria das minhas palavras muito mais do que o meu avô.

Ele continuou contando os feijões, os que eu havia contado certinho para as refeições dos próximos dias.

Não adiantava brigar com ele. Meu avô havia virado uma criança, que no primeiro alvorecer passava a esquecer novamente de tudo a sua volta.

— Posso ajudar você? — perguntei com lágrimas nos olhos.

Eu precisava conversar com Ben.

Aquela gravidez era tudo o que eu não queria.

Aquela gravidez havia levado as coisas para um lado em que eu não havia me preparado, para um lado desconhecido que eu não fazia ideia de qual atitude tomar. Eu estava perdida.

Dei banho no vovô, dei sua janta e fiquei com ele até que dormisse. Doei e vendi os animais restantes. Eu não tinha tempo para cuidar e o meu avô mal conseguia botar o pé para fora de casa. O cercado já estava velho, descascando, o milharal hoje era só um terreno enorme de mato alto, assim como a palha do celeiro já fazia parte do chão e quase não destoava mais os dois.

Aquilo estava abandonado.

Tentei comer algo, forrar o estômago, já que a última coisa que botei na boca foi a água de Nick, mas com uma ânsia avassaladora, vomitei o que não tinha.

Pensando pelo lado bom, sobraria mais comida.

Aprendi assim: não importa o que aconteça de ruim, encontre sempre um lado bom e se apegue a ele.

Tomei um banho e saí com uma garrafa de água, já que era a única coisa que meu interior não rebatia para fora.

A casa de Benjamin ficava a trinta minutos andando da fazenda do vovô William e, mesmo que eu costumasse visitá-lo tarde da noite, ele sempre me trazia de volta, pois era perigoso não só por causa de cobras, mas de outros animais que vagavam livremente por aquelas bandas.

Jhonatan Kingsman tinha os melhores cavalos de raça do Texas e seu nome já fazia muito barulho entre os plantios de qualidade da região, então quando a notícia do seu falecimento foi dada, não havia um lugar que não comentasse, inclusive na faculdade, onde Benjamin era conhecido.

Ele sumiu por dois dias. Seu pai morreu e eu entendia isso.

Eu poderia esperar, mas também precisava lhe dar um abraço e dizer que tudo ficaria bem.

Não queria que ele pensasse que a notícia do falecimento de Jhonatan fosse uma felicidade na minha cabeça.

Ninguém merece a morte.

E assim como muitos outros tiveram uma segunda chance, eu esperava que Benjamin pudesse ter uma com o pai.

Mas o universo quis assim e cabe a nós aceitarmos.

No horizonte, onde o sol se pôs mais cedo, pude ver o varal de lâmpadas que cruzava o pátio por dentro da cerca da casa dos Kingsman.

Os grilos e sapos estavam presentes por todo o caminho, alguns camaleões atravessavam a estrada rapidamente e apenas suas sombras se viam pelo chão.

Abri o portão do cercado.

A picape de Jhonatan estava estacionada no mesmo lugar de sempre. Sentada nos degraus da porta da frente estava Brooke, tacando pedras no lago que, segundo as pessoas, havia sido onde Jhonatan se afogou.

Com um pequeno sorriso no rosto, mãos para trás e passos propositalmente pesados, chamei sua atenção.

— Brooke? — chamei, tentando me enxergar na parte escuro.

— Olá! — disse educadamente.

Brooke era um pouco misteriosa, seu olhar mostrava que ela pensava muito mais do que falava e, embora não fossemos amigas, eu sabia que ela não era boba o suficiente para acreditar que Benjamin e eu éramos apenas amigos, como falávamos para todos.

— Hm, eu fiquei sabendo sobre Jhonatan. Eu sinto muito, meus pêsames — desejei.

Ela sequer desviou o olhar. Brooke puxou um sorriso sem dentes de lado, na maçã do rosto rosada.

— Obrigado, Ana. Vai ficar tudo bem! — Continuei calada e os grilos falavam entre nosso silêncio. — Quer que eu vá chamar Benjamin?

— Eu ficaria agradecida.

Acenou com a cabeça e entrou para dentro de casa novamente pela porta da frente.

Poucos minutos depois, o som dos passos duros de Benjamin chegou aos meus ouvidos e no corredor da sua casa, sua silhueta se fez presente, até que ele estivesse visível aos meus olhos.

Benjamin era lindo. Tinha o corpo grande para a sua idade, o cabelo de um tom quase loiro, a barba alaranjada e os olhos da cor do céu de dia, mas havia algo nele diferente.

O azul dos seus olhos estava da cor da noite.

A mandíbula quadrada com dentes cerrados e seus olhos piscavam mais do que o normal.

Ele me conhecia muito bem, mas eu também o conhecia.

Benjamin fora meu primeiro homem e melhor amigo.

— Eu sinto muito pelo seu pai. Queria ter vindo antes, mas fiquei com receio de estar sendo... — Ele tinha algumas facetas que eu conhecia. Sabia

quais eram, mas o homem que me olhava tinha os ouvidos fechados, porque quando eu queria que ele me ouvisse, ele estava disposto apenas a falar. Suas mãos no bolso, olhar no chão, respiração descompassada e pés inquietos levantando poeira no chão delatavam ele. — Ben, está tudo bem?

Quão idiota eu era para perguntar se tudo estava bem quando o pai dele havia morrido?

Ele comprimiu os lábios.

— Eu vou ficar bem. Eu... Precisamos conversar, Ana.

Seu semblante não me ditava que as coisas ficariam bem como eu achei que ficariam.

— É, eu também preciso conversar com você.

— Vem! — Passou andando diante de mim, em direção ao celeiro e eu o acompanhei, nervosa, enjoada, sentindo cólicas constantes que eu não sabia se eram por causa do nervosismo ou do bebê que crescia em mim.

O feno era novo no chão. Os animais provavelmente estariam pelo pasto tomando um ar. Nicholas costumava limpar o celeiro toda a noite.

Aquele era o nosso lugar, foi o palco do nosso primeiro beijo e da nossa primeira vez.

— Eu posso ajudar de alguma forma? Sei que...

— Agora eu sou o homem da casa, Ana. — Ele me interrompeu.

— Já que é o filho mais velho, eu imaginei que realmente ficasse nessa posição.

Benjamin estava cada vez mais nervoso.

— Algumas coisas aconteceram e... estou digerindo tudo, eu estou nervoso!

E se eu estivesse certa, o motivo do nervosismo estava longe de ser a morte de Jhonatan.

— Eu estou aqui, Ben. — Ele sentou em um dos blocos de palha, e eu tentei avançar contra ele, para abraçá-lo pelos ombros. — Vou estar aqui a partir de hoje, na verdade eu sempre estive.

Ele deteve minhas mãos, impedindo o meu abraço.

— Vamos ter que postergar isso.

Franzi as sobrancelhas.

— Postergar *isso*? O que seria *isso*?

— Nós dois.

Então, eu entendi o motivo de seu nervosismo.

— O que está... acontecendo? — Levei a mão no peito, na tentativa de um controle que falhara. Andei para os lados, sentindo meus pés afundarem no chão, na palha, ou seja lá o que tinha embaixo deles.

— Meu pai. Deixou uma cláusula no testamento, como especificação para que eu pudesse passar a casa, os terrenos, as chácaras, tudo para o meu nome. Ele nem mesmo mencionou minha mãe ou meus irmãos. — Ele passou os dedos pela testa. — Se eu não passar tudo para o meu nome em seis meses, fica tudo para o governo, Ana, e uma vez leiloado pelo governo, não vou poder recuperar.

Minha voz era um fio.

O choro estava entalado em minha garganta e um desespero sem tamanho já começava a tomar conta de mim.

— E qual a especificação?

Tive medo da resposta, porque sabia que ela me faria mal.

— Eu preciso estar casado com Helen Fitzgerald em cinco meses. — O ar se tornou escasso e não importava o quanto eu tentasse inspirar, o oxigênio parecia nunca chegar em meus pulmões.

Meus olhos estavam arregalados e todo o choro que travou em minha garganta saiu de uma vez só.

— Desde quando está escondendo isso de mim?

Ele fechou os olhos, apertando-os uns nos outros.

— Meu pai só especulou e eu... eu disse que não queria. Só descobri que era uma *obrigação* quando pegamos o testamento. — Lágrimas e mais lágrimas. — Anastasia, fala alguma coisa, por favor.

— Eu... eu estou grávida, Ben. — As palavras saíram como um gemido de dor.

Me virei, encostando-me em um pilar de madeira, tentando segurar meu corpo com a força que eu nem tinha nas pernas.

— O quê? — Seus olhos azuis se arregalaram e não havia nem um pouco de alegria neles, nem um pouco de simpatia, nenhuma mínima felicidade. Eu não poderia exigir que ele se tornasse o homem mais feliz do mundo naquelas circunstâncias.

— Nós vamos ter um filho.

Meu corpo escorregou até o chão e ele se aproximou, ficando de joelhos bem diante de mim. Seus punhos fechados ficaram quase ao lado dos meus pés e ele mordeu a boca, perdido.

Ele não esperava isso.

— Eu não posso ter um filho agora.

Indignada.

— Você já tem um filho — sussurrei. — E ele está dentro de mim neste exato momento.

Todas as promessas feitas, as juras de amor, passaram diante dos meus olhos naquele instante, como se nunca tivessem existido, como se nós não tivéssemos tido nada.

Vovô William estava certo, homens não prestam.

Minha mãe estava certa, não confie em homens.

Nicole estava certa.

Eu me levantei.

Só o que eu ouvi já era o suficiente, só a forma como seus olhos me olhavam já havia sido o suficiente.

Andei mais depressa que eu pude, o mais depressa que meus pés conseguiam.

— Anastasia! — Eu o ouvi gritar repetidas vezes. Como eu fui tão burra? Como eu fui tão tola? — Estou falando com você. — Sua mão agarrou o meu pulso e eu automaticamente em um estado de raiva, despejei todo o sentimento ardido em seu rosto, em um tapa certeiro.

— O que espera que eu faça? Que eu seja madrinha do seu casamento? — vociferei.

Fiz menção de me distanciar novamente e ele agarrou mais uma vez meu pulso.

— É a minha família! Eu não posso simplesmente abandonar eles e ir viver um conto de fadas como se nada tivesse acontecendo!

Eu mal conseguia enxergá-lo por causa das lágrimas perpétuas que já manchavam minha blusa.

E eu, o que era?

— E o que eu sou para você, Ben?

Ele hesitou por alguns minutos.

— É a mulher que eu amo. — Esfregou o cabelo rebelde. — Droga, eu preciso pensar. Tentar encontrar alguma forma de burlar isso.

Dei uma risada infeliz.

— Você não é o culpado. A culpada sou eu. Fui eu quem não deveria ter acreditado em você. Só prometi a você o que eu poderia dar: amor e cuidado. Eu não ligo para a fazenda ou dinheiro, Benjamin.

— E como você espera criar um filho, Anastasia?

Limpei os olhos, tirando as lágrimas passadas para que novas pudessem vir.

— Como *eu* espero? — Ele era um homem diferente agora. — Eu não sei onde está o *meu* Benjamin, eu não sei onde está o homem de quem eu engravidéi, mas de uma coisa eu tenho certeza; *ele não é você*!

— Você está entendendo errado!

— Não, Ben. Você foi muito claro! — resmungo lhe dando as costas, encontrando o caminho de volta da estrada.

— Eu levo você.

Ele correu até mim, botando-se na minha frente.

— Deixe de ser hipócrita! Não consegue se preocupar com o seu próprio filho.

— Mas que porra! Vou resolver isso.

Empurrei o seu peito largo por cima da camiseta branca, com as duas mãos e ele saiu do caminho. Eu não tinha força para tirá-lo à força.

— Nem se dê ao trabalho. Eu não sou tão suja a ponto de fazer você escolher a mim em troca da sua família.

Ele esfregou o cabelo bagunçado e eu sequer me dei o trabalho de olhar para trás, até chegar em casa.

## **CAPÍTULO 6 | PRESENTE**

### **Benjamin Kingsman**

Sabe qual a grande questão?

Quando saí para vir até aqui, não pensei no que exatamente eu faria. Talvez abordaria Bruce e perguntaria tudo para ele? Ou invadiria o espaço deles e questionaria Anastasia? Quando eu me tornei tão... egoísta ao ponto de desviar minha conduta para ter as respostas que, pelo visto, só faria diferença na minha vida?

Ela estava bem.

Bonita.

E a forma como o seu marido, meu ex-amigo de infância, reformou todo o lugar, mostrava que talvez eu nunca pudesse ter sido um bom marido.

Com as referências que tive na infância, eu nunca seria um bom pai para o nosso filho.

É, talvez eu seja um merda.

Ela estava deslumbrante naquele vestido vermelho. Eu não me lembra de tê-la visto em roupas tão formais, exceto no baile da escola quando mais jovem. Anastasia detestava vermelho, detestava roupas que mostravam sua pele mais do que o necessário, detestava maquiagem e, se eu tivesse que fazer um balanceamento do que ela se tornou, eu diria que ao menos esteticamente, ela se tornara exatamente a mulher que nunca quis ser.

Ela me encarou de longe, travando uma batalha entre nós dois.

Bruce estava ao lado dela, agarrando a carne da sua cintura nua pela fenda do vestido, enquanto puxava o seu corpo pequeno em direção ao corpo dele. Pegou o queixo de sua esposa, alisando seus cabelos e depositou um beijo no pescoço dela na frente dos seus amigos.

Ela estava desconfortável com a situação.

Restava saber se estava desconfortável por não querer ser beijada.

Ou estava desconfortável porque não queria que eu o visse a beijando.

Há quanto tempo eles se casaram? Será que eles tinham um bom casamento?

Bruce percebeu a sua má vontade. E foi rastreando o olhar paralisado dela que ele me encontrou.

Ele aparentava estar muito bem e não mudou muito.

Ainda com um corpo magro, alto, bem vestido, deixou o cabelo crescer um pouco, a pele estava mais bronzeada como de costume e os seus olhos castanhos escuros, em um âmbar na sua cor mais densa.

Ele ignorou todos, abriu um sorriso e, sem soltar Anastasia, dessa vez pegando na sua pequena mão, caminhou até a mim.

— Ben! — Abriu os braços, batendo no meu ombro incessantemente, avaliando cada centímetro do meu rosto. Tínhamos a mesma altura, mas por algumas vezes eu achei que ele acabaria ficando mais alto que eu. — Você veio!

Anastasia se aproximou.

Seu rosto era indecifrável, mas eu preferia optar pela ideia de que ela não estava nem um pouco feliz. Será que o seu marido sabia que ela me encontrou mais cedo?

Ele estendeu a mão e eu apertei.

Eu simplesmente não conseguia desviar o olhar dela, mas respirei fundo e botei um sorriso mentiroso de alegria no rosto.

Aquilo tudo era uma tremenda infelicidade.

— Eu realmente fiquei surpreso! Nunca achei que voltaria, ainda mais depois que Brooke disse que você tinha casado. — E ainda havia me convidado, mas eu estava ocupado com os trâmites do meu pós casamento com Helen.

— Eu nunca estive cem por cento fora. — Ele riu, apertando mais ainda o corpo dela ao lado dele. Eu estava desconfortável. — Mas acho que você se lembra da minha esposa, certo? Anastasia Bennett, sua antiga amiga de escola e faculdade.

Ana comprimiu os lábios, nervosa, com um sorriso sem graça e miúdo. Acenou com a cabeça, envergonhada.

— É um prazer te rever, Benjamin — disse baixinho.

É, Bruce não sabia do nosso encontro há alguns dias.

— Acho que vamos nos ver bastante por aqui, somos quase vizinhos, não é mesmo?! — Bennett colocou a mão sobre a cintura, acenando com a outra mão livre de Anastasia, para outras pessoas.

— São quase oito quilômetros daqui. Não acho que sejamos tão vizinhos assim — resmunguei sem interesse.

— A estrada para a cidade fica ao lado do seu hotel, talvez façamos algumas visitas. Afinal, seu hotel foi premiado com estrelas, não foi?

— Fruto de muito trabalho — respondi a ele.

— Verdade. — Olhou em volta. — Espero que tenha gostado das mudanças que fiz na sua antiga casa. Esse lugar estava abandonado.

Um lapso de tristeza me tomou.

— Eu não tenho que gostar da sua casa, ela agora é sua. — Demorei alguns segundos até entender o quão estúpido fui agora com Bruce. Ele pigarreou surpreso e Anastasia varreu o chão com os olhos sem graça. — Me desculpe, não era minha intenção parecer... um imbecil arrogante.

Ele sabia tudo o que eu passei ali dentro.

Sabia de absolutamente tudo.

— Não, tudo bem. Eu entendo, Ben... — Como sempre costumava fazer, ele se preparava para entoar um discurso de pena, dizendo o quanto sentia por Jhonatan e blá blá blá..., mas uma criança o atingiu com tanta força, que ele teve que se segurar para não cair sobre o chão.

O menino estava de costas para mim, com uma blusa azul marinho, engomado demais para uma criança do interior, mas o que aconteceu a seguir, foi uma sequência que me deixou assustado, que me fez morder a língua como se eu não tivesse a menor escolha.

— Deus, Ethan! Olhe por onde anda! — *O nome*.

O nome foi a primeira coisa que me tomou em uma onda de arrepios. Eu conhecia muito bem aquele nome. Em seguida, meus olhos caíram sobre Anastasia e o desespero aparente na sua face, na sua mão que tremia tentando agarrar o menino e protegê-lo como se eu fosse a onda do mal sobre os olhos dele.

— Vá brincar do outro lado, querido! — exclamou afoita, empurrando o menino.

Seu peito descia e subia abruptamente.

Ela havia perdido o controle.

— De forma alguma, não seja mal-educado, Ethan — ele disse novamente e eu pisquei, achando que havia uma grande probabilidade dos meus ouvidos terem se enganado. — Esse é um amigo da minha infância. Benjamin Kingsman.

Com a mão sob seus ombros, Bruce virou o menino na minha direção.

Perdi a respiração e tudo era um zumbido.

Os cabelos loiros curtos se moviam em sua testa, a cor dos seus olhos eram de um azul da cor do céu e as mesmas sardas que eu tinha quando era

mais jovem, o menino tinha.

Ele parecia ter no máximo dez anos.

Ela não teria tempo de perder nosso filho e logo então engravidar de Bruce.

Ana mentiu?

— Olá, Sr. Kingsman — reverenciou ele, me encarando.

A semelhança era incontestável.

Ou eu estava ficando completamente louco e obsessivo, ou a criança à minha frente era meu filho e ela simplesmente mentiu.

Bruce tomou a mulher que eu amava e o filho que eu nunca tive?

— Vá brincar, Ethan. Ande! — Ana viu meu espanto e Bruce por um lado também.

Deus, minha cabeça doía e se continuasse naquele ritmo, iria explodir logo.

Se Ethan fosse meu filho, de que forma Bruce teria registrado esse menino? Ele sabia? Ou eu estava fazendo suposições de um filho que sequer era meu?

A semelhança me torturava.

Havia uma foto no meu escritório no hotel, que mostrava evidentemente os mesmos traços infantis.

A criança saiu correndo e meu inconformismo estava estampado bem na minha face.

Eu não tive coragem de perguntar. Estava pisando em ovos sem saber o que me esperava com as perguntas que eu tinha guardado dentro de mim.

— Bom garoto — frisou galante. — Bom, foi muito bom te rever, Benjamin. Preciso receber alguns convidados, fique à vontade e aproveite a festa.

Bruce plantou o que queria, saiu e me deixou com os olhos pesados, uma sensação de aço nas costas, de aperto nos pulmões, e em uma zona psicológica que eu levaria muito tempo para arrumar.

A vida no interior era pacata, sem grandes emoções, mas nos últimos dias, isso se resumiu ao caos. Foi como se alguém pegasse toda a lista de traumas que eu tinha, de assuntos não resolvidos do meu passado, e esparramado sobre a mesa do meu presente de uma forma que, agora, era impossível organizar. Eu só conseguia olhar para tudo aquilo e pensar: Quando esse inferno acabaria?

Encarei o chão. Meu sapato sujo pelo chão de terra batida, que parecia que alguém tentara preparar o terreno para receber muitas pessoas, mas Bruce entenderia com o tempo que, aquelas terras eram indomáveis demais para um homem tão apegado aos bens materiais, por um homem que vivia mais para o dinheiro, do que para a natureza.

Anastasia ainda estava ereta na minha frente. Ela apertou as laterais do quadril largo debaixo do vestido, se preparando para me deixar mais uma vez sem respostas, sem o que pensar.

— Quem é o pai do menino? — questionei sem filtros.

Ela arregalou os olhos e quebrou a distância entre nós dois, aproximando seu rosto do meu, dando-me ainda mais visibilidade aos seus olhos.

— Cale a boca!

Olhei para os lados e Bruce estava ocupado o suficiente para ignorar a minha presença tão perto da sua esposa. Havia algo que acontecia quando nossos olhos se encontravam. Não era um misto de raiva ou fúria que remetia ao passado, ela tinha aquela energia invasiva que transformava nossos corpos em dois ímãs, impelidos a se unirem sempre que estão perto.

— Você quer que eu cale a boca? Claro que eu calo, mas depois que você responder as minhas perguntas.

Ela me puxou pelo braço, atravessando pessoas que eu já vi em algum momento da minha vida por causa do Hotel, afinal, todos eram vizinhos.

Reconheci o lugar assim que entrei.

Era o celeiro de Jhonatan.

Mudado, mas eu ainda preferia do jeito que era, com suas cores clássicas de paredes vermelhas e brancas, com aquele bom e velho cheiro de palha queimada para espantar os mosquitos dos animais que ali descansavam durante o dia.

— Quem você pensa que é para chegar na minha casa e fazer uma pergunta dessas, Benjamin?

Gargalhei e puxei ela mais ainda para o escuro.

No alto do celeiro havia um enorme espaço que dava para o céu, era exatamente onde costumávamos deitar para contar a quantidade de estrelas que tinham na noite.

— Bruce sabe que você me encontrou mais cedo?

Ela desviou o olhar.

— Não e você não vai contar — ela disse. — Por que veio aqui? Por que não volta para a sua esposa?

Eu abri um sorriso com a pergunta.

— Sou divorciado, Anastasia. — Dei um passo e ela recuou outro. — Você ainda não me respondeu. De quem o menino é filho?

Ela tentou passar por mim, mas eu impedi sua passagem. Deixei-a ir uma vez, mas não deixarei ir de novo. Peguei o seu braço e a empurrei contra a parede. Meu corpo vibrou com aquele pequeno toque, o cheiro de flores que ela tinha ainda permanecia o mesmo e quando as suas costas encostaram sob a madeira fria, ela arfou.

— Você me abandonou grávida. Não tem o direito de vir contestar sobre a paternidade de Ethan.

— Por que escolheu esse nome? — Ela parecia uma bomba relógio embaixo de mim. Estiquei a mão no alto da sua cabeça e ela mudou. — Eu não te abandonei, você desapareceu!

— Você casou com outra mulher e disse que não podia ter um filho comigo, como pode dizer que não me abandonou? O que achou que eu faria? Esperaria você? Eu fiquei sozinha com um filho seu.

— Eu sei que nada justifica a forma que eu tratei você, mas eu tinha acabado de perder o meu pai e descobrir que eu ia casar com uma mulher que eu não amava. — Respirei fundo. — Do jeito que eu estava, do jeito que minha vida estava, eu não teria sido um bom pai.

Seus olhos me encaravam de baixo para cima.

Ela estava encurralada.

— Ainda bem que você sabe que nada justifica.

Ainda assim, o fato dela ser casada com ele ainda não entrava na minha cabeça. Quando aquilo aconteceu?

— Por que se casou com Bruce?

— Não te interessa. — Ela tentou me empurrar, mas suas mãos sequer fizeram cócegas no meu peito.

— Porra, Bruce era o meu amigo. Você não tinha o direito de ter casado com ele, Anastasia. — Eu não tinha o direito de dizer aquilo, mas morreria engasgado antes de chegar em casa se não dissesse. — Podia ter ficado com qualquer um, mas não *ele*.

Tirei o braço, sentindo o gosto de derrota. Aquilo era inútil.

— Quem você acha que é para ditar com quem eu devo casar? Você teve sua chance e desperdiçou. — O alívio pela minha distância era visível

nos seus olhos. — Bruce tem sido o marido que você nunca seria capaz de ser.

Foi inevitável não rir.

— Por que está tão nervosa?

A cerquei com meu corpo e a sua respiração falhou mais uma vez.

— Se afaste, Benjamin.

— Por que não responde nenhuma das minhas perguntas?

Ela sorriu.

— Você quer uma resposta? Ethan é filho de Bruce. Ele é um pai incrível, esteve do meu lado durante todos esses anos.

Segurei o seu rosto entre os dedos.

— Mentirosa! — Apertei, vendo-a arfar e puxar o seu queixo da minha mão.

— Por qual motivo você acredita que eu esteja mentindo? Por que não vai lá e pergunta ao Bruce? Você é uma parte do passado que eu superei, deveria fazer o mesmo.

Ela me golpeou sem precisar da mão.

Se o menino era realmente filho de Bruce, como ela dizia, eu era só um louco que ainda não passou por cima do passado e reencontrou a mulher que amou por toda a adolescência. Estava fazendo perguntas infundadas enquanto seu marido achava, do lado de fora, que tudo estava ocorrendo bem com a festa.

Estraguei a noite.

Agi como um louco sem controle com Anastasia e, por fim, entendi que ela sempre esteve melhor que eu. Embora ainda houvesse aquele resquício de ciúmes nem um pouco sadio, eu deveria me desapegar desse sentimento o quanto antes.

Se eu desse continuidade a isso, acabaria com o meu psicológico, já que agora, eu seria obrigado a vê-la andar por aí não como Anastasia Snow como ela era conhecida, ou como Anastasia Kingsman como eu queria que fosse, mas sim como *Anastasia Bennett*.

## **CAPÍTULO 7 | PASSADO**

**Anastasia Snow, 17 anos**

Meu vestido era azul escuro.

Confesso que o baile de formatura não era algo que me chamava atenção desde comecei a estudar em uma das melhores escolas de Dallas com, claro, uma boa bolsa.

Acontece que qualquer motivo que pudesse me levar a ver Benjamin, me deixava ansiosa e em especial aquele: o baile de formatura.

Ele já se formou, mas fez toda questão de ser o meu par.

Estávamos namorando escondido.

É, eu sei. Essa coisa de ninguém saber nunca dá certo, ainda mais quando o ambiente em volta de nós dois não nos deixa esconder, junto com os olhares e sorrisos que nos delatam.

Dallas era do tamanho de um ovo e qualquer notícia corria muito mais rápido que as águas de uma cachoeira.

Os olhares de Benjamin me deixavam excitada do outro lado do salão.

— Meu Deus, parece que ele vai ficar aqui e te engolir. Ele não desvia o olhar por nada. — Nicole estava em pé ao meu lado, com sua batida de abacaxi e amora. *Péssima mistura.*

Engoli a saliva e senti o ar ficar mais quente.

— É impressão minha ou esse salão não tá dando vasão para a quantidade de convidados?

Nick me encarou surpresa.

— Eu não acredito que os olhares do Ben do outro lado do salão te deixaram excitada. — Abaixei o olhar, tentando desviar e peguei o suco ácido da mão da minha amiga. Dei goladas extensas. — Aqui está um frio tremendo.

Virei de costas.

Talvez isso pudesse cortar aquela tensão.

Debruçada no bar do lado direito do salão de festa, encarei o garçom por alguns segundos, até que ele me desse a devida atenção.

— Olá, Srta. O que gostaria de pedir?

Depositei parte do meu cabelo atrás da orelha e ajeitei a pequena flor de cerejeira atada na alça única do meu vestido.

— Eu quero uma batida de morangos sem álcool — pedi.

Senti algo se encostar em mim, o braço largo apoiar na bancada do bar ao lado do meu e a respiração quente na lateral da minha cabeça.

— Eu quero o mesmo que ela. — Eu conhecia Benjamin na maneira que ele fazia os pelos do meu braço se arrepiarem, na respiração pesada e quente em qualquer parte do meu corpo. — Não deveria ter me dado as costas.

— Eu só... queria pedir uma bebida — resmunguei, sem fitá-lo quando ele sentou ao meu lado, no banquinho de madeira.

— Hmm, sei... Quer dançar?

— Nossas bebidas.

— Sei que Nicole pode pegar, não é mesmo? — Ele piscou para Nick que revirou os olhos.

Ela não tratava Ben mal, mas não concordava na maneira que ele costumava baixar a cabeça para todas as vontades do pai. Nick era um pouco desordeiro e nunca abaixava a cabeça quando achava estar certo,

então era normal que ela fizesse vista grossa para aqueles que acreditavam no contrário.

— Não demorem ou vão tomar chá de morango ao invés de batida gelada — reclamou.

Ele puxou meu braço para a pista de dança, passando pelo vão de pessoas que se sacudiam lentamente para as músicas melosas de fim de baile.

Ben puxou o meu corpo junto com seu. Eu era pequena quando nossos corpos estavam juntos. Ele tinha um dorso duro, peito rígido e braços fortes, possuía uma barba loira charmosa, sobrancelhas acobreadas e indecisas entre cores que variavam mais do que a luz do sol.

Se a sua beleza fosse crime, ele seria condenado a inúmeras prisões perpétuas e corria um sério risco de ir para o corredor da morte.

Seu braço rodeou a minha cintura, apertando-me contra ele, nossas mãos se fecharam umas nas outras e ele botou o queixo no vão do meu ombro, ou pelo menos tentou, já que eu era significativamente menor que ele.

— Você está tão linda que eu fiquei a noite inteira procurando uma palavra que pudesse estar à altura de classificá-la, mas não achei.

Ruborizei.

*Sempre ruborizava.*

— Você também está muito bonito. — Meus dedos deslizaram por sua pele naturalmente quente, ombro, braço, sentindo seus pequenos pelos loiros entre dedos e unhas.

— Não seja educada!

Ele me guiava no salão. Algumas pessoas olhavam. Benjamin era famoso entre as meninas da escola. Não porque era mulherengo, mas

porque era o mais charmoso entre os meninos que se formaram, mas, ainda sim, ele nunca foi visto com nenhuma outra mulher, exceto eu.

— Você sumiu. Onde estava?

— Helen Fitzgerald estava completamente bêbada no bar. Levei ela até o pátio onde estava seus amigos para que eles pudessem a levar para casa — disse ele.

— Pelo que soube, os pais dela são bem rígidos. Ela não deveria abusar tanto do álcool.

— Ninguém abusa do álcool. É o álcool que abusa de você. — Ele riu.

— E seu avô? Está melhor?

— Peguei o diagnóstico de Alzheimer essa tarde.

— Ah, merda! Eu sinto muito. Posso ajudar em alguma coisa?

Sorri enquanto o encarava. As luzes da pista transitavam atrás dele.

— Você já ajuda bastante.

— Tecnicamente estourar a maçaneta da porta enquanto o seu avô se tranca no quarto não é exatamente uma maneira muito inteligente de ajudar, mas prometo que vou tentar fazer melhor na próxima. — A música mudou e tornou a ficar um pouco mais lenta. *Iris, the gogo Dolls.* — ...you the closest to heaven that I never be, and I don't want to go home right now...

— Ele tinha essa mania de cantar no meu ouvido e eu amava. — ... And all I can taste is this moment, and all I can breath is your life, and sooner or later its over I just don't wanna miss you tonight...

Era uma das suas bandas favoritas.

— Por que parece que você tomou um banho de perfume? — perguntei, sentindo o cheiro forte sob sua camiseta.

— Porque eu tomei. — Ele riu.

— Gosto do seu cheiro natural. — Ele me rodou no alto e eu pude ver seus olhos ainda mais claros do que nunca sob os flashes de luzes, nossas

bocas ficaram niveladas, alinhadas. Eu queria beijá-lo, mas não podia. Não no meio de toda escola, aquilo o prejudicaria. — *Não podemos!*

Ele abriu um sorriso que me desmanchava, fazia qualquer barreira cair por terra. Aquele era o meu ponto fraco, aquele era o momento que Benjamin podia tirar o que quisesse de mim, que eu daria a ele de livre, boa e espontânea vontade.

— Eu sei que não... — murmurou ele. Algumas pessoas já olhavam e então eu virei o rosto.

Ele me botou no chão com um sorriso sapeca.

Me arrastou pela multidão, até sair pelos fundos da escola, onde havia o enorme monte gramado que dava pro ponto mais alto da cidade, onde se podia ver tudo de lá de cima.

— Para onde vamos? — O sereno não era tão intenso, mesmo sendo quase uma hora da manhã. Ele me olhava por cima do seu braço e continuava a andar. — Nossas batidas ainda estão com a Nicole.

— Ela não vai se importar de segurar mais um pouco... — No ponto mais alto ele parou. Passou seu pé pelo gramado curto, tirou o tênis, ficando apenas de meias. Retirou o blazer e o esticou no chão, estendendo-me sua mão.

Eu peguei, me deitando, encarando o céu limpo e seu nível máximo de esplendor, Ben fez o mesmo ao meu lado. Pegou a minha mão, acariciando cada um dos meus dedos.

— Não vejo ninguém aqui — incitei. Ele apoiou o cotovelo no tecido ao chão, a mão sob a sua orelha e avançou contra a minha boca.

Ele foi o primeiro homem a me beijar e mesmo que fizéssemos isso o tempo inteiro, o sentimento que eu tinha de falta de ar era sempre o mesmo, a vontade avassaladora de fechar os olhos e não abrir nunca mais. Podia ouvir o meu coração, senti-lo em cada batida dentro do meu peito, uma

pressão entre as pernas quando a sua língua entrava na minha boca, seu tato carinhoso se tornava ainda mais pesado e exigente em minha carne.

Meu vestido era curto, até os joelhos. Benjamin beijou o meu queixo e pescoço, fazendo-me cerrar os dentes em um arrepió incontrolável que ia da nuca até os pés. Seu corpo se enfiou entre as minhas pernas juntando nossos corpos.

Tudo sempre saía do controle no menor dos toques, era como estar dopada por algo que não tínhamos como gerenciar.

Meus dedos entraram em seus cabelos curtos, puxando levemente os fios, sua mão apertava e erguia a minha perna até a região do seu quadril, esfregando-se onde eu mais me sentia quente, obrigando-me a sentir muito mais do que quentura, pele ou tecido, mas a excitação latente de Benjamin tomando forma e nublando a cabeça dele e a minha.

Ele mordeu meu pescoço e, inevitavelmente, gemi contra seus cabelos e rodeei as pernas na sua cintura, enquanto nossos corpos tinham energia demais para simplesmente desligar de uma vez por todas.

Ele rolou para baixo de mim, deitando sobre o mato, sem ligar para isso.

Sua mão grande e dedos calejados ainda que ele fosse um homem jovem, agarraram a carne da minha coxa, consequentemente subindo por minha bunda e eu rebolei sobre seu colo.

Benjamin comprimiu os olhos e trincou os dentes.

Ele ergueu o tronco, se apoiando com a mão, procurando espaço entre o meu decote, à medida que a sua outra mão ia manejando a fricção que nós dois fazíamos por cima da roupa. Eu já devia estar ensopada por dentro da calcinha.

Deus, se continuássemos daquele jeito, não haveria como voltar atrás.

Eu era virgem e o combinado entre nós dois era continuar sendo.

— Ben! — exclamei despertando, mas não pareceu surtir efeito sobre ele. — Benjamin! — chamei novamente e ele me encarou. Lábios vermelhos, olhos pequenos e a respiração como um verdadeiro furacão. Ele fechou os olhos, fechando os lábios em formato de “o” puxando o ar, se concentrando para acalmar sua cabeça e coração.

— Me desculpa, amor... eu passei do permitido, não foi? — Ainda sobre seu colo, eu o abracei pelo pescoço, tão ofegante quanto ele.

— *Nós passamos.* — Consertei sua frase.

— É, acho que sim. — Riu. — Cada vez parece mais difícil.

— Vovô dizia que toda espera árdua vale a pena.

Acariciei seu ombro por cima da sua camisa.

Sua mão grande acariciou minha bochecha, orelha e queixo.

— Anastasia, eu esperaria mais mil anos apenas para poder dizer o quanto eu te amo. Não tenho dúvidas de que o dia em que finalmente *acontecer*, vai ser incrível, mas acredite: esse olhar apaixonado que você me dá toda vez que estou por perto, me traz uma satisfação muito maior do que sexo poderia me trazer.

Ben botou meus fios castanhos atrás da orelha.

— Eu também te amo... — E beijei a sua testa.

Deitamos no gramado. Ele usava seus braços atrás da cabeça de travesseiro e eu usava sua barriga para apoiar a minha cabeça.

A grama era baixinha, mas se qualquer um estivesse bem o suficiente para enxergar o horizonte sem estar bêbado, poderia nos ver, mas como o mundo parecia sempre cooperar, ninguém interferiu ou ninguém passou pelo pátio depois que Helen Fitzgerald e seus amigos saíram e foram embora.

A noite era realmente nossa.

— Ben? — Chamei a sua atenção. — Se meu avô se for, talvez eu tenha que me mudar para tentar conseguir um emprego ou algo do tipo e...

— O quê? — questionou, levemente curioso, enquanto se sentava, reposicionando minha cabeça em suas coxas.

— É... é que o vovô William já está bem debilitado e eu, às vezes, penso que talvez ele realmente tenha chances de partir daqui a algum tempo, entende?! E como você sabe...

— Ana, em breve eu vou assumir metade das coisas de Jhonatan e, quando isso acontecer, vou casar com você! Tudo que é meu será seu. Você não está sozinha. — Senti seus dedos entre meus cabelos.

Eu gostava daquele carinho, dos seus toques e de ouvir Benjamin respirar entre suas falas.

Eu era apaixonada em seu corpo, em seu sorriso e em sua voz, mas também era nos pequenos detalhes, como a mania que ele tinha de colocar parte do cabelo curto atrás da sua orelha, ou nas vezes em que ele estalava a língua no céu da boca quando estava certo, a careta que ele fazia para cortar as unhas das mãos no lugar certo.

Eu amava Benjamin nos erros e principalmente nos acertos.

— Eu não quero o que é seu. Só quero estar do seu lado, sem ter que me esconder, sem ter que parecer que eu sou só a amiga pobre e bolsista de Benjamin Kingsman. Se seu pai não gosta de mim agora, imagine só quando você tiver tudo o que é dele? Vai me chamar de usurpadora.

Jhonatan Kingsman me odiava e eu não descobri isso porque ouvi saindo de sua boca, mas porque eu vi as palavras de ódio e repreensão em seu olhar, a cada vez que me via com o seu filho mais velho. Para ele, eu era uma espécie de parasita, prestes a drenar a melhor flor de seu jardim, seu *precioso* filho mais velho.

Se eu tivesse um filho, obviamente só desejaría o melhor para ele: melhores amizades, os melhores amores e, principalmente, a melhor esposa. Mas a classificação do que é bom ou ruim é só uma perspectiva própria e a do homem que deveria ser meu sogro era a pior possível.

Eu amava o seu filho e estava disposta a fazê-lo feliz tanto quanto ele já me fazia.

— Eu não posso pedir que me espere, mas eu prometo que se esperar, vou fazer com que você acorde em cada manhã tendo certeza que eu fui sua melhor escolha.

— Você já é — soprei sorrindo.

Ben beijou a ponta do meu nariz, mexendo ainda no meu cabelo, me dando uma dose extra de sono.

— Eu queria que ele fosse um pai melhor — disse, encarando as estrelas, seus olhos brilhavam.

— Eu também queria que ele fosse.

Senti seus dedos roçarem na minha orelha.

— Quero ser um bom pai no futuro, quero quebrar esse ciclo. — Seus olhos brilharam. Benjamin não conseguia me contar o que de fato acontecia na sua casa, mas as pessoas da cidade diziam que Jhonatan Kingsman agredia a esposa e os filhos. Eu não duvidaria, mas Ben negava não importava quantas vezes eu lhe perguntasse, mas mesmo que suas palavras não falassem muito, seus olhos mostravam que havia muito mais do que ele dizia não ter.

— Você vai ser um pai incrível, eu tenho certeza. — Estiquei minhas mãos, alcançando a lateral de seus cabelos. — Eu quero que nosso filho tenha seu queixo e seus olhos.

— Eu vou amá-lo da forma que ele vier. — Sua boca encostou na minha, em um beijo curto, macio, mas sem a intenção de dar chance a

qualquer descontrole que, antes, foi provado estar à espreita dentro de nós.

— Já pensou em um nome?

— Acho que você poderia escolher.

— Sou péssima com nomes.

Rio.

— Eu acho *Ethan* muito bonito — concluiu ele.

## **CAPÍTULO 8 | PRESENTE**

### **Benjamin Kingsman**

*Uma semana depois...*

Eu queria acordar e perceber que tudo não havia passado de um pesadelo ruim, daqueles que você acorda suado e precisa de um copo da água para molhar a boca, mas eu sabia que não importava quantos dias eu acordasse, quantos copos de água eu bebesse, Anastasia ainda seria casada com Bruce, eles seriam meus vizinhos e essa seria a lição da vida me mostrando o tamanho da merda que eu fiz no passado.

Ossos do ofício de ser um imbecil, não é assim que as pessoas falam?

Eu não precisava de ninguém me julgando, porque esse feitio eu conseguia realizar com uma maestria divina.

Nunca senti a cabeça tão pesada ao acordar, o banho nunca foi tão incômodo. Eu queria tirar as coisas da minha mente que não sairiam mais, então eu soube que não precisava tirá-las dali, mas sim me acostumar com elas.

Seria mais doloroso, porém preciso.

Eu não encontrei Bruce por aí e eu nunca fui tão grato por isso.

Minha mãe sempre dizia que, para uma ferida cicatrizar, era necessário não mexer nela e era isso que eu estava tentando fazer depois de a abrir na base do ódio e da dor.

Talvez uma volta com Katrina me fizesse esfriar a cabeça, depois, claro, de cumprir com as minhas responsabilidades.

Entrei na sala de reuniões do hotel, sentindo o golpe do ar gelado do ar-condicionado.

— Sr. Kingsman, como vai? — Joe Lenniester era um dos corretores mais conhecidos de Dallas. Responsáveis pelos imóveis mais caros. Quando alguém queria comprar um dos seus itens, era necessário entrar em uma fila quilométrica e uma agenda tão apertada que era preciso marcar com uma antecedência ridícula, mas para Nicholas ou para mim, bastava assobiar que Joe Lenniester estaria sentado à minha frente.

— Bom dia! Vou ficar melhor depois da nossa reunião. — Ri e ele me acompanhou. Afinal, quem ficaria triste depois de sentar em uma mesa sabendo que iria vender alguns imóveis que valiam milhões? Não sei Joe, mas eu não.

— Bom, falei com seu irmão. Infelizmente ele não vai poder comparecer, certo?

— Nicholas é um homem de vida corrida, então essa parte de assinaturas fica comigo. — Puxei alguns papéis sobre a mesa. O pagamento já foi concluído, o que restava para autenticar a compra dos terrenos era apenas minha assinatura.

Dei algumas rubricas rápidas depois de ler os pequenos textos na folha lisa.

— Vai cair uma tempestade lá fora.

Ergui apenas os olhos para Joe do outro lado da mesa.

— É normal nessa época do ano. Quando tende a ficar quente demais, a chuva intensa vem logo depois.

Estiquei os papéis em sua direção, ele os pegou em mãos.

— Você me parece conhecer bastante esse lugar.

— Na palma da mão. Eu nasci nessas terras, fui criado nelas, mas te garanto que elas me conhecem muito mais do que eu as conheço. — Sorri. Talvez ele não entendesse, mas o chão, a chuva, as plantações, tudo me trazia o frescor da liberdade da infância, quando eu achava que era preso por Jhonatan, mas nos dias atuais era ainda mais acorrentado pelas lembranças.

— Bruce Benett era seu amigo de infância, se não estou errado. Ele comprou o loteamento da antiga fazenda do seu pai.

Claro. Apenas Joe poderia ter vendido, eu perdi as contas de quantas vezes ele me procurou querendo comprar a fazenda, não para ele, mas para terceiros interessados e a resposta era sempre a mesma: *não*.

E quando não conseguiu comprar através de mim, Elizabeth foi a sua saída, conseguindo materializar tudo o que ele queria a muito tempo, tendo em seu histórico o homem que intermediara a venda da fazenda do grande Jhonatan Kingsman.

Pisquei os olhos algumas vezes.

— Ah, é mesmo. — Engoli a seco. — É, meu amigo apenas na infância. Depois seguimos nossas vidas.

— Sua esposa é uma boa pessoa, mas eles parecem... se desentender com facilidade. — E de uma conversa que estava prestes a ser cortada pela minha falta de interesse, se tornou algo que acendeu uma fagulha na minha cabeça.

— Como assim?

— No dia em que Bruce veio ver a fazenda, sua esposa parecia não querer que ele fizesse a compra, mas isso não pareceu surtir efeito nele.

— Pelo visto ele não perdeu a teimosia.

Então quer dizer que Anastasia não queria vir?

Por qual motivo?

Se ela mesmo dizia que já passou por cima de tudo, por cima do passado, por cima do que ela já sentiu um ainda por mim. Será que dentro de Anastasia Bennett ainda habitava a velha e adorável Anastasia Snow?

— Bom, acho que é isso, Jhon.

Meu coração bateu um pouco mais acelerado.

— O quê?

Ele tossiu um pouco, botando a mão sobre a testa.

— Me desculpa, eu troquei os nomes. Benjamin. É Benjamin.

Ele se levantou e tudo que eu consegui fazer foi acenar a cabeça, vendo-o sair de dentro da sala.

(...)

Montei sob Katrina que já estava fora do estábulo e o vento bateu forte contra nós, quando passamos pelo cercado. Como todas as vezes, ela arrancou veloz pelo campo, trotando selvagemente e balançando a sua crina no ar.

Cerrei os olhos para conseguir acompanhar a vista do hotel de longe. O animal alcançou a estrada de terra. No céu, os trovões e relâmpagos que se acendiam entre as nuvens eram uma pequena premonição que estava por vir. O céu ficava cada vez mais escuro e, com sorte, a colheita das plantações já havia sido feita há dois dias, porque a chuva que viria, acabaria com a terra.

Katrina pegou a estrada para fora, mas antes mesmo de sair dela, um carro surgiu atrás de nós, rumo ao centro da cidade de Dallas.

Uma picape vermelha, que chamaria atenção em qualquer lugar, mas depois que vi de quem era, tive a certeza que combinava muito com o dono.

Ele nos alcançou depois de alguns segundos e eu fui parando Katrina à medida que ele ia reduzindo velocidade junto a mim.

— Benjamin! — exclamou eufórico, apoiando seu braço na janela do carro.

Abaixou os óculos e me olhou de baixo para cima. Mesmo com um carro 4x4 a égua abaixo de mim me deixava muito mais alto que ele.

Tentei vestir o meu melhor sorriso.

— Parece que você estava certo sobre nós encontrarmos — falei, alisando a crina abaixo de minha mão. Ela estava energética demais. Talvez se recordasse de Bruce e soubesse que ele não foi um amigo tão bom como eu gostaria.

— O mundo é pequeno, Ben!

Havia algo a mais no ar.

Mas não era da minha parte.

— Verdade! — Ele mordeu a boca, abaixou os óculos olhando para a frente. — Não te vi ir embora naquele dia.

— Para o meu dia começar cedo no dia seguinte, eu preciso dormir cedo no dia anterior — menti.

— Entendo. É uma pena. — Tinha algo preso na sua garganta, talvez.

Eu não queria estar ali.

— Preciso voltar, tem uma tempestade vindo. — Acariciei a pelagem de Katrina. — Vejo você outra...

— Benjamin, posso te fazer uma pergunta? — Ele me atropelou enquanto eu falava.

Sorrio sem graça.

Katrina errou ao nos levar até a estrada, não deveríamos estar ali.

— Claro.

Ele tirou completamente os óculos, botando no banco ao lado, passou os dedos pelas maçãs do rosto.

— Você se envolvia com Anastasia quando mais jovem? — perguntou e eu apertei com força a pelagem do animal e ela sentiu dando alguns passos bagunçados pela estrada, levantando um pouco de poeira.

— Anastasia foi minha amiga. Me lembro de ter dito isso a você em algum momento. — Fui direto, sem gaguejar, com talvez a maior certeza que eu tive na vida. Nunca levei muito jeito para mentira, mas aquela ali, eu passei tanta confiança que, por pouco, eu também acreditei. — Qual a motivação da pergunta?

— Porque Ethan se parece com você. — Sua frase me deixou sem ar.

Como ele poderia simplesmente dizer que o filho parecia comigo?

Ele estava jogando no ar para tentar pegar alguma informação?

— E por que seu filho se pareceria comigo?

Ele deu uma pequena risada.

— Anastasia não te disse?

Senti o sangue deixar meu rosto, deixando-o gelado como um cadáver.

Meu corpo começou a soar e algo se agitou em meu estômago.

— O quê?

— Achei que por ter sido um amigo dela você soubesse. — Ele respirou profundamente. — Ethan não é meu filho. Eu só registrei o menino. Quando nos casamos ela já estava grávida. — Eu senti como se estivesse suspenso no ar. Bruce gargalhou. — Por um minuto eu achei que você conhecia a identidade do pai biológico de Ethan.

*Não, não, não.*

Anastasia havia mentido e as contas não eram muito difíceis de fazer. Se ela porventura tivesse engravidado de outro homem, teria falado que o filho não era de Bruce e nem meu, mas preferiu mentir.

A semelhança entre nós dois.

*O nome dele.*

Ele era meu filho.

Só podia ser.

Pelas contas, ele deveria ter oito anos.

Ethan era o meu filho.

Anastasia mentiu e só escolheu dar a ele aquele nome porque era meu filho.

Essa era a única lógica.

— Não, ela também não me disse. — Meu olhar estava perdido. Bruce vestiu seus óculos mais uma vez.

— Entendi — murmurou. Botou as duas mãos no volante, alisando o couro escuro. — É, acho que vou indo.

Eu ainda estava atônito.

— É, eu também acho que vou!

— Nós vemos no seu... *torneio*. — Maldito Joe Lennister fofoqueiro.

E saiu de carro.

Ele levantou poeira e caminhou em uma velocidade ridícula.

Acreditei que talvez Katrina pudesse estar errada, mas depois daquela informação, depois daquele acontecimento com Bruce, não havia dúvidas de que ela sabia exatamente para onde me levar.

Ela nunca estava errada.

Ela sempre tinha razão.

Eu precisava confrontar Anastasia.

Eu precisava olhar dentro dos seus olhos enquanto ela mentia para si mesma e para mim também.

Eu precisava confirmar se Ethan realmente era meu.

Errei no passado, mas ela errou tanto quanto eu quando sumiu com meu filho.

Puxei as rédeas de Katrina enquanto os rugidos e trovoadas no céu ficavam cada vez mais intensos, cada vez mais violentos, incitando um acerto de contas entre Anastasia e eu que já deveria ter acontecido a muito tempo.

Respirei fundo correndo a cavalo em direção a velha fazenda Kingsman.

Se ela queria me fazer de palhaço, eu mostraria a ela que eu, Benjamin Kingsman, sou o dono do circo.





## **CAPÍTULO 9 | PASSADO**

**Benjamin Kingsman, 19 anos**

— Você está com uma péssima cara. — Bruce jogou a segunda pedrinha no lago, vendo-a dar pequenos saltos sobre a superfície, correndo pela água até finalmente poder afundar.

— Eu não vejo a hora de poder ter a minha vida — eu disse ainda estressado. Jhonatan tem uma mania ridícula de me comparar com a maioria dos filhos dos seus sócios, principalmente o Bruce.

E se tinha algo que me tirava do sério, era exatamente isso.

A comparação insistente e desnecessária.

— Achei que você já tivesse.

— Eu digo a minha vida sem intromissão de Jhonatan. — Me deixei cair para trás, embaixo de uma das árvores na beira do lago, debaixo da sombra.

— Seu pai vai te dar tudo depois que você se casar com Helen, Benjamin. O que há de ruim nisso? — Ele riu como se fosse uma brincadeira idiota. Sacudi a cabeça em uma infelicidade imensa tomando meu peito.

— Fale baixo. — Seu pai o havia contado. Tudo porque Jhonatan me usava de prêmio para os amigos. Tudo porque para Jhonatan filhos não eram parte de uma família, mas sim um investimento a longo prazo. Era a certeza que os negócios continuarão mesmo após sua morte no futuro. — Meu pai vive me comparando aos outros.

— Ah, todo pai faz isso! Meu pai também fazia.

— E o que você fez para que ele parasse?

Bruce coçou seus cabelos longos.

— Eu me tornei o filho que ele queria que eu fosse, Benjamin.

Aí estava todo o problema, pois, para ser o filho que Jhonatan queria, eu precisaria anular todos os meus planos, eu precisaria anular todos os meus sonhos, eu precisaria anular todas as minhas vontades e, principalmente, todas as promessas que fiz para a mulher que eu amava.

Era um passo tão grande, quanto ser puxado pelas duas direções e aquilo, uma hora, me partiria no meio e partiria a minha cabeça e coração.

Não há saúde psicológica que resista a uma gama de escolhas como essa.

Esfreguei os cabelos e, ao olhar para a direita, em direção ao portão de entrada da fazenda, estava ela.

— Ela é linda, não é mesmo?! — Encarei Bruce e, certamente, um fio de saliva não escorreu por sua boca, porque ela estava fechada, mas seus olhos brilhavam mesmo na sombra.

— É, ela é. — Confirmei incomodado com tanta idolatria.

Bruce me encarou de volta.

— Você *come* ela?

Arregalei levemente os olhos.

— Anastasia não é esse tipo de mulher. — Não acho que ele tenha notado a raiva na minha voz. Bruce estava preocupado em olhar para as pernas de Anastasia debaixo da saia rosa que não chegava em seu joelho, a barriga lisa e o quadril largo à mostra na blusa justa e seus cabelos longos que voavam com o vento da tarde.

— Fica calmo! — brincou.

— Ela é minha amiga — esclareci.

Ana se aproximou e Bruce se levantou prestes a partir.

— Nos vemos depois. — Ele acenou para ela e andou adiante. Montou no seu cavalo pronto para voltar para a fazenda de seu pai.

Levantou uma enorme poeira e deixou o portão aberto. Jhonatan detestava quando eu fazia aquilo, fui lá e o fechei.

Não havia ninguém em casa.

Ela tinha a mochila nas costas e seu semblante vestia muita seriedade para quem ficou quase dois dias sem me ver. Tentei buscar sua mão, mas ela se desvencilhou.

Algo não estava certo.

— Está tudo bem?

Sua mão fez uma sombra sobre seus olhos, para que ela enfim pudesse me encarar no sol.

— Precisamos conversar.

— Claro, vem! — eu disse. Fui andando para o celeiro, onde normalmente costumávamos dormíamos escondidos. Entramos e eu encostei a porta de madeira. Mesmo andando na sua frente, eu conseguia sentir o seu cheiro doce. Ela passou, puxando as alças da mochila em suas costas, havia acabado de sair da faculdade. Me aproximei, segurando sua mão, ansioso para um beijo sequer, mas sua mão direita espalmou contra meu peito, me empurrando, me afastando. — O que houve?

— Eu não quero mais!

Pisquei duas ou três vezes, não contei depois da primeira. Ela deu alguns passos para trás e eu rezei para ter entendido errado.

— O que você não quer mais? — questionei, nervoso por dentro, não em um sinônimo de raiva, mas de preocupação, justamente porque Ana foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida nos últimos anos.

— Nós dois. — Ela sequer me olhava.

— O que aconteceu? Por que está dizendo isso?

— Por que estou dizendo isso, Benjamin? — Ela riu, tristonha, alisando a fita das alças da sua mochila em um movimento repetitivo, ela estava tão nervosa quanto eu. — Nós dois somos de famílias diferentes. Eu sei que quer ficar comigo, mas eu também sei que ama sua mãe e seus irmãos. Eu nunca pediria para que você os abandonasse para poder ficar comigo.

— Eu pedi que você esperasse, Ana. Eu disse que nunca ia deixar você sozinha.

— Nós dois somos de mundos diferentes, Benjamin. Mesmo que fiquemos juntos, seu pai nunca vai nos deixar em paz. Ele vai usar sua mãe, seus irmãos e será mais doloroso se separar lá na frente do que agora.

Anastasia não estava errada. Estava certa em cada letra, não na parte de querer terminar tudo o que tínhamos, mas certa sobre Jhonatan. Talvez nem mesmo quando ele morresse eu estaria livre de suas maldições.

O pequeno vislumbre da minha vida sem ela me deixava em pânico. Nunca parei para pensar em um futuro em que Anastasia estivesse fora dele ou me ver com outra mulher.

— Não, não, não fala isso. — Peguei a sua mão. Ela segurava sua mochila em apenas uma das alças agora. Puxei seu corpo junto ao meu e ela cedia segundo após segundo.

— Não dificulta, por favor — murmurou.

Nossas testas se tocaram e eu fechei meus olhos, enquanto as minhas mãos alisavam suas costas. Meu corpo arrepiado somente com o seu cheiro a mísera proximidade da nossa pele.

— Ana, por favor. — Abri os olhos, encarando o tom esverdeado marejando. — Eu não quero estar em um mundo onde você não seja minha.

— Ela permaneceu calada e o silêncio era como uma faca nas minhas

costas, certeiro no meu pulmão, afogando-me em tristeza e ansiedade. — Você não me quer mais? É isso?

— Eu não quero atrasar a sua vida. — Com um dos dedos, enxuguei suas lágrimas, aquilo acabava comigo. Vê-la daquela forma me destruía por dentro. — É isso que aqueles que amam fazem.

— Você está dizendo que está me abandonando porque me ama? Que amor é esse?

— Talvez um dia você entenda, Ben.

Estávamos encurralados em um canto de madeiras e blocos de feno. Apertei a sua cintura entre os meus dedos e ela gemeu. Pude sentir o gosto do seu hálito no meu rosto e, antes que ela pudesse raciocinar, beijei a sua boca. Urgência, força e calidez, foi exatamente assim que minha língua entrou em sua boca. Ela arfava contra a minha boca. Ergui seu corpo no ar e instantaneamente Anastasia cruzou suas pernas na minha cintura. Deixei seus lábios e ocupei minha língua em seu pescoço quando pressionei seu corpo em um baque contra a parede de madeira do celeiro.

— Eu amo você, porra! — grunhi feroz contra a carne de seu ombro nu, já que, em algum momento, as alças da sua blusa desceram pela cintura antes mesmo que eu pudesse me dar conta.

Eu conhecia seu corpo como ninguém, fui eu que apresentei as primeiras doses de prazer para Anastasia. Fui eu quem apresentei as primeiras doses de um orgasmo para quem não sabia nem mesmo beijar na boca.

Seu corpo era como uma porta onde apenas eu tinha a chave, sem chances de dividir com ninguém mais.

Suas mãos pequenas desabotoaram minha camisa, que guardava minha pele suada.

Seus seios pularam para fora quando alcancei o feixe do sutiã em suas costas brancas como leite. Era um pecado botá-la no sol com uma pele tão delicada e sensível, que no menor contato com o sol virava verdadeiramente um camarão humano.

Um dos meus dedos alcançou a borda da sua calcinha ao mesmo tempo que a minha boca encontrou a auréola do seu peito cheio e redondo. Ela se envergou em minha boca, rebolando em meus dedos à medida em que ele acariciava o ponto de carne sensível entre as bandas de carne da sua boceta.

Tão molhada, tão sensível, tão receptiva e entregue.

Ela se desfez em minha mão no momento em que botei o bico dos seus seios entre os meus dentes e mordi.

Beijei a sua boca com raiva.

Ela não podia me deixar.

Eu não podia correr o risco de perder Anastasia.

Eu não podia correr o risco de que outro homem a fizesse tão feliz que ele entendesse que talvez nós dois tenhamos sido um erro desde o início. E eu? Assistiria de camarote a mulher que deveria ser realizada comigo, se sentindo completa nos braços de outro.

Eu me deixei cair sobre o feno com ela sobre o meu colo.

Meu pau vibrava dentro da calça e eu fechava os olhos, tentando controlar todo o misto de tristeza, tesão, raiva e desejo dentro de mim.

Ela me encarou, com os dedos no botão da minha calça. Abrindo lentamente. Desgraçada sensual que, ainda que inocente, sabia vestir a cara de diaba quando queria.

— Não temos camisinha aqui — expliquei, sentindo o coração bater bem na garganta.

— Não goze dentro.

Aquilo era irresponsável.

Mas uma proposta irresistível também.

Sua saia estava na metade da cintura, expondo a calcinha vermelha presa entre a carne de sua coxa e a banda do seu lábio maior, expondo a carne do seu clitóris melada, a boceta rosada que, visto pela vontade de expor meu pau para fora, ainda devia estar quente de saudade de mim.

Enfiei a mão por baixo da saia, segurando o seu quadril com força, ajudando Anastasia a me por todo para fora da cueca.

Ela se debruçou para frente, alcançando minha boca.

Eu nunca fui nenhum galinha.

Eu nunca fui um homem safado.

Dei a ela a minha virgindade e ela me dado a sua, mas ainda que a minha experiência fosse crua, ensinei e guiei Anastasia no pouco que eu sabia e, juntos, aprendemos a satisfazer um ao outro.

Senti a sua língua quente, procurar pela minha, chupando-a, lambendo meus lábios, mas perdendo o raciocínio ao sentir a cabeça de meu pau deslizar com delicadeza por seu clitóris, em uma massagem erótica que tirou qualquer palavra que a sua cabeça ameaçasse mandar para sua boca.

Ela procurou o vão entre o meu pescoço e ombro. Mordeu ali tão forte que eu não me surpreenderia se ficasse roxo. Esse era o ponto para mim: eu adorava quando Anastasia, que tão doce era, usava sua brutalidade, mostrando que até ela, a mais inocente das mulheres, pudesse ser perigosa, mesmo quando estivesse sendo fodida gostoso.

Meu pau escorregou até a entrada, deslizando até o final, quando sua bunda encostou em minhas bolas. Eu estava inteiro dentro dela. Ana lambeu meu ombro, peito, pescoço até que a minha mão agarrasse a sua nuca com força e ela fechasse os olhos sentindo o aperto nos seus cabelos e eu

sentisse o aperto da sua boceta ao redor do meu pau, em espasmos fortes que ainda não eram orgasmos, mas sim a falta de controle.

Com o cotovelo sobre o bloco de feno, ergui um pouco o corpo, vendo cada centímetro do meu pau sair de dentro dela, roçando no pano da calcinha bem ao lado da sua boceta e depois entrar novamente com uma presa gostosa contra meus testículos.

Tão apertada quanto na primeira vez em que eu a tive, tão molhada que eu me sentia deslizar com facilidade, seguido da pressão de ter o meu pau até a base, esmagado pelo interior quente de Anastasia.

Não sei o que ela tinha.

Não sei se todos os homens sentiam isso com outras mulheres.

Mas eu só sabia que não queria sentir aquilo com nenhuma outra.

— Ana, *merda*... — murmurei, sentindo-a me morder com a boceta cada vez que ela erguia o quadril e me engolia por inteiro. — Controle a sua boceta — pedi com a mão ainda agarrando sua nuca.

Suas mãos espalmaram sob meu peito suado, onde ela erguia a bunda para o alto e quase me surrava em uma cavalgada brutal e forte, do jeito que eu gosto, do jeito que me faria esporrar em breve se ela não desacelerasse.

— Ben... Eu...

— Não, ainda não! — murmurei, puxando uma das suas pernas, rodando Anastasia em meu colo, de modo que ela ficasse de lado, em minha frente, e eu ainda dentro dela. — Barriga no feno.

Estávamos completamente sujos.

Ela ficou de barriga no feno e eu me enfiei no meio das suas pernas, com a calça até a metade do quadril em um calor que parecia irreal. Terminei de tirar a roupa e ficar nu, então agarrei o pano da saia na sua

cintura, junto com o tecido da calcinha e me enfiei dentro dela de uma vez só, fodendo sua boceta tão aconchegante e viciante.

Ela subiu o bumbum o mais alto que pode, erguendo o quadril do chão, ainda sem ficar de joelho. Ela tentava encostar em mim, mas meu pé prendeu a sua mão no feno, pisando por cima dela. Quase em frente do punhado de palha, havia um cercado de madeira. Anastasia segurou lá com a outra mão. Eu segurei também sem soltar o tecido da sua saia para dar mais força e precisão, enquanto eu me enfiava dentro dela, cada centímetro, em uma vontade e tesão que mais um pouco eu enfiaria as bolas também, mas eu as sentia atingir a carne de seu clitóris a medida que eu entrava e saia.

Ela gritava e eu nunca agradeci tanto que minha mãe, irmãos e Jhonatan não estivessem em casa.

— Isso é para que aprenda, que nenhum homem vai ser capaz de foder você da maneira que eu faço.

Anastasia tentou revirou os olhos, com a boca entreaberta, auxiliando-me enquanto empurrava o quadril contra meu pau a medida que eu avançava contra ela, em uma verdadeira cena de sexo cru, onde eu queria fazê-la atingir o nirvana que talvez eu nunca a tenha feito alcançar.

Segurei contra a madeira e, quando eu sentia as bolas doerem de tentar segurar o prazer, Ana me apertou em espasmos violentos fracionados em segundos duradouros, de um ápice tão intenso que ela apertou os olhos e a mão na madeira que se apoiava. Fechei os olhos com força, apertei os dentes, fiz uma força tremenda para sair de dentro dela, mas como um que sugava todas as minhas vontades, continuei até sentir os jatos quentes de porra a inundarem por dentro, sem que eu parasse de entrar e sair com força, prolongando o orgasmo e a sensibilidade.

Caí sobre o seu corpo, abraçando-a pela cintura, respirando fundo, tentando recuperar todo o oxigênio que eu havia perdido.

Saí de Anastasia. Ela não disse nada, mas quando sentou e se levantou eu notei as lágrimas descendo em silêncio por seu rosto.

Eu não podia acreditar.

Mesmo depois de tudo.

Não era sobre o sexo. Era sobre a ligação que tínhamos, sobre o laço que antes de ser amor carnal, era um amor fraterno.

Ajeitou sua roupa, calçou seu tênis, buscou sua mochila e em câmera lenta, eu não a vi nem mesmo olhar para trás.

— Anastasia! — gritei assustado. Ela não seria tão fria naquele ponto.

— Volta aqui! — Correndo, procurei apenas a minha calça. Subi o zíper e abotoei, correndo atrás dela que já estava quase alcançando os portões. — Você está se fazendo de surda?

— Eu já disse que acabou! Não insista! — gritou. — Nós temos um problema e eu trouxe a solução.

— Que problema?

Ana enxugou os olhos.

— O nosso relacionamento. Na verdade, eu sou o problema. — Puxou a mochila, alinhando-a. — Na verdade, eu sou um problema para todo mundo, Ben. Fui um problema para o meu pai, quando ele deixou minha mãe grávida, fui um problema para a minha mãe, para o meu avô, mas não vou ser um para você. Eu prometo.

Um grande dilema eu tinha.

Eu queria ficar com Anastasia, mas precisava ignorar toda a minha família.

E, para evitar que Jhonatan agredisse Elizabeth, eu precisava esquecer Anastasia e ser o bom filho que ele queria que eu fosse.





# **CAPÍTULO 10**

## **Benjamin Kingsman**

O vento forte soprava pelas árvores, envergando seus galhos e arrastando um mar de folhas pelo ar e mesmo que os anos tivessem se passado, o chão de terra batida do terreno da velha fazenda Kingsman continuava seco. As árvores estavam maiores que antes e eu não duvido que trouxesse maior sombra em dias de verão.

Abri o portão do cercado e entrei com Katrina sem me importar de estar invadindo uma propriedade particular que já não me pertencia mais.

De volta para o passado.

Desci da cela do animal, deixando-o pastar do lado de fora da plantação que, agora, era de Bruce.

Na porta do antigo celeiro, Ethan estava sentado na sombra ao lado de um cavalo que descansava na grama. Suas mãos pequenas alisavam sua crina e ele falava algo para o animal, como se ele entendesse.

Ele só poderia ser meu filho.

Ele fazia com o cavalo da mesma forma que eu fazia com Katrina.

*Eles estavam conversando.*

— Espero não estar atrapalhando — eu disse cauteloso ao me aproximar. Ele virou seu rosto, de cabelos loiros, sobrancelhas grossas e bochechas rosadas como quando Anastasia ficava ao sol.

— Oi, Sr. Kingsman! Eu não vi você chegar! — Tão educado.

Foi inevitável não sorrir.

— Por favor, me chame de Ben.

Ele se envergonhou.

Deus, eu perdi boa parte da sua vida.

Suas primeiras palavras, seus primeiros passos, os dentes que caíram, as roupinhas que ele perdeu, o primeiro olhar, o primeiro sorriso e o primeiro choro. Eu perdi tudo.

A similaridade entre mim e Ethan era ridícula.

— Tudo bem, Ben. — Ele experimentou. — Meu pai não está em casa!

— Eu sei que não. Encontrei com ele quando estava vindo para cá. Ele abraçou o pescoço do animal.

— Você gosta de cavalos? — Era notório.

— Gosto. Esse é o Relâmpago. É o cavalo do meu pai, mas ele fica sozinho, então eu faço companhia a ele quando não estou na escola. — Fez gestos com as mãos.

— Claro. Eu tenho alguns animais na minha fazenda, talvez você possa me visitar por esses dias, eu vou adorar ter você lá. — Apontei para a minha égua correndo pelo pasto. — Aquela é Katrina. Eu também a tenho desde pequeno. — Ele abriu um enorme sorriso de covinhas rasas na bochecha. — Ela nunca deixou que montassem nela, apenas eu. É uma égua selvagem. — Ethan parecia hipnotizado. — Você sabe montar?

A criança abaixou o queijo tristonha.

— Minha mãe e meu pai não deixam.

— Quantos anos tem, Ethan?

Ouvi o som da porta se abrindo.

— Tenho oito anos, tio Ben. — Ele era meu.

O meu filho.

Meu sangue.

O meu menino.

Ethan era o meu filho que Anastasia alegou ter pedido.

Os passos na poeira foram tão audíveis quanto os primeiros pingos de chuva que caíram em nós.

A minha vida inteira passou diante dos meus olhos. Cada vez que eu piscava eu podia ver nas minhas memórias as vezes que eu disse que faria diferente de Jhonatan, que seria um bom pai e quebraria um ciclo.

E adivinha onde estava a chance? Bem na minha frente, esperando para ser alcançada.

— Entre, agora! — Anastasia surgiu na minha frente, agarrando o menino, levando-o até as escadas que davam para a varanda da porta de entrada da sua casa. A chuva começou a cair grossa, se intensificando. — Você não devia estar aqui, Benjamin. — Eu estava travado como um imbecil, perdido em uma mentira que acreditei por dias. Anastasia fugiu de mim e deu a guarda do meu filho a outro homem. Perdi o meu filho sem ter a chance de contestar. — Vá embora.

Ela saiu andando na chuva, entrou dentro de casa e bateu a porta.

Eu a deixei ir embora da última vez por achar que ela tinha razão.

Eu a deixei ir embora, porque ela jurou que Ethan não me pertencia.

Mas sim, ele era o meu filho e não seria ela que depois de todo esse tempo me separaria dele.

Olhei para o céu. A água caía nos meus olhos abundantemente, sobre a minha roupa, lavando não só a minha pele, mas aquele sentimento de impotência, porque diferente do passado, eu podia fazer algo agora e ninguém me impediria.

A raiva por ter sido enganado me invadiu com um tiro. Subi os degraus da escada que por muitas vezes quando mais jovem eu me sentava para chorar. Tentei abrir a porta que ela acabou de passar.

Fui até a janela da frente e lá estava ela, em pé, ensopada de água me encarando.

— Abra essa porta agora, Anastasia. — Eu não estava raciocinando muito.

— Não vou abrir. Vá embora. Eu disse para ficar longe da minha família. — Ela pegou o filho que olhava tudo junto com algumas empregadas da casa. — Ethan, meu bem, sobe! — pediu Ana e *nossa* filha subiu.

— Se você não abrir essa merda, eu vou botar essa porta abaixo, daí você vai ter que explicar para o seu marido o motivo dela ter sido arrombada.

— Você não tem motivos para entrar aqui dentro.

Gargalhei, encarando-a pela janela.

— Ah, não? Deixe me ver... acho que você ter mentido sobre Ethan não ser meu filho já é motivo o suficiente. — Minha paciência já estava sendo se esgotando. — Eu não vou pedir de novo.

Ela se aproximou da porta e a abriu, não porque pedi, mas porque tinha medo do que eu poderia fazer. Não contra sua integridade, mas com a família falsa que ela montou.

Entrei na casa, deixando um rastro de água no chão.

— Eu já disse que Bruce é o pai de Ethan. — Por que ela insistia na própria mentira? O que ganharia com aquela maldita falsa afirmação?

Olhei para o lado e três empregadas me encaravam com medo.

— Mande-as embora daqui ou vão saber quem realmente você é.

Ana abaixou o olhar no chão, receosa.

— Podem ir, por favor.

— Mas, Sra Bennett, ele pode... — Uma delas tentou contestar, mas Anastasia continuou.

— Eu disse para irem, *agora*. — Especificou com um olhar duro para mim. Quando as três saíram eu dei um passo para a frente e ela recuou

outro para trás. — Que merda você quer aqui?

— Ethan.

— Eu já disse que ele é filho legítimo de Bruce.

Dei uma risada forçada, quase anasalada.

— Claro, com certeza. Então vamos explicar para Bruce sobre o filho que era meu e você diz ter perdido. Acho que ele pode ajudar nós dois com essa contagem, daí saberemos se ele é ou não o meu filho. — Só havia pânico em seu olhar, aquela fagulha de um pesadelo que ela provavelmente havia maquinado várias e várias vezes em seu inconsciente, um episódio irremediável que ela sempre tentou precaver para que não acontecesse. Mas o que esperar se ela se mudou para o lado do hotel, tornando-se minha vizinha? Que eu fosse um imbecil e não descobrisse? — Você *mentiu e sabe que mentiu*. — Ela sabia exatamente do que eu falava.

Ela abriu um sorriso cinza no rosto que gritava ironia e indignação.

— Você me abandonou grávida, disse que não podia ser pai naquele momento. Você ia casar com outra mulher, Benjamin. Você já não fez estrago o suficiente? O que mais você quer? — falou, dando passos para trás e encontrando apenas a parede.

— Eu te abandonei grávida? Anastasia, você *fugiu*. — Ainda me recordo o desespero que senti quando a procurei em cada canto da cidade e não tinha sequer vestígios dela e do seu avô. — Eu só ia me casar para não desamparar minha família. Eu posso ter tido uma reação negativa no momento em que você me contou, mas jamais deixaria você desamparada com o meu filho. Você *fugiu*, merda! Eu te procurei como um *louco*.

Ela me empurrou com raiva e tudo que fiz foi dar alguns passos para trás. Encarei seus olhos turvos, nublados, eufóricos.

— O que você queria que eu fizesse? Ficasse lá, vendo o homem que disse que me amava e faria de tudo por mim se casando com outra mulher?

— Esse era um dos meus erros. A reação de quando recebi a notícia de que Ethan estava a caminho. — E a sua esposa? Está aqui traindo ela como traiu a minha confiança no passado?

— Eu sou divorciado e mesmo que ainda fosse casado eu não vim aqui trair ninguém. Estou reivindicando os direitos que você roubou de mim — falei em alto e bom tom.

— Você não tem direito nenhum sobre Ethan!

Agarrei o seu braço e a levei até o sofá, depositando cuidadosamente seu corpo no sofá da sala.

— Você me roubou toda a infância dele, *porra*. Se eu sou o seu pai, ele precisa saber, assim como Bruce. Eu não vou deixar essa oportunidade passar dessa vez.

— Você não vai destruir a minha vida de novo — exclamou se levantando.

Ela ergueu o queixo e eu o peguei entre os dedos, encarando os olhos que eu costumava a amar e desejei por muito tempo reencontrar.

— Foi você quem destruiu a sua própria vida e a do Ethan quando fugiu como uma *covarde*. — Soltei, dando-lhe as costas e me aproximando da porta, com toda a raiva que me cabia. — Não vou abrir mão do meu filho. Faça como quiser para contar ao seu marido e saiba que eu não pretendo perder mais nenhum segundo da vida dele a partir de hoje.

— Você não pode fazer isso! — murmurou com os olhos marejados.

— Eu posso e vou, Anastasia. Você tem um prazo e se não contar, conto eu.

Bati a porta, deixando-a com seus pensamentos cruéis.

Fui em direção a Katrina que corria na chuva, esperando a minha volta.

## **CAPÍTULO 11 | PASSADO**

**Benjamin Kingsman, 18 anos**

Meu pai não costumava cuidar dos cavalos com tanto cuidado quanto eu ou Nick, mas ainda assim ele tinha muita experiência. Muitas vezes bastava apenas um olhar para encontrar uma doença ou uma condição que exigisse mais cuidados. Ele tinha uma mania de soltar os cavalos pelo fim da tarde e, para descobrir se eles estavam saudáveis, ele avaliava a forma deles de trotar pelo campo.

Normalmente costumava funcionar, mas depois que o primeiro cavalo faleceu por um erro, ele finalmente decidiu contratar um veterinário exclusivo para cuidar dos exames, porque além de leite e algumas outras coisas que extraímos deles, Jhonatan também vendia ou trocava os cavalos e era de suma importância que todos eles estivessem saudáveis, pois doença nos animais era sinônimo de perda de dinheiro.

— Katrina me daria muito dinheiro se deixasse que alguém a montasse! — resmungou ele, enquanto limpava a sela dos cavalos.

Eu o encarei por tempo o suficiente para que ele se sentisse incomodado, devolvendo o mesmo peso no olhar.

— Katrina é minha.

Ele revirou os olhos.

— É só um cavalo imbecil e teimoso.

— Não fale assim dela! — Arranhei a garganta, tentando não encará-lo tanto. Jhonatan não gostava de ser desafiado pelos próprios filhos. — Me desculpe!

— Olhe com fala! — resmungou, dando um tapa com a ponta dos dedos no meu ombro.

Botou um bico na boca, levantou o queixo e terminou de organizar o que fazia antes. Se distanciou para olhar de longe e ver como ficou. Pela forma que a encarou, com certeza se agradou com o que viu. Ajeitou o cinto sobre a calça, coçou os cabelos cheios e botou a mão na cintura para me encarar da cabeça aos pés.

— A neta do velho William? — perguntou pela metade.

Eu sabia do que ele falava, mas fingi desentendimento.

— O que tem ela?

— Qual o nome da rapariga?

— Anastasia.

Dobrou o nariz.

— Essa mesmo — afirmou. — Está se agarrando com essa menina por aí?

Minha garganta coçou.

— Ana é só minha amiga — respondi.

— Eu também era amigo da sua mãe. Três meses depois ela estava grávida de você!

Arregalei os olhos.

Jhon era um pouco exagerado nos exemplos, mas eu entendi o que ele quis dizer. Ele não era bobo e, embora talvez soubesse que a minha boca já tivesse cruzado o corpo de Anastasia, ele não iria intervir sem ter certeza.

— Como eu disse, somos só amigos, pai!

Ele caminhou um pouco mais adiante e sentou sobre um pequeno banco de madeira velha.

— Conto com isso — afirmou. — Fiz alguns acordos essa semana, consegui duas fazendas no norte de Dallas. Uma está abandonada, mas nada

que uns dias de trabalho duro não as deixem novinhas em folhas.

— E quanto foi?

— Nada muito caro. — Jhonatan abriu um sorriso que me deu medo, mas eu sabia que as palavras a seguir me causariam muito mais. — Seu casamento com a filha mais velha dos Fitzgerald.

Meus olhos se arregalaram e eu dei um passo em falso para trás. Tentei não mostrar o quanto aquilo me atingiu, mas acho que a falta de sangue no meu rosto deixou tudo mais evidente. Se eu tentasse controlar a respiração, morreria asfixiado, porque o muito que eu já tentava inspirar, parecia absolutamente nada.

— Helen Fitzgerald?

Jhonatan riu.

— O quê? Preferia a irmã mais nova? Deus, Benjamin, ela só tem 15 anos. Até para mim isso é... nojento.

— Eu não queria nenhuma delas — protestei. — Eu vou te ajudar com tudo, vou assumir minhas responsabilidades, mas quero casar com uma mulher que eu possa escolher.

As sobrancelhas grisalhas arquearam.

— Você vai casar com quem eu disser que você vai casar. Se eu disser que você vai casar com um homem, você casa, entendeu?

— E me divorio um ano depois.

Ele gargalhou como se eu tivesse contado uma piada hilária. Jhonatan se aproximou e a sua mão agarrou a gola da minha camisa. Pude sentir a sua respiração azeda, mesmo que ele não estivesse perto suficiente para isso.

— Às vezes eu acho que a sua mãe foi uma frouxa na hora de criar você e Nicholas, sabia? E é esse tipo de comportamento em vocês que me

faz querer descontar a raiva nela, porque quem sabe ela ainda possa tentar compensar em algo.

Pisquei os olhos. Não importa quantas vezes Jhonatan falava dessa forma da minha mãe, eu sempre me espantava. Aprendi desde pequeno que a violência era algo ruim, mas infelizmente o maior exemplo que tínhamos dentro de casa era nosso próprio pai.

— Dinheiro — eu murmurei. — É só isso que importa? Dinheiro?

— Amor não bota dinheiro na mesa, Benjamin. O quanto antes entender isso, mais sucesso em sua vida profissional você vai ter. — Ele cuspiu no chão. — Espero de verdade que esse seu pensamento não esteja sendo influenciado pela rapariga dos Snow, que você insiste em chamar de amiga. — Segurou a fivela com o dedão. — Anelise, mãe de Anastasia era a maior vagab...

— Ela está morta, não pode se defender. Talvez devêssemos ter mais respeito. — Comprimi os lábios em uma raiva crua. Eu odiava quando ele falava daquela forma.

— Que seja. Anelise não era alguém de boa fama. Acreditou no primeiro imbecil que prometeu lhe dar o mundo. Quando ela engravidou, o cara simplesmente sumiu e quando Anastasia completou seus dez anos, a tuberculose acabou com ela. Sua amiga é pobre, não tem onde cair morta, então não duvide quando eu digo que ela pode querer dar um golpe em você. — Riu. — Do jeito que você é lerdo, capaz dela montar em você como um cavalo e aparecer prenha, alegando os direitos. Você precisa de uma mulher de boa índole e de boa família.

Eu já sabia da história de Ana. Ela já me contou e, mais do que saber sobre o passado da sua família, eu sabia da sua índole. Sabia exatamente o que tinha no seu coração. O que, por sinal, não era nada do que Jhonatan cuspiu com raiva e descrença.

— A família Fitzgerald pode até ser de boa índole, mas não acredito que Helen seja tão boa moça quanto eles tenham vendido para você.

— Não importa, ela só precisa não ser má vista na cidade. O resto se dá um jeito — murmurou, se aproximando de mim. — Meninas como Anastasia, servem apenas para domar e cair fora, Ben.

O ódio subiu tão agressivamente na minha cabeça, que eu fechei os dedos na perna, cravando as unhas na carne, para, pela primeira vez, não avançar com descontrole sobre Jhon.

# **CAPÍTULO 12**

## **Anastasia Snow**

Eu normalmente não saía com documentos tão importantes dentro da bolsa quando estava acompanhada de Bruce, por um fato um tanto atípico em um casamento que eu dizia ser tão perfeito: meu marido não sabia tanto sobre a minha vida quanto eu sabia da dele.

Tínhamos um trato onde as especificações eram mudas: ele precisava de uma esposa para exibir como troféu e, em troca, Ethan teria saúde e educação no melhor nível e qualidade. Isso nunca foi falado entre nós, mas era exatamente dessa forma que funcionava para mim. Pela forma com qual Bruce fazia questão que eu me vestisse e me portasse nos lugares, eu sabia que, para ele, também funcionava.

Como em qualquer casamento, se espera que a esposa possa cumprir com suas obrigações íntimas, coisa que eu consegui retardar até Ethan completar um ano e meio, mas quando eu não tive mais para onde fugir, precisei encarar de olhos fechados, onde após as primeiras vezes tudo que eu conseguia fazer era chorar debaixo do chuveiro.

A minha intenção foi muito clara desde o início: dar ao meu filho uma estrutura familiar e ter sexo com um homem que sequer cheguei perto de estar apaixonada me remetia a sensação de estar trocando fodas por dinheiro.

Demorei para me acostumar. Com o tempo aprendi a criar desculpas, a me esquivar e ganhar tempo para não ter que aquecer a sua cama. Foram exatamente nove anos desde o momento em que Bruce viu uma

oportunidade, quando eu estava esquecida em uma fazenda velha. Ele entendeu, mesmo sem saber, que o que Benjamin descartou, lhe serviria como uma luva. Uma linda família, que mesmo que eu quisesse que fossemos felizes, estariámos longe de ser.

Foi difícil desde a morte do meu avô. Lembro com clareza da última vez que o vi. Eu tinha uma barriga de sete meses e tudo o que ele podia dizer era: *“sua piranhazinha, engravidou como sua mãe, igualzinho Anelise, devia ter vergonha, vai terminar como ela, morta de fome.”*

Bruce estava comigo, mas meu avô ignorou.

Morreu oito dias depois com falência nos rins e no fígado.

Então, fiquei oficialmente sozinha para, depois, ter Ethan como a melhor companhia da minha vida.

Casei grávida, com uma barriga tão grande, que andar apenas até o altar deixou os meus joelhos e pés inchados ao ponto de eu ter que ficar de pés para o alto o dia inteiro, na intenção de que o inchaço diminuísse.

Achei que não estava pronta, quando o peguei nos meus braços tão pequenino, mas só tive certeza quando os dias se passaram.

A maternidade dói.

E a pior dor não é a física. É aquela no peito, de se julgar incapaz desde os primeiros segundos. É achar que está fazendo errado desde que meu filho ainda respirava pelo cordão umbilical. É um julgamento interno tão pesado que se o mundo tivesse dimensão do quanto sufoca, ele nos ajudaria atirando uma faca também.

Demorei muito para entender que era apenas Ethan e eu.

Quando ele completou seus quatro anos, o prazo mínimo que o meu avô pediu para esperar que a fazenda fosse vendida, havia passado.

Retornei para a faculdade, concluí a minha graduação e apliquei todo o dinheiro que a venda da antiga fazenda dos Snow deu.

Os anos se passaram e a ansiedade só cresceu.

Em três meses o dinheiro aplicado em um fundo que me renderia uma boa quantidade de juros, estaria livre para saque ou crédito em conta e, em quatro meses eu pediria o divórcio para Bruce, ficando finalmente livre para viver a vida com Ethan que eu nunca tive a oportunidade de viver com a minha mãe.

Mas como qualquer outra coisa na vida, eu tinha pequenos obstáculos. Os antigos e os novos que surgiam pelo caminho a dentro.

Benjamin era um deles.

Voltar para a antiga fazenda de Jhonatan Kingsman era um erro tão terrível quanto ter me envolvido com o seu filho mais velho quando era mais nova. Paguei um grande preço por isso, mas não era justo que Ethan pagasse o preço pela escolha egocêntrica de Bruce de voltar para uma fazenda que, embora grande e bonita, era inferior a muitas fazendas ainda mais baratas que Joe, o corretor, nos mostrou.

Era apenas pelo maldito ego de mostrar para os Kingsman que ele era um homem grande. Ansiava que o próprio Benjamin que já fora seu amigo e Nicholas, o qual ele acreditava ser pai de Ethan, que vissem o quanto ele, Bruce, tinha tudo o que um dia fora deles: fazenda, filho, terras e, principalmente, a mim.

Com o último comportamento de Ben, tudo saiu do controle de uma forma que seria difícil manejar.

Ethan era seu filho, mas legalmente seu pai era Bruce Benett.

Não me arrependo das escolhas que fiz.

Eu tinha problemas e precisei encontrar uma solução para eles. Casar com o melhor amigo de Infância do homem que eu amei, foi, sem dúvidas, a coisa mais inteligente que eu fiz se eu olhasse para o lado do meu filho. Mas se eu olhasse para os segredos que eu tentava manter sempre reclusos a

sete chaves, saberíamos que nada estaria certo, saberíamos que a escolha ideal era só uma questão de perspectiva.

O que foi certo no passado pode ter se tornado o meu maior erro no presente.

Negar sexo a Bruce estava se tornando uma tarefa difícil. A parte fácil era pagar médicos para falsos laudos, de vaginismo, endometriose e algumas outras coisas, mas o papel na minha bolsa era minha última opção até realmente estar divorciada. O laudo de infecção urinária já vinha se estendendo por nove meses e que se eu continuasse, em breve, faria aniversário. Era minha carta da vez para me manter longe das relações matrimoniais e dava certo.

Eu não me interessava se Bruce tinha mulheres na rua, mas se realmente tinha, eu nunca descobri.

— Vocês chegaram! — Minha sogra, Darla, abriu a porta da sua casa luxuosa com um sorriso no rosto, cabelos feitos em cachos longos e uma maquiagem que a deixava, pelo menos, quinze anos mais nova.

— Desculpa o atraso, mãe! — Bruce a abraçou primeiro e, em seguida, Ethan.

— Só estávamos esperando vocês!

Darla tinha algo que eu invejava nela. Não eram as joias, a conta bancária ou o estilo de vida que levava, mas o tom de voz que ela usava para mostrar que você estava errado sem perder a classe e educação.

Uma arte que poucos dominam.

Dei-lhe um sorriso fraco.

Nós não nos dávamos bem.

Suas palavras amistosas eram só uma fachada.

Bruce dizia que nunca contou a ela sobre não ser realmente pai de Ethan, mas sei que Darla não era burra e sei também que ela me olhava dos

pés à cabeça como se fosse uma vagabunda.

Vivíamos em paz assim, pelo menos na maior parte do tempo.

Sentamos à mesa farta, onde provavelmente metade daquela comida iria para o lixo, pois a maioria servia só de enfeite.

Bruce era a cópia da sua mãe. A semelhança em personalidade era tanta, que chegava a ser bizarra.

E para Darla? Deus estava no céu e seu querido filho na terra. Ethan sentou ao meu lado e meu marido ao lado dele.

— E, então, como foi a mudança? — perguntou afoita.

Seu filho deu algumas garfadas na salada de bacalhau dentro do prato, engoliu, limpou a boca e tornou a falar.

— Fomos muito bem recepcionados. Eu tinha me esquecido como é a vida no interior. Anastasia e Ethan também gostaram muito, não é?!

Com um pouco de comida na boca, eu botei o lenço sobre a boca, querendo negar, mas confirmei.

— Sim, claro!

Darla fechou o rosto, puxando um pequeno sorriso na lateral do rosto sem mostrar seus dentes de porcelanato.

— Não fale enquanto come, Anastasia. É de uma falta de educação sem tamanho — murmurou sem me encarar. Eu me calei e ela voltou a fazer seus questionários. Não poder tomar conta da nossa vida como fazia depois do casamento a deixava enlouquecida dos nervos. — Sinto muito não ter ido ao jantar de boas-vindas que você deu. Fui fazer o registro de algumas peças de ouro que vieram do tempo de sua avó, Bruce.

— Registro?

— Passar para o meu nome alguns colares e brincos. São caríssimos e quando é assim, é mais seguro fazer um documento com a numeração dos diamantes.

*Futilidades*, Darla adorava.

— Achei que as tivessem vendido há anos.

— As deixei guardadas. — Seus olhos castanhos, então, caíram sobre mim, avaliando meu cabelo, os brincos que eu usava e os anéis em volta dos meus dedos. — Mas me diga. E seus vizinhos? Lhe receberam bem?

— Encontrei Benjamin.

Ela arqueou as sobrancelhas desenhadas.

— Filho de Jhonatan Kingsman? — perguntou ela.

— O próprio — respondeu Bruce. — É dono de um grande Hotel fazenda no interior de Dallas. — Completou com um gosto azedo na boca, mexendo com o garfo, sem a menor vontade de terminar de comer a comida que já estava evidentemente fria.

— Deus, aquele menino foi a salvação da família depois que Jhonatan faleceu daquela maneira tão... cruel. — Tomou um lenço em seus dedos, tirando o azeite das verduras dos lábios. — Ele cuidou da mãe e trabalhou duro para se certificar de que seus irmãos pudessem terminar os estudos.

Bruce estalou a língua no céu da boca.

— Foi apenas sorte.

— Não, meu amor. Sorte tem você de ter uma família como essa. — Seus olhos caíram sobre mim, avaliativos, procurando uma linha fora do lugar, um pedaço de roupa amarrrotada ou uma mecha de cabelo ressecado. — E você, Anastasia?

Tomei um gole da água.

— Eu?

— É, quando vai me dar um neto? — Tentei ganhar algum tempo, mas era difícil pensar quando todos os olhos na mesa estavam em mim.

— Você já tem um neto, Darla. Ethan. — Afaguei o ombro do meu filho que mantinha sua boca longe daquela conversa.

Ela encarou Ethan, depositando seu cotovelo sobre a mesa, amparando seu queixo nos dedos da mão. Respirou fundo, tomando o semblante sério com o toque de deboche que eu odiava e tinha vontade de esconder na toalha de mesa.

— Ethan não se parece nada com Bruce. — Não adianta o quanto Bruce tentasse negar que sua mãe acreditava que Ethan era seu filho, as palavras duras e secas contra o meu menino provaram ao contrário. — Não só em aparência, mas Ethan é lento demais, pacato demais. Quando *realmente* engravidar novamente do meu filho, se der sorte, talvez possa ter uma criança que carregue as mesmas características dos Benett.

— Acho que não estou entendendo você, sogra.

A raiva em mim era algo facilmente controlado na maioria dos problemas, mas falar de Ethan de maneira negativa era como queimar meus pés com carvão em brasa. Eu jamais me manteria quieta e acataria palavras mesquinhas como aquela.

Meu filho era uma criança. Estava se desenvolvendo, ainda não tinha completado seus oito anos. E sabe o que mais me frustrava? Bruce nunca nos defendia, porque não importa o que a sua mãe falasse, ela sempre estaria certa.

— Acho que entendeu sim, Anastasia. — Tomou o seu copo de suco em mãos, encarando a pedra de gelo que girava em um funil dentro do copo a medida que ela balançava. — Bruce casou com você há nove anos, cuidou de você e de Ethan. É justo que você cumpra com o seu papel de esposa e lhe dê filhos, não é?!

— Mãe! — Seu filho chamou a sua atenção. Era sempre assim: um pequeno momento entre nós que deveria ser pacífico, acaba se transformando em um momento de discordia.

— O que houve? Falei alguma mentira?

Fechei os olhos, com o queixo quase encostado no peito. Eu precisava calar a boca e ficar quieta.

— Você teve apenas um filho, por que eu devo dar mais de um à Bruce?

Aquele misto de ansiedade me invadiu, porque eu sabia que com a pergunta que eu fazia, talvez a resposta poderia não ser diferente da que eu não queria escutar.

— Porque talvez o que você tenha dado não seja o suficiente. — Aquilo foi como soco no meio do meu nariz. Senti a respiração arder e a falta de concentração me atingir. Eu queria agarrar o pescoço de Darla e dizer que, talvez, seus gritos de socorro não fossem o suficiente para arrancar sua garganta dos meus dedos. Mas ela estava tão longe. — E não coma tanto, vai ficar mais gorda do já é.

— Darla! — Bruce apoiou as mãos na mesa.

Ethan me encarou.

Ele tinha apenas oito anos, mas não era idiota.

Levantei, respirando mais fundo que eu podia e, com um sorriso infeliz no rosto, sem encarar minha sogra, olhei dentro do rosto do meu marido e anunciei:

— Perdi a fome. Obrigada pelo almoço, Sra. Bennett. — Apertei levemente o ombro de Ethan que entendeu tudo e se levantou, acompanhando-me. — Me espere no sofá. Vou chamar um táxi.

Fui para a varanda da cozinha tentando solicitar um táxi pelo aplicativo, mas o sinal era péssimo. Darla continuou sentada na mesa de jantar como se nada tivesse acontecido. Ela era como uma cobra sempre com fome, pronta para engolir na primeira oportunidade, mas eu nunca facilitaria e a deixaria morrer engasgada se fosse necessário.

— O que está fazendo? — Bruce surgiu pela porta e segurou meu braço quando percebeu que eu planejava ir embora sem ele.

Faltava pouco para a minha real liberdade.

Eu iria embora de tudo o que me fez mal um dia, com a premissa de poder me reconstruir à medida com que os anos passassem. Eu merecia isso, suportei tanto até aqui, o que seriam mais três ou quatro meses?

— Vou embora — respondi puxando o braço de volta.

O carro estava a cinco minutos.

— Você é louca? Se veio comigo, vai embora comigo, Anastasia.

— Você nunca nos defende. Sua mãe chamou meu filho de bastardo na minha frente e você não fez nada, Bruce. Absolutamente NADA!

Ele esfregou seu cabelo escuro, pousando os dedos na cintura. Ele estava em um jogo de xadrez difícil, pois me dar a menor das razões seria por sua mãe como errada e dar a razão para sua mãe, era me botar como errada.

Darla era a sua mãe e, se ele tivesse que escolher alguém, seria ela, mas Bruce precisava se lembrar também que a maior parte dos seus dias ele passaria comigo.

— O que você quer que eu diga?

— Que me defenda. Eu sou a sua esposa.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Às vezes parece que você é mais minha filha do que minha esposa. Não fazemos sexo há nove meses. Tem noção do que é isso? Só temos nove anos de casamento.

Abaixei a cabeça.

— Eu já disse que estou com infecção urinária.

Ele riu.

— É aí que está o problema. Você sempre tem alguma coisa.

Encarei a tela do telefone, um carro estava a caminho e ele estaria na porta de casa em cinco minutos.

— É a minha saúde, Bruce.

— Eu quero um filho.

Assim, de qualquer jeito, sem um sorriso ou um pedido.

Foi um aviso, imposição, de algo que nunca foi feito antes e eu muito menos achei que poderia ser feito a essa altura, depois de tanto tempo. O telefone caiu no chão, meus dedos tatearam pela beirada da mesa atrás de mim e eu quis furar os ouvidos para nunca mais ouvir nada que culminasse uma visão minha grávida uma outra vez.

— Nós já temos um.

Uma enorme bola estava entalada em minha garganta.

— Não, Anastasia. Nicholas Kingsman tem um filho com você. Eu não tenho um filho com você, mas vamos ter. — Ele tirou o telefone dos meus dedos. A minha mão continuou no ar, como se o celular ainda estivesse ali presente. — Você vai trocar de médico e vamos começar a tentar.

— Talvez não seja uma boa hora... — Minha voz era tão baixa que nem mesmo eu conseguia ouvir, talvez eu estivesse falando em pensamento, mas seu olhar desdenhoso era algo certeiro demais para que minhas palavras tivessem sidos internas e em vão.

— Você me deve isso.

— Eu te devo?

— Nove anos, Anastasia. Nove anos que eu faço tudo o que você quer. Te peço um filho e você me diz que não é uma boa hora. Quando vai ser uma boa hora?

— Você não faz tudo o que eu peço. Eu pedi para não irmos para aquele inferno de lugar. — O tom de minha voz subiu.

— Inferno de lugar? Aquilo é passado.

— Passado? Você não me parece ter superado o passado! Olha o que está fazendo. Por que quer um filho agora? Por que sua mãe acha que o meu filho é um bastardo?

E sabe o pior?

Eu realmente sentia como se devesse algo a ele, mas Bruce também precisava entender que eu iria embora sem pagar se fosse preciso. O pedido de um filho era um preço alto demais por algo que eu nunca pedi a ele.

— Não fale da minha mãe desse jeito. — Ele encarou o meu telefone.

— Eu tomei a decisão. Vamos ter um filho.

— Mãe? — Ethan estava em pé bem perto de nós e, então, Bruce se distanciou finalizando a conversa medíocre que eu esperava que não fosse a lugar nenhum, porque evidentemente eu teria que ser boa demais para conseguir ao menos três meses para correr desse novo problema.

Na pior das hipóteses, tomar anticoncepcionais escondidos deveria funcionar.

Se em nove anos Bruce não conseguiu despertar um pingo de paixão em mim, não seria agora que isso seria possível.

Eu teria que levar tanto Benjamin quanto meu, então, marido, no banho maria.

## **CAPÍTULO 13 | PASSADO**

### **Anastasia Snow, 13 anos**

Hoje fazia um ano que a minha mãe havia falecido. Ela entendia o ponteiro do relógio melhor que eu, ou pelo menos conseguia fazer as contas certas para que tudo estivesse sempre no seu tempo.

Eu ainda estava me acostumando.

Me atrasei com matérias na escola e foi um custo para conseguir pôr tudo em dia, mas com a morte de Anelise, minha única chance foi estudar como se não houvesse amanhã para conseguir uma bolsa.

Meu avô tinha tendinite nos pulsos e uma grande instabilidade na patela do joelho por começar a trabalhar tão novo e não respeitar a idade. Tinha dias que ele mal conseguia se manter de pé e os dias que conseguia andar, fazia atividades que o ajudavam a piorar ainda mais o que já estava em estado crítico.

Aquele era um dia fatídico em que ele não conseguia nem mesmo ficar sentado. Suas pernas estavam esticadas na cama com um saco de gelo em cada um dos joelhos. Ele encarava o teto e tocava as duas pontas dos dedos com o rosto sério, enrugado pela velhice e pelo cansaço, mas não físico, mas mental. Cansaço da vida mesmo, sabe?!

A aposentadoria do vovô William era o que pagava nossa comida e eu me virava entre pagar seus remédios e racionar o que tínhamos para comer.

Encarei o relógio na parede que parecia me avisar em cada toque de mudança de segundo e a comida sobre a mesa.

Eu precisava dar comida a ele, mas também precisava comer, porém eu precisava chegar na escola sem atrasos para manter minha bolsa.

Eu tinha três opções, mas só poderia escolher duas e sabia bem qual exatamente eu tinha que escolher.

Com o prato na mão, sentei em uma cadeira de madeira, na beirada da cama, esperando que ele ao menos pudesse se sentar com as pernas esticadas.

— Comer deitado é perigoso, vovô! — exclamei vendo-o nem mesmo me olhar. Ele apenas abriu a boca em uma ação automática e eu suspirei, dando-lhe colheradas até que o prato estivesse vazio.

Já arrumada, botei a mochila nas costas e deixei no quarto, próximo de William, tudo o que ele pudesse precisar, como água, biscoitos de água e sal. Renovei também seu saco de gelos nos joelhos para um novo, na qual não estivesse parcialmente derretido.

O ônibus passava na velha estrada Calaham quatro vezes ao dia. A primeira pela manhã, a segunda depois do almoço, a terceira no fim da tarde e última vez no fim da noite. Eu precisaria ser rápida para estar em casa antes do sol cair entre as montanhas do vale que se via ainda da cidade. O caminho era um pouco longo, mas passei boa parte dele admirando a paisagem dos areais desertos, ressecados, suas montanhas empoeiradas e seu pasto seco. Embora extremamente quente, era muito bonito.

A Escola Manphs Privada de Dallas era enorme. Disponibilizava de ensino fundamental e ensino médio, mas ainda sim disponibilizavam alguns cursos específicos para adultos. Era ótimo, porque quem sabe o fato de estudar ali, pudesse facilitar minha entrada em outros cursos.

Para uma pessoa como eu, o estudo era a única saída, a única forma de não sentir a fome que eu sentia agora depois de ter saído de casa sem o almoço.

A diretora deu as boas-vindas no pátio para os alunos e muitos pareciam já se conhecer.

Eu me sentia deslocada, mas sabia que apenas bastava fazer amizades para que essa sensação diminuisse.

Avistei um grupo de meninas que pareciam ter a minha idade. Minhas roupas não eram tão boas como as delas, mas também não eram como trapos velhos.

— Oi, meu nome é Anasta... — A menina loira que estava na ponta direita, fechou o círculo, me dando as costas, mostrando claramente que eu realmente não era bem-vinda ali. — ...sia.

E foi assim em boa parte dos dias. Quando ninguém abria sequer um sorriso quando me via, eu desisti de tentar fazer amigos ou ser uma boa amiga. Eu me sentava no pátio sozinha em todos os horários de intervalo disponíveis entre as aulas. Tentava gastar o tempo vendo as líderes de torcida do ensino médio treinarem no ginásio. Elas eram lindas. Seus treinos eram praticamente um show e eu não era a única que sempre sentava no gramado para assistir.

Tinha a aula de artes onde provavelmente a professora não batia muito bem, já que ela sempre sujava as paredes brancas da sala e os alunos diziam que ela tomava divergências por não zelar com o patrimônio da escola.

Durante as aulas de natação eu gostava de ficar na beirada, já que para fazer a aula eu precisava de coisas que eu não tinha condições de comprar, mas tudo bem, eu me divertia o suficiente assistindo.

Eu procurava estudar bastante em casa, afinal, com notas boas eu conseguiria manter minha vaga em uma das melhores escolas particulares de Dallas. Eu podia ser nova, mas não era burra.

Tinha alguns meninos que me chamavam de caipira quando me viam passar pelos corredores, mas tudo que eu fazia era respirar e fingir que não

era comigo. Deu certo durante algumas semanas, até que quando eles viram que não surtia mais efeito, precisaram intensificar o que já faziam.

A aula daquele dia havia acabado um pouco mais cedo do que o costume, então eu precisei ficar sentada no pátio, para então, quando desse horário, eu pudesse ir até o ponto e pegar o ônibus como de costume.

O pátio estava vazio até que o mesmo grupo de meninos que costumavam caçoar de mim, surgiu do corredor central do colégio e fizeram um ar de surpresa quando enxergaram a minha imagem sentada no banquinho de pedra.

Tentei manter a calma que se distanciava à medida que eles se aproximavam de mim.

Os sorrisos em seu rosto não eram algo bom, ainda mais quando praticar bullying contra uma menina de treze anos era algo divertido para eles.

A maioria deles eram filhos de fazendeiros. A grande questão é que as pessoas acreditavam que as famílias do interior eram de origem humilde, mas não sabiam que a maior parte dos milionários Texanos vinha do setor agropecuário do estado, fazendeiros, criadores de gado, de cavalo e muitos outros animais.

— Vejam se não é a caipira! — disse Denver, o que parecia ser o líder deles. Ele era bem conhecido na escola por causa dos jogos de verão em que os alunos diziam que ele e seu grupo ganhavam todas as etapas. Me mantive calada enquanto ele aguardava que eu dissesse alguma coisa, eu mal olhava para ele. — Comeu sua língua? — Meu estômago roncou tão alto que eles puderam ouvir e acho que nunca senti tanta vergonha na vida quando começaram a gargalhar. — Comeu a língua e ainda está com fome, caipira? — Denver voltou a argumentar.

Levantei e tornei a caminhar para a montanha que havia no cume mais alto da escola e para o meu pesadelo eles me seguiram. Eu não podia subir muito, a menor que eu quisesse cair daquele penhasco.

— O que vocês querem? — questionei por fim.

Ele passou a mão no rosto sem saco, revirando os olhos.

— Peguem a bolsa dela! — Um deles avançou contra mim, agarrando a alça da minha mochila, sacudindo na espera que eu realmente a deixasse ir, mas tudo que eu fiz foi tentar puxar de volta.

Ela era minha.

Eu não fiz nada com ele, por que estavam tentando roubá-la de mim?

— É minha, soltem! — gritei, fazendo toda a força que eu tinha, cravando a ponta do meu tênis no gramado molhado, sentindo as mãos queimarem pela fricção do tecido contra minha pele. — Não, não, não, não...

Eu não teria dinheiro para comprar outra.

Era o meu material de estudo.

Era tudo o que eu tinha para fazer as provas e simulados da próxima semana.

— Mas que droga! Ela é só uma menina, arranque logo essa mochila dela! — disse Denver aborrecido.

Outro menino veio até mim e com uma força considerável, esmurrhou meu rosto, na altura dos lábios. Devido a dor, meus dedos se soltaram da mochila para amparar meu rosto. Caí sentada no chão e o gosto de sangue invadiu a minha língua.

Ele me deu um soco e cortou o meu lábio inferior.

Ouvi o barulho de zíper ser aberto e, quando os encarei, Denver tinha meu caderno em mãos, folheando-o.

— Não, por favor! Todas as minhas matérias e anotações estão aí. — Nem sempre eu conseguia entender a matéria da forma que o professor passava, então ao chegar em casa eu fazia anotações com analogias que facilitassem as coisas para mim, já que no modo convencional eu ficava a ver navios. Não ter aquele caderno era o mesmo que perder minha bolsa por péssimas notas e eu não seria capaz de repor a matéria e seguir com o conteúdo atual dos professores.

Seria impossível até para o aluno mais inteligente da escola.

— Você se acha incrível, não é?! — perguntou. — Levanta o nariz quando passa pelo pátio mesmo quando ninguém quer a sua companhia.

Ele pegou folha por folha e arrancou do arame.

Deu na mão de um dos meninos que estavam ao seu lado, que rasgaram as páginas e, à medida que ele as arrancava, lágrimas escorriam por meus olhos.

— Imbecil! — Eu acreditei estar murmurando baixinho, mas Denver ouviu.

Ele atirou o caderno no chão, pisou em cima e chegou até a mim, agarrando uma grande mecha do meu cabelo entre os dedos. Ele abriu a boca e quando estava prestes a dizer algo furioso, seu corpo foi parar longe. No lugar de Denver surgiu um menino com os olhos mais azuis que eu já vi de perto, parecia o céu em uma tarde de verão. A pele era bronzeada e os cabelos loiros voavam com o vento que vinha do sul, ele era um pouco mais alto que Denver, estava uniformizado com a roupa azul da escola.

Ele me encarou durante alguns segundos, precisamente para o sangue que manchava a minha boca. Seu olhar desgarrou da minha figura e quando Denver tentou atingi-lo com um soco, o menino que desviou me salvara. Com seu joelho acertou a boca do estômago de Denver e antes que ele caísse no chão, seu queixo.

— Covarde! — gritou o menino de olhos azuis.

— Filho da put... — Ele revidou sentado no chão, com os dentes mais sujos de sangue do que já estavam.

— Cale a boca, Denver. Vamos embora! — gritou um dos seus amigos, amparando-o e ajudando a se levantar.

O menino por outro lado com o ego ferido, passou o braço limpando a saliva ensanguentada que descia pelo canto da boca.

— Será que seu pai bate na sua mãe com a mesma força? — Não sei porque ele disse aquilo, mas evidentemente não foi uma coisa boa quando o menino bronzeado de olhos únicos avançou novamente contra aquele que causou um desastre futuro na minha vida destruindo meu caderno.

Mas quer saber? Nem que ele tomasse uma coça, valeria a pena. De nada adiantaria.

— Deixe-o ir! — eu disse, puxando as pernas com as mãos.

O menino que me salvou aparentava ter seus quinze anos. Acho que não mais que isso, seu corpo magro mostrava que ele estava no pico da adolescência. Ele piscou algumas vezes e observou Denver sair com os amigos que o carregavam. Agachou no chão, pegando as folhas do caderno no chão e finalmente me encarou.

— Não adianta pegar, ele destruiu tudo.

— Eu tenho as mesmas anotações. — Sua voz era grave, mas constante e firme. — Posso te ajudar com isso. — Ele se aproximou, quebrando o espaço entre nós dois, curioso, procurando algo em meu rosto sem disfarçar. — Ele te feriu?

Depositei algumas mechas de cabelo atrás da orelha.

— Apenas o impacto no chão e um pouco na boca, mas não foi nada — respondi.

O que ele queria?

— Na próxima eu vou jogar Denver daqui de cima — ele disse com simplicidade, como se estivesse lendo um livro.

— Acho que vai precisar de um novo caderno para copiar o que perdeu! — Pegou cada uma das folhas, botando dentro da minha mochila que também estava jogada no chão.

Eu não tinha dinheiro para um novo material.

Para ter dinheiro para comprar um novo, eu teria que tirar de algum lugar, da comida ou dos remédios.

O que eu diria para a primeira pessoa que me deu ouvidos durante todas essas semanas? Talvez a verdade devesse funcionar melhor do que eu pensei que poderia funcionar.

— Eu... eu não... — Ele ergueu uma das sobrancelhas com a gagueira.

— ... eu não tenho como comprar um. Pelo menos não agora!

Puxou o braço, encarando o relógio no pulso. Olhou ao redor e voltou a atenção para mim.

— Vamos pegar o mesmo ônibus. Ainda temos quarenta e cinco minutos. Vamos comprar um para você!

Ele pegou a minha mão.

— Ei, eu disse que não posso.

— Não pedi que você comprasse nada — respondeu educado, mesmo parecendo arrogante. — Qual a sua cor preferida, Anastasia?

Não era o que eu estava pensando. Era?

— Como você sabe o meu nome?

Ele riu com a minha surpresa.

— Porque você diz “presente” em todas as aulas quando a professora faz a chamada e fala seu nome, então acho que acertei, a menos que você tenha mentido sobre ele para direção da escola.

Foi inevitável não rir. Mesmo que na sombra, alguém havia me notado. Talvez eu não fosse tão invisível assim.

— Não posso deixar você comprar um caderno para mim. Eu nem... *conheço você*.

O menino diante de mim me ergueu a mão, com o sorriso mais educado que alguém já pode dar para mim.

— As provas começam na semana que vem. Se não tiver o material, você não consegue estudar. Se não estudar, você tira notas baixas e se tirar notas baixas você perde a bolsa — recapitulou.

Eu fiquei surpresa.

Como ele sabia? Não que a forma na qual eu me movimentava pela escola sozinha mostrasse que eu vinha de uma família de baixa renda, mas não tinha em mente que isso estava tão evidente.

— Eu posso dar um jeito.

Não, eu não poderia.

— Não, não pode, e sabe que não pode — afirmou tranquilamente. — Você é péssima mentindo. Eu também iria perguntar se está com fome. Sei que você diria que não, mas o seu estômago te chama de mentirosa.

Fiquei vermelha de vergonha, como um tomate maduro tirado do galho.

Agarrei a sua mão e levantei ficando de pé.

— Eu vou te pagar, prometo. — *O que mais eu poderia dizer?* — Ou posso te compensar de alguma forma.

Botou a mão nos bolsos, dando alguns passos, com um sorriso de dentes brancos e limpos.

— Você pode me pagar tirando uma boa nota na prova e me ajudando a tirar uma boa nota nas aulas de Biologia. — Suspirou. — Eu sou péssimo nessa matéria.

Abri um sorriso para ele como se nenhum problema tivesse acabado de acontecer. Como se a minha boca não tivesse sido murada, como se meu caderno de estudo não tivesse sido rasgado ou como se eu não estivesse prestes a perder a bolsa que estudei tanto para ter. Ele deu alguns passos à frente sem mim e eu ainda estava em pé, sozinha no gramado. Quando percebeu que eu não o acompanhava, ele se virou para trás e me encarou.

— Você não vem?

— Eu sinto muito pelo que Denver disse sobre o seu pai. — Ele não disse nada. Talvez eu também não devesse tocar naquele assunto. — Você ainda não me disse seu nome.

Ele fez um sinal positivo com a cabeça e a sua mão protegeu os seus olhos dos raios solares agressivos e alaranjados que alertavam sobre o fim da tarde que estava próximo.

O sol já estava cansado, precisava se por.

— Benjamin — repeti quase muda. — Benjamin Kingsman, mas a minha mãe e meus irmãos me chamam de Ben.

Eu nunca tive amigos.

O mais perto que tive foi minha falecida mãe e o vovô William, eu sempre precisei me preocupar mais com eles do que comigo mesmo. Afinal, eu tinha saúde, o que mais eu poderia querer? Benjamin foi a primeira pessoa a se preocupar se eu tinha comido ou se eu tinha um papel para escrever na escola.

Foi a primeira vez em que eu realmente pude me sentir querida por alguém.

Naquele dia, voltei para casa junto dele no ônibus. Benjamin desceu em um ponto antes de mim, a fazenda onde ele morava era enorme e eu pude ver a sua mãe o abraçando quando chegou ao cercado de casa.

Depois daquele dia eu nunca mais me importei de sair de casa sem almoçar, porque a felicidade de saber que eu ia encontrar na escola alguém que se importava comigo era muito maior do que qualquer problema.

Benjamin Kingsman foi o primeiro amigo que eu tive na vida.

## **CAPÍTULO 14**

### **Benjamin Kingsman**

Eu sempre costumava ouvir da minha professora no ensino fundamental que a vida se encarrega de pôr todos os pingos nos “is” que a gente não conseguiu botar.

Não consigo contar as noites que fiquei sem dormir por achar e sentir que as coisas ainda não se resolveram.

No dia em que Anastasia sumiu, vi um buraco sumir debaixo dos meus pés. Não só porque ela estava grávida. Não só porque o meu filho crescia nela. Mas porque eu sabia que a minha péssima reação a assustou e imaginar a face de pânico em seu rosto pálido acabava comigo, porque foi exatamente com essa cara assustada que eu a vi pela última vez.

O sentimento de tristeza continuou durante muito tempo. Eu não tinha apenas encontrado o amor da minha vida. Encontrei dentro da minha melhor amiga desde a infância, a mulher que eu sempre quis, mas por falta de juízo e sensibilidade eu a deixei partir.

Demorei a entender que eu não seria capaz de estar longe dela.

Quando eu entendi isso, ela percebeu que talvez fosse melhor estar longe de mim.

O casamento com Helen não foi problemático, mas não havia relações sexuais pelos primeiros seis meses. Depois disso, quando eu procurei Anastasia por cada canto do estado e não achei, eu cedi.

Cedi, porque, além de ser homem, já estava casado com ela e, talvez, com o passar do tempo eu pudesse esquecer Ana.

Ingênuo eu.

Tamanho engano.

Porque cada vez mais que eu tentava afastá-la dos meus pensamentos, ela se enfiava dentro de cada sonho, protagonizando desejos que nunca vivemos juntos e eu me perguntei inúmeras vezes se ela até mesmo estivesse viva, se também pensava em mim com a mesma frequência que eu pensava nela. Se o nosso filho realmente tivesse vindo ao mundo.

Foram infinitas perguntas alimentadas pela mísera saudade que eu guardava a sete chaves.

Quando me dei por conta que Helen e eu éramos só perda de tempo, resolvi ocupar a minha cabeça com o hotel e, assim, tentei esquecer o passado, estar distante de tudo que tentou me lembrar a ele, de tudo que poderia produzir a vaga memória de que tudo que vivi na infância foi real.

Encontrar Anastasia casada com Bruce foi uma enorme porrada, mas nada comparado a saber que o meu filho, sangue do meu sangue, estava muito mais vivo que eu. Ethan carregava a minha redenção. Não que eu usaria uma criança de oito anos para crescimento próprio, mas era o meu dever compensar a minha ausência.

Quando fui até a casa de Anastasia não pensei muito bem que, talvez, Bruce pudesse ser o mesmo homem que eu queria ser para Ethan. Eu não podia chegar lá e oferecer para Bruce a ideia de que eu tomaria a paternidade de um filho que eu só soube que existia a quase duas semanas. Eu seria um imbecil mais do que fui no passado.

Ethan não foi criado pelo legítimo pai por culpa exclusiva minha e também por culpa da sua mãe, que fugiu sem me dar a chance de que pudéssemos conversar de cabeça fria.

Perdi tantos anos e prometi a mim mesmo que não perderia mais um segundo sequer da vida dele.

Katrina estava ouriçada, seus pés não paravam de trotar no chão, mesmo quando eu tentava acalmá-la.

De alguma forma ela sabia para onde iríamos.

Sabia que eu estava tão nervoso quanto ela e que dali para frente tudo poderia explodir e expelir verdades por todos os lados. Não era somente sobre mim e Ethan. Envolvia gente demais para ser feito de qualquer jeito.

Eu precisava ser cauteloso.

Katrina correu pelo campo de trigo e soja, pegando o caminho alternativo da floresta de eucaliptos até a antiga fazendo dos Kingsman, por onde era muito mais rápido e nós dois não precisávamos comer poeira aos bocados na estrada de chão batido.

Do pico da floresta, pude enxergar Bruce chegar de carro em casa, descer da picape, abrir o portão e entrar pela porta da frente.

Eu realmente podia esperar que ele saísse nas próximas horas ou no dia seguinte para fazer contato com Ethan, mas eu não podia pegar leve.

Eu não tinha o direito de exigir absurdos, mas podia exigir o mínimo.

Depois que Bruce entrou, eu corri com Katrina até a cerca da minha antiga casa e deixei ela embaixo de uma das árvores do lado de fora do cercado. Ela não merecia ficar naquele sol tão quente, que chega queimava o couro cabeludo mesmo em movimento.

Ethan estava no mesmo lugar, ao lado de fora, tentando montar no cavalo.

Estava com uniforme da escola, os sapatos pretos cheios de poeira e os cabelos claros colados na testa suada.

— Ethan! — murmurei não tão alto, mas o suficiente para que apenas ele pudesse ouvir. Ele arregalou levemente os olhos, botou um sorriso alegre no rosto e prontamente se levantou do chão, de onde o cavalo

descansava na sombra. Bateu as mãos no short para tirar a poeira e se aproximou em passos curtos. — Tudo bem com você?

— Sr. Kingsman. — Levantei uma das sobrancelhas e ele tratou de se corrigir. — Tio Ben. — E, então, foi a minha vez de sorrir. — Cheguei agora a pouco da escola.

O símbolo no uniforme era o mesmo da escola em que eu havia estudado há mais de quinze anos. O lugar onde conheci Ana.

— Você sabia que eu estudei no mesmo lugar que você?

Ele ficou surpreso.

— Nossa, sério?

— É, eu conheci sua mãe lá. — Olhei para o lago. — Inclusive, essa casa era minha quando eu tinha a sua idade, mas agora pertence ao seu...seu... — Travei.

— Meu pai.

Acenei com a cabeça.

— Isso, seu pai — afirmei.

— E qual era seu quarto aqui, tio Ben?

Olhei para as janelas do segundo andar e apontei para a que ficava exatamente acima da porta de entrada do primeiro andar.

— Era ali.

Ele encheu o peito, em uma felicidade tremenda e coçou o cabelo.

— O meu quarto está ali!

— Escute. Vamos ter um torneio em breve lá no hotel. Vai ter muitas outras crianças. Se eu conversasse com seus pais, você gostaria de ir? Vai ser bem divertido. — Tentei soar não tão interessado, de uma forma que respeitasse suas vontades.

Eu não queria que ele se sentisse obrigado a ir.

Não era um favor, era um convite que Ethan deveria aceitar por vontade própria. Eu queria que meu filho, mesmo sem saber que eu era seu pai, quisesse estar comigo.

— Ethan, o que faz aqui fora... — Olhei para trás e Bruce vinha em nossa direção. Não me reconheceu de imediato, talvez possa ter pensado que eu fosse um dos seus funcionários, mas quando enxergou meu rosto, ele não completou a palavra. Ethan se levantou, encarando o homem que ele conhecia como pai. — Benjamin? Nossa, eu nem vi você chegar.

Depositei a mão no bolso e, com um semblante amistoso, fiz o possível para mostrar a minha frustração.

— Eu estava passando por perto e resolvi... dar uma passada aqui para ver vocês. — Ele não parecia tão confiante no que eu dizia. — Afinal, somos vizinhos não?!

— Ah, claro! — disse. — Vem aqui, Ethan. — O menino foi até ele. Bruce passou os dedos por seus cabelos e pegou as mãos dele, notando a pelagem do cavalo entre seus dedos. — Acho que você precisa tomar um banho. A comida vai estar pronta logo, está com fome? — Ethan não abria a boca para falar uma palavra, apenas acenava com a cabeça. — E a prova, como foi?

— Eu a trouxe para casa.

A criança buscou o papel dentro da mochila que descansava na sombra perto de nós e entregou ao seu, então, pai. Encarou com sutileza tudo que estava ali escrito e abriu um enorme sorriso de satisfação.

Agarrou seu filho, dando-lhe um beijo na testa.

— Eu não poderia esperar menos de você — falou. — Agora, entre. Vá tomar um banho. — Ele botou as mãos na cintura e quando Ethan saiu, Bruce me encarou exalando felicidade. — Você tem filhos, Benjamin?

— Não.

— Pois deveria ter, são uma fonte de alegria imensurável.

As coisas realmente eram muito diferentes do que eu achei que poderiam ser. Bruce parecia ser um bom pai e Ethan parecia ser obediente a ele como seu responsável.

Ele se via como o pai biológico e o menino se via como filho legítimo.

E eu? Claramente estava sobrando naquela conta.

— Quem sabe um dia — exclamei sem graça. — Bom, você fez um trabalho muito bom na fazenda. Foi realmente uma verdadeira reforma.

Ele olhou em volta.

— Que bom que gostou! Foi cara, mas valeu a pena. Não me arrependo de ter escolhido esse lugar. — Embora eu não encontrasse nenhum tom de desdengo ou ironia, as palavras dele eram muito certeiras para não serem intencionais. — E seu irmão? Como vai? Há muito tempo que não ouço falar dele.

— Nicholas trabalha com investimentos e assuntos imobiliários junto comigo, mas não gosta do interior. Acho que ele já ficou tempo demais por aqui.

— E ele não costuma visitar vocês?

— Dificilmente — falei, tirando a mão do bolso e gesticulando com as mãos. — Mas acho que vai vir no torneio das próximas semanas.

— Claro — respondeu.

— Acho que eu vou indo, não quero atrapalhar o seu almoço.

Bruce automaticamente botou a mão na frente quando eu já botava um pé para iniciar a caminhada até Katrina.

— Imagina. Fica para o almoço. Vai ser um prazer ter você conosco. Anastasia vai adorar a companhia de um amigo.

Ah, *claro que ela ia adorar*, ainda mais a minha, de que ela corria como o diabo corre da cruz.

— Tem certeza? — questionei.

— Como nos velhos tempos, não é mesmo?! — E eu cedi.

Ele foi na frente, levantando uma poeira desagradável com seu sapato pesado.

Era uma mania que Bruce não perdia. Subimos os degraus e, ainda pela fresta da janela, os olhos de Anastasia encontraram os meus. Se perderam por segundos e quando ele abriu a porta, se encontraram de novo. Os dela, dessa vez, tão espantados quanto os de alguém quando vê um fantasma.

Ela não escondeu a insatisfação e Bruce precisava ser muito idiota para não enxergar isso.

Ela tinha um pano de prato nas mãos, enquanto as mulheres que trabalhavam na casa terminavam de por os pratos e talheres.

— O que ele faz aqui? — Sem nenhuma delicadeza, talvez tentando forçar um pouco de educação que ela não queria usar.

— Bote um prato a mais na mesa. Benjamin vai almoçar conosco hoje.

O lado de dentro da casa estava muito mais fresco que o lado de fora, mas, ainda sim, ela suava frio.

— Você não me disse nada.

— Ele veio de surpresa. Estava conversando com Ethan no lago — respondeu a ela, desabotoando três botões da camisa que usava.

Ela me encarou com raiva e eu via a indagação do porquê de tanta ousadia em seu olhar.

— Olhe que horas são, você está atrasando Benjamin. Ele é um homem de tempo curto. — Bruce antes não tivera percebido, mas com

novas palavras ainda mais carregadas de desespero, agora sim ele entendeu que algo a incomodava, seja por mim, ou por outra coisa, mas ainda sim, por seu semblante, ele evidentemente acreditava que poderia ser algo referente ao seu humor.

— O que deu em você? — Então foi sua pergunta que jogou nela o limite que Anastasia perdia a cada segundo que ela botava os olhos em mim.

— Eu só não quero atrasar nosso convidado.

De qualquer forma, vê-la tão incomodada me agradava.

Afinal, ela precisaria se acostumar.

— Não vai me atrasar, Anastasia. — Dei dois passos à frente para que a porta atrás de mim pudesse ser fechada. — Eu *tenho todo tempo do mundo*. — Sorri falsamente e ela fechou a cara.

— Vocês podem tirar um descanso daqui. Nós vamos nos virar! — disse Bruce para as domésticas, que se retiraram me encarando, porque sabiam exatamente o que eu havia feito na última vez em que estive aqui.

— Sabe, Ben... em algumas semanas vai ser o aniversário de Ethan. Vamos fazer uma festa de aniversário, você gostaria de vir com a sua mãe?

Anastasia arregalou os olhos tão fortemente, que mais um pouco eles cairiam de sua cabeça.

— Bruce! — Ela quase gritou. — Vai ser só para a família!

Eu tinha uma ideia melhor.

— Por que vocês não fazem o aniversário dele no hotel? Eu adoraria ajudar — sugeriu.

Bruce abriu um sorriso tão grande que pude ver todos os seus dentes.

— Deus, não poderíamos aceitar — disse ele.

— De forma alguma. É um presente meu para ele. Duas diárias no hotel. Só me informe o número de pessoas, vou fornecer algumas suítes

para vocês por lá.

— Deus, eu não sei nem mesmo como agradecer! — falou Bruce.

Acenei com a cabeça.

— Vamos, sente-se aí! — Ele se sentou na ponta da cadeira e eu fiz o mesmo do outro lado.

— E Ethan? — perguntei e Anastasia ouviu, fingindo estar mexendo em uma das gavetas do armário da sala de jantar, a mesma em que eu me sentava para realizar as refeições com meus pais e irmãos na infância.

— Já já ele desce. Está no banho — respondeu-me. Um barulho de telefone tocando soou alto. Bruce enfiou a mão no bolso da frente da calça e retirou de lá um telefone que tocava insistentemente, mesmo depois de ele tentar desligar. — Vou ter que atender. Me dê um minuto, por favor. — Ele se levantou e saiu pela porta da frente.

Olhei para o lado e Ana mal me olhava, enquanto pegava alguns lenços para pôr sobre a mesa.

— Vou pegar a comida, licença — falou. Nós dois sabíamos que ela não queria pôr a mesa, mas sim fugir de ficar sozinha comigo em sua casa.

Fiquei durante alguns segundos sentado na mesa, ouvindo toda a conversa de Bruce.

Ele falava com alguém sobre a numeração de alguns cheques que não estavam compensando em conta. Afirmava que havia algum problema pois todos eram válidos. A pessoa provavelmente pediu que ele pegasse o talão, mas ele disse que os mesmos estavam no carro, então, sem um pingo de paciência, ele saiu andando pela fazenda disposto a ter em mãos o que a pessoa no telefone pedia.

Eu não deveria, mas levantei e caminhei para a cozinha, que era basicamente a mesma de antes.

Bruce não havia trocado sequer os cômodos, apenas reaproveitou como se quisesse viver a minha vida.

Minha casa, a mulher que eu amava, meu filho.

O que mais ele queria?

Ao chegar na cozinha, Anastasia estava de costas para mim, as mãos apoiadas na beirada da bancada e eu podia ver em seus ombros que ela respirava fundo.

— Você consegue! — Ela repetia para si mesma.

Peguei uma das maçãs sobre uma pequena cesta de frutas na ilha do meio da cozinha, onde ficava o fogão.

— Se me disser o que é, eu posso ajudar você a conseguir mais rápido. — Mordi a fruta, sentindo a frutose na língua e o sumo entre os dentes. Ela se virou em um susto. Endureceu o olhar e desviou o seu foco para o corredor para ver se alguém estava nos vendo. — Bruce foi resolver algo no telefone.

— O que está fazendo aqui? — perguntou impaciente.

— Exatamente o que eu disse que faria. Estou participando da vida do meu filho.

Anastasia passou os dedos pelo rosto, espantada com o que eu havia acabado de falar.

— Eu já disse que Ethan é filho de Bruce. Qual é o seu problema? Você não pode chegar depois de nove anos exigindo a paternidade de um filho que você não queria, Benjamin.

— Vamos voltar nessa discussão?

— É claro que vamos.

Engoli a maçã que desceu ardendo minha garganta. Encurralei seu corpo na bancada ao lado da pia e ela se viu sem saída, a não ser encarar meu olhar duro sobre o seu rosto.

— Você queria a gestação? Seu avô morrendo, você no meio de uma graduação... me responde, vamos! Você queria aquela gravidez?

— Eu jamais desejaria algum mal a Ethan.

— Você não entendeu a pergunta. Eu perguntei se você Ethan foi desejado e planejado!

Suas sobrancelhas claras formaram um v o de dúvidas em sua testa.

— Obviamente você sabe que não. Foi um... acidente.

Eu dei uma risada baixa.

— Não foi acidente, Ana. Você engravidou no \'unico dia em que não nos protegemos. No dia em que fizemos amor no celeiro e você foi embora com as minhas marcas no corpo, alegando que não queria me esperar mais.

— O ar se tornou denso, os olhos verdes e grandes mal piscavam com a respira o que parecia lhe faltar aquela altura da conversa. Anastasia parecia estar lembrando do que fiz com ela naquela tarde, pareceu se lembrar do momento exato em que seu corpo implorou para ter o que queria. — Me diga, como se sentiu quando descobriu que estava grávida?

E, então, com a voz baixa ela me respondeu.

— Por que está me perguntando isso?

— Responda, mulher teimosa — esbravejei.

Ela umedeceu os lábios com saliva e eu quase podia me recordar do gosto que tinha sua boca.

— Eu... eu senti medo, fiquei confusa, não sabia o que fazer. — Ela tentava se afastar de mim, porém mais um pouco e ela sentaria na bancada.

— Então o que fez você pensar que eu teria que manifestar a melhor rea o do mundo ao saber que seria pai, quando eu vi o meu pai se afogar um dia antes e ter descoberto que se eu não me casasse, minha família iria passar fome? A viagem me faria digerir.

— Você sumiu por quase duas semanas, Benjamin.

— Eu fui ao oeste do estado para vender algumas terras que não tinham registros. Eu voltei de lá disposto a não me casar com Helen, mas sim com você.

— Você está mentindo — insistiu.

No dia seguinte em que Ana me contou que estava grávida, eu parti para o oeste do estado em uma pequena cidade que o meu pai tinha algumas terras que sequer tinham registro no estado. Era uma boa chance de conseguir um bom dinheiro para começar em algum lugar, porém os compradores tiveram problemas com as transferências e para que eu não tomasse volta de quem eu nem mesmo conhecia, precisei ficar lá até que o dinheiro estivesse em conta. Voltei certo de que eu honraria com tudo o que prometi à Anastasia, mas eu acabei voltando tarde demais.

— Eu falo a verdade — insisti.

Ela buscou um copo de água e mirou certeira no meu peito, molhando a blusa. Tomei um susto.

— Pare de mentir — repetiu sem parar.

— Você precisa conversar com Bruce.

Ela passou a mão no rosto, conseguindo sair do meu encurralo, andando de um lado pro outro.

— Você já acabou com a minha vida uma vez e eu te imploro para que não faça isso comigo de novo. Você pensou em você uma vez, Ben, então agora, ao menos uma única vez, pense em mim e em Ethan. — Suas mãos pousaram no meu ombro e ela falava com sinceridade agora, com um pouco de raiva e arrependimento. — Eu tenho um marido incrível, Ethan ama o pai que tem e Bruce o ama como filho. Não me force destruir isso, não me force a destruir a infância do meu filho. Bruce jamais me perdoaria por isso. Não é assim que a vida funciona, você não pode chegar assim do nada, querendo exigir a paternidade de uma criança que já tem uma família.

— Ana, eu...

Antes eu tinha aquele sentimento esperançoso.

Esperava que ele pudesse não somente ser o meu filho biológico, mas que ele pudesse ser o filho que me chamaria de “pai” em algum momento depois que soubesse da minha existência. Mas, ouvindo tudo aquilo, o que eu realmente pensei que pudesse acontecer? Ethan já tinha um pai e mesmo que eu e Anastasia estivéssemos errado, eu não podia fazer uma criança de oito anos pagar o preço pela minha irresponsabilidade juvenil. Eu não podia acabar com um vínculo paterno como se ele tivesse sido completamente arrancado de mim.

Eu também o rejeitei.

Eu também disse “não” por medo.

Não tinha espaço para mim entre um pai, uma mãe e um filho.

Não que eu desse somar, mas depois de tantos anos, onde eu me encaixaria? Talvez eu só desse continuar sendo o tio Ben.

— Se você realmente se importa com o seu filho, por favor, só vá embora, Ben. Não atrapalhe isso.

— Eu te procurei por tanto tempo — murmurou. — Eu me questionei por tantos anos onde vocês poderiam estar. — Ela me deu as costas, olhando pela janela.

— Nós estamos bem... — respondeu, me olhando por cima do ombro.

Eu me aproximei um pouco mais.

— Você o ama?

Ela suspirou fundo, fechando os olhos.

— Ele é o meu marido.

— Eu sei exatamente o que ele é seu, eu perguntei se você o ama.

Anastasia deu a volta, com luvas térmicas nas mãos, abriu o forno liberando o cheiro de carne assada por toda a cozinha.

— Vá embora, Ben. — Botou sobre a bancada e um suporte de madeira para levar para a mesa de jantar. — Aqui nessa casa não tem mais nada para você.

Entrei ali com uma expectativa que eu achei que seriam atendidas, com aquele sentimento de que o passado realmente se encaixaria, mas assim como eu desejei com todas as forças que Jhonatan estivesse longe da minha vida, Anastasia agora implorava para que eu desse espaço a sua família.

Eu era, para ela, a mesma coisa que as lembranças do passado eram na minha vida: um estorvo, a parte nublada do dia em que a gente reza para que haja um pouco de sol, para que o que é úmido, seque. Eu era aquele ponto de dúvida que a gente reza para se transformar em certa. Eu era o pesadelo dela que se tornou realidade.

Anastasia não merecia aquilo.

Anastasia merecia ser feliz como todas as promessas que eu fiz a ela e não pude cumprir. Ela merecia alguém que pudesse fazer isso. Eu não duvido que Bruce seja egocêntrico, mas tenho a mais absoluta certeza que hoje ele é a melhor opção para a mulher que deveria me chamar de marido e para o filho que deveria me chamar de pai.

Eu fui um merda e o melhor que podia fazer por eles naquele momento, era me afastar.

Saí pela porta da frente sem me despedir de ninguém, apenas subi em Katrina que me esperava na sombra e fui para casa.

## **CAPÍTULO 15 | PASSADO**

**Anastasia Snow, 17 anos**

Benjamin havia faltado às aulas da faculdade por dois dias. Havia tomado um chá de sumiço e ninguém o viu. Eu não tinha telefone, pois não tinha dinheiro para comprar um e ele não gostava de tecnologia.

Eu estava em pé, parada no corredor da universidade, com a porta do meu armário aberto, assim como a carta nos meus dedos, com uma grafia impressa, cheia de palavras que eu estava rezando a semanas para que eu pudesse recebê-las, do jeitinho que mentalizei.

A carta nas minhas mãos era, na verdade, uma mensagem de aprovação na bolsa de estudos para terminar minha atual graduação na Universidade do Texas, para trabalhar em meio período na minha área.

Se eu trabalhasse e conseguisse manter as notas, eu poderia pagar uma cuidadora e uma boa casa para o meu avô, assim não precisaria me preocupar de ficar o tempo todo próxima dele. Eu teria uma liberdade maior para resolver minha vida sabendo que ele estaria sendo bem cuidado por alguém capacitado para isso.

Tranquei o meu armário e guardei a chave na mochila. Quando cheguei no refeitório, meu coração acelerou ao ver Benjamin do outro lado do refeitório da universidade. Ele mascava um chiclete rosa que sempre quando inflava muito, estourava em seu rosto. Ele não conseguia tirar os olhos de mim e eu não conseguia tirar os olhos dele. Éramos assim, como um ímã que não importava quanto tempo passasse, as sensações que eu tinha era como se fosse na primeira vez que eu o havia beijado.

Estava tudo acabado entre nós, não tinha mais porque ficarmos tão perto. Seria mais seguro, pois com a alta persuasão dele, eu facilmente voltaria atrás com a minha decisão e isso era algo que eu definitivamente não queria.

Bruce, amigo de Ben, surgiu, me assustando e sentando na minha frente como se tivesse sido convidado. Eu não gostava dele, talvez não gostar fosse uma afirmação muito pesada, ele era... *intragável*.

Não via sinceridade no seu olhar da mesma forma como via na de Benjamin.

Bruce tinha aquele olhar invejoso como se sempre ficasse triste pelo próximo ter algo que ele não tinha e, quando ele estava com Ben, eu via isso acontecer com uma frequência que me incomodava.

— Então, quer dizer que a gatinha está sozinha?

Revirei os olhos e lhe dei um sorriso pequeno.

— Eu nunca estou sozinha — afirmei de cabeça baixa.

— Terminou com o namorado? — questionou.

Bruce sabia que eu tinha alguém, mas em uma das poucas conversas eu disse que era alguém que não estudava na faculdade e que Ben era só o meu melhor amigo, mas ele não fazia o tipo de pessoa que ligava os fatos. Ele só acreditava em tudo que lhe diziam. Se alguém dissesse que o mundo acabaria no dia seguinte, talvez ele acreditasse.

— É, eu acho que sim — afirmei.

Peguei o sanduíche sobre a bandeja à minha frente e dei uma pequena mordida para ocupar a boca e, quem sabe, não ter mais que responder as suas perguntas.

— Hm... — murmurou. — Muito bem, então está solteira!

Sem qualquer educação, de boca cheia, eu disse:

— Estou comendo, Bruce.

Ele debruçou o braço sobre a mesa.

— Não ligo, você fica linda até falando de boca cheia. — Riu.

Que inferno... ele estava *dando em cima de mim*?

Seus olhares depravados não passavam despercebidos por mim.

Ele tentava disfarçar quando Benjamin estava por perto, mas quando me via sozinha, eu me sentia desconfortável, intimidada e estranhamente insegura. Continuei comendo, mastigando lentamente. Olhei por cima do ombro e Ben estava atento em nossa conversa, de braços cruzados na blusa que mal cabia nele pela quantidade de exercícios pesados que ele vinha fazendo há alguns meses. Ele era lindo. Facilmente o homem mais lindo que já vi de perto.

O único que amei.

O único que *amo*.

— Sabe, Ana, o pessoal de engenharia mais tarde, vai para um bar novo que abriu no centro. Eles falaram que lá tem as melhores cervejas! Você quer ir? Eu posso te deixar em casa depois... ou você pode dormir lá em casa.

Respirei fundo, engolindo saliva e sanduíche.

— Eu não bebo.

— Mas lá também tem ótimos drinks não alcoólicos, você vai adorar...

— Eu não quero ir.

Feehei os olhos. Ele tinha o dom de me tirar do sério. Bruce era o tipo de homem que não desistia fácil, mesmo quando a mulher lhe dissesse com todas as palavras que não queria.

— O que Ben tem que eu não tenho? Você é amiga dele, por que não pode ser minha amiga também? Você vive correndo de mim.

Encarei Benjamin, que havia se aproximado.

Ele tinha ciúmes de Bruce, porque sabia do interesse de seu amigo. Eu estava correndo dos dois. Precisava sair dali, de um lado eu era sufocada pelo olhar do homem que eu um dia quis e, do outro, estava sendo sufocada por seu melhor amigo que queria tomar seu lugar sem saber que não havia vaga em meu coração.

— Eu... eu... vou ao banheiro. — Levantei rapidamente, deixando a bandeja de comida sobre a mesa, puxei a mochila nas costas e Benjamin me encarou até que eu alcançasse o corredor.

Sabe aquela sensação de ter perdido algo? Era essa a sensação de pressão no diafragma que eu sentia. Era como sentir uma fome que nunca seria saciada, independente do que eu me dispusesse a comer.

O banheiro estava vazio.

Joguei água no rosto, tentando concentrar os pensamentos em algo que não fosse desespero. Encarei minha imagem no espelho e, novamente, afundei o rosto nas mãos, sentindo a água gelada em contato com o rosto, mas quando encarei de novo no espelho, havia algo que não deveria estar ali: o reflexo de Bruce atrás de mim. Quando virei o rosto, ele realmente estava ali, com seu corpo encostado no meu.

A minha reação não foi das melhores. Na verdade, nem deveria ser, afinal, aquele era um banheiro para mulheres.

— O que está fazendo aqui? — questionei, enquanto ele memorizava cada espaço em meu rosto.

— Você é tão linda, Ana. Eu não sei quem era o seu namorado, mas ele definitivamente não sabia o que tinha nas mãos — exclamou, encurralando-me na pia de porcelana.

O seu braço estava esticado e a sua mão agarrava a beirada da pia. Ele usava desse feito para se aproximar cada vez mais. Bruce ainda era mais alto que eu, mas não tão alto quanto Benjamin.

— O que está fazendo aqui, Bruce? — indaguei de novo.

— Eu te fiz uma pergunta e você não me respondeu lá no refeitório — respondeu, encarando-me.

— Não lembro de não ter respondido.

— Perguntei o que Benjamin tem que eu não tenho? Por que ele pode ser seu amigo e eu não?

O que eu responderia? Que eu era apaixonada pelo meu melhor amigo, que ele, Bruce, me assustava com seus olhares promíscuos?

— É só *afinidade*. — Ele se aproximou ainda mais, respirando o aroma do meu nariz e, com a outra mão puxou uma mecha de cabelo, depositando atrás da orelha. — Eu amo seus cabelos!

Eu sentia a ânsia e o enjoou subirem até a língua, arrepiando-me o corpo.

— Então me deixa ter um pouco de afinidade com você também... — sussurrou.

— Se afasta, por favor! — pedi, com o pescoço mais para trás do que eu podia.

Ele se aproximou da minha boca e eu virei o rosto, abaixando o queixo, impossibilitando que ele alcançasse meus lábios. Eu fiz força para sair e ele me impediu fazendo uma barreira com seu braço, comecei a ficar nervosa. Eu não teria forças para gritar.

— Deixa eu mostrar para você. — Ele estava atento a qualquer um dos meus movimentos, até mesmo da minha respiração.

Senti a minha pressão arterial diminuir e meu corpo amolecer.

— Bruce, *eu não quero* — falei sílaba por sílaba, devagar para que ele entendesse.

— Mas eu posso fazer você querer!

Tentei empurrá-lo, mas ele foi mais forte. Agarrou o meu queixo e afundou a sua boca contra a minha, prensando meu corpo completamente contra a pia, ao ponto de machucar minhas costas.

Mordi sua boca sentindo o gosto de sangue e ele se afastou com a mão na frente do rosto, me olhando assustado. Antes que pudesse abrir a boca, seu corpo voou pelo ar, sendo lançado no corredor dos armários da faculdade.

Benjamin o jogou longe, mas sem me dar um pingo de atenção. Ele caminhou até Bruce, sentou-se sobre seu abdômen e começou desferir socos em seu rosto sem qualquer pausa.

Pânico me atingiu e eu não sabia o que fazer.

Caminhei para fora em desespero e os alunos, em volta de nós, estavam gravando. Sem qualquer destreza, Bruce conseguiu botar o braço na frente do rosto e, em seguida, derrubou Benjamin. Ele já tinha boa parte do rosto tomada por sangue.

Quando Ben ameaçou novamente a dar-lhe um novo soco, eu vi que precisava os parar.

— Benjamin, para! — Seu olhar caiu sobre mim e então o azul de seus olhos, se tornaram ternos de novo. — Eu disse para parar!

— Ele ia... Ele ia... — Ele mal conseguia completar. — Você está o defendendo? — perguntou e quando eu não abri a boca para respondê-lo. — Anastasia, estou falando com você.

— Vai embora, eu... eu não preciso que você me defenda. — Ele encarou Bruce e passou indignado por mim.

Abriu caminho entre as pessoas que nos cercavam, com passos tão rápidos que seus cabelos voaram para trás à medida que ele caminhava.

Bruce tinha a mão no nariz, ensanguentado, e anatomicamente torto, indicando que possivelmente ele foi quebrado por Benjamin. Como se não

tivesse me agarrado e me beijado, ele me olhou e disse:

— Merda, meu rosto todo dói! — Eu me aproximei, o puxando pela mão.

— Dói, porque você é um imbecil!

Ele se deixou ser levado por mim.

— Para onde você está me levando?

Procurei a plaquinha da enfermaria sobre as portas enquanto andava pelo corredor.

— Enfermaria. — Entramos pela porta e a enfermeira o encarou surpresa, com a mão depositada sobre o peito.

— Meu Deus, isso foi briga?

Suspirei profundamente. Afirmar seria complicar ele e Benjamin, mas a vida era assim, não é? Vivendo e aprendendo. Se tivesse que aprender, eles aprenderiam com seus erros.

— É, foi!

— Sabe que eu preciso passar isso para direção, não é?

— É, eu sei! — eu disse e Bruce continuava calado enquanto encarava o chão.

A enfermeira buscou um pequeno saco de borracha congelado e deu na mão dele.

— Bota no rosto, vou procurar o formulário universitário da enfermaria. — Ela se aproximou mais, tirando a mão dele, tocando o ferimento com a ponta do dedo enluvado — Acho que foi só uma luxação — murmurou, botando os óculos que estava suspenso em uma corda em seu pescoço. — Vamos precisar de um raio-x. Acho que a sala de raio-x do ginásio está funcionando, deixe-me confirmar, já volto.

Ela saiu, e eu me debrucei sobre o batente da porta, cruzando os braços.

— Desculpa Ana. Eu não queria ser um imbecil.

Revirei os olhos, irritada.

— Você foi muito mais do que apenas um imbecil. — Rangi os dentes. — Eu disse que *não queria*. — Fiz um coque com o cabelo que caía sobre meus olhos e me irritava o tempo todo.

— Se eu fui um imbecil, por que está aqui ainda?

— Para me certificar de que você vai tomar uma advertência.

Ele sorriu.

— Benjamin também vai.

Encarei o chão.

— É, acho que ele também merece.

— O seu namorado era o Benjamin, não é?!

Nossos olhares se cruzaram.

— O que? — Tentei soar não tão surpresa, mas sim como se suas suposições não tivessem fundamento.

— O namorado com quem você terminou foi o Ben, não foi?! Eu vejo a forma que ele te olha. — Puxou a carne do lábio inferior para dentro da boca. — Merda, ele te olha como se fosse te proteger do mundo inteiro.

Eu suspirei.

O que eu iria falar?

Negar? Deveria. Ainda que eu estivesse com raiva de Ben por ele não ter a coragem de se impor com sua família e assumir o que nós dois tínhamos.

— Nicholas.

— O que tem o Nicholas?

— O meu namorado era o irmão de Benjamin. Ben sempre foi só o meu amigo, Bruce. Ben era só o meu *cunhado* — eu disse, sem pensar, sem cogitar o que aquilo poderia significar para ele.

Ouvimos algumas palmas do lado de fora, onde deveria ser o auditório.

Algumas turmas estavam se formando, assim como Benjamin e Bruce, mas ainda havia alguns anos de curso para mim, não ali, mas em outro lugar de acordo com minha sorte de conseguir a bolsa.

— É, eu realmente sou um imbecil. — Ele me olhou, sem hesitar. — Eu vou me mudar para Nova York no próximo mês e achei que talvez... droga, eu sempre te achei tão linda, eu sempre achei que...

Balancei a cabeça de uma forma negativa.

— Achou errado.

— Eu fodi com a chance de sermos amigos, certo?

A enfermeira voltou.

— Sem dúvidas — eu disse visivelmente decepcionada.

— Hoje é seu dia de sorte, garotão! O raio-x do ginásio está funcionando, mas a parte ruim é que você vai ter que cruzar a universidade com o rosto assim até chegar lá. Isso é um problema para você? — A mulher tomou o gelo da sua mão e lhe deu uma toalha que parecia estar gelada e molhada também.

Então sem que ele tivesse a possibilidade de me ver saindo, eu me retirei, procurando pelo meu armário, minha mochila e a carta da bolsa.

Eu deveria ter saído no horário correto, como eu costumava fazer todos os dias, mas aqueles poucos minutos em que eu me dei ao luxo de gastar levando Bruce Bennett à enfermaria me custaram meu ônibus voltando para casa.

Eu não tinha telefone, então, certamente foi impossível acompanhar as horas, mas julgando pela cor azul escura do céu, a friagem noturna e a quantidade limpa de estrelas no céu, não devia ser tão cedo quanto eu queria.

O ônibus demorou mais que o previsto, já que seu motor era velho e ele talvez gastasse mais gasolina para fazer aquele barulho absurdo do que para realmente correr pela estrada levantando poeira.

Quando desci próximo de casa, encarei as luzes acesas da varanda ao lado de fora, mas o que não deveria estar ali era Katrina, comendo parte do capim na lateral da casa. O que ela estava fazendo ali?

Abri a porta, que gritava pedindo óleo no fecho e bati vagarosamente. Eu estava atrasada demais e vovô William ficou mais sozinho do que eu normalmente o deixava em casa. Aos poucos fui ouvindo a voz de Benjamin falando. Ele não deveria estar ali, ele deveria sair da minha vida como eu pedi que fizesse. Ele deveria seguir a vida dele, sem amizade, sem proximidade, ele seguindo seu caminho enquanto eu podia seguir o meu.

— A sua neta é muito estudiosa... — dizia ele. — Ela também é uma das meninas mais lindas da universidade.

— Anastasia lembra a mãe, Anelise.

— E você lembra dela? — perguntou Ben.

O silêncio se fez presente por pouco tempo.

— Não sei, acho que não lembro.

— Não tem problema, se você diz que Anastasia se parece com ela, ela deve ter sido muito bonita quando viva.

Cruzei os braços entrando entre o batente da porta e encarei Ben firmemente. Ele estava sentado no chão, com as costas encostadas na parede, com um prato vazio na mão e meu avô ao seu lado, deitado na cama, de banho tomado e de janta comida pelo visto. Deus, por que ele tinha que ser assim?

Ele tinha os cabelos úmidos, a blusa um pouco molhada, os olhos singelos como um menino, me encarando esperando alguma reação que não fosse raiva ou qualquer outra coisa ruim.

— O que faz aqui? — perguntei.

— Eu... eu queria falar com você, mas quando cheguei você não estava e vi que seu avô não tinha comido e nem tomado banho, mas como eu sei a hora que você dá janta e banho nele, presumi que tivesse perdido o ônibus e achei que chegaria cansada, então eu resolvi adiantar e...

— Por que você tem que ser assim? — Precisei comprimir os olhos, respirando fundo, porque se eu não fizesse eu teria uma crise de choro de merda, porque mesmo que eu tivesse o possível para afastá-lo, ele ainda pensava em mim, mesmo que nos pequenos detalhes, porque Benjamin sabia exatamente o que era importante para mim. — Obrigada... por cuidar dele.

Olhei para o prato em sua mão e estiquei meu braço em sua direção.

— O que foi? — perguntou assustado.

— O prato — falei. — Eu vou levar para a cozinha e lavar a louça, enquanto isso você pode se despedir do vovô William e ir embora.

Ele me deu o prato e eu vi a tristeza invadir o seu rosto, porque não foi só a cor dos seus olhos que eu vi mudar, foram os lábios se inverterem em um sorriso de tristeza, más premonições e atestar tudo o que eu disse antes e aquilo me doía, porque eu nunca fiz mal a ninguém e, mesmo que eu tivesse que fazer esse mal para que *eu mesma* não sofresse nenhum, doía.

A pia de mármore não tinha tantos pratos sujos.

Meu avô quase não conseguia se levantar da cama, então ele não tinha o costume de sujar tantas coisas. Minhas mãos lavavam a louça com a esponja e o sabão, mas a minha cabeça transitava por outro espaço, um que me engolia sempre que eu lhe dava a menor permissão.

Sempre idealizei o mundo perfeito para mim, mas as frustrações sempre acabaram comigo. As frustrações sempre me golpearam pedindo que eu pudesse criar um *plano b* entre os planos de faz de conta, porém eu

sempre insistia que a parte feliz fosse o suficiente para dar certo. Eu nunca acreditei que Benjamin pudesse não ser forte o suficiente para manter com a sua palavra, mas o quão egoísta eu deveria ser para pedir que ele ignorasse a sua família?

O quão egoísta eu deveria ser para pedir que ele desistisse das suas ideologias por amor? Doar meu coração para algo que eu nem mesmo sabia como prosseguiria não era loucura, era amor, em sua forma mais pura e crua.

— Por que fez aquilo? — Senti primeiro o hálito e depois a voz grave no meu ouvido, logo seu queixo no meu ombro e, em seguida, o arrepiô me surgir pelo pescoço.

— Deus, que susto — eu disse, piscando os olhos e olhando por cima do ombro. Voltei a enxaguar os pratos. — Você não devia ter continuado a agredir ele.

— Sempre percebi que ele olhava para você, mas nunca achei que fosse passar dos limites. — Vi a sua mão agarrar a pia de um lado e, depois do outro lado, seu corpo colou no meu e eu desliguei a torneira depois de limpar as minhas mãos. — Eu sinto muito, não deveria ter continuado, mas não consegui me segurar.

— Vocês dois tomarão uma advertência amanhã.

— É, eu imaginei — resmungou — Você não faz a menor ideia do ódio... — sussurrou e nossas testas se encontraram. Meu coração entoou cantigas que só tocavam quando ele estava por perto, como um tipo de comunicação sem a minha autorização. — Que eu senti, quando vi ele agarrando você... Eu ia matá-lo, Ana, eu juro que eu ia — anunciou com raiva nas palavras. Pegou a minha mão trêmula e depositou sobre o peito, entre as costelas. — Consegue sentir? É o meu coração. Nem ele faz o

trabalho direito quando você está por perto, mas eu juro que não ter você por perto é muito pior.

A individualidade de querer o melhor para mim e para o vovô William era uma coisa horrível, porque com a mesma força que eu queria isso, eu também queria Benjamin do meu lado da hora de acordar até a de dormir.

Ele me conhecia tempo demais para saber o que fazer para causar remorso em mim.

— Por que está fazendo isso? Por que não me deixa ir?

Ben alisou meus cabelos com as duas mãos, seguindo até sua extensão no meio das minhas costas.

— Porque eu sei que você também não quer ir, Ana. — Ele não mentia. — O que quer para não me deixar? Do que precisa para não ir?

— Eu preciso de você, Benjamin, mas não de você atrás das árvores, dentro dos celeiros, escondidos. Preciso de você às claras, sem ter que me esconder.

Ele esfregou o rosto.

— Cinco meses — incitou. — Me dê cinco meses e eu te prometo que o mundo vai saber que eu pertenço a você e você a mim.

Promessas.

O tipo de promessa que você só sabe que é rasa quando se joga do penhasco, e eu não sabia se estava tão preparada assim.

— Você não pode me prometer isso.

— Eu já estou prometendo. — Suas mãos desceram para o meu pescoço, trazendo nossos rostos próximos o suficiente para que ouvisse e sentisse cada uma de suas respirações longas que estufavam seu peito. — Eu fujo com você, para onde você quiser, eu, você, Katrina e seu avô.

— Não temos nada, Ben.

Ele abriu um sorriso cintilante de covinhas lindas.

— O essencial é ter você, o resto nós podemos conquistar com o tempo.

Ele beijou o meu queixo e a essa altura, a minha mente traidora pensou por um minuto, que talvez, a minha falta tenha tocado em algum lugar específico em seu coração, talvez a saudade de nós dois tenha chegado em algum lugar que nunca chegou antes.

Um lugar profundo o suficiente para acreditar no mesmo que eu, que o nosso amor era único e como uma flor rara, precisava ser regado.

— Você tem certeza disso? Sua família?

— Eu vou dar um jeito... — sussurrou baixinho. — Prometo.

Pela primeira vez eu me senti egoísta, mas o amor é assim, guloso e egoísta, formado pelo ego que se alimenta dos sonhos gananciosos ou de qualquer coisa que possa culminar a falsa felicidade, que é, na verdade, quase um empréstimo, para quando tiver que tomar o que era seu, levar muito mais do que ele trouxe.

O amor é cruel e eu queria ter percebido isso antes.

## **CAPÍTULO 16 | PRESENTE**

### **Benjamin Kingsman**

Ter o controle sobre as coisas traz uma sensação de poder ilimitado, mas ter o controle sobre as coisas e sobre a sua vida é uma das poucas sensações de que você é uma muralha, de que você é imbatível e, assim, você possui a capacidade de bater de frente com o mundo, mas, o que ninguém te fala é que, quando você perde o controle, a sensação é de estar nadando contra a maré ou talvez vire um grão de poeira sendo engolido por um furacão violento que te cega a medida que gira.

Havia anos que eu não tinha essa sensação.

Anos que eu sabia o que faria durante o dia e, provavelmente o que eu sentiria quando fizesse minhas tarefas, tudo tão organizado que quando fora de rotina, me deixava... nervoso, ocioso.

Perdi o controle de muita coisa depois que Anastasia foi embora e custei a tomar as rédeas do cavalo indomável que havia se tornado meus dias, quando eu finalmente pude montá-lo, eu o guiei com maestria, de uma forma que fez com que boa parte de Dallas me respeitasse muito mais do que eu sonhei que poderia respeitar um dia. Ocupei a minha vida com algo que eu transformei em legado, fiz a *Kingshorse* ser reconhecida em todo Texas, mas quando eu a vi naquele cavalo na floresta de eucaliptos foi como se tudo o que eu idealizei, tudo o que eu construí, não fosse nada perto da curiosidade de saber mais sobre a vida que ela teve nesse tempo fora.

E então, acreditando ter o controle eu fui lá, mostrei que eu precisava ser o pai do filho que *deveria* ser meu e não esperava ter que ouvir palavras

tão duras que me despertaram, mostrando-me que talvez o meu prazo já estivesse sido finalizado. Há muito tempo eu fazia o que exatamente eu queria e julgava melhor.

E poder não continuar fazendo isso, poder não fazer o que eu julgava ser melhor para o meu filho, era algo que me tiraria o sono durante um tempo.

Ethan estava exatamente do outro lado da estrada, deitado no meu antigo quarto, onde ele talvez nunca saberia que eu, o Tio Benjamin, era o pai legítimo dele.

Eu estava deitado na cama o dia inteiro.

Não havia saído para almoçar ou para olhar o sol do lado de fora. Só não queria sair do quarto e ter a certeza de que tudo o que eu havia construído talvez não tenha sido exatamente uma realização pessoal, é como estar doente e achar que vai ficar bem tomando uma xícara de chá, quando na verdade tudo o que você precisa é do remédio certo.

Eu me sentei, ainda de calça de moletom, esfregando o rosto e ainda que tudo estivesse escuro, devido as cortinas fechadas, eu podia enxergar cada item naquele quarto. Eu me vesti, contra a vontade, o corpo pesado de pensamentos carregados que tinham muito mais peso do que meu próprio corpo sobre o chão, segui no corredor e entrei em meu escritório.

Sentei na cadeira que quase rodou com meu peso. Ao lado do notebook havia um pequeno porta retrato e eu ainda me lembava com detalhes daquela foto. Era eu na formatura do ensino fundamental, Jhonatan de um lado e minha mãe do outro.

Meu semblante sério depois de ter escutado “*você está fazendo somente sua obrigação, Benjamin*”. E eu sabia que realmente estava. Meus pais e nem meus irmãos estudariam por mim, mas a forma como Jhonatan falava, era como se ele tivesse raiva por estar usando seu dinheiro em uma

escola tão cara. Por que seria diferente? Ele acreditava piamente que filhos eram um investimento.

Velho burro e imbecil.

Eu poderia queimar aquela foto, mas não era justo com Elizabeth que estava nela.

Deitei a imagem virada para a mesa de vidro, por hora era o suficiente.

Alguém bateu à porta em um aviso de que entraria.

— Ben, está aí?

Era a voz da minha mãe.

— Estou, entre!

Elizabeth entrou, fechou a porta logo em seguida e firmou seu olhar sobre o meu rosto.

— São duas horas da tarde. O que aconteceu? — questiono. Ela tinha um vestido preto de bolinhas azuis escuras, cabelos soltos como de costume e argolas douradas nas orelhas. Jhonatan nunca deixou que ela se arrumasse como queria. Dizia que batons, roupas de tecido caro e maquiagem eram usados apenas por meretrizes. Elizabeth, se pondo no lugar de esposa obediente, aceitava qualquer coisa como se tivesse qualquer escolha, mas ela sabia que não tinha. Concordar com ele era uma regra, mas assim que Jhon faleceu, fiquei feliz em vê-la se libertando, sendo alguém que sempre quis ser. Todos os loteamentos e fazendas, Nicholas e eu deixamos para ela, rendendo assim, uma boa quantia por mês. — É por causa de Anastasia?

Ela não sabia sobre Ethan.

Talvez desconfiasse sobre o nosso relacionamento na adolescência, mas nunca teve certeza sobre o que acontecia entre ela e eu.

— Eu preciso contar algo a você.

Ela se aproximou, sentou no sofá, me encarando aguardando, mas também parecia ter o que falar para mim.

— Eu já sei.

Cerrei as sobrancelhas, desperto.

— Então...

— Eu sei que você e Anastasia namoravam escondidos, Benjamin. Eu posso ser um pouco calma, mas já tive sua idade. De qualquer jeito, a forma na qual vocês se olhavam eram de uma admiração muito maior do que apenas para quem tinha uma singela amizade. — Ajuntou suas mãos no joelho e depois a esticou para mim, me chamando.

Levantei da cadeira, me sentei na poltrona e deitei a cabeça no seu colo, como costumava fazer quando mais jovem.

Ela foi o meu primeiro porto seguro e, segundo a vida que eu levava, talvez seria o meu último.

— Não é só isso, mãe — murmurei, encarando a janela atrás da minha cadeira.

O tempo começava a ficar nublado do lado de fora.

— Sabe que pode confiar em mim, não sabe? Então, abra o seu coração. Acho que já vivemos coisas muito piores como família.

Aquela era a hora.

— Anastasia tem um filho.

— É normal, ela tem nove anos de casamento com o Bruce — respondeu. — Você já tem 29 anos, Ben, não tem idade para ter ciúmes de uma namorada de infância que já construiu uma família. Você também teve sua oportunidade com Helen e não deu certo. — Seus dedos passearam pelos meus ombros. — Um dia vai encontrar alguém que possa fazer você feliz!

— O filho de Anastasia é meu. — Senti a sua mão parar em meu ombro e, pelo tempo que ela demorou a responder, presumi que ela estivesse tentando entender o que eu disse.

— O quê?

— O menino tem oito anos. Exatamente a idade que tínhamos, quando ela foi embora sem me dizer nada.

— Espera, senta e me explica isso direito. — Eu me sentei e ela tinha o rosto vermelho e sério.

— Anastasia me contou que estava grávida dois dias depois que Jhonatan se afogou no lago Calaham. Fiquei nervoso, com medo de que se eu não me casasse com a Helen, você, Brooke e Nicholas passassem fome por causa de mim, eu disse que... *não podia ser pai naquele momento*, mas eu não ia abandonar ela, mãe, eu juro... — Tomei uma grande respiração depois de perder o fôlego falando sem parar. — Mas... Anastasia sumiu quando eu voltei. Eu não ia casar com a filha dos Fitzgerald, eu queria me casar com ela, mas ainda que eu me casasse com Helen, eu jamais deixaria Anastasia abandonada com meu filho, mas ela... foi embora. — Passei a mão no rosto, apoiando os cotovelos nos joelhos, sentado no sofá. — Mesmo casado procurei por ela por todo canto, gastei com detetive e descobri que o seu avô havia falecido quase um ano depois que ela sumiu. Encontrei o seu túmulo, mas nunca a encontrei. Então, depois de exatos nove anos que ela partiu, eu a encontrei andando de cavalo na floresta. Ela disse que tinha perdido a criança, mas quando fui até a nossa antiga fazenda a convite de Bruce, eu o encontrei. — Dei uma pausa, com um sorriso morto nos lábios. — Meu filho estava lá, vivo.

— Como tem tanta certeza que o menino possa ser o seu filho?

Dei uma risada tristonha, me levantei, debrucei na mesa com as duas mãos, peguei a foto que eu virei para baixo e entreguei nas suas mãos.

— A diferença entre a criança dessa foto e a criança que eu vi com ela, é apenas o tempo, porque cada característica é a mesma. — Ajeitei o cinto da calça. — Além do mais, a própria Anastasia confirmou. A idade dele bate exatamente com a mesma data que ela me disse sobre a gravidez.

— Eu... — Ela apertava a foto entre os dedos, mais nervosa do que deveria ficar e ainda mais do que eu quando descobri sobre o meu filho. — Eu não sei o que falar. Céus, Ben, um neto de oito anos?

— É.

— E o que pretende? Já conversou com ela sobre isso?

— Bruce registrou o menino e não sabe que sou eu o pai. Anastasia me pediu para não destruir a família dela. — Acho que havia muito tempo que eu não sentia o choro entalado na garganta.

Deveria ser a minha família, mas não era mais.

Beth parecia tão perdida como eu.

— Se a criança é sua, ela não pode tirar o menino das suas mãos. Você não vai destruir a família de ninguém, Benjamin. Converse com ela a melhor maneira de contar para Bruce e, enquanto isso, você pode tentar conhecê-lo melhor, sem precisar lesar ninguém.

— Você fala como se fosse fácil.

— Mas não é complicado. É somente um pouco de orgulho da parte dela.

— Anastasia acha que se Bruce descobrir que eu sou o pai de Ethan, ele pode pedir o divórcio.

— Se ele realmente a ama, vai perdoá-la. — E então ela endureceu o rosto quando viu minhas sobrancelhas se erguerem com aquela suposição.

— Você ainda a ama, não é?

— Por que acha isso?

Ela se levantou.

— Porque quando fala dela, você ainda tem o mesmo brilho da adolescência no olhar. — Ela passou a mão pelos meus braços, tentando me deixar confortável. — Eu jamais desistiria de você ou dos seus irmãos. A grande questão é que isso precisa ser resolvido da melhor forma e a melhor forma não é afastar o pai de um filho. Se você realmente quiser ser o pai dele, seja. Dê o seu melhor, Ben. Eu sei que você vai saber como fazer. — Beth beijou a minha bochecha. — Tudo por nós, lembra?

Eu sorri com a sua afirmação.

— Tudo por nós, mãe.

# CAPÍTULO 17

## Benjamin Kingsman

Às vezes uma reunião com um dos patrocinadores era como se eu tivesse ficado o dia inteiro de pé falando sem parar. Eu não tinha mais a mesma energia de antes, mas ainda tinha uma boa disposição, olhando para a idade que eu tinha.

Depois de muita guerra interna, resolvi tomar um tempo para mim e tentar encontrar uma forma de encarar o passado e tentar encontrar uma brecha nas alegações de Anastasia. Sei que, talvez, a ideia de que Ethan descobrisse que não Bruce, mas que eu fosse seu pai, seria a revelação de uma falsa-crença para ele.

Eu ainda tinha medo de fazer a coisa errada, de traumatizá-lo e acabar com a única chance de conhecer o meu filho.

Mas o tempo era a solução.

Eu ficaria por perto, acompanharia cada dia seu, cada centímetro crescido e cada felicidade, mesmo que como *apenas um amigo*.

— Sr. Benjamin, o veterinário está lá fora aguardando o senhor. — Tom me encarou, como sempre, ajeitando óculos sobre o osso nasal de seu nariz, com os olhos pequeninos por trás das lentes de fundo de garrafa, e o pequeno sorriso educado que nunca saía da sua boca.

— Ah sim, claro — respondi, buscando a minha carteira no meu bolso. — Os patrocinadores já chegaram?

Ele puxou um pequeno papel do bolso da calça do seu uniforme.

— Oito chegaram, faltam quatro. — Balancei a cabeça positivamente.

— Ótimo! — Peguei as suas mãos de pele enrugada. — Tire o dia de folga hoje.

Tom cerrou suas sobrancelhas, confuso.

— Desculpe, Sr. Benjamin, mas tem tanta coisa para fazer. — Falava embolado, atropelando suas próprias palavras.

— Não é um pedido, Tom. Não tenho o costume de fazer isso, mas é uma ordem — frisei. — Dei uma olhada e hoje vai ser um dia mais tranquilo do que os outros. Meus dias que passaram foram um pouco... conturbados. O mínimo que eu deveria fazer é dar um pouco de ar para você respirar.

Ele abaixou a cabeça diante de mim.

— Me desculpe, Sr. Benjamin, mas eu sou pago para isso.

Cruzei os braços.

Ele me encarou, coçou a cabeça e, então, abriu um sorriso tão grande que foi preciso fechar os olhos. Foi lindo de ver. Tom era uma pessoa de ouro e um dia de folga era muito pouco para o que ele merecia. Os dias que passaram serviram para que eu me centrasse um pouco. Eu sabia que não seria fácil. Nunca é, mas talvez vendo o sol nascer um dia de cada vez que faça entender que mesmo que o vento nos balance, se formos firmes, ele não nos carrega.

— Fique à vontade para tirar uma suíte, aproveite seu dia — falei.

Antes de sair andando, parei ao ouvir sua pergunta.

— Está tudo bem, Ben? — questionou Tom.

Coçei a cabeça.

— Aos poucos, sim! — Sorri.

O veterinário estava em frente ao celeiro. O jaleco branco no ombro e as luvas que usou para mexer na égua estavam já fora dos seus dedos. Jack

era o veterinário da *Kingshorse* há anos e eu só confiava nele para mexer e diagnosticar os animais.

Ele era um cara humilde, aceitava meus palpites e sabia me corrigir com educação quando eu estava errado em algo. Eu prezava isso nele. Além de tudo, havia se tornado um dos poucos grandes amigos que me restaram com o passar dos anos.

— Jack!

Ele veio em minha direção de braços abertos.

— Grande Benjamin! — disse eufórico.

Nos afastamos e caminhamos para a sombra já que o sol do horário de almoço estava forte, mas devido aos ventos, eu não duvidaria que aquele dia fosse como os dias que antecederam o dia de hoje: calor durante o dia e uma tremenda tempestade no fim da tarde.

— Poppy vai ter um filhote grande e pesado — disse ele. — Acredito que deve nascer por dentre os próximos quinze dias. Não vai passar disso. Seria bom se você pudesse estar por perto.

— Sempre estou por perto.

Seus olhos se arrastaram pelo chão e ele debruçou o cotovelo na árvore.

— Eu digo, estar por perto de verdade. Sem sair do Hotel ou deixar alguém próximo... ela é uma égua pequena, o tamanho do filhote me preocupa.

Encarei-o.

— Em que nível devo ficar preocupado?

Ele riu de mim.

— Em um nível de ficar atento. — Sua mão fechou no limiar do meu braço e ombro. — Você tem mais experiência que muitos veterinários. Sei

que sabe se virar na minha ausência, mas em caso de dúvida, é só me ligar. Vou estar de olhos atentos ao telefone.

— Tudo bem! — respondi.

Jackson era um amigo da escola. Não estudávamos juntos, mas em salas vizinhas. Ele costumava fazer hipismo comigo e alguns amigos, até que o seu pai decidiu tirá-lo das aulas para que ele pudesse ingressar na faculdade de veterinária.

— Soube que Bruce está de volta! — A grande conversa que o mundo parecia não querer me fazer esquecer.

— É, veio morar na antiga fazenda onde eu morava. Você também foi até lá na confraternização?

Jack botou a mão na cintura.

— Na verdade não, um dos cavalos que ele tem lá está doente. — Ele coçou o nariz. — Maus tratos.

Abri levemente os olhos. Bruce sempre cuidou muito bem dos seus cavalos, não fazia sentido.

— Você está brincando...

— Jamais. — Jack respirou fundo. Esse cara não era só um veterinário. Os animais o respeitavam. Na escola, chamávamos ele de *Dr. Dolittle*, e depois de formado não foi diferente. Era como se ele pudesse entendê-los com um toque. Tem gente que realmente nasceu para fazer o que faz e ele era uma dessas pessoas. — Não acredito que ele bata nos cavalos, mas com certeza não estão bem cuidados.

— Bruce sempre cuidou muito bem dos seus animais quando adolescente e, agora, então, deveria cuidar tão bem quanto fazia antes, visto que acredito que tenha dinheiro de sobra para gastar com eles.

— O mediquei, passei alguns remédios e recomendações. Fiquei de voltar lá na próxima quinzena — comentou ele. — Eu vi Anastasia lá com

um menino. Bruce disse ser filho dele, mas acredite, achei o menino na sua cara. Que loucura, não?!

Ele riu e eu quis morrer por dentro.

E por falar no diabo, quando olhei para a esquina, para os portões da entrada do Hotel, o carro de Bruce estava realmente parado. Ele abriu a porta, saindo para fora com seus óculos escuros, bermuda jeans, tênis e uma camiseta de botões azul marinho escuro, de manga comprida.

Só consegui pensar no calor que ele devia estar sentindo.

Ele acenou com um sorriso no rosto. O que ele estava fazendo ali?

Me despedi de Jack e fui andando até ele.

— Benjamin! — falou alto à medida que eu me aproximava. Olhei para a janela do carro e Ethan estava com ele.

— Bruce! — Apertei sua mão, firme. — Como vai?

— Eu tentei ligar para você, para o hotel, mas descobri que você não tinha telefone. — Ele tirou os óculos dos olhos, revelando o rosto suado. — É uma coisa rara hoje em dia, um grande homem como você não ter telefone.

Afirmei com a cabeça.

— Essa é a minha casa e normalmente os meus contatos só têm sido a trabalho, então não vejo problema em quem quiser falar comigo ligar para o Hotel ou vir até aqui. Não ter um telefone é menos estressante. — É óbvio que eu tinha um telefone, mas se dez pessoas tinham o meu número de celular, era muito.

Eram somente o necessário do necessário.

— Entendo. Bom, queria te pedir desculpas por não ter falado com você naquele dia em que saiu. Anastasia disse que você precisou ir embora para resolver algum problema. Ficou tudo bem?

*Claro que ela disse.*

Ela jamais perdia a chance de mentir.

— É, eu resolvi sim — falei sendo carregado pela onda da mentira. Afinal, o que eu diria? Eu só fui lá porque queria tomar o seu filho, que na verdade é o meu filho? Há coisas que realmente não devem ser faladas.

— Aliás, que Hotel gigantesco, eu não achei que fosse tão grande. — Ele rodou o tronco para trás, olhou para o carro e chamou. — Ethan! Vem aqui, moleque!

O rompante de Bruce me deixou desconfortável. Não porque ele realmente foi ignorante ao chamá-lo, mas porque era com o mesmo tom e apelido que Jhonatan chamava não só a mim, mas Nicholas também quando éramos criança.

O menino saiu do carro com dificuldade já que a picape vermelha de Bruce era extremamente alta. Veio andando em passos ligeiros e parou ao lado do seu pai. Ele agarrou o pescoço do menino devagar, mas em um gancho duro, balançando levemente. E eu não conseguia olhar para nenhum lugar, se não para aquele tratamento estranho e extremamente diferente de quando os vi pela última vez.

— Vamos, cumprimente-o com educação.

— Boa tarde, tio Benjamin.

Bruce levantou as sobrancelhas de um jeito satisfeito.

— Olá, Ethan! — saudei, baguncei seus cabelos macios. — Então, você realmente veio me visitar!

Seus olhinhos percorreram o lugar e, com vergonha, ele perguntou.:

— Onde está Katrina?

Eu sorri com seu interesse.

— Está comendo do outro lado do Hotel. Você gostaria de vê-la? — Vi seus olhos brilharem com a possibilidade de poder tocar na égua.

— Claro que eu gostar...

E, então, Bruce se intrometeu.

— Sabe, eu vim perguntar se você não gostaria de caçar conosco. Eu vou deixar a picape no limite da floresta de eucaliptos e vamos seguir andando para leste, em uma das florestas que tem adiante.

Olhei para ele e logo então para a criança à sua frente.

Chamávamos a floresta depois dos eucaliptos de *zona vermelha*, porque era nela que ficam os animais que normalmente todo fazendeiro tentava evitar: aranhas extremamente venenosas, cobras e outras coisas piores. Mas a pior ideia não era ir para lá. A pior ideia era levar Ethan para um lugar tão perigoso.

Muitos caçadores experientes preferiam não ir, mas Bruce precisava querer mostrar que era de aço, não é?!

— Lá é perigoso — eu disse apenas, tentando não soar como um estraga prazeres.

— Frescura — respondeu. — Apenas alguns insetos. Eu terei uma arma e serei mais perigoso que eles, posso te garantir.

— Não pode levar Ethan. Lá é realmente perigoso, Bruce. É mata fechada. Não é como a floresta de eucaliptos que você consegue ver cada plantação. Lá são matos e árvores extremamente próximos, muitos pontos cegos para serem cobertos com uma arma. Qual você vai levar?

— Uma espingarda. — Ele deu dois tapas leves no ombro do menino.

— Além do mais, ele precisa aprender coisas de homem. Fica o dia inteiro na escola e com a mãe dentro de casa. Fomos criados como homens, lembra?

Aquilo me engatilhou de uma forma tão errada, que eu quis tirar Ethan de perto dele, porque cada vez que ele abria a boca, falava meia dúzia de frases que pareciam ter sido tiradas da boca de Jhonatan.

— Dois pontos. Eu jamais criaria meu filho da maneira que fomos criados e uma espingarda demora demais para ser carregada. Não é o tipo de arma para se levar em um lugar como aquele. — Me distanciei um pouco, anunciando minha partida. — Vá para um stand de tiro, vai se dar melhor lá.

Quando virei as costas, ele disse com um tom de prepotência:

— Não me entenda mal, Benjamin. Eu não pedi a sua opinião para ir. Só convidei você para ir junto. Se não quiser ir, eu vou sozinho com Ethan — falou alto e Tom olhava nossa conversa do batente da porta da recepção na entrada do Hotel.

Eles viraram as costas.

O menino entrou dentro do carro e Bruce abriu a porta prestes a entrar.

Aquela mata era realmente perigosa.

Ele levaria o meu filho para lá.

E se algo acontecesse?

Bruce não tinha a menor noção do lugar para onde ele iria ir.

Fiz anos de caça com e sem Jhonatan. Eu sabia como me portar em todas as circunstâncias e Bruce estava indo para dentro de um lugar que nunca pisou sem o menor preparo.

Respirei fundo, tentando evadir aquela ideia medíocre da minha cabeça, mas havia algumas possibilidades e a primeira delas era agarrar Ethan pelo braço e dizer: meu filho não sai daqui e, se sair, eu denuncio você por expor um menor a um perigo desnecessário; a segunda é que eu poderia denunciá-lo, até porque a caça na zona vermelha se tornou proibida a quase dois anos e Bruce sabia, porque havia uma placa tão grande quanto um outdoor relatando a proibição pelo estado; a terceira opção é amarrá-lo na poltrona do carro até anoitecer, porque eu tinha certeza que ele não era

louco o bastante para ir para lá durante a noite, embora, mesmo tendo esse mar de possibilidade, a mais sensata por hora era aceitar o convite de merda.

Talvez, quem sabe, eu tenha a sorte de que uma cobra pudesse picá-lo.

— Bruce! — gritei, quando o vi ligar o carro e o motor roncar. Fui correndo até o lado do motorista, ele já tinha os óculos no rosto. — Eu vou.

Ele abriu um sorriso imbecil no rosto e eu juro que fiquei com raiva.

Em dez minutos troquei de roupa, peguei a carabina, carregadores e tudo mais o que eu precisava, então me enfiei dentro daquela picape rezando de pés juntos.

Durante todo o caminho eu me perguntei cinquenta vezes se não escutei errado, quando ouvi Anastasia dizer que Bruce era um excelente pai. Durante o caminho também rezei para ter entendido as cenas que ouvi de forma errada, ou talvez a explicação para isso foi minha pseudo loucura mental, que me fazia desejar tanto a paternidade ao ponto de estar criando coisas que não existiam.

Descemos do carro. Eu com minha arma em punho e Bruce com a dele.

— O que exatamente viemos caçar aqui? — perguntei, visivelmente cansado no tom de voz que eu usei.

— Coelhos, talvez.

— Claro, coelhos já no estômago das cobras — falei e ele tornou a me encarar sem falar nada. — Tá, tudo bem. Vamos lá. — Estiquei a mão pela trilha que mostrava uma enorme placa escrita. “*NÃO ENTRE, CAÇA PROIBIDA*”, seguindo de uma cerca infinita pelas bordas que adentravam a floresta de eucaliptos, onde havia uma brecha para passar, mas para quer levar a placa em consideração, não é?! Afinal, ela está ali apenas de enfeite.

— Você na frente. Ethan vai no meio de nós dois. — Bruce passou e Ethan

tinha o medo estampado nos olhos, depois de me ouvir falar tantas coisas. Na sua cabeça infantil, talvez um dinossauro aparecesse para nos devorar. — Vamos ir embora antes de anoitecer e antes da chuva. Me entendeu?

Ele fez um sinal positivo com a mão e, no momento em que eu passei pela cerca, me arrependi de ter aceitado aquela loucura. O mato estava alto e não ter visibilidade do chão era uma coisa bem ruim para quem costumava caçar.

Andamos bastante e nem um passarinho sequer encontramos. Ethan seguia atento a cada passo que dívamos, Bruce seguia como se tivesse o peito de aço. Um pouco mais à frente, um pequeno ponto branco surgiu saltitante na grama baixa. O meu antigo amigo de infância sorriu sacana e contente, então puxou Ethan pela mão, agachou e apontou para mostrar o animal indefeso que ao menos sabia para onde ir.

— Consegue ver o coelho? — Na verdade, eram dois. Um menor que o outro, eu diria que era um macho e uma fêmea. — São dois. Podevê-los?

O som de grilos era alto, o que era normal levando em consideração que, ali, o mato prevalecia mais do que qualquer coisa.

Mas o que eu vi me deixou assustado.

Bruce depositou a arma sobre as mãos de Ethan, que tremia sem entender o que fazia. E eu poderia apostar que ele sequer viu uma arma sendo disparada em algum momento da sua vida curta.

— O que está fazendo? — perguntei, sabendo exatamente o que ele estava querendo fazer, mas eu precisava ter certeza do que ele queria para intervir da melhor maneira possível.

— Ensinando meu filho a ser homem — respondeu ácido, sem tirar os olhos da espingarda e de Ethan. A arma era tão pesada que a criança não conseguia equilibrar com suas mãos pequenas.

— Acho que você está adiantado demais. Ele só tem oito anos e é uma criança, Bruce. — Ele me ignorou. O dedo do menino com muito custo alcançava o gatilho e ele não conseguia harmonizar a mira. O dedo no gatilho e ao suspender a arma para cima na altura do queixo. *Que infernos de pai Bruce era?* — Ele é novo demais para segurar a pressão do disparo.

— Pai, eu não quero matar um coelhinho. — Ethan se expressou, afastando a arma das suas mãos, de maneira que ficasse quase em cima do ombro de seu falso pai.

— Se você não matar, o tio Benjamin vai matar no seu lugar. — Ele me encarou e eu pude ver o medo nos olhos infantis.

— Não, Ethan. Eu não vou matar nenhum coelho. Seu pai está brincando. Essa carabina é somente para nos proteger das cobras e aranhas, para que fiquemos seguros, só isso. — Eu juro que nunca senti raiva de Anastasia, mas ali e agora, eu realmente estava começando a sentir.

Era impossível que Bruce fosse o pai que ela enchia o peito para falar tão bem.

— Se você não matar, outra pessoa mata, Ethan. — Ao lado do menino, ele puxou a espingarda para o olho. Com o dedo no gatilho, ele atirou, acertando a cabeça do animal. O sangue respingou na árvore e a pelagem branca meio cinzenta ficou manchada de escura.

Arregalei os olhos em horror.

Ethan me encarou e começou a chorar desesperado. Minha carabina foi parar no chão, eu o peguei no colo e me distanciei.

— O que você tem na *merda* da sua cabeça? — gritei sem qualquer controle.

— Ah, fala sério! É só a porra de um coelho. Vai me dizer que ficou com pena?

Um pai de merda.

Um tremendo pai de merda.

— O que você tem na cabeça de querer ensinar uma criança de oito anos a atirar com uma espingarda para matar um coelho?

— Você também aprendeu cedo, Benjamin.

— Eu tinha dezesseis anos, Bruce, assim como você. Ele tem oito anos, porra. — Ethan cessou o choro, respirando fundo. Passou os dedos nos olhos, tentando afastar a péssima visão que as lágrimas em seus olhos traziam.

— Bote-o no chão. Ainda sobrou um coelho para ele — insistiu Bruce.

— Não. Esqueça, a caça acabou — eu disse autoritário.

Deixei a arma no chão e voltei o caminho curto que havíamos traçado até ali. Por outro lado, o marido de Anastasia demorou a entender que eu iria voltar com o menino. Eu não seria capaz de deixar Ethan ali com ele sozinho.

Eu só conseguia pensar: e se por um acaso eu não tivesse vindo? E se eu o tivesse deixado ali com aquele louco.

Passei pelo cercado, onde o terreno era aparentemente mais seguro, limpo e se podia ver ao raio de quase um quilometro à frente se não fosse pelas árvores altas de eucaliptos. O cheiro do ar era inconfundível.

Botei Ethan no chão e ele tinha os olhos vermelhos e pequenos por causa das lágrimas.

Como tirar da cabeça de uma criança a imagem de um coelho tendo sua cabeça praticamente explodida por um tiro de espingarda? Ele devia aprender como alimentar coelhos na escola, mas Bruce o ensinou como tirar a vida de um.

Ouvi o barulho no cercado e, quando olhei para trás, o marido de Anastasia havia acabado de passar por ele.

— Mas que droga você acha que está fazendo? — perguntou sério e eu não segurei a vontade de rir.

Aquilo parecia uma piada de péssimo gosto.

— Você não costumava ser assim, Bruce. — Abri a porta da picape e Ethan entrou. Ele não merecia ouvir aquela conversa. — Ele só tem oito anos.

— Ethan não é uma criança imbecil da cidade. Ele é o meu filho e eu digo o que é ou não para a idade dele.

— Não é assim que as coisas funcionam — falei por cima das suas últimas palavras, atropelando as últimas sílabas de sua boca e ele não gostou nadinha.

— Quem você acha que é para ditar a forma em que eu crio Ethan?

*Eu sou o pai dele.*

*Sou o pai dele.*

*O pai dele.*

*O pai.*

— Ninguém... — murmurei baixo.

— É isso que você é na vida do meu filho, Benjamin. *Ninguém.* — Eu quis dar com as línguas nos dentes tão forte como nunca dei na vida, mas sabe aquele autocontrole que você busca no fundo da alma? Aquele autocontrole que você trinca os dentes, respira fundo, pisca os olhos e aperta o punho. Foi esse controle que eu usei para não informar a Bruce que o título paterno que ele acreditava ter era totalmente falso. — Eu vou deixar você no hotel. Entre no carro, por favor.

O caminho de volta pareceu durar horas, dias até.

Ethan dormiu no banco de trás e o meu pescoço duro só se punha a olhar para frente, sem chance de virar o rosto, justamente porque a minha

vontade era de afundar a mão dentro do rosto de Bruce e deixar carimbado pelo resto de sua vida.

Quando saí do carro, o sol já havia sido ofuscado pelas nuvens densas e carregadas, anunciando mais um dia de chuva, o que era raro acontecer tantos dias seguidos. Encarei o céu, quando os meus pés encostaram no chão empoeirado.

E, para minha surpresa, Bruce também deixou o carro. Veio na minha direção andando devagar, com as mãos no bolso.

— Benjamin. — Eu não respondi, apenas dei minha atenção como resposta. — Eu posso ter me excedido um pouco, mas isso não te dá o direito de ter feito o que fez.

Eu ri e ele endureceu o rosto.

— Ah, com certeza, Bruce — falei cheio de ironia. — Se fizer algo parecido novamente perto de mim a minha reação vai ser a mesma. Aliás, Anastasia sabe disso? Sabe que você tem esse tipo de atitude com o menino?

Vi o receio em seu olhar.

— Anastasia sabe que tudo o que eu faço é apenas o melhor para ele, assim como tudo o que eu faço de melhor para ela.

— Eu realmente não consigo enxergar o que a morte de um coelho vai trazer de bom na vida dele.

E pelo seu silêncio, nem ele próprio soube dizer.

— Tudo bem. Eu entendi.

— Sabe o que é bom para Ethan? Brincadeiras e outras crianças, por isso disponibilizei o Hotel para que o aniversário dele fosse feito aqui, porque tem meninos da sua idade. Posso conseguir o que eu quiser para locações de aniversários, mas levar uma criança de oito anos para matar coelhos? Você viu a cara de assustado dele, o medo e, ainda assim, não foi

capaz de respeitar! — Tomei fôlego. — É, Bruce. O tempo realmente muda as pessoas.

— Como pode falar comigo sobre paternidade se você sequer tem um filho?

— Mas eu cuido de muita coisa do mesmo jeito como se fossem filhos, inclusive dos animais. Saber respeitar quem a gente ama é algo primordial. — Me distanciei. — Vou aguardar o contato de vocês para a organização do aniversário.

*Dia de merda.*

Percebi que Anastasia era uma louca ou realmente estava tentando mascarar o péssimo pai que Bruce era para que eu pudesse me afastar do meu filho, mas se ela realmente pensou isso, estava muito enganada.

Eu poderia ser um pai muito melhor que ele.

Não só poderia, como seria.

Se ela queria guerra, é guerra que Anastasia teria.

# **CAPÍTULO 18**

## **Benjamin Kingsman**

O lobby da piscina do Hotel se transformou em um enorme salão infantil.

As pilastras de madeira foram todas tomadas por bolas de ar de cores verdes, pastéis e amarelas, simbolizando o safari. Anastasia não queria nada exagerado, mas eu fiz questão de que fosse tudo do bom e do melhor, afinal, eu nunca dei nada de valor a Ethan.

Nunca dei um ombro amigo e partindo de uma festa de aniversário, seria um ótimo começo para nós dois.

— Eles disseram que horas chegariam? — Beth, ao meu lado, tinha as mãos suadas e não parava de as esfregar umas contra as outras. Seus olhos rondavam todas as entradas para o lobby na ansiedade de encontrar o seu primeiro e único neto, mas da forma que se encontrava, eu não duvidaria que ela desabasse em lágrimas.

— Mãe, por favor, tenha um pouco de calma. Bruce e Ethan não sabem sobre mim, então, por favor, não conte a ele com a sua reação.

Deu algumas goladas do copo da água na mesa à nossa frente.

— Eu vou tentar.

— Isso não é um velório, é um aniversário. — Ela treinava a respiração. — E Brooke? Não vem?

— Ela disse que vai tentar vir antes do Natal. — Abriu o leque branco abanando o rosto. — Disse também que está com alguns projetos comerciais que precisa entregar antes de vir se “*enterrar*” no mato.

Suspendi as sobrancelhas.

— Ela usou exatamente essa palavra?

— Do jeitinho que eu disse.

— Eu jamais iria imaginar que Brooke ia querer se manter tão afastada do interior.

— Acho que só você realmente gosta daqui, Ben.

Soltei um longo suspiro.

— Talvez Brooke e Nicholas também gostem, só estão mantendo distância não só do mato, mas também das memórias que o interior guarda.

Ela sabia exatamente do que eu falava.

Eu sei que ela sabia.

Seu olhar dizia isso.

— Mentiras não terminam em coisa boa. — Beth bebeu o restante da água e deu o copo vazio para o garçom que havia acabado de passar por nós.

— E em qual contexto você diz isso do nada?

— No contexto de oferecer uma festa ao menino sem que Bruce saiba que você é o pai. — Pegou minha mão, acariciando-a. — Eu disse que você deveria investir na possibilidade de ter mais do que apenas o sangue do menino, mas também a paternidade, Benjamin, e não mentir.

— Isso é uma crítica?

— Construtiva.

— Posso me sentir honrado? — perguntei em um tom irônico, mas ainda brincando.

— Achei que já tivesse se sentindo.

— Farei o melhor que eu puder, mãe.

— Eu sei que sim. — Beijou meu rosto e caminhou para longe.

Olhei em volta onde as cadeiras eram forradas por toalhas de cetim com as temáticas da festa. Um *DJ* gerenciava as músicas que tocavam e os garçons serviam as pessoas que, a cada minuto, chegavam por todos os lados.

Era difícil diferenciar convidados de hóspedes, mas segundo Anastasia quando ligou para a recepção do hotel, não havia problema de que os hóspedes pudessem participar da festa.

— Benjamin! — Alguém chamou o meu nome e eu olhei para trás. Quase dez anos se passaram e Darla sempre foi obcecada por tudo que pudesse deixá-la jovem, mas depois de tentar regredir alguns anos no tempo com produtos de beleza, tudo que ela conseguiu foi envelhecer mais. Darla era uma mulher bonita, mas Elizabeth, por quem mantinha desnecessariamente uma rivalidade unilateral, ainda conseguia se destacar nesse quesito. — Quanto tempo! — Ela se expressou, abrindo os braços cheios de pulseiras brilhantes. A maquiagem na sua pele era tão pesada que ela mal conseguia realizar expressões faciais.

— Sra. Bennet — cumprimentei, cordialmente.

— Os anos fizeram bem a você! — Olhou em volta. — Assim que o vi, eu sabia que faria coisas incríveis. Que lugar espetacular, Elizabeth deve estar muito orgulhosa de você.

Soltei um sorriso.

— Obrigado. Igualmente, Sra. Benett...

— Sra. Não, por favor, assim pareço uma velha! Somos velhos amigos, pode me chamar de Darla.

— Eu não...

— Eu insisto! — Ela me cortou novamente.

Seu marido, ao seu lado, dessa vez agora dentro de meu campo de visão, esticou sua mão e agarrou a minha em um aperto firme. Bruce era

realmente parecido com ele e isso era incontestável.

— Você realmente cresceu, Ben. Seu pai ficaria orgulhoso.

Morgan Bennett era um dos amigos mais chegados do meu pai. Eles costumavam fazer muitas coisas juntos e um dos maiores motivos por Jhon me comparar com Bruce o tempo todo, era porque Morgan enchia a boca para falar das qualidades do filho, trazendo a infelicidade para Jhonatan de ter um filho como eu.

É claro que o meu pai ficaria orgulhoso.

Mesmo que eu enfartasse naquele segundo e fosse enterrado a vários metros debaixo da terra, o legado que eu deixei continuaria a se expandir e dinheiro continuaria a entrar e sair a cada segundo e mesmo tendo certeza que foi para isso que eu estudei como um louco, hoje parece não fazer tanto sentido.

— Obrigado, Sr. Bennett. — Ele acenou a cabeça.

— Ethan está tão feliz sabendo que vai ter uma festa — disse Darla  
— Anastasia realmente não queria, cismou que estava incomodando você.

— Foi eu quem me ofereci para que o aniversário fosse feito, não deixei que se preocupassem com nada. É um presente à ele.

— Eu falei a mesma coisa para ela, mas Anastasia é assim mesmo. Eu não culpo meu filho de ter arrumado uma péssima esposa. — Ela contorceu o rosto em uma cara azeda e, pela primeira vez em alguns minutos de conversa, eu senti um interesse real em continuá-la.

Limpei a garganta.

— Darla! — alertou seu marido.

— O que foi? Você sabe que é.

— Anastasia costumava ser uma boa menina na faculdade — falei, na esperança de que ela pudesse falar mais do que apenas opiniões frustradas, afinal, aquele rancor todo deveria de ter um motivo por trás.

— É só mais uma menina interesseira que se deu bem com a paixonite imbecil de Bruce quando era adolescente. Mas me diga, onde está sua esposa?

Eu não poderia simplesmente fazer perguntas. Seria me expor demais, mas eu sabia que Anastasia não era interesseira.

Deus, minha cabeça era muito mais rápida que eu e o meu raciocínio acabava por bagunçar ainda mais as minhas suposições. Sobre Ana ter ficado com Bruce por dinheiro, a única explicação era que ela o fez por causa de Ethan, mas ainda assim, as coisas não se ligavam com nitidez.

Eu nunca disse que não assumiria a minha responsabilidade e Anastasia ter ido embora sem falar comigo, sem deixar rastros, era algo muito mais estranho olhando de longe.

— Sou divorciado.

Ela assumiu um rosto entristecido.

— Oh meu Deus! Sempre achei que você e a filha dos Fitzgerald faziam um casal incrível.

Concordei com a cabeça.

— É, mas acho que ela está mais feliz agora. — Olhei em volta com um sorriso gentil no rosto. — A *Kingshorse* me exigiu tempo demais e o meu casamento foi um sacrifício para que tudo isso desse certo.

— Você é um menino de ouro.

— Obrigado. — A vida era uma loucura. No passado, meu pai rendia elogios ao filho dela e, hoje, ela rende elogios ao filho de uma mulher que nunca gostou. — Deus, Elizabeth também está aqui! — exclamou surpresa.

— Com licença, Ben.

— Toda!

Revi toda a parte financeira de colaboração dos patrocínios, enquanto os convidados chegavam. O dia estava ensolarado e eu vestia uma camisa

branca que eu ia até os pulsos, mas o pano era tão fino, que chegava a ser um pouco transparente e extremamente confortável, combinando com os óculos escuros que tampavam os meus olhos.

— A Sra. Darla Bennett com o marido reservaram uma suíte para o torneio nos próximos dias — disse Tom, passando a lista futura de hóspedes da *Kingshorse*.

— Depois de toda a bajulação dela no lobby, eu não esperaria menos.

— Cocei o nariz em um sinal de incômodo.

— Tem algo no nome de Bruce?

Ele olhou para o papel, logo depois foi no monitor, puxando os óculos para cima dos olhos, lhe dando uma melhor visibilidade. Respirou fundo, se dando por vencido.

— Nadinha.

— Perfeito.

O som de sapatos correndo em contato com o porcelanato no chão chamou a minha atenção. Ethan vinha correndo do corredor e eu só consegui amparar o seu corpo pequeno de uma queda, porque me virei no tempo certo.

— Menino, que susto! — eu disse com ele nos meus braços, agachado no chão.

— Tio Ben! — exclamou tentando recuperar o fôlego dentro do peito.

— Busque um pouco de água para ele, Tom — falei e ele se foi. Voltou em poucos segundos. Ofereci a Ethan e ele bebeu tudo. Sob sua cabeça havia uma máscara de leão que estava sendo distribuída durante a festa. — Melhor?

Ele pulou em meu pescoço e eu senti o aroma infantil, um abraço quente e agradecido.

Foi inevitável não sorrir.

— Eu nunca tive uma festa. Obrigado, tio Ben!

Eu quis puxar os meus cabelos da cabeça.

Só de pensar que eu poderia ter feito tanto por ele desde pequeno, me deixava em um estado catatônico de tristeza e arrependimento. O que eu poderia ter me tornado para ele? Porque apenas com a menção de que ele pudesse ser meu, me fazia querer atravessar o oceano em busca da verdadeira relação que deveríamos ter como pai e filho.

— Hm... — Respirei dezenas de vezes. — Fico muito feliz.

— Eu queria que meu pai fosse como você — confessou e o pequeno pedido indefeso e sem qualquer maldade foi como um tiro no meu peito.

Eu era o pai dele e não podia dizer.

Para que uma criança de oito anos pudesse abrir a boca e dizer algo como isso, era uma revelação de que Bruce não era o pai que deveria ser para Ethan.

Ele era só uma figura a quem o meu filho se referia como pai.

É como ter um telefone queimado, que nem mesmo liga, sem jogar fora, apenas para encher a boca e dizer que você tem um telefone. Era exatamente isso que Bruce era para Ethan e eu botaria a minha mão no fogo se estivesse enganado.

— Sei que ele... faz o melhor que pode. — Seus olhos me encararam, esperando por mais alguma resposta. — A festa não pode acontecer sem o aniversariante. Vamos lá.

Ele foi correndo na frente e eu logo atrás.

Ethan se emaranhou com outras crianças. Algumas eram filhos de fazenda vizinhas e outras eram filhos dos hóspedes, que seguiam na piscina para adultos, enquanto as suas crianças se divertiam pelo lobby com os brinquedos e uma equipe que fazia brincadeiras infantis.

Enxerguei Bruce do outro lado da piscina conversando com alguns homens.

Ele me avistou e acenou com a cabeça, sério.

Fiz o mesmo.

Ele se tornou um grande imbecil, quando tratou Ethan daquela forma. Se, talvez, eu não respeitasse tanto Anastasia, já teria tomado o menino à força depois daquele show de machismo em uma mata em que nenhum de nós deveríamos ter ido. E eu deveria ter feito com que ele sequer tivesse conseguido sair com a caminhonete do meu hotel naquela tarde, mas se não tivéssemos ido até lá, eu teria continuado a me crucificar como alguém que não merecia a paternidade que queria.

Eu teria continuado a acreditar que Bruce era o pai dos sonhos que eu não poderia ser.

As ideias eram muitas, mas eu precisava concentrá-las para tomar as decisões certas. Precisava concentrá-las para entender que qualquer atitude boa seria definitiva, assim como as ruins.

Eu teria me perguntado onde estava Anastasia, mas respondi a minha própria pergunta, quando a vi sentada no bar, do lado contrário da piscina e de Bruce, sozinha, onde aguardava o garçom com o seu pedido, já que olhava para os movimentos do mesmo com um toque de ansiedade.

Aquela era a minha chance.

Quando me aproximei sem que ela percebesse, ouvi o garçom lhe entregar um corpo de bebida rosa e dizer:

— Aqui está a sua batida de morango sem álcool, senhora.

Ela abriu a bolsa para pagar, mas provavelmente não sabia que os funcionários não mexiam com dinheiro.

— Todos os custos dentro do Hotel são pagos no *check-out*. — Me sentei ao seu lado e ela tirou os óculos para ter certeza de que era a mim que ela via.

— Então eu vou pagar lá... — disse Ana apática, preparada para se levantar e esquecer até mesmo seu drink no balcão do bar.

Botei a mão em suas costas para que ela nem pensasse em sair dali.

— Todos os convidados e hóspedes que participarem do aniversário estarão isentos do bar. — Tirei meus óculos, encarando seus lindos olhos verdes, incomodados com a minha presença.

Senti seu olhar queimar na carne exposta do meu peito pela gola larga da camisa e por seus botões abertos até a altura do diafragma.

— Isso é verdade ou é mais uma das suas mentiras? — Ela parecia sempre pronta para me atacar, mesmo que eu tenha tentado explicar a situação, ela parecia alheia a qualquer explicação minha como se a sua verdade fosse absoluta e única.

— Você não era arisca.

— Eu não era muita coisa, Benjamin.

Pegou a bebida, enfiou o canudo vermelho na boca e sugou, encarando em volta, com aquele velho receio de que pudesse ser pega.

Que ironia!

No passado ela quase implorava para que não namorássemos escondido e agora, ela lutava para esconder o nosso nível de intimidade a qualquer custo.

— Mas como eu disse, muita coisa não mudou. Seu olhar sobre mim ainda é o mesmo.

Pela sua cara, ela não esperava que eu fosse tão atrevido dentro da posição em que eu estava. Fiquei em dúvida se Ana havia se engasgado com sua bebida ou se ela tossia, porque estava gelada demais.

— Você... você...

— Não, Anastasia. Entenda, não vim aqui para fazer você travar igual faz toda vez que me vê, eu vim aqui porque eu estou me sentindo *enganado*. — De uma vez só ela bebeu quase a metade do copo. — Pelo visto algumas coisas nunca mudam, você ainda gosta de batida de morango.

Ela riu.

Seu rosto se tornou vermelho, mas não parecia de vergonha.

Era de raiva.

— Como tem coragem de dizer que se sentiu enganado? É sério isso? Ou é mais uma das coisas que você vai usar para dizer “eu estava nervoso, Anastasia, me perdoe”? Faça-me um favor, Benjamin.

Me debrucei sobre a madeira à minha frente, encarando o rosto de pele que nunca parecia ter perdido a maciez ao longo dos anos. Eu quis atestar isso, mas já não tinha mais o direito de fazê-lo.

— Primeiro você me disse que Ethan não era o meu filho e eu entendo que você não queria destruir o seu casamento, como você disse. Até aí, ok.

— Tracei o dedo pela madeira como se contasse a ela um plano. — Mas... você em todo seu drama, naquele dia em que Bruce me convidou para almoçar em sua casa...

— Você invadiu a nossa fazenda.

Soltei uma risada grave.

— Avisei que me manteria por perto, Anastasia. E eu fiz somente o que eu prometi que iria fazer. — Ela endureceu os lábios. — Agora voltando a minha linha de raciocínio. Você me disse naquela tarde em sua casa, que Bruce era um pai incrível e um marido excepcional, e que eu iria foder com a vida do *meu filho* se eu me intrometesse e quisesse proclamar meu direito como pai.

— Eu não menti. — Ela ignorava meus dedos que alisavam a madeira.

— Ah, mentiu sim, sabe por quê? — Eu vi a saliva descer por sua garganta. — Porque Bruce é um babaca.

Ela tentou se levantar da cadeira, abandonando o copo ainda pela metade, mas eu estava tão sedento pela resposta dela que eu sequer liguei que metade das pessoas que nos conheciam estavam ali presentes.

Segurei o seu braço em um aperto forte.

Ela puxou pela primeira vez para tentar se libertar do agarro, mas eu puxei seu braço e a fiz sentar do meu lado.

— Eu não vou ficar aqui ouvindo isso — disse ela e tenho certeza de que, se pudesse, botaria as mãos nos ouvidos para não ter que me escutar.

— Se não me ouvir e responder, eu vou pegar um microfone e botar no último volume, quem sabe assim você possa me responder. — Cuspi na lixeira bem ao meu lado e voltei a minha atenção para ela. — Você escolhe.

Ela me encarou perplexa.

— Quando foi que você se tornou um idiota, Benjamin?

— Quando você inventou um milhão de mentiras para tentar me separar do meu filho.

— Você separou o seu filho de você.

— Esse papinho não vai colar, Anastasia.

Ela olhou para Bruce e Darla que seguiam de costas para nós, mas isso não impedia que a minha mãe visse nossa pequena discussão, junto de... Brooke? Minha irmã mais nova estava sentada ao lado de Beth na cadeira.

A sua mala estava ao lado da cadeira e ela me encarava.

— Me solta — pediu a primeira vez olhando no fundo dos meus olhos.

— Nós *ainda* vamos conversar. Você me entendeu?

— Eu já conversei com você o que eu precisava.

— Não me faça ir até você. — Suspirei, puxando a gola lateral da camisa onde ela novamente escorregava com o olhar. — Eu não vou ter a mesma paciência como da última vez. Também deixei muito da minha personalidade no passado.

Sem me responder, ela seguiu andando com seu vestido preto tubinho, justo em seu corpo que ainda era o mesmo depois de nove anos, exceto seios maiores pela gestação, mas ainda linda.

Portadora dos meus problemas, porém linda.

Respirei fundo antes de me direcionar até Brooke que seguia com os braços abertos até eu poder alcançá-la para apertar seu corpo contra o meu.

— Eu já te disse que as minhas amigas te acham o maior gato? — disse ela enquanto me apertava. Seu óculos *Ray-Ban* rosa era um charme que a acompanhava tanto quanto sua mala.

— É bom te ver também, Brooke.

Sacudiu os cabelos castanhos que ainda eram os mesmos, depois de tantos anos.

Brooke parecia mais comigo.

Na verdade, muitos diziam que ela era uma cópia minha que andava por aí de calcinha e sutiã, mas em termos de afinidade, Nicholas e ela sempre se deram muito melhor do que ela e eu. Não sei explicar exatamente, mas Nick tinha um senso de proteção com Brooke desde que eram bem jovens, isso por um certo lado me deixava mais tranquilo, porque eu sabia que ela seria bem cuidada independente onde estivesse.

Nicholas costumava reclamar bastante da sua jovialidade interminável, mas sempre que podia pegava aviões para não deixar que ela passasse os feriados sozinha na cidade grande.

— Escuta, por que você está fazendo uma festa infantil aqui? O Hotel virou um salão de festa para locação?

Ela sabia que não, assim como estava sendo irônica, mas pelo visto, Elizabeth não havia contado as novidades a sua filha, que nossa família havia crescido e eu sequer pude contar devidamente.

— É uma situação um pouco... atípica.

— Óbvio que é. — Pegou um pequeno pacote de muffins de chocolate e mordeu a cabeça da girafa, que estava desenhada sobre a superfície de massa americana. — Nicholas disse que vai vir para o Natal. Não virá ao torneio.

— Isso não me surpreende — relatei e, de fato, não surpreendia.

— Anastasia continua muito bonita — disse como quem não queria nada, mas eu sabia que ela queria coisas demais. — A briga de vocês não parece ter sido muito legal, inclusive minha mãe me atualizou. Ela está mesmo casada com Bruce?

Passava de uma surpresa falsa, estufou os lábios inferiores para fora em um bico comovente.

— Isso, talvez, não seja assunto para você.

— E por que *talvez*?

Eu ia responder, mas Ethan se aproximou correndo como um pequeno foguete, rápido como era. Parou diante de mim e encarou Brooke. Na verdade, Ethan e Brooke se encararam por eternos segundos e a cara que a minha irmã fez, dizia exatamente o que ela pensava.

— Nossa, você é muito parecida com o tio Benjamin — ele disse, olhando de cima para baixo.

— *Tio Benjamin?* — perguntou Brooke.

— Esse é Ethan, filho de Anastasia — falei para ela que, automaticamente, botou a mão na boca, olhando arregalado para mim, surpresa, como se alguém tivesse lhe dado um choque na sola do pé. — E essa é minha irmã, Ethan.

— Benjamin! — gritou baixo, como uma exclamação em tom maior.  
— É isso que eu estou pensando?

— Eu realmente não estou dentro da sua cabeça para saber o que realmente você está pensando! — Brooke encarou Ethan e pegou o seu pequeno rosto infantil com as duas mãos. — Você parece um menino legal, Ethan. Eu me chamo Brooke, quantos anos você tem?

Ethan antes de responder me encarou.

— Tenho oito anos.

— *Cacete, Benjamin* — xingou ela e eu tampei a sua boca.

— Será que você pode não xingar? Tem uma criança na sua frente.

Ela bagunçou os seus cabelos.

— Quem sabe disso?

Minha mãe foi dar atenção a Ethan, fazendo perguntas sobre a escola e sobre coisas que realmente fizesse ele pensar que por um momento nós não estivéssemos por perto.

— Algumas pessoas.

— Bruce? — questionou.

— Eu, Anastasia, nossa mãe e você.

Ela prendeu os cabelos no alto da cabeça em um coque. A surpresa ainda não havia deixado seu semblante.

— Como isso aconteceu? Não me diga que ela estava...

— Grávida.

— A nossa família é única — Ela estava com os olhos presos em Ethan, comparando cada similaridade. — Meu Deus, um sobrinho!

Brooke era menos ingênuo que Nicholas ou Elizabeth quando era mais nova.

Ela, por acidente, já havia me pegado beijando Anastasia no celeiro, então de todas as pessoas, ela era uma das únicas que sabia onde nos

encontrávamos e por muitas vezes, eu senti que ela me ajudava a encobrir.

Ela era uma pirralha, mas foi uma boa irmã.

Tom estava parado ao lado do bar, com seus braços presos na lateral do corpo e acenava com a mão para que eu me aproximasse. Fui andando em passos apressados, pois eu sabia que ele só iria até ali se fosse em caso de extrema urgência.

Ele não gostava de interromper reuniões, festas ou momentos particulares meus. Não porque eu pedia para que ele não fizesse, mas porque ele dizia ter bom senso para ir apenas onde era chamado e, mesmo que eu o tenha convidado para o aniversário de Ethan, Tom preferiu ficar na administração do Hotel e se negou a ir visto que eu já havia dado folga a ele.

— Oi, está tudo bem?

Ele lambeu os lábios, umedecendo a boca rachada pelo tempo seco.

— Acho que a bolsa de Poppy *estourou*. Eu a movi para o celeiro hoje pela tarde, já que lá tem bastante espaço. Deixei um pouco de água e panos limpos. Sei que normalmente não precisa, mas eu deixei.

Jack me disse que ela não passaria daquela quinzena. A sua gestação não ultrapassou nem a visita de dez dias do veterinário e tudo ocorrera da forma que ele disse que ocorreria.

Olhei para trás.

A minha mãe ou Brooke seriam de péssimas ajudas, mas quando vi Ethan ali, parado na borda da piscina, pensei: Por que não?

Ele não teria tanta força para ajudar ou, talvez, nem entendesse ainda como a parte biológica de um parto animal acontecia, mas acho que a experiência valeria a pena e eu me sentiria feliz de poder proporcionar algo assim a ele.

— Tom, liga para o Jack e pergunta, por gentileza, se ele pode vir agora para fazenda. Vou adiantar o que consigo. Leve dois pares de luvas para o celeiro. Eu já vou indo.

Ele ouviu e, em seguida, partiu.

Me aproximei de Ethan que tinha os olhos em mim, quando notou minha presença.

— Tenho um presente de aniversário para você. — Seus dentes apareceram em um sorriso escancarado.

Anastasia não tirava os olhos de nós dois de longe.

— Sério? — questionou.

— E acho que você vai gostar.

Ele acenou positivamente com a cabeça e me deu a mão. Quando saímos andando, sua mãe também começou a nos seguir.

# **CAPÍTULO 19**

## **Anastasia Snow**

Sentada e sozinha, fora de ambiente, como se o meu estômago tivesse litros de ácido sulfúrico corroendo a minha carne e me matando por dentro. Era essa a sensação de estar ali. Bruce estava tão concentrado em puxar o saco de alguns vizinhos endinheirados e poderosos que sequer teve a capacidade de dar um sorriso para Ethan, ou perguntar como ele estava.

Ele simplesmente nos esqueceu.

Eu me sentia perdida como se fosse uma peça quadrada no meio de várias redondas. Bruce não se sentia mal de estar no meio da família Kingsman, que era a real família de Ethan.

Ele não era um homem tão inseguro porque tinha o registro como pai biológico, porque sabia que eu dependia dele, que a corda de necessidades que nos unia, nada seria capaz de romper.

Ver Ethan feliz e se divertindo à vontade me deixava alegre.

Meu filho não tinha companhias sem ser os amigos da escola e, em casa, a única coisa que ele podia chamar de amigo era o cavalo de Bruce, que agora estava doente. Ver meu menino sendo apalpado pela verdadeira vó e Brooke, encarar Ethan e Benjamin tão perto, me fez ter certeza de que ela havia descoberto o problema todo.

Meu filho era tudo o que eu tinha.

As pessoas dizem que tudo que você passa na vida acaba te ensinando alguma coisa e eu vivi o suficiente para constatar que a vida nunca me ensinou coisas diferentes. Só me ensinou sempre as mesmas coisas durante

cada ciclo que se abriu e se fechou: *Todos que você ama irão abandonar você.*

Meu pai me abandonou antes de ver o meu rosto.

Minha mãe me abandonou quando partiu a caminho da morte.

Meu avô me abandonou em vida sem sair de perto de mim.

Benjamin me abandonou quando o nosso amor foi tão grande que precisou ser externado em uma criança, e agora ele também queria induzir meu filho a me abandonar.

Posso ter suportado tudo: as mortes, as dificuldades, mas eu não suportaria perder o meu filho.

Todas as escolhas foram feitas por ele.

Eu desisti de mim apenas por ele.

Apenas por Ethan.

Ao ver Benjamin agarrando o braço do meu menino e sumindo pela entrada no cercado que dava para a parte da frente da entrada do Hotel, eu me levantei, automaticamente, atraindo poucos olhares, mas não olhares que pudesse me prejudicar, pois Bruce e Darla continuavam entretidos em outras coisas.

— Ethan! — gritei.

Andei por minutos e, em questão de pouco tempo, o alaranjado do céu ficou azul quase escuro. O hotel era enorme e não era nem um pouco difícil me perder nele, porque depois de tanto procurar, eu realmente comecei a achar que havia me perdido.

Na recepção encontrei o homem que estava conversando com Benjamin minutos antes dele sumir com Ethan. Eu estava começando a ficar aflita.

E se ele tivesse ido embora com meu filho?

E se ele decidira realmente o tirar de mim?

Como eu explicaria para Bruce?

— Com licença, eu sou a mãe do aniversariante e acho que o seu...chefe...

— O Sr. Kingsman?

— Isso, ele mesmo! — O senhor parecia descontraído, como se meu nervosismo não fosse nada e acho que, para ele, realmente não era nada. — Ele saiu com meu filho e eu não os acho.

— Sabe onde fica o celeiro? — questionou ele, apontando para a parte de fora da recepção do hotel.

— Eu não conheço esse lugar. É a primeira vez que venho aqui.

Ele se retirou de trás do balcão e seguiu andando na minha frente. Quando viu que eu não o seguia, abaixou os óculos do rosto e me encarou.

— Você não vem?

— Ah, claro! — exclamei o seguindo.

O vento gelado que vinha do horizonte batia bem de frente com o meu corpo, causando ondas de frio em minha pele agora arrepiada. Demos a volta para o lado contrário de onde acontecia a festa, do outro lado do Hotel, e lá estava o celeiro.

Enorme e vermelho, muito mais do que o da antiga fazenda dos Kingsman que hoje era a minha casa, mas ainda sim se parecia com as cores vermelha e branca, tenho certeza de que ele havia construído na intenção de lhe remeter a infância que teve.

— Eu vou deixá-la sozinha a partir daqui — disse.

— Sim, tudo bem. Obrigado. — Antes dele partir, chamei a sua atenção. — Me desculpa, mas qual o seu nome?

— Pode me chamar de Tom.

Ele sorriu e foi embora.

Uma das portas do celeiro estava aberta para o lado de fora. Uma luz alaranjada iluminava a parte interna. Cada vez que eu me aproximava, eu conseguia ver mais do que lá dentro havia, até que ao chegar perto o suficiente de ver exatamente tudo.

Confesso que estava com raiva de que Benjamin estivesse tentando tomar seu lugar como pai a força, mas a cena que eu vi aqueceu meu coração de um jeito que a muito tempo nada havia o deixado assim antes. Havia uma égua sentada no chão, no meio do feno, enquanto um pequeno potro sujo, do que parecia ser líquido amniótico, se alimentava nas suas mamas.

Benjamin ainda tinha luvas nas mãos, assim como Ethan.

Eu sabia que era errado.

Eu sei que não deveria pensar nisso.

Mas e se a reação de Benjamin tivesse sido outra?

E se eu nunca tivesse me casado com Bruce?

E se Benjamin realmente fosse um bom pai?

Mas aí estava a grande questão: confiei em Ben e ele destruiu tudo.

Eu não podia confiar nele novamente e deixar com que ele destruísse meu filho também.

Destruir-me era uma coisa, mas Ethan, não.

Foi acreditando no que o meu avô me dizia que eu cheguei até aqui depois de todo aquele passado de merda: *nunca confie em homens*.

Entrei no celeiro devagar e ainda pude ouvi-lo falar com Ethan, que seguia vidrado na imagem do animal que acabara de nascer.

— Quando eu tinha a sua idade, ajudei o meu pai a fazer o parto de uma das éguas de raça que ele tinha. Foi emocionante — disse, sonhador.

— E seu pai era legal com você?

— Um pouco.

Ele riu, mas ainda de longe enxerguei certa tristeza em seu olhar.  
Eu sei que Ethan falaria se ele pedisse.  
Eu precisava interromper.  
E foi exatamente o que eu fiz.  
— Ethan! — chamei.

Ambos me encararam e, antes mesmo de se desvencilhar, vi meu filho encarar Benjamin da mesma forma que encara Bruce esperando que ele dissesse algo.

— Mãe... — murmurou, do mesmo jeito que usava para falar quando sabia que havia feito algo que não podia.

— Vem, Ethan. Vamos voltar para a festa.

Ben não o soltou.

— Tire as luvas, jogue elas dentro da pia e lave as mãos. Você precisa voltar para a sua festa — disse divertido.

Meu menino fez o que ele pediu no corredor, enquanto o meu antigo amor de infância caminhava em passos lentos até a mim. Ele sempre foi um homem bonito, mas os anos trouxeram uma beleza que, antes, nunca havia se apossado do seu corpo e do rosto. O queixo quadrado, lábios vermelhos e naturalmente inchados, sobrancelhas loiras, barba dourada e a ponta dos cílios enferrujados. Seu corpo estava muito maior do que quando o vi naquela noite quando anunciei a gravidez de Ethan. Embora os seus ossos sempre tenham sido largos, nada se comparava agora, ele não caberia de forma alguma nas roupas de antes.

— Poppy entrou em trabalho de parto e eu achei que seria legal trazer Ethan para ver. Inclusive, ele acabou me ajudando.

Ignorei totalmente o que ele acabara de falar.

— Precisa parar com isso, Benjamin.

— Com o que exatamente você quer que eu pare? Não estou tentando ser um pai, estou tentando ser primeiro um amigo.

Suspirei fundo.

Aquela conversa parecia que nunca iria ser de fato finalizada.

— Tentando ser um amigo primeiro? O que pretende ser depois?

Ele abriu a boca, mas no mesmo instante fechou.

Olhei para trás. Bruce e o mesmo veterinário que fora em minha casa há alguns dias se aproximavam. Ethan se juntou a mim, parando ao meu lado e, quando viu o pai, saiu correndo, mas passou por ele seguindo adiante.

Benjamin foi tirar as luvas, lavou as mãos em uma pia no início do corredor do celeiro e depois voltou.

— Nossa, pelo visto você fez todo o trabalho — murmurou o veterinário, com um grande sorriso no rosto, enquanto admirava o potro.

— Ethan me ajudou, Jack — respondeu Ben. Bruce apenas olhava para mim com seriedade. — E Anastasia veio atrás dele. Me desculpe, esqueci de comunicar vocês.

— Tudo bem — disse meu marido com uma gentileza que eu sabia que era falsa.

— Vem, Ben! Vamos dar uma olhada nesse filhote. — Jack tomou a atenção dele e deixou apenas eu e Bruce sozinhos, encarando um ao outro.

Dei alguns passos e, ao tentar passar por ele, a sua mão agarrou o meu braço, empurrando-me para trás, me obrigando a olhar para seu rosto.

— O que foi?

Uma das suas sobrancelhas se ergueu.

— Me deixou sozinho como um imbecil.

Seu hálito de cerveja veio diretamente em meu rosto. Mais um pouco, eu acabaria embriagada também.

— Não, não. Você me deixou sozinha para conversar com todos aqueles homens — murmurei baixo.

Não seria difícil que Ben e Jack escutassem tudo de onde estavam.

— Eu não te deixei sozinha, você ficou distante porque quis. — Seus olhos me analisaram da cabeça aos pés. — Devia parar de comer, estou começando a achar que Darla tem razão.

— Eu não vou ficar aqui ouvindo você falar merda enquanto está bêbado. — Tentei puxar o braço e ele apertou ainda mais, alcançando o osso por baixo da carne. — Não devíamos estar aqui.

— Essa é a festa do nosso filho, Anastasia. Todo mundo viu que você é a minha mulher e aquele moleque é a porra do *meu* filho. — Quando algumas lágrimas desceram por meus olhos, seu agarro soltou do meu braço e seus dedos se abriram em minha pele, me deixando andar adiante.

— Eu quero ir embora.

— Só quando a festa acabar — falou Bruce sério.

— Está tudo bem? — Olhei para trás e Benjamin estava ereto, postura endurecida e seu olhar era tão duro para meu, então, marido, que seus olhos sequer piscavam.

— Está tudo em ordem, Benjamin.

Bruce botou as mãos nos bolsos e tentou impor tanta ordem, quanto o seu ex-amigo.

— A pergunta foi para Anastasia. — Ele realmente não gostou daquilo. Não sei se ele tinha ouvido, mas a sua cara não era de quem não sabia o que estava acontecendo.

— Sim... está tudo bem.

Ben concordou com a cabeça e permaneceu em pé, na mesma posição.

— Licença. Vou procurar Ethan.

Andei em direção a festa, voltando pelo mesmo lugar que Tom havia me ensinado antes. Bruce vinha logo atrás de mim, descontente com a abordagem do Benjamin. A última vez que o vi abrir as narinas daquele jeito, alguém se deu mal.

Seu punho mesmo que jovem, já havia quebrado muitos narizes e o de Bruce havia sido um deles. Afinal, na época ele mereceu e se continuasse com esse comportamento que só piorava com o passar dos dias, acredito que ele também precisaria de um.

Meu marido voltou para onde estava antes com nariz em pé. Me olhou apenas uma vez de rabo de olho e me deixou sozinha, enquanto eu procurava por Ethan.

Rodei cada canto do Lobby e da piscina. Mais uma vez, ele havia sumido. Nervosa e afoita, procurei-o por todo lugar e Darla, com toda paciência do mundo, se aproximou para distribuir e externar a única coisa que ela podia oferecer: veneno.

— Ana — chamou por meu nome e eu respirei fundo, pedindo a Deus toda a paciência que ele tivesse de reserva.

— Sogra! — balbuciei.

— E, Ethan, onde está?

— Estou procurando — respondi. — Sabe como é, é a festa dele. Deve estar brincando em algum lugar.

Darla esticou a musculatura do seu rosto, em algo que parecia tudo, menos um sorriso.

— Eu vi que estava conversando algo com Benjamin, o filho mais velho de Elizabeth — desdenhou. — Na verdade, parecia mais uma discussão.

— Benjamin é um amigo de infância.

Ela concordou e mexeu em seus anéis dos dedos em um sinal de ansiedade.

— Mas sabe o que eu achei engraçado? Vi Ethan e Benjamin de perto e eles... se pareciam tanto, bem mais do que Ethan e Bruce. — Fechei os olhos. Eu não iria deixar Darla estragar ainda mais os meus dias. Eu já tinha problemas o suficiente e ela não seria mais um — E, então, eu lembrei que até semanas antes de você se casar com Bruce, você ficava andando para cima e para baixo com o filho de Elizabeth, não era?

Estreitei o olhar.

— O que está querendo dizer, Darla?

Ele pôs a mão no peito em um sinal de cinismo que típico dela.

— Apenas estou comentando e...

— Então, comente quanto estiver sozinha. Não faça esse tipo de comentário quando estiver perto de mim. Bruce é o pai de Ethan e ponto final. Não faça suposições. Eu casei com seu filho e não com você.

Arredei o pé sem deixar que ela sequer pudesse falar, sem deixar que ela sequer pudesse abrir a sua boca para destilar ainda mais veneno.

Dizem que a cura para o veneno de cobra é tomar pequenas doses diárias, assim seu organismo produz anticorpos naturais para combater aquele mal e, com toda certeza, posso afirmar que foi assim que aguentei a mãe de Bruce durante todos esses anos. Bebi as doses pequenas de maldades que ela fazia contra mim desde que me viu com Bruce pelas primeiras vezes.

Eu realmente precisava encontrar Ethan.

## **CAPÍTULO 20**

### **Benjamin Kingsman**

Eu a observei partir em passos rápidos.

Bruce deu algumas olhadas para trás, enquanto andava para fora da área e eu então quis pegar em seu pescoço, porque visivelmente ele foi *o marido incrível* que Anastasia disse que ele era.

Quando eles sumiram de vista, finalmente pude me juntar a Jack tranquilamente. Ele viu Poppy e o seu filhote, na qual Ethan o batizara de *Batman*. Assim como eu tive Katrina quando era criança, também queria que ele tivesse um animal, afinal, eram eles os melhores amigos do homem e eu também acredito que ele pudesse ter uma boa conexão com o seu novo amigo.

Batman nasceu bem, com um bom peso, sistema respiratório forte e morto de fome. Jack receitou algumas vitaminas para que Poppy pudesse tomar durante o seu puerpério. O celeiro seria a casa deles por enquanto, pois para uma égua recém parida, nada melhor do que momentos a sós com seu filho para aproveitar.

— Bruce não me pareceu feliz ao ver vocês aqui — disse Jack, guardando o seu estetoscópio na maleta preta de couro.

— Ele só está um pouco chateado, porque tentei ensiná-lo a ser pai — resmunguei, dando de ombros.

— Engraçado, o menino dele realmente parece com você. — Eu fiquei sério um pouco perdido naquela afirmação. — Estou brincando, claro.

É claro que ele *não* estava brincando.

— Tudo bem — respondi. O veterinário se levantou, pronto para partir. — Obrigado, Jack. Vamos nos falando.

— Claro. — E se foi.

Liguei as luzes do campo que dava de frente para o celeiro. Os hóspedes não tinham acesso. Alguns funcionários ficavam na entrada para proibir o passe livre, porque sempre tinha alguém que queria desbravar o hotel inteiro, visando que haviam quatro piscinas, duas saunas, milhares de suítes, dois campos de futebol e uma piscina de água natural.

Até eu me interessaria em sair para conhecer cada canto daquele lugar.

Voltei pelo mesmo caminho que eu fiz antes e, ao chegar próximo da recepção do hotel, dei de cara com Anastasia que parecia ter a cabeça no mundo da lua.

Seus cabelos ondulados estavam soltos dessa vez.

— Tudo bem? — perguntei primeiro.

— Eu não consigo achar o Ethan — falou.

— Ele deve estar brincando no lobby da festa.

Ela passou a mão no rosto.

— Eu já procurei em todos os lugares. Não tem a menor chance de ele estar lá. Será que ele não está no celeiro?

Neguei com a cabeça.

— Impossível. Já está tarde. Todos os setores do Hotel estão fechados e têm funcionários proibindo a entrada. Além do mais, quando saí do celeiro, estava tudo vazio. Se ele não entrou no período em que eu lá estava, o funcionário não o deixaria entrar sozinho. Se ele está em algum lugar só pode ser pelos corredores de dentro do hotel. — Abri espaço para que ela pudesse passar. — Eu vou ajudar você a caçá-lo.

Visivelmente incomodada, mas sem qualquer tipo de oposição ela aceitou. Passou na minha frente e começamos a caçar Ethan, por todos os lugares possíveis e impossíveis.

Ela passava na minha frente e eu podia notar a sua bunda dentro do vestido se balançar para os dois lados conforme Anastasia andava.

— Ele não está aqui — afirmei.

Ela me encarou.

Só restava o corredor onde ficava meu apartamento disfarçado de porta de suíte comum. Quando entramos no corredor de luminosidade meia luz ambiente, havia uma camareira saindo pela minha porta.

Ana se aproximou.

— Oi, tudo bem?

— Pois não, Sra.? — A camareira de idade me encarou. — Boa noite Sr. Kingsman.

— Boa noite, Helena — desejei. — Por um acaso você viu um menino de oito anos passar por aqui?

Ele cerrou os olhos olhando para o vão entre mim e Anastasia e deu um sorriso, como se houvesse um estalo em sua cabeça.

— De olhos azuis e cabelos claros?

— Esse mesmo — afirmou Anastasia ansiosa.

— Tom o levou para o Lobby da festa e o deixou sob a supervisão da sua mãe. Ele estava correndo por todo o Hotel com as crianças. — Anastasia botou a mão no peito, aliviada, deitando suas costas na parede.

Fechou os olhos e soltando a respiração aflita que ela usava agora a pouco para alimentar seu pulmão.

— Obrigado, Helena — disse e ela partiu empurrando o carrinho de limpeza.

Eu, então, me deixei em pé, aguardando que ela pudesse abrir os olhos e finalmente me olhar.

Já havia passado da hora de ter uma conversa e botar os pratos limpos na mesa.

— Eu...

— Precisamos conversar, Anastasia. Sem fugir — eu disse firme, impondo, não pedindo.

— Benjamin...

Ela não tinha mais forças para correr. Estávamos próximos demais para que ela pudesse se esconder de mim.

— Pode ser ali... — Apontei para dentro do meu apartamento. — Ou pode ser aqui no corredor com todos os hóspedes ouvindo. Não me importo.

— Não vou ficar sozinha dentro de um quarto com você.

— Não vou te agarrar. — E eu realmente não iria, mesmo que quisesse. — Se não conversarmos, vou tomar minhas atitudes e não vou comunicar você. E aí, vai ser doloroso para todo mundo, Ana.

Ela aninhou as mãos no meio do peito, como quando éramos jovens e ela estava terrivelmente indecisa. Eu não conseguia olhar no seu rosto e enxergar uma mulher adulta. Só conseguia enxergar a Anastasia de dezoito anos que me deu a chance de fazer parte da vida dela.

Em passos lentos, ela entrou.

Seu nariz inspirou o ar e ela fechou os olhos. Foi como se eu pudesse estar dentro da cabeça dela. Sei exatamente o que ela pensava, porque eu ainda usava o mesmo perfume de quando era mais novo. Sei que em sua cabeça havia uma enxurrada de lembranças.

— O que você quer?

Respirei fundo e ela encostou o quadril na borda da mesa, onde havia uma garrafa de vinho que eu não havia fechado corretamente na

última noite. A correria para agilizar tudo para o aniversário de Ethan me tirou qualquer tempo e disponibilidade que eu tinha.

— Você mentiu. Disse que Bruce era um bom pai.

Ela piscou os olhos verdes. Eu não a deixaria ganhar tempo para pensar em uma falsa resposta.

— Eu não menti.

— Bruce não contou a você?

— E o que ele deveria me contar?

Eu me aproximei, devagar com as mãos no bolso, cruzei os braços logo em seguida tão próximos dela, que mais um pouco, meu cotovelo encostaria em seu ombro.

— Ele me convidou para caçar na *zona vermelha* e insistiu em levar Ethan.

Seu peito estufou e ela cerrou os olhos. Ana conhecia muito bem a *Zona vermelha*, nem mesmo os adultos costumavam ir para lá.

— Bruce teria me contado.

Mordi a boca.

Eu tinha toda a visão do decote dos seus seios. O ar entre nós dois parecia ter um peso que me doía os ombros. Eu sei que ela queria quebrar o contato visual. Mascarar o nervosismo sempre foi um feitiço dela quando próxima de mim. Quando com fome, nossa boca saliva, mas não era a boca de Anastasia que me fazia salivar, e, sim, os seus olhos, quando encontravam os meus.

— Bruce também teria te contado que ele insistiu que Ethan desse um tiro na cabeça de um coelho, mas quando ele começou a chorar assustado e correu para o meu colo, Bruce desligou o senso da sua cabeça e atirou contra o animal diante dele. Uma criança de oito anos.

Seus olhos rolaram pelo espaço, de luz baixa, passou as mãos pela cabeça começando da testa e parando em sua nuca. Eu via a máscara de Anastasia se esfarelar diante de mim e isso era muito bom, porque acho que agora, eu realmente estava vendo a verdade Anastasia.

Não era a Anastasia Bennett, mas a Anastasia Snow, neta do velho William Snow.

— O Bruce, ele... — Um sorriso morto estava no seu rosto. — Ele não faria isso.

— Faria e você sabe que faria.

Anastasia se virou com raiva, me encarando furiosa.

— Que tipo de mãe você acha que eu sou? Acha que eu deixaria meu filho com um louco? Por que acha que eu faria isso?

— Porque você tem rancor de mim. Acha que, de alguma forma, eu te abandonei e é capaz de qualquer coisa para que eu não exerça a função de pai que é minha por direito.

— Eu já disse que você vai acabar com o meu casamento. — Ana não tinha mais aquela muralha.

Mas se ela estivesse ali, ela estava bamba, quase por cair e isso estava bem explícito nos seus olhos. A forma como ela parecia perder as forças perto de mim, não podia dizer “porque não”, ela precisava de motivos maiores que esse.

— O casamento com seu marido incrível? — Ri com amargura. — Ou com a sua sogra incrível que parece que te ama?

Ela abriu os olhos marejados, piscando, tentando dissipar as lágrimas que em breve mancharam em breve seu rosto pálido.

— Por que você está fazendo isso comigo? Por que não fica só no passado como ficou até agora?

— Por que está tão preocupada com esse casamento? Não é porque Bruce é um bom pai e um bom marido, porque ele não é! Eu já presenciei o suficiente para saber que ele não é nenhum dos dois. — Ela arrastou seu corpo, tentando se distanciar, encarava os botões abertos da minha blusa e, eu, a sua boca rosa semiaberta. — Você tem medo de perder a boa vida que Ethan e você tem? Você sabe que isso não é um problema para mim. Eu posso aposentar vocês para o resto da vida, Ana.

Ela e eu tínhamos uma *coisa incontrolável* na adolescência, aquela necessidade de toque, de carinho, e parecia aumentar quando não podíamos nem sequer nos olhar pelos corredores da faculdade, porque ninguém podia descobrir.

Aquela mesma *coisa incontrolável* estava dando as caras agora.

Não porque namorávamos escondido na infância, mas porque eu não podia tê-la, quando eu nunca parei que querê-la.

— Não, você não entende... — sussurrou. Meus dedos subiram por seu rosto, e minha outra mão se apoiou na parede atrás da mesa quadrada.

— Então, me faz entender.

Por que ela não podia contar a verdade a Bruce?

Eu não a desampararia.

Ethan tinha muito mais a ganhar do que a perder.

Se ele não era um marido e nem um bom pai, ela só podia estar presa a ele sentimentalmente e eu senti raiva quando pensei nisso. Senti ódio, porque Bruce tinha tudo o que tinha que ser meu.

Senti uma inveja que me queimava por dentro, me senti roubado, saqueado pela primeira vez em muito tempo. Enquanto eu me pusera a pensar que, talvez, ele a matasse de prazer, ele me matava de raiva.

Mas Anastasia estava mole demais para alguém que amava o marido. Se permitia demais para alguém que tinha sentimentos por aquele

com quem se casara.

— Você não tem que entender, Ben. Você só precisa... se afastar.

Ela deitou o rosto na minha mão, fechando os olhos, da mesma forma que fazia quando estávamos no celeiro e, normalmente, quando ela fazia isso, eu a beijava até que perdesse o fôlego.

— Então, pede para eu me afastar. — Não era essa sua vontade. — Abra essa maldita boca e me mande sair daqui. Diga que não quer! — Os lábios estavam abertos, respirando acelerado, descompassado, uma bagunça só — Você o *ama*?

Ela apertou os olhos contra os outros.

Eu me aproximei e já estava no meio das suas pernas. O vestido preto subiu até quase o quadril e eu pude ver a pele de Anastasia brilhar de suor. Seu coração parecia bater na sua respiração, como um tambor incalculável que arrebentaria a superfície se continuasse assim.

Antes de me responder ela me encarou, fixamente, como se fosse um desafio. Olhos pequenos, pálpebras fundas, maçãs rosadas e eu tenho certeza de que seu corpo estava quente. Eu não tinha mais qualquer amarra racional sobre mim. Anastasia dosaria o meu controle. Ela era a mão que me jogaria do precipício ou me tiraria daquele cume em que eu estava.

— Não...

Não sei explicar o que senti quando a ouvi negar.

As minhas teorias se desmantelaram e eu senti todo aquele ardor da juventude outra vez. As mãos pequenas e quentes pousaram sobre a musculatura do quadril por cima da camisa que eu usava.

Apertou a minha carne e foi a minha vez de fechar os olhos.

A calça jeans que eu usava esmagava o meu pau dentro da calça. Ela foi a minha primeira mulher e mesmo que nove anos tivessem se passado, meu corpo conhecia bem as sensações que tinha com ela.

Ter Ana tão próxima só me fazia imaginar em como o tempo potencializava todo aquele desejo à flor da pele.

— Por que não ama o marido com quem é casada há nove anos? — Meu nariz alcançou a pele do seu ombro, sentindo aquele aroma fresco que ela tinha, o mesmo de antes, sem mudar nada.

Senti os seus dedos entrarem nos meus fios, enrolando o meu cabelo na sua mão e apertando-o na minha nuca, puxando a minha boca para o seu pescoço. Ela queria. Ela me desejava na mesma medida, sem qualquer desequilíbrio desigual.

Anastasia não queria que eu me afastasse por não confiar em mim, mas sim porque notavelmente não confiava em si mesma. Mordi com força a pele do seu pescoço, chupando com vontade e puxei o seu corpo para mais perto pela coxa exposta. Abri apenas a calça que desceu até o quadril, expondo o pau que doía para cacete apertado contra o jeans, mas agora estava ereto embaixo da cueca, com a cabeça melada exposta pela beirada do tecido.

Quando voltei para o meio das suas pernas, ela sentiu a rigidez violenta contra a sua calcinha.

— Me responde, porra! — vociferei contra o suor.

— Porque eu não consegui — murmurou contra o meu ombro. — Eu tentei, eu juro... — Suas mãos abriram vagarosamente cada botão da minha blusa, expondo meu peito. Chupei seu queixo e lhe dei uma última olhada antes de chupar seu lábio inferior, enquanto arrastava a minha ereção por entre as suas pernas, obrigando Anastasia a entender que meu pau só estava duro por culpa exclusiva dela. — Mas eu não consegui.

— E por que não conseguiu, Ana? — questionei e ela impulsionou o quadril para frente, buscando ainda mais a massagem do meu pau sobre a sua calcinha.

As pernas femininas se enrolavam na minha cintura. Sua mão puxou o meu pescoço e as nossas bocas finalmente se encontraram, famintas. Um gosto doce de morangos dominava a sua língua sobre a minha e as suas mãos ansiosas buscavam os meus ombros, me puxando ainda mais contra ela.

O meu braço grande agarrou a sua cintura, apertando sua coluna e espremendo seus peitos macios contra o meu.

Empurrei a mesa com vontade e o vinho sobre ela derramou todo sobre a madeira, escorrendo pelo chão. Ela abriu os olhos e se levantou antes que atingisse seu vestido. Encarou o volume duro e notável entre as pernas, mas não dei chance para que Anastasia sequer raciocinar.

Sabe por quantas vezes eu sonhei em beijar a sua boca e provar da sua carne desde que ela foi embora? De sentir a sua pele junto à minha? Inúmeras. Agarrei o seu corpo por trás. As suas mãos espalmaram no meio do vinho na mesa, a garrafa rolou até cair no chão e, por cima do seu ombro, voltei a beijá-la, desejava-la e amaldiçoá-la, provando da sua saliva e tudo o mais que ela estivesse disposta a me dar, pois eu aceitaria de bom grado.

Anastasia abriu lentamente as pernas e rebolou com gosto com a bunda redonda contra a minha ereção. Minhas bolas começaram a latejar junto com meu pau, de um jeito que queimava. Subi os dedos pelo meio da banda da sua bunda, encontrando a calcinha branca, então desci o dedo, acompanhando o tecido e o que encontrei foi a resposta do porquê ela não conseguiu criar afeto por Bruce por todo esse tempo.

*O seu corpo só respondia a mim.*

Ela empinou mais o rabo gostoso e redondo, e meu dedo escorregou pelo melado que pingava da sua boceta. Encharcando a calcinha ao ponto de, talvez, o beber em uma xícara se eu quisesse torcer.

— Deus... — murmurou ela, agarrando o meu quadril, enfiando as suas unhas na minha carne.

Enrolei todo seu cabelo em meu punho e puxei com raiva por tentar ignorar todo aquele desejo que ainda sentia por mim. Enquanto meu polegar massageava seu clítoris, dois dos meus dedos eram engolidos por seu interior apertado, sujando o interior de suas coxas, enquanto ela praticamente cavalgava sobre a minha mão.

Mordi o seu pescoço para deixar marcado. Bruce nunca seria capaz de dar aquilo a ela. Nunca seria capaz de dar a Anastasia, *o pico do nirvana*.

— Deus não, amor, aqui é o *bom e velho* Benjamin. — Mordi a sua orelha com força e, logo depois, senti seu interior esmagar meus dedos em espasmos curtos e desesperados.

Abafei seu grito com a língua e os lábios, em um beijo que em breve ela despertaria para o que de fato havia feito ali.

Eu me afastei.

Queria me enfiar dentro de Anastasia tão fundo que eu a carregaria pelo pau até a cama. Eu queria, mas não podia fazer isso assim. Embora eu ainda não soubesse sobre qual circunstância, ela era casada com Bruce. Me distanciei, porque se continuasse ali, a sentir o seu cheiro de excitação, aquela respiração maquiavélica e a boca entreaberta me convidando sempre a prová-la, terminaríamos em gritos e gemidos, enquanto seus peitos se sujaram no meio do vinho na mesa.

Ela se virou, de costas na parede, aguardando enquanto seu corpo entrava no eixo, se recuperando de um orgasmo.

— Você está bem? — perguntei, sentado na cama.

Eu precisava de um balde de água fria para tirar aquela ereção de mim. Eu me senti com dezoito anos outra vez.

— Merda! — Nem tudo que é bom dura para sempre. — Eu não tinha que estar aqui.

Claro que não tinha.

E, então, ela decidiu vestir a máscara de merda de novo.

Decidiu desligar as memórias de tudo que me contou, cuspindo em mim e agir com a hipocrisia que, pelo visto, vinha sendo sua amiga a um bom tempo.

Passei a mão no rosto, limpando parte do suor já seco.

— Prefiro não ouvir as suas crises de arrependimento.

— Eu sou uma mulher casada — murmurou ajeitando o vestido e a calcinha.

— Eu sei disso, acredite. — Ela pegou uma pequena toalha de rosto que estava dobrada e puxou, passando sobre o busto, tirando todo suor impregnado em sua pele. — É por isso que não estamos fodendo nesse exato minuto. Porque eu sei que você é casada, ao contrário de você que só se lembrou agora. — *Merda de casamento de fachada*.

— Eu não deveria estar aqui.

— Você tem quinze dias — eu disse e ela não entendeu. Como não questionou do que se tratava, eu me senti impelido a lhe dar mais informações. Ao que parecia, Anastasia começara a ter medo das minhas respostas. — Quinze dias para contar a Bruce.

— Você não pode fazer isso.

— Eu já decidi, estou apenas informando a você.

A toalha voou longe. Em segundos ela estava diante de mim, me empurrando, e então eu me levantei da cama, abotoando a camisa.

— Você não decide nada, o meu casamento...

— Se você arrumar uma forma do Ethan saber que eu sou o pai dele sem que isso acabe com o seu casamento, vá em frente. Me conte.

Ana estava nervosa e sua cabeça já não produzia nenhum tipo de resposta que ela poderia usar agora.

— Eu te odeio! — grunhiu cheia de raiva e arrependimento.

A sua mão subiu no ar e, antes de atingir meu rosto, puxei o seu pulso, trazendo meu corpo mais próximo.

— Devia pensar assim, enquanto gozava na minha mão. — Tão próximos que eu tenho certeza que ela sentia o cheiro da sua boca no meu hálito. — Não esqueça de limpar as suas coxas, afinal, seria arrasador seu marido descobrir que nem ele é capaz de te deixar assim.

Mas dessa vez eu não consegui prever sua outra mão forte no meu rosto, que me fez soltar seu outro braço automaticamente.

— É por isso que eu não confio em homens. É por isso que eu não acredito em uma palavra do que você diz.

Suspirei, alisando a pele ardida e os meus olhos lacrimejaram pelo tapa severo.

— Não menti para você. Fui sincero.

Ela riu, desanimada.

— Eu sei que você já sabia há um ano que se casaria com Helen Fitzgerald. Você sabia e nunca me contou. Você sabia que casaria com ela e ainda me iludiu com milhares de planos que nunca seria capaz de realizar.

— Respirou fundo. — Eu nunca fiquei com você pelo dinheiro. Só queria você com a roupa do corpo, se preciso.

Não tinha como ela saber daquilo.

Ninguém sabia, apenas eu, Jhonatan, Nicholas e a família Fitzgerald.

O que eu diria?

Que havia mentido para ganhar tempo e contornar a situação? Ela não acreditaria. Ela não acreditava nem mesmo no que estava bem diante dela.

— Espero que não veja tarde demais o erro que está cometendo, Ana.

Caminhou até a porta.

— O primeiro erro que eu cometi foi quando acreditei que você era meu amigo, mas no final, fez pior do que Denver quando ele arrancou todas as páginas do meu caderno naquela tarde. — Ela bateu a porta com toda força quando saiu.

Fiquei sozinho no apartamento, com os pensamentos ouriçados.

Precisei de um banho gelado para acalmar a quentura do corpo e apaziguar aquele ciúme tão ultrajado que me fez perder o limite das palavras com Anastasia.

Talvez ela realmente fosse muito boa para mim, entretanto, ainda sim, eu não desistiria do meu filho.

Voltei para o aniversário no final, quando havia acabado de começar o parabéns. Ethan estava brilhando em felicidade.

Anastasia não me direcionou a palavra e, muito menos, o olhar por todo o resto da noite. Não quiseram usufruir da estadia da fazenda. Bruce me agradeceu secamente pelo aniversário. A sua esposa foi a primeira a esperar no carro com Ethan e Darla se despediu dizendo que ia voltar.

Mesmo que as minhas atitudes a seguir me levassem para longe de Ana, sem dúvidas, me levariam para perto da criança que nunca deveria ter saído da minha vida.

Naquela noite abafada, botei a cabeça no travesseiro com a certeza de algumas coisas.

A primeira era que eu queria passar o fim de ano sabendo que aquela seria a última virada onde Ethan me desconheceria como pai.

A segunda era que Anastasia escondia coisas que se negava a me contar. Coisas essas que a faziam bater o pé firme no chão e tentar prezar por um casamento que já estava fracassado.

Terceiro e não menos importante: seu corpo ainda respondia a mim com a mesma potência do passado, se não ainda mais agora.

A quarta e última, é que depois de tê-la tão perto, relembrar o gosto que a sua boca tinha, involuntariamente, eu não queria recuperar apenas Ethan de volta, mas também o mesmo amor do passado.

# **CAPÍTULO 21**

## **Anastasia Snow**

Os dias estavam se tornando caóticos, tanto que eu já me perdia nas datas do calendário. Eu encarava a porta da frente e chegava a conclusão de que o único lugar que não me aguardava cheio de problemas era embaixo da minha cama.

*Pelo menos até me acharem lá.*

Dei a Benjamin tudo o que não deveria ter dado: confirmações, informações demais sobre o meu casamento.

Deveria ser um pilar para a sustentação da ideia que eu não sentia nada por ele, mas como um homem que tocava uma flauta, ele me forçou a sair do casulo e a mostrar tudo o que ainda restava por ele, ludibriando os meus ouvidos, prestes a mostrar que só me atraiu por egocentrismo em confirmar que mesmo depois de tanto tempo, o meu interior ainda se balançava por ele.

Me deixei levar longe demais para alguém que só ficou excitada. Me deixei exposta demais quando deveria ter me fechado. Eu estava encurralada, morando na casa que era dele e que não me deixava o esquecer um segundo, enquanto eu tentava amar e proteger um filho que Benjamin havia me dado, mas, no fim, acabava rendida por um sentimento que era irrigado a cada vez que eu o via.

Maldito Kingsman.

Maldita amizade que se transformou em amor.

Maldito amor que causou um ferimento tão grande no meu coração que eu nunca fui capaz de encontrar a sua extensão.

Hoje, eu era somente o resto de um todo que ele havia destruído. Um resto que agora vivia em um misto de medo e ansiedade pelo futuro.

Os dias se passaram e eu não falei mais com Benjamin, porém o vi duas vezes no cercado conversando com Ethan, antes que ele fosse para a escola, quando Bruce saía para trabalhar de manhã cedo. Eu queria vetar e mandá-lo ir embora, mas não queria contato.

Não queria olhar em seus olhos mentirosos, mas eu não queria abster meu filho dos maiores sorrisos que nunca o vi dar nem mesmo para Bruce.

Aquela era a natureza de um filho, reconhecendo a essência do pai mesmo não sabendo.

Se eu proibisse Benjamin de ver Ethan, ele adiantaria o processo de aproximação e Bruce arrancaria meu filho de mim, já que ele era o pai legal em juízo.

Eu tinha um pouco mais de sessenta dias para receber todo o dinheiro do investimento da fazendo do vovô Will. Na pior das hipóteses eu pediria o divórcio de Bruce dias antes e iria embora daquela fazenda, assim Benjamin nunca teria a chance de fazer com o nosso filho o que fez comigo no passado, assim como Bruce não teria a chance de destruir a infância de Ethan com o tratamento de falsa família que ele nos dava.

O torneio do Hotel Kingshorse havia começado há dois dias. Tentei convencer Bruce a não ir. Tentei inventar todo tipo de mentira que pudesse lesar e atrasar nossa saída daquela maldita casa, mas ele parecia impelido a mais uma vez mostrar controle e que realmente era merecedor de tudo o que tinha para os Kingsman.

Reclamei que fui usada por Ben, mas agora quem me usava para inflar o ego era o homem que jurei que poderia ser a minha redenção.

Não só a minha, mas de Ethan também.

Diante do espelho, penteei os cabelos ondulados secos e castanhos na minha cabeça e passei pó compacto para tirar a oleosidade que só o calor trazia. Acertei a alça do vestido branco no meu ombro, fechei o zíper longo na lateral do corpo e calcei os tamancos médios.

Seria idiotice ir de salto para pisar no gramado e na terra dura.

Minhas unhas estavam pintadas de vermelho, curtas e lixadas.

Bruce detestava aquela cor.

Mas, talvez, fazer coisas que ele odiasse fosse necessário para culminar a ideia materializada de um divórcio na sua mente.

Eu não precisaria de muito. O seu gosto era muito preciso e, embora eu não tenha feito força para fazer coisas que ele gostasse, eu tentava me manter no limiar do “não o irritar” e também “deixá-lo confortável” para que já não houvesse estresse desnecessário dentro de casa, mas com a ideia dele querer um filho, não havia muito para onde tentar escapar.

Eu tinha sessenta dias para tentar lesá-lo e transformar a sua ideia de querer me engravidar em algo inválido para o momento. Tinha somente esse tempo para garantir que ele não conseguira me ter, porque se aquilo acontecesse, me destruiria mais do que eu já estava destruída com toda aquela situação.

Separei uma roupa para que Ethan pudesse vestir ao sair do banho. Arrumei seu quarto e os brinquedos espalhados pelo chão. As empregadas de casa faziam parte da sua linhagem de amigos e eu tentava mascarar isso como algo não tão ruim, mesmo sabendo que era péssimo, que naquele pequeno lugar, ele não tinha tantas companhias.

Voltei para o meu quarto buscando o meu cordão dourado e depois brincos que eram pequenas pérolas redondas. Quando me pus na frente do espelho para dar uma última olhada em minha imagem, a porta se abriu, a

maçaneta bateu levemente na parede e Bruce surgiu já devidamente vestido, me engolindo pelas costas até por fim encontrar o reflexo do meu rosto no espelho.

Me contive em abrir a boca para iniciar qualquer conversa.

As coisas entre nós dois estavam estranhas desde a festa de Ethan e, desde então, ele dormia no quarto dos hóspedes, enquanto meu menino tornava a preencher seu espaço na cama, tornando o meu sono decente pela primeira vez em muito tempo.

— Para onde vai assim? — perguntou e a saliva desceu como se fosse um pedaço de massa pela minha garganta.

Ele deu poucos passos longos para chegar até mim.

— Como assim *para onde vou?*

Bruce coçou o nariz, encarando o decote sutil no bojo meia taça do vestido. Depositou cada uma das suas mãos nas laterais do meu corpo, puxando-o para próximo do seu corpo sem parar de me engolir através da imagem no espelho.

Aquilo primeiro me envergonhou.

Há meses ele não tinha um surto de querer tomar a mim ou meu corpo em um selinho sequer. E tê-lo agora, me tocando assim, me dava nada mais, nada menos do que nojo.

— Esse vestido está curto demais para meu gosto — ele disse, cheirando o meu cabelo.

— Foi você quem comprou.

— Mas ele não espremia teu corpo assim! — Seus dedos espremeram a carne por cima do pano do vestido e aquilo me fez tentar me afastar.

A sua mão me agarrou firme e eu dei um tapa no seu braço.

— O que está fazendo, Bruce?

O vi passar a língua pelos lábios.

— Tocando o corpo da minha esposa. — Me virei, espalmando a mão no seu peito, empurrando com as mãos, e puxando o quadril para trás, indo de encontro a penteadeira e o espelho onde eu antes encarava minha imagem.

— Estamos a... a... atrasados — gaguejei nervosa.

Sua mão alcançou o zíper do meu vestido, abrindo-o. Pus a mão na intenção de impedi-lo, arregalando os olhos com tantas ações e investidas de Bruce ao mesmo tempo.

— Temos muito tempo, Anastasia. — Praticamente sentei na penteadeira.

O que infernos ele pensava que estava fazendo?

Meu coração era um tambor nervoso no peito.

— Para! Eu não quero!

Em um puxão violento, meu marido arrebentou a alça do vestido, fazendo com que ele caísse, expondo o meu seio direito.

— Eu já disse a você que quero um filho. — Não havia grandes emoções em sua voz.

Bruce me virou de costas, empurrando-me sobre a penteadeira, minhas mãos espalmaram no vidro e o baque do meu corpo na borda da mesinha à frente do espelho, fizeram boa parte da maquiagem e dos perfumes despencarem até o chão. Sua mão apertou meu peito exposto e, com toda a força, eu consegui me virar e me sentar no meio da mesa. Ele já havia desabotoado a calça e acho que só então quando vi a cueca exposta, entendi o que ele iria fazer.

— Eu já disse que não quero! — gritei com raiva.

Ele não podia me forçar.

Ele não podia me obrigar a fazer sexo.

Não eu.

Não ele.

— Eu disse que você não tinha escolhas. — Eu sabia que ele faria se fosse preciso.

Eu precisava desencorajá-lo.

Eu precisava fazer alguma coisa.

— Eu aceito com uma condição — murmurei nervosa, minhas mãos tremiam. Se eu engravidasse dele, eu seria eternamente acorrentada a um homem, cuja vontade de correr só vinha crescendo com o tempo. — Faça exames, assim como eu fiz, para saber se está tudo bem...

Puxou o meu braço, com força, me empurrando com pressão e eu me senti bater contra a cama.

— Você já está a meses sem se deitar comigo... — Ele forçou o joelho entre as minhas pernas, abrindo-as contra a minha vontade. Tentei pará-lo com a mão e ele a segurou na altura do meu ombro. Com a outra, ele puxou o meu vestido para cima, expondo minha calcinha. — Você é minha esposa e deve me agradar. Consegue me entender?

Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo.

Não comigo.

Que rumo a minha vida estava tomando?

Em qual momento eu perdi o controle dela?

Senti as lágrimas escaparem pelas laterais do meu rosto, minha respiração reduzida a nada me causando uma severa falta de ar. Um desespero nato de quem só queria que ele parasse.

— Mãe? — Virei meu rosto e Ethan estava parado na porta, encarando toda aquela cena.

Vestido com a roupa que eu deixara sobre a cama para que ele vestisse, para que eu o ajudasse a vestir, mas não o fiz, porque seu pai estava ocupado tentando me forçar a gerar um filho dele.

Senti o corpo de Bruce amolecer sobre mim o suficiente para que eu pudesse ajeitar a minha roupa e o meu vestido, tampando a visão do meu corpo nu que meu filho tinha de mim.

— *Por favor...* — sussurrei e Brue então me soltou.

Se levantando, fechou a calça jeans branca e arrumou a sua blusa, me encarando furioso, enquanto Ethan entrava no quarto, olhando para a penteadeira que estava completamente suja e desorganizada.

Havia lágrimas nos meus olhos e Ethan que, mesmo muito calado, havia percebido que algo de errado havia acontecido.

Bruce se aproximou da porta, passando pelo batente.

— *Eu vou fazer esses infernos de exames...* — disse antes de sair.

Me deixei cair pelo chão, assustada com o que havia acabado de acontecer.

Ethan se aproximou de mim. Abriu seus braços pequenos e me abraçou. O remorso me atingiu com tanta força que um choro desentalou da minha garganta com tanto terror que eu podia ouvir os meus próprios soluços.

Nunca desejei que o meu filho presenciasse os ataques de loucura de Bruce.

Nunca desejei que ele pudesse perceber o tipo de pai que tinha. Eu preferia que, para ele, tudo fosse uma mentira. Mas que tipo de infância ele teria vendo o pai tentar violentar a mãe?

Quem sabe, com o tempo, talvez eu pudesse tentar contornar a falta de controle sobre Benjamin, pudesse levar à medida que as coisas fossem acontecendo, mas perder o controle de Bruce era uma outra questão, porque se ele quisesse acabar com a minha vida, ele faria vinte vezes pior do que Benjamin foi capaz de fazer.

Perdi o controle dos dois.

## CAPÍTULO 22 | PASSADO

**Benjamin Kingsman, 19 anos**

— Achei que você não viria — ela disse quando atravessei o cercado.

O sol alaranjado brilhava no seu rosto e os seus olhos estavam mais verdes do que nunca. Sinceramente? Era exatamente o que Anastasia tinha de mais lindo depois do sorriso grande.

Ela botou a mão na cintura e outra no rosto, tentando tapar os raios de sol que a impossibilitavam de enxergar muito. Seus cabelos castanhos ficavam acobreados no sol, voando com a brisa de fim de tarde.

— Desculpa me atrasar! — Ela se aproximou, ficou na ponta dos pés, com os dentes à mostra em um sorriso que ela só dava quando me via.

Eu o chamava de “sorriso do Benjamin”, porque ninguém o conhecia, apenas eu. Sua boca encostou na minha e, automaticamente, quando senti seus lábios aquecerem os meus, acariciei a sua nuca.

Ela sempre me encarava depois do beijo e uma vez quando perguntei o porquê que ela fazia isso, ela me respondeu: *para saber se você é real*.

Katrina relinchou atrás de mim, cansada de tanta *melação*, já que eu era o que ela tinha de mais perto de companhia.

— Eu sempre me desculpo — murmurou.

Ela se distanciou, dando pulos pela plantação de soja.

— E o seu avô como está?

— Seu joelho amanheceu um pouco inchado, mas eu botei gelo quando saí e lhe dei um anti-inflamatório. Ela vai ficar bem — respondeu.

— Vou te deixar em casa mais tarde.

Anastasia parou.

— Não, eu vou sozinha. Eu chego rápido.

— Vai estar de noite — disse preocupado.

Não era só frio que a noite guardava, mas a última coisa que eu queria era que ela fosse atacada por algum animal.

— E então?

— E então o quê? — questionei perdido em sua beleza e Ana riu.

— Katrina, Benjamin — falou. — Você disse que me ensinaria a montá-la.

Onde eu estava com a cabeça?

Dei um pequeno tapa na testa, divertido.

— Claro! É verdade. — Assobiei para a égua que já se distanciava andando pelo terreno. Ela veio correndo e parou diante de nós. — Vamos, suba. — E Anastasia o fez. — Sempre se mantenha equilibrada. Lembre que está nas costas de um animal, se ficar torta sobre ela, vai incomodar um lado das suas costelas. Segure com firmeza as rédeas.

— Vô Will disse que eu preciso apertar as rédeas para que ela não tente ir para outros lugares.

Soltei um sorriso grande no rosto.

— Você não está montada em um cavalo normal. Está montada sobre Katrina e ela só não te derrubou ainda, porque sabe que você é como eu. — Alisei a pelagem macia da égua. — Mas se eu pedir, ela te joga longe.

Ela estava ansiosa, não nervosa.

— E o que eu faço?

— Só se segura. Deixa-a te levar.

Seus olhos arregalaram-se levemente.

— O que? Mas para onde ela...

Dei um tapa sob o quadril do animal e ele disparou, quase derrubando Anastasia de cima de si. Eu não consegui conter a gargalhada.

Katrina correu com vontade e, pela velocidade, ela só queria assustar Ana. Fazia isso com ímpeto, já que a mulher que eu amava, havia soltado as rédeas para segurar no pescoço de Katrina.

Elas deram uma longa volta, correndo até a égua parar ao meu lado novamente em passos lentos, trotando sem sair do lugar.

Os cabelos castanhos da sua cabeça estavam embaraçados.

— Deus, Benjamin! Achei que me ensinaria — resmungou se recuperando da ventania da cavalgada.

— Vamos, não faça essa cara. Foi muito legal.

— Meu cabelo.

Apontou para os fios, endurecidos.

— Vem, agora eu vou realmente te ajudar. Chega um pouco para frente. — Sem entender com clareza o que eu havia acabado de falar ela o fez, eu subi e agarrei a sua cintura, depositando um beijo terno no seu ombro. Busquei as rédeas firmes entre os dedos, dando um leve puxão até Katrina cavalgar devagar pela soja. — Vamos, segure as rédeas. — Eu a fiz dar a volta com as rédeas no punho e segurei o seu pulso para lhe guiar. — O segredo para não cair do cavalo é que, além de se equilibrar sobre o animal, você precisa apertar o corpo dele com as pernas para se prender, enquanto ele cavalga. Se fizer isso corretamente, consegue até mesmo tirar as mãos das rédeas. O cavalo vai obviamente correr para onde quiser, mas você não vai cair.

— E se eu errar?

— Você só vai aprender se errar. — Beijei a sua cabeça e deixei com que ela fizesse sozinha. — Bata levemente as rédeas para que Katrina pegue velocidade. Vamos!

E, então, aos poucos, sem nem mesmo errar, Katrina pegou uma velocidade incrível e Anastasia a guiava com maestria, dando voltas e voltas pelo campo, correndo rápido em uma distância impressionante e, até mesmo para fazer viradas, ela se deu bem sem deixar com que o animal virasse bruscamente.

— Estou fazendo certo?

— Se melhorar, Katrina vai acabar preferindo ficar mais com você do que comigo. — E ela soltou um riso baixinho, contente por conseguir realizar um desejo, montar um cavalo, já que o seu avô era doente e não podia lhe ensinar.

Mas como tudo que é bom dura pouco, vi Jhonatan entrar de longe pelo cercado da fazenda, passar pelo rio e nos encarar, enquanto andávamos por ali.

— Ben. — Ela também viu o meu pai e, pela forma que ele estava de braços cruzados, eu tenho certeza de que ele me esperava voltar, e logo. — Acho melhor eu ir embora.

— Eu vou levar você e...

— Não, eu vou embora agora e sozinha — murmurou.

Anastasia sabia que o meu pai odiava quando eu ia levá-la em casa.

Não porque ele tinha medo pela minha segurança, mas porque o meu pai não queria, de forma alguma, que eu me envolvesse com ela. Não só falo de amizade, mas qualquer tipo de envolvimento.

Até mesmo uma mísera troca de palavras, mas conforme o tempo passava, ficava mais difícil de esconder o que se passava entre nós dois, assim como ficava mais difícil mentir. Parecia que a voz embargava.

Era notável demais.

Katrina parou e Anastasia desceu.

— Por favor, deixa eu te levar... — eu sussurrei para que Jhon não escutasse, mesmo de longe. — Por favor...

— Não vou deixar você mal com o seu pai por causa de mim. — Ajeitou seu vestido de bolinhas vermelhas. — Leve Katrina! Se eu for caminhando rápido, chegarei antes do anoitecer em casa.

— Vejo você amanhã?

— Sim... — Tentei não sorrir, porque era exatamente isso que me entregava para todo mundo.

Fui correndo com Katrina até o meu pai e tentei não olhar para trás para não mostrar mais ainda o que eu deveria esconder. Quando cheguei próximo do cercado, desci da égua e a deixei solta pela parte interna da fazenda, mas ela logo procurou a sombra.

Jhonatan tinha uma palha de madeira entre o dente canino e triturava-o à medida que incitava como se eu tivesse feito algo de errado.

— O que a neta de William Snow estava fazendo aqui?

Encarei o chão e esperava que a minha mentira fosse convincente.

— Eu disse a você que ela é minha amiga — murmurei, calmo. — Seu avô está doente, com problema no joelho e ele não consegue se mover, infelizmente. Ela queria muito aprender a andar de cavalo, mas como não tinha ninguém que pudesse ensiná-la, eu acabei usando Katrina.

Ele gargalhou com a mão na cintura, admirado com o pôr do sol.

— Não seja um imbecil. Essa menina é do tipo que engravidou só para garantir o sustento. — A raiva fervilhava sempre que ele falava dela assim. Anastasia não era nada como essas mulheres. — E você, Benjamin, não seja um homem tão burro. Estava de quatro por ela sobre aquela égua, abrindo sorrisos frouxos como um paspalho. Eu não quero essa menina na minha fazenda. Você me entendeu?

À medida que minha respiração tentava se amansar, meu punho se fechava com raiva, enlouquecido para tomar posse do meu braço e acertá-lo. Como ele podia falar dela de forma tão ignorante e crua?

— Ela estava fora da sua fazenda — eu disse.

— A única mulher de quem você deve ir atrás é Helen Fitzgerald — vociferou e quando percebeu o que eu tinha falado antes, travou sua frase.

— O que você disse antes?

— Você disse que não queria ela em sua fazenda, mas Anastasia estava fora dos limites da fazenda. — Senti a orelha arder como o inferno, quando a mão de Jhonatan cruzou o ar em uma velocidade sinistra e bateu contra a lateral de meu rosto na região da orelha.

Meus tímpanos ficaram zunindo durante um bom tempo.

Eu não podia acreditar que ele me agrediu.

Não depois de meses sem levantar a mão para mim.

— Mas as porras dessas plantações são minhas, Benjamin. E enquanto forem minhas, eu digo quais as piranhas devem pisar nela ou não. Você, como um bom filho, só obedece. Entendido?

Tomara que Anastasia não tenha visto aquilo.

Por Deus que ela tenha conseguido sair a tempo de ver.

Que ela não soubesse do que Jhonatan era capaz.

— Entendido... — sussurrei.

Jhon botou a mão sob a fivela do seu cinto, descansando a sua mão.

O céu escurecia lentamente, diminuindo a intensidade da sua luminosidade e o brilho da tarde gostosa que tive com Anastasia.

Como eu diria para ela que, se ela aparecesse novamente ali, pelo menos com Jhonatan em casa, ele me agrediria e, para piorar toda a situação, se a minha mãe ou Nicholas tentassem se meter, eu me foderia ainda mais vendo eles apanharem tanto quanto eu.

Aquela visão infernal de ferir quem eu amo por causa das minhas desobediências era muito pior do que ter a pele marcada pelo velho e forte cinto que ele usava especialmente para nos causar dor.

Entrei calado.

Passei pela cozinha e sentei sobre a mesa, enquanto a minha mãe fazia comida e, a julgar pela sua felicidade, eu sabia que era a hora do dia mais feliz para ela.

— Elizabeth! — chamou Jhonatan. Eu podia ver seus pés pesados pelo assoalho de entrada antes dele aparecer pelo batente da porta da cozinha.

— Sim? — perguntou.

— Benjamin tem trazido a neta dos Snow aqui toda semana?

*Todos os dias.*

A olhada de minha mãe me entregou.

Jhonatan saiu de onde estava em uma velocidade assustadora. Sua mão fechou na parte de trás do pescoço da minha mãe como um gancho duro.

— Eu já não disse que o diabo desse menino é da filha do Fitzgerald?

Levantei ensandecido de raiva.

O que ela tinha a ver com aquilo? Tentei empurrá-lo, mas Jhon conseguiu acertar seu cotovelo em meu nariz e, no mesmo segundo que ele se afastou, senti o sangue escorrer por meus lábios.

— Solta minha mãe! — gritei, fechando os olhos e sentindo a narina queimar como se tivessem jogado um jato de água ali.

— Cala sua boca, Benjamin. Perguntei para Beth, então quero a ouvir responder.

Ela piscou os olhos, cerrando-os, porque provavelmente sentia dor.

— Não... n... n... não vem... — gaguejou, morrendo de medo.

Que merda eu tinha feito?

Por que eu fazia a minha mãe sofrer tanto?

A culpa era minha.

— Para, por favor! — gritei.

Ele jogou seu pescoço de forma que Elizabeth caísse sobre os legumes recém cortados sobre a pia da cozinha. O seu rosto era banhado em lágrimas e a sua boca cheia de soluços. Jhonatan nos deixou sozinhos, subindo as escadas em direção ao seu quarto no segundo andar.

— Mãe... — sussurrei. Tentei abraçá-la, mas ela me impediu com a mão. — Me desculpa...

— Vai para o seu quarto — pediu, autoritária, lutando para se manter em pé e se recompor.

— Deixa eu abraçar você. Me desculpa. É culpa minha.

— Mandei você ir para o seu quarto.

— Mãe...

— Benjamin, agora! — gritou, batendo com a faca sobre a pia.

Abaixei a cabeça, em um estado de culpa que consumiria mais um pouco nos últimos dias.

Talvez eu realmente fosse um péssimo filho.

E Elizabeth não merecia um filho assim.

## **CAPÍTULO 23**

### **Benjamin Kingsman**

— Sr. Benjamin, o hotel está lotado. Não há mais nenhuma suíte vaga — disse Tom em um tom orgulhoso e cheio de felicidade, mas eu já estava em um patamar que nada daquilo me dava alegria alguma quando meus desejos eram outros.

— Ótimo! — respondi, tentando forçar uma satisfação que não existia.

— Joe veio aqui mais cedo querendo mostrar algumas ofertas de terrenos.

Eu sabia exatamente o que ele queria e não era vender terrenos, pelo menos não para mim.

— Joe Lannister sabe que os parceiros do torneio têm muito mais dinheiro que o banco pode guardar, então, com isso, ele está tentando fazer com que eu tenha piedade dele para, quem sabe, apresentar possíveis compradores de terras que ele vende, mas acho que hoje é o seu dia de azar, porque eu não nasci ontem — rebati. — E o que ele fez?

— Eu disse que nos dias de torneio você não estaria disponível nem para tomar um café, então ele foi embora e disse que volta outro dia.

Dei algumas batidas leves no ombro uniformizado de Tom.

— Isso é muito bom — falei. — Tom, você vale ouro, meu amigo.

E ele riu envergonhado, mas acho que ainda orgulhoso.

— É só o meu trabalho, Sr. Benjamin. — Ajeitou os óculos. — Os cavalos para venda já chegaram e estão todos no hipódromo. Os cuidadores estão os selando para que eles possam correr mais tarde.

— Ótimo. — Ele deu em minha mão a lista com todas as numerações dos possíveis compradores, mas o que me chamou atenção foi o nome de Bruce estar entre eles. Jack foi muito claro quando disse que ele não cuidava dos seus animais, então por que eu seria louco de deixá-lo participar? — Esse nome, Bruce Benett. Tire-o da lista de compradores.

A lista de compradores funcionava de uma maneira muito clara e limpa.

Apenas homens que já tinham experiência com esse tipo de compra e venda podiam participar. Era necessário um bom histórico, ser um bom criador e cuidador para que ele pudesse se pôr no leilão. Os cavalos eram de raça, valiam muito dinheiro, mas não havia nenhuma quantia que me fizesse vendê-los para alguém que eu sabia que cuidaria deles como cuidava do próprio filho: como um tremendo imbecil!

— Mas o Sr. Benett é um...

— Tire-o da lista e no momento do leilão, caso ele queira levantar o nariz se achando superior, peça que me chamem. Eu corto o problema pela raiz — garanti.

— Claro, Sr. Benjamin. — Ele dobrou o papel e botou dentro do bolso.

— Bruce se hospedou?

— Não, apenas a sua mãe e o seu pai, a Sra. e o Sr. Benett.

— Perfeito.

O hipódromo da fazenda não era tão grande, mas, sem dúvida, ficava na parte mais afastada, depois do celeiro, depois da piscina. Depois de tudo. Katrina foi levada junto com os outros cavalos.

Eu costumava fazer isso para não a deixar sozinha.

Sem falar que, na maioria das vezes, eu montava sobre ela para correr por aí no final do torneio.

Estava muito mais cheio do que no ano passado. Era evidente que, a cada ano, o torneio da *Kingshorse* ficava mais conhecido. Com o elogio dos cavalos, das comidas, do tipo de público presente, não tinha como não chamar tanta atenção.

Havia competições de hipismo, turfe, que era a corrida de cavalos, a competição de qualidade de cavalos de raça e leilões dos animais de forma totalmente legal.

Sobre o galpão, onde alguns homens esperavam para serem chamados para o leilão, estava Bruce. Dentes à mostra, postura ereta, um copo de alguma bebida quente em uma das mãos, engomado como ele nunca costumava ser. Interessado em ser aceito, em parecer melhor do que os outros, de ter mais que os outros e eu não precisava ler seus lábios para saber que metade das coisas que ele contava era mentira. Ethan estava ao lado dele, ombros caídos, olhar no chão, varrendo a terra grossa que estava úmida pelo tempo um pouco fechado e frio.

Bruce deu dois tapas medianos no seu ombro, empurrando de uma forma para que ele se distanciasse um pouco, então o menino o fez. Saiu andando sem olhar para a frente, acompanhando o cercado que dividia a pista do Hipódromo, com o braço erguida, passando os dedos pela madeira. Quando ele chegou em uma parte onde o cercado fazia um círculo, ergueu a cabeça e me encarou, parado a alguns metros dos seus pés.

— Tio Benjamin! — gritou.

Veio correndo e fechou o seu braço em meu pescoço, jogando-se no meu colo, quando abaixei para ficar com a mesma altura que ele.

— Você está ficando forte! — resmunguei, brincando com o tom de voz.

— É porque eu como toda a comida que a minha mãe me dá.

— Muito bom, isso é muito importante. — Baguncei seus cabelos que pareciam crescer mais e mais a cada vez que o via mais uma vez. — Quem está tomando conta de você?

Ele se virou, cerrando os olhos ainda pela claridade do dia e apontou para a figura de Bruce do outro lado da pista.

— Meu pai.

— Então, você deveria estar com ele agora.

Ethan balançou a cabeça, fazendo seu cabelo roçar na sua testa.

— Mas foi ele quem pediu que eu me afastasse. — Ethan não reclamara. Ele só falou, como se o ato de Bruce fosse normal.

Se não tivesse deixado me levar pelos desesperos que tive naquela noite quando Anastasia disse estar grávida, ele saberia que o meu sangue também corria nas suas veias.

— Ele só está ocupado, tratando de negócios.

— Você também faz isso com os seus filhos?

Soltei o ar pela boca, impactado com a pergunta, mesmo que sem necessidade.

— Eu não tenho... filhos. — Repensei. — Na verdade eu até tenho, mas ele foi viajar com a mãe quando era pequeno e ainda não voltou.

Seus pequenos olhos azuis estavam mais curiosos do que nunca.

— E você não sente falta dele?

— Ah, eu sinto, muita! Mas é uma situação muito complicada.

— Por que é complicado, tio Benjamin? Ele está muito longe?

Suspirei fundo, agachado, com os cotovelos sobre o joelho.

— Hmm... ele está muito perto, mas ao mesmo tempo, longe demais.

— Eu não entendi. O que isso quer dizer? — questionou.

Agarrei a carne do seu queixo e balancei devagar.

— Quando você for adulto, você vai entender.

— Mas eu sou muito pequeno, não vou me lembrar.

— Eu te lembro — eu disse.

— Então, você vai ficar perto de mim por muito tempo?

— Se eu estiver vivo, muitos anos, eu espero. — Olhei ao redor. — Onde está a sua mãe?

— Foi comprar suco para nós dois no bar.

A maioria das vezes em que eu o via, se ele não estivesse na presença de Anastasia, ele estava sozinho. E, ainda que ele não fosse um bebê, era pequeno. Sei que ninguém o machucaria, mas ele não precisava de uma terceira ou segunda pessoa para isso.

Bastava a si próprio.

Ele era só uma criança.

Eu faria companhia a ele, nem que eu precisasse me ausentar do torneio.

— Pensei em ensinar você a montar cavalo. O que acha?

Da mesma forma que Anastasia fazia quando era mais jovem, ele fez quando botou a mão no peito mostrando ansiedade.

— Hoje?

— Agora — pontuei.

Ethan olhou para trás, respirando devagar.

— Meu pai vai ficar bem triste se eu for. Ele disse que tempo é dinheiro e montar um cavalo não vai me trazer futuro.

*Imbecil, imbecil, imbecil.*

Eu só queria atravessar aquele hipódromo e enfiar a sua cabeça redonda debaixo da terra, até que só tivesse lama nos seus pulmões.

— Tenho certeza que o seu pai não quis dizer isso, Ethan — falei devagar, tentando controlar o tom de raiva. — Cresci por anos montando cavalo, cuidando dos animais, pescando no lago da fazenda onde você mora e, bom... vê todo esse lugar?

— Eu quero ser como você quando crescer. — Seus cílios abanavam seus olhos. — Minha mãe vai brigar comigo.

— Se você não conta, eu não conto.

— Um segredo? — perguntou eufórico.

— Um segredo só meu e seu.

Dei a volta para procurar Katrina.

Eu não poderia pegar nenhum outro cavalo, já que todos eles estavam garantidos para o torneio e tirar eles de lá para algo que não fosse o leilão, era contra as regras.

Katrina estava com os cuidadores próximo do estábulo do hipódromo, completamente vendada, mas era necessário. Não seria legal se ela visse tanta gente. Katrina já não era um animal calmo e desencadear um alvoroço em um cavalo selvagem era um problema gigantesco.

Me aproximei da égua, passando a mão por seu focinho e assobiando para que ela ouvisse minha voz. Dei um sorriso, quando vi que ela entendera que se tratava de mim e a guiei pela cela até o campo, além do cercado, depois hipódromo.

Quando saí de lá, os auxiliares já estavam tirando todos os animais do estábulo para posicioná-los para a corrida.

— Acho que você já conhece, Katrina — falei, enquanto acariciava a pelagem do cavalo.

— Oi, Katrina! — Ele a saudou como se ela realmente fosse uma amiga. Sem que eu falasse nada, caminhou para a frente do animal e esfregou sua mão no focinho dela.

Estranhamente, Katrina revidou o carinho, esfregando a lateral do focinho na sua mão.

— Muito bem, ela gosta de você. Acho as vezes que ela foi comigo até você ajudou um pouco. Agora vem aqui! — Ele veio em meu colo e eu o botei sentado sobre a cela, para depois sentar logo atrás dele.

Expliquei passo a passo de como ele deveria fazer não para controlar Katrina, mas para criar um vínculo.

— É bem alto aqui de cima — disse, o menino.

— Ninguém controla um cavalo, Ethan. O que você deve criar é um vínculo com ele. Pense que você vai apenas direcioná-lo e, não, obrigá-lo a ir para a frente.

— Então, eu não preciso segurar a corda.

— Se chama Rédea. E é bom que você segure, pois é através dela que você guia. Cavalos selvagens não gostam de toques pesados, você deve ser leve.

Com as mãos pequenas e suaves, ele puxou levemente a corda e Katrina começou finalmente a trotar muito mais cuidadosa do que normalmente tinha o costume de ser. Era como se ela soubesse que havia uma criança ali, como se soubesse que Ethan demandava de cuidados. O trotar pesado e ignorante que era sua marca única havia se tornado macio no chão, sem sacudir o corpo, e até mesmo cuidadosa na hora de virar.

Fiquei feliz em ensinar Anastasia no passado, mas ensinar para Ethan, meu filho, não tinha felicidade maior.

De alguma forma, eu sabia que ele poderia mudar tudo. Não seria um ponto de redenção, mas seria a minha chance de recomeço, quebrando

correntes e amarras.

Seu jeito encantador era só um adendo que me fazia questionar, mesmo tendo ouro nas mãos: por que Bruce não era capaz de cuidar do que tinha? Ele tinha uma esposa incrível e um filho de ouro, o *meu* filho. E o fato do menino ter sido criado por ele, se é que Anastasia não tenha feito tudo sozinha, mostrava que Ethan tinha algo chamado essência, porque nem mesmo através do seu falso pai deturpado ele não deixava de ser uma criança incrível.

Eu estava pronto para mostrar o mundo a ele, que *perder tempo* no interior, na fazenda, com os animais, era um prazer que poucos tinham e um dom raro. Eu sei que ele tinha isso dentro do coração. Sei reconhecer um Kingsman quando vejo um e o meu filho, sem dúvidas, carrega isso nas veias.

Eu não deixaria Bruce fazer com Ethan exatamente a mesma coisa que Jhonatan fazia comigo, Nicholas e Brooke.

O círculo vicioso era para ser quebrado e, não, para ser seguido por alguém que sequer era o pai dele até porque, quando ele crescesse, dificilmente me perdoaria, sabendo que eu estivesse tão perto e permiti que tudo aquilo estivesse a acontecer.

Tive orgulho dele, em um pequeno ato, e queria ter orgulho de muitas outras coisas ao longo de toda a vida.

Pela primeira vez eu me senti pai.

*Pai de verdade.*

Meu pai nunca me perguntou se eu queria fazer parte do seu mundo. Ele somente me forçou. Só mandou e ordenou, mas Ethan... Ethan adorava aquilo por natureza e eu nunca poderia pedir nada a mais para Deus, porque ter um filho que queria os meus passos já era o suficiente para mim.

Forcei a vista contra o cercado e quando tudo se tornou nítido, de repente, enxerguei a imagem de Anastasia vindo em nossa direção. Seus cabelos castanhos voavam contra o vento que vinha do outro lado do campo. Ela tinha um vestido branco que provavelmente sairia completamente sujo de dentro do campo.

— Minha mãe — frisou Ethan.

Eu sabia que ele estava receoso.

— Deixa com o tio Ben. — Desci do cavalo e ela continuou se aproximando até estar perto de nós.

— O que Ethan está fazendo aqui? — perguntou quando se aproximou o suficiente para que eu ouvisse sua voz com raiva.

— Eu vim ensiná-lo a montar, assim como ensinei a você.

— Você sabe montar, mãe? — Pelo visto ela não havia contado isso ao filho.

Ela reprimiu os lábios em um bico estressado e um nervosismo desesperado.

— Não, meu amor! Ele não sabe o que fala. — Ela esticou os braços e o desceu de cima de Katrina, depositando a criança no chão, que seguia correndo em direção ao cercado, passando as mãos pelo trigo plantado. — Vai andando para o hipódromo, a mamãe já vai.

O menino virou, acenou sorrindo quentinho.

— Tchau, Tio Benjamin! Obrigado por me ensinar a andar na Katrina hoje.

— Disponha! — falei com um sorriso, acenando na mesma intensidade. — Nos vemos depois.

Ela entrou na frente da minha visão, de braços cruzados.

— Você não vai ver meu filho uma *próxima vez*.

Ergui a sobrancelha.

Anastasia vivia de passado.

Se vivesse de presente, saberia que minha decisão era visando o melhor para ele.

— Nossa filha. — Subi em cima de Katrina outra vez. — Inclusive, seu tempo está praticamente acabando. Já contou ao seu marido?

Deu alguns passos para trás.

— Eu vou pedir pela milésima vez, esqueça a gente.

E segundos depois tudo o que eu vi foi suas costas.

Ela caminhou em passos longos. Atravessou o cercado e, mais uma vez, eu fiquei como um idiota parado, enquanto ela seguia com os mesmos termos, acreditando nas mesmas coisas e se empenhando pelos mesmos motivos, mas ainda que ela mostrasse as garras, Ethan não seria menos meu filho por isso.

Ela poderia continuar lutando pelo que ela chamava de família, mas dessa vez ela teria que me contar o motivo de insistir nessa palhaçada de bom pai e bom marido.                    Eu não a deixaria fugir de mim como uma covarde.

Eu a seguiria até o inferno para ter tudo esclarecido.

Puxei as rédeas de Katrina com força. O animal selvagem que eu conhecia desde a infância deu as caras relinchando como uma louca.

Atravessei o portão dos fundos da propriedade, correndo como um louco. Ela teria que atravessar o estábulo por dentro para conseguir chegar aos assentos onde Bruce estava e ainda teria que andar um pouco mais.

Ela era um animal que sem a venda nos olhos se tornava mais livre do que os próprios cavalos soltos pelos campos do interior.

Eu tornei a cavalgar como um louco, prendendo as pernas em “v” nas costelas de Katrina, pois acho que ali, ela entendeu que eu precisava ser o mais rápido que conseguisse. Ao chegar na porta do estábulo ao lado

contrário que ela havia entrado, eu entrei com a égua e fechei as portas, trancando por dentro.

Ela parecia assustada.

O seu vestido longo branco tinha as bordas do pé sujas de lama.

— Abra este portão agora.

— Não, você tem mais coisa para falar e vai falar agora! — Peguei o seu braço, e abri uma das celas limpas do estábulo.

Ela se desequilibrou no feno e caiu sobre ele.

— Você é louco?

— Você não faz ideia do quanto, Anastasia.

Acho que agora ela entendeu que as coisas não seriam tão simples. Acho que agora Ana percebeu que tínhamos contas para acertar, onde o juros estavam dobrando um pouco mais todos os dias.

— Eu quero ir embora.

— Cala a boca e me escuta. — Eu não podia botar tudo para fora. Seria sincero, mas com certeza iria feri-la e dificultar ainda mais o péssimo relacionamento que já tínhamos um com o outro. — Faltam dois dias para que você conte a Bruce sobre mim e Ethan. Você fala sobre família e casamento, mas eu juro que tenho vontade de ir lá e quebrar todos os dentes da boca dele quando vejo ele sendo um escroto com vocês. O meu maior ódio é que além de saber que ele é um pai de merda, você mente, Ana. Você mente, porque prefere que o nosso filho fique com um escroto que não dá um pingo de atenção e carinho para ele do que com o pai biológico. — Descontrolado, descendo por uma avalanche de raiva e sentimentos ruins, era assim que eu me sentia agora. Puxei o punho e acertei a madeira do cercado que dividia o nosso lote do estábulo. — E ainda diz que ele é um bom marido? — Ri em pura ironia, enquanto ela me olhava assustada. — O

cara não consegue tratar uma criança bem, como espera que eu acredite que ele trate você bem depois do que eu vi no celeiro?

— Isso não é assunto para você.

Ela se levantou, parando diante de mim, como se estivesse me afrontando.

— Sabe quando vai ser assunto para mim? Quando eu o matar por encostar um dedo no meu filho. E de uma coisa eu tenho certeza, é assim que começa. — Virei, dando-lhe as costas, sentindo o cheiro de madeira seca. — Sabe por quê? Porque foi assim que Jhonatan começou. E eu não tive ninguém que me defendesse, mas eu te garanto que Ethan tem alguém para defendê-lo, porque eu não vou esperar que Deus afogue Bruce naquele lago. Eu mesmo vou afogá-lo.

— Ele era a única opção que eu tinha, Benjamin. Como eu ia fazer para cuidar de um filho e um idoso cheio de problemas ao mesmo tempo?

— Ela estava tão próxima, eu podia sentir apenas ouvindo sua voz, respirando firme, tão desequilibrada e nervosa como eu.

— Se casou por dinheiro? — Me virei, encarando seus olhos, seu nariz afilado, suas maçãs rosadas.

Ela estava envergonhada e tocar nesse assunto era como jogar um vaso de porcelana no chão diante dos seus pés, causava pânico a ela.

— Me casei porque eu era responsável por duas pessoas além de mim. Se eu tivesse ficado lá, sozinha, um de nós três ia morrer e eu não queria ser responsável por essa escolha.

— Eu nunca te abandonei.

— Abandonou quando me deixou ir embora depois de dizer que não podia ser pai. — *Se arrependimento matasse...* — Você me deixou para os planos finais, Ben.

— Mas é diferente. Estou aqui agora.

— Eu não consigo confiar em você. — Sua mão estava entre meus dedos, quente, suando e vermelha. — Eu odeio ter você por perto.

Suas costas encostaram na parede do estábulo e a pequena luz que entrava pela janela no teto, reluzia na ponta de seu nariz.

Como no passado, passei uma mecha do seu cabelo para trás das suas orelhas.

— Me odeia ou tenta omitir que ainda tem sentimentos por mim? Tem medo de que Bruce não seja páreo para o que eu causo em você?

Dei um passo.

Ela encostou a sua cabeça, levantando o queixo, fazendo com que a luz banhasse todo o seu rosto, reluzindo a pele clara no fiasco de sol que, às vezes, aparecia entre as nuvens acima de nós

— Se você fosse melhor que ele, não teria ido embora da minha vida — murmurou baixinho, porque eu estava perto o suficiente do seu rosto para ouvir mesmo que Ana sussurrasse.

— Você foi embora. *Não eu* — rebati.

Anastasia tinha os olhos marejados, mais uma vez.

Relembrar o que vivemos nos últimos minutos da última vez em que nos vimos, era sofrer em dobro, porque sabíamos que, apenas por causa daquele curto momento, nossos caminhos se desencontraram tão violentamente que acabou afastando qualquer alegria futura.

— Eu fui, mas apenas depois que você partiu.

O meu corpo respondia a sua voz, ao seu cheiro. Era como um jogo de reações que eu não tinha o menor controle.

Era como se ela fosse a rainha e eu o súdito, me curvando perante a ela quantas vezes ela quisesse.

Eu a queria de volta.

Eu queria a minha família de volta.

— Então, me deixa voltar.

Sua mão brincou com a pele de cima do meu umbigo por cima da blusa e eu continuei esperando uma resposta dela, que levantou o rosto quando por fim entendeu o meu pedido cru e direto.

— O que você está dizendo? — questionou, assustada.

— Me deixa não só ser o pai do Benjamin, mas me deixa voltar para você.

Não foi um pedido, foi a súplica mais sincera que já tive na vida. Ela estava visivelmente impactada, porque não esperava aquele pedido.

— Eu não consigo mais acreditar nas suas intenções... — E era culpa minha.

— Você e Bruce, vocês... tem relações sexu...

— Não fazemos nada há quase um ano — disse dispersando o olhar do meu, completamente sem graça, porque afirmado aquilo, ela havia carimbado a ideia de casamento que nunca existiu, havia mostrado que tudo não passava de uma farsa.

— Vocês não fazem sexo?

— Não, Ben. Eu não consigo. Eu não sinto absolutamente nada — disse envergonhada.

— Então por que insistir nisso?

— Porque Bruce cumpriu com tudo o que prometeu.

Ela não precisou dizer mais nada.

Quantas promessas eu havia prometido para Anastasia?

Quantas vezes eu acreditei que eu poderia ser forte? Quantas vezes eu achei que tinha coragem para dizer para Jhonatan que eu não faria o que ele queria?

A minha falta de sinceridade com Anastasia me custou um preço alto e sua afirmação fazia sentido. Bruce podia ser um imbecil, mas ao contrário

de mim, ele cumprira tudo o que prometera: cuidar dela e de Ethan, mesmo que não emocionalmente, ainda sim financeiramente.

Puxei a minha carteira do bolso, abri na frente dela e, de dentro do bolso principal, retirei uma pequena foto, que quando seus olhos verdes a tocaram, eu senti a oscilação em sua respiração medrosa.

— Isso é...

— Nós dois. — Ela passou o dedo sobre a foto. Era uma pequena foto que havia tirado em uma cabine de fotos que revelavam na hora na escola.

Anastasia estava sentada ao meu lado e me dava um beijo na bochecha.

Estávamos no ensino fundamental e eu guardei aquela foto por todos esses anos, me acompanhando em todos os lugares que eu ia, durante o meu casamento com Helen e em todo o lugar.

— Por que você guardou isso?

— Porque antes de eu dizer que te amava pela primeira vez, você era minha amiga. — Debrucei sobre a parede do estábulo com o cotovelo encostado na madeira, ao lado da cabeça dela. Eu estava me sentindo nervoso e ansioso como aos dezesseis anos de novo, quando a vi pela primeira vez. Anastasia era linda, mas para classificar a sua beleza hoje, eu precisaria criar uma nova palavra. — Eu nunca te esqueci. — Minha mão roçou em seu pescoço, chegando até a lateral do pescoço e então orelha. — Quando descobri que... que Ethan era o meu filho, eu vi a chance de consertar tudo. Eu queria meu filho de volta, eu achei que queria só ele, mas eu quero você de volta. — Ela precisava me escutar. — Então me diga: ainda sente algo por mim? — Ela continuou calada e a única coisa que eu via se mexer em seu corpo eram seus olhos que piscavam, seu peito que subia e descia nervoso. Meus olhos cravados em seus lábios e, com os dedos da mão, eu podia sentir todos os pelos do seu pescoço ouriçados. —

Ana, eu preciso que você me diga, porque dessa vez, eu juro que faço o que você mandar. Se disser que quer continuar com Bruce, eu vou respeitar e vou lutar apenas por Ethan.

Senti as lágrimas escorrerem e caírem sobre meu braço ainda agarrado em seu pescoço, acariciando sua orelha com um dos dedos.

— Eu...

— Fala para mim. — Depositei um pequeno beijo em seu ombro. — Se sente alguma coisa aí dentro por mim, me deixa beijar tua boca, Anastasia... — Depositei beijos suaves em seu pescoço, respirando quente em sua pele, arrepiando cada canto. — Se quiser eu saia daqui, me manda ir embora, me diz para sair de perto, me diz que não me quer... — Sua perna se levantou acariciando a minha e, em um movimento rápido, puxei suas duas pernas, ficando no meio delas, enquanto Anastasia as fechava em minha cintura. — Se tem alguma parte em você que não quer, fale agora, porque se eu tirar a tua roupa e me enfiar dentro de você, eu só vou parar quando você se lembrar a quem pertence, mesmo depois de tantos anos, quando não tiver voz e gemer em um sussurro em meu ouvido.

— Então me faça lembrar, Ben.

Seus dedos seguraram as minhas orelhas e eu agarrei a sua cintura com os dois braços. Avancei contra a sua boca tão urgente e depressa, que a sua cabeça avançou para trás, prensando contra a madeira e prendendo seus cabelos contra a farpas da parede.

Ela passou sua mão pelos meus ombros, procurando os botões da camisa vermelha e, pelo barulho, eu tinha certeza que Anastasia arrancou vários deles, já que a minha boca na dela atrapalhava a visão abaixo do pescoço. Chupei a sua língua com gosto de laranja e, com a outra mão, inverti as nossas posições, sentando nos blocos macios de feno, de modo que as pernas de Anastasia ficassem cada uma de um lado do meu corpo.

Puxei as alças do seu vestido para baixo e encontrei seu peito macio, bico rosado, intumescido, implorando para receber tapas da minha língua, que a poucos segundos depois, lhe dei, deixando espaço para que gemidos baixos escapassesem pelos lábios vermelhos e úmidos dos meus beijos.

— Não morda tão forte. — Engasgou, quando me sentiu morder a carne na lateral dos seios. Eles cabiam certinho em minha mão.

Anastasia me abraçou pelo pescoço com os dois braços e sem que eu pudesse dar atenção aos peitos expostos, ela rebolou em meu colo com tanta vontade que eu respirei fundo para agarrar sua cintura e esporrar dentro das calças.

— Devagar... — pedi em seu ouvido, mordendo seu pescoço.

Merda, se eu pudesse, morderia ela inteira, deixaria a marca dos meus dentes em cada espaço disponível da sua pele.

Abri a calça e a descia, expondo a cueca, duro com um bastão de ferro, manchando o tecido cinza de pré-gozo, puxando até a metade das pernas depois de ter tirado o sapato.

— Você está com o corpo tão... diferente. — Ela praticamente gemeu. Meu corpo diferente de antes, era resultado de uma boa alimentação e exercícios não intencionais em músculos, que acabaram por aumentar a massa corporal, deixando-me visivelmente talhado em músculos e fibras, nada exagerado, mas o suficiente para que gerasse algum tipo de atenção extra.

Puxei a beirada do seu vestido e o tirei do seu corpo, deixando apenas a pequena calcinha azul que se destacava na carne tão branca que parecia cinza embaixo da luz.

— Vou tomar isso como um elogio — falei, admirado com os seios expostos, a cintura de funil, o excesso de carne no quadril, coxas rolicas e

grossas e a pequena marca da cesárea em seu baixo ventre. Passei o polegar.  
— Me desculpa por não estar presente.

Eu sabia o quanto aquele momento deveria ter sido importante, mas bastava olhar para Ethan para sentir falta de cada parte de sua vida que perdi.

Desci o corpo por entre as pernas de Anastasia que se assustou com o movimento. Enquanto ela tinha os joelhos e as mãos nas caixas de feno, eu encaixei a cabeça exatamente no meio das suas pernas. Mordi a gordura da lateral da sua coxa, antes de puxar a calcinha para o lado e encontrar sua boceta tão babada, que fazia uma teia na calcinha enquanto eu a afastava.

Passei apenas o dedão pelo meio dos lábios que escorregou devagar.

Dei a primeira lambida e ela se contorceu sobre mim, causando uma porrada de dor nas minhas bolas que estavam cheias desde o dia em que eu quis fodê-la dentro do meu quarto, mas tirei o autocontrole dos infernos para conseguir me afastar.

Enfiei a mão dentro da cueca e puxei o pau para fora, fazendo uma rotação com o punho, que ia da cabeça inchada até a base ao mesmo tempo em que eu abocanhava a sua boceta doce, encaixando a língua certeira no seu ponto de carne mais sensível e duro de tesão.

Queria puxá-la pelo cabelo, jogá-la sobre o feno e abrir um caminho tão fundo dentro de Anastasia, que eu só sairia do seu interior depois que as suas pernas perdessem os movimentos.

— Você continua doce, Ana — murmurei contra a carne de seus lábios.

Desci a língua por sua cavidade, limpando todo o seu mel. Estapeei o seu clítoris à medida que ela rebolava contra a minha boca, encaixadinha, forçando sempre quando eu chupava toda sua carne contra minha língua.

E se ela continuasse naquele movimento, eu encheria meu peito de porra enquanto me masturbava, então, para não ser tão precipitado, soltei o meu pau com as bolas latejando, sozinho e enfiei dois dedos que escorregaram para dentro dela tão facilmente, que eu quis rezar para que fosse o meu pau.

Senti o fundo do seu interior naquele pulsar lento de excitação, na ondulação das paredes internas, gritando e me dizendo que eu estava no caminho certo.

— Benjamin... — Meu ego inflou de tal forma, que eu não podia mais esperar.

Sentado no feno, puxei as suas coxas de uma forma que Anastasia caísse sentada sobre meu colo. O suco da sua boceta deixou um rastro sobre meu abdômen, enquanto ela se esfregava ali, para a frente e para trás.

Passei o dedo por seu botãozinho de carne à medida que ela rebolava na minha barriga. Foi chegando para trás, até que eu senti a cabeça inchada encontrar o caminho para a sua entrada, molhada, esperando apenas por ela, se encontrando finalmente, invadindo e abrindo espaço até estar completamente engolido pelo interior folidamente apertado, tanto que eu podia sentir o seu interior me bombear.

A minha mão direita subiu por seu ombro e agarrou com violência os cabelos da nuca de Anastasia, puxando-os para baixo, obrigando-a a envergar o seu corpo, expondo os seios em direção a minha boca, esticando a barriga lisa, de onde Ethan saíra.

— Eu quero que diga o que sente toda vez que eu sair e entrar em você. — Botei na boca em um dos seus mamilos, afundei os cinco dedos na cintura de Anastasia e impulsionei o quadril para cima, quando ela começou a se movimentar para frente e para trás em um rebolado envolvente, que me

fazia sentir a cabeça do pau bater contra o limite do seu útero tão escorregadio, que já havia me melado por inteiro por entre as coxas.

Meu corpo já estava completamente suado, nossas roupas no chão, um resquício de luz que nos iluminava, aquilo era o suficiente.

Como nos velhos tempos.

Quando nada mais era necessário, apenas ela.

E eu sabia que tudo que eu construí nunca conseguiu me surpreender como pessoal com tudo o que conquistei, porque faltava ela.

Não porque eu queria tê-la.

Mas porque eu queria que ela me tivesse.

Eu queria pertencer a Anastasia.

— Me deixe ver você... — Suas mãos se apoiaram em meu joelho, seu corpo envergado sentado sobre meu pau e o suor escorrendo entre seus seios.

Não resisti e os lambi.

Soltei seu cabelo e ela pode me encarar. Dessa vez com aquele sorriso pequeno e gostoso. Segurei seu corpo pela cintura e deitei sobre o feno no chão. Ela não ligou de ter todo o seu cabelo sujo e nem eu liguei também.

Sem sair de dentro dela, apertei a sua coxa com o cotovelo apoiado no chão, em um controle profundo em que eu fui capaz apenas porque nossos olhares estavam ligados.

— Eu te amo, Ana... — murmurei baixinho com um meio sorriso, puxando o quadril para trás, tirando metade do pau de dentro dela e enfiei, segundos depois, cada centímetro da minha extensão da cabeça às bolas se eu pudesse, lhe dando um beijo no mesmo instante.

Línguas entrelaçadas e gemidos que ficavam apenas entre a boca dela e a minha. Nossos corpos se afundavam no feno, uma mistura de suor e

palha, calor e amor, porque isso era uma das maiores coisas que eu ainda tinha para dar a ela.

Amor e honestidade desta vez.

Sem qualquer chance de omissão ou mentira. Prometendo somente o que eu faria.

— Não fui eu quem construí tudo isso, foi a sua ausência, a falta que você me fez, eu... eu precisava me distrair se não enlouqueceria. Eu jurei que era o suficiente para te esquecer, mas o suficiente simplesmente se tornou nada — sussurrei.

— Tudo aconteceu como deveria ter acontecido, Ben...

Seus dedos passaram por meu pescoço, mandíbula, encaixando atrás da orelha, acariciando o lóbulo.

Ela chupou o meu queixo e eu entrei novamente na sua boceta encharcada, causando um som alto das minhas bolas batendo em sua bunda.

Ela comprimiu os olhos.

— Nós dois, aqui e agora. — Meu abdômen escorregava por sua barriga e os seus pés apertaram o meu quadril. Anastasia tinha uma elasticidade exemplar nas juntas das pernas. — Nós dois amanhã. — Gemi contra sua boca, sentindo o meu pau vibrar e as bolas queimarem pelo tempo em que eu precisava me aliviar. — Nós dois na semana que vem. E isso não depende de mim.

Ela subiu em cima de mim, me fazendo cair de costas na palha.

Seus cabelos estavam cheios de pequenos grãos de feno e palha seca. Meu pau saiu de dentro dela e eu pude ver a glande, melada, o pré-gozo se expandindo para fora conforme ele vibrava.

Em um susto, ela sentou de uma vez só e eu fui ao céu só para contar quantas estrelas aquela noite teria.

Meus dedos entraram na carne do seu quadril e ela quicou mais uma vez.

Suas mãos espalmaram no meu peito um pouco escorregadio, espremendo seus seios entre os dois braços, fazendo com que a pele lisa brilhasse pelo suor e os mamilos rosados ficassem pontudos.

Eu havia perdido qualquer controle sobre ele quando estava sobre mim.

O controle a pertencia e era ali que eu virava apenas um menino, sem qualquer chance de controle sobre a própria porra.

— Talvez você não tenha mudado tanto, Ben. — Ela riu, cavalgando pesado, seu quadril se chocava com o meu, nos tornando um só, sem saber onde começava seu corpo e onde terminava o meu.

A sua respiração se desintegrou e o seu pulmão parecia ter entrado em combustão, em um anúncio de limite de prazer interno.

Ela ia gozar.

Com a última força que eu tinha, eu a agarrei pelo pescoço com as duas mãos, irrompendo a passagem de ar, com tanta força que provavelmente ela agora nem ouvia ou enxergava, apenas me sentia.

A força na qual meu pau abria caminho em seu corpo tinha tanta força, que as minhas bolas eram arremessadas na sua bunda como um chicote. Na primeira onda de compressão que senti, as suas paredes internas me apertarem. Soltei o seu pescoço, buscando a sua língua, sentindo Anastasia gozar em meu pau, lentamente.

— Eu vou gozar! — Minha voz saiu entredentes.

— Calma, só mais um pouco... — Ela gemia tão gostoso que mesmo achando estar me ajudando, estava me fodendo ainda mais. Senti ela ficar ainda mais molhada. Seu interior vibrava como nunca, em contrações de um orgasmo que durava muito mais que o normal.

— Porra, não dá... — Com um autocontrole que eu nem sabia que tinha, joguei a cabeça para trás e puxei com a mão o pau para fora do corpo dela, no momento exato em que o primeiro jato atingiu seu clítoris. O segundo seu queixo, mas no terceiro, eu achei que fosse morrer, porque enquanto ainda gozava, Anastasia conseguiu alcançar meu pau com a boca, chupando da glande até o limite da minha virilha, enquanto as suas mãos acariciavam as minhas bolas. Não sei explicar o que senti, apenas os jatos seguintes atingirem sua garganta quente, macia. — Porra!

Contraí as pernas no chão e, quanto mais eu parecia tentar respirar, parecia que ela sugava meu oxigênio pelo pau, sem parar de chupar com suavidade mas ainda sim com determinada pressão na língua.

Puxei-a pelos cabelos, vendo-a lamber os beiços e beijei a sua boca não por prazer, mas por paixão, por *amor*.

Ela se sentou em meu colo, sem maldade, desejo, apenas para sentir minha mão entre seus cabelos castanhos.

— O que decidiu fazer? — Conseguia sentir seu coração batendo mais rápido e sua respiração desregulada mais uma vez.

— Me dê sessenta dias.

Que tipo de pedido era aquele?

— Como assim?

— Eu estou pedindo sessenta dias para contar a Bruce sobre Ethan e você.

Anastasia se afastou um pouco, se sentando apenas sobre o feno, de pernas cruzadas, alcançando seu vestido e calcinha que havia sido rasgada. Havia uma pequena torneira no corredor. Ela foi lá, jogar um pouco de água no rosto, no queixo, e nas partes íntimas, então voltou devagar para próximo de mim.

— E você?

— Eu?

— Nós dois. — Ela levou segundos que pareceram dias para assimilar. Acomodou o vestido no corpo durante algum tempo, tentou ajeitar o cabelo, então mesmo pelado, eu fui lá ajudar. Me pus atrás dela e, com delicadeza, me pus a tirar cada pedaço de palha de seus fios. — Deixa que eu te ajudo.

— Eu não sei, Ben. Já ouvi muitas promessas de você.

— Mas agora é diferente.

— No dia em que você deu um soco no nariz de Bruce na faculdade, apareceu lá em casa, cuidou do meu avô, eu também achei que seria diferente. — Devagar e lentamente ela ajeitou seu vestido. Vi que as suas mãos tremiam, enquanto o laçava na cintura. — Se você realmente quiser, há uma vida inteira para você e Ethan lá fora, mas preciso pensar e saber se realmente ainda existe uma para a gente.

— E o que aconteceu aqui hoje? Não significou nada?

De costas, Ana passou o braço no rosto e eu entendi que ela limpava suas lágrimas.

— Você foi o primeiro e único melhor amigo que eu tive na vida. Cada momento nosso vai significar muito para o resto da minha vida, esteja você nela ou não.

Não saber onde ela estava, doía, mas nada comparado a saber que a mulher que eu sempre amei, também me amava ainda e estaria sempre por perto, enquanto eu estivesse com Ethan.

— Essa situação está acabando comigo — sussurrei, agarrando a sua cintura por trás, em um abraço apertado e sentindo o seu cheiro que deturpava até os mais espertos.

— Eu sei bem como é.

Deu alguns passos para a frente, saindo do meu agarro.

Buscou as minhas roupas no chão e me entregou. Ela estava falando de mim e Helen com o casamento no passado e, talvez, antes eu não tenha percebido como isso havia machucado ela. Sempre tive uma noção, mas nunca realmente soube de fato como Anastasia se sentiu, mas agora só de imaginar Bruce tocando no corpo que era meu, beijando a boca que era minha, me deixava tão transtornado quanto fora de controle por dentro.

Era assim que ela havia se sentido quando Helen e eu anunciamos o casamento.

— Por que você pretende prosseguir com o casamento se não o ama, se não consegue ter relações com o seu marido?

— Porque não confio em você o suficiente para deixar alguém que me acolheu no meu pior momento — respondeu, sem tom de rebeldia.

— Mas confia em mim para deixar seu filho comigo? Isso não tem lógica.

Ela sorriu.

— Tem toda lógica, Ben. Se quiser Ethan como filho, Bruce vai mandar que você entre na justiça e prove querer o filho. Ele vai usar seu abandono como álibi.

— Você pode entrar nisso... — Dei um passo para a frente depois de vestir a roupa, abotoando a blusa.

— Como eu disse, eu não sei se devo confiar em você, não para entregar Ethan de bandeja assim. Eu, na verdade, nem deveria deixar que vocês tivessem tanto contato.

— Você me pediu sessenta dias.

— Pedi a você sessenta dias para que eu contasse a Bruce, e não para que eu desse a você, a guarda de alguma forma. Até porque eu não posso.

— Bruce não é um bom pai.

— Vai precisar provar isso para o juiz. — Ergui minhas sobrancelhas, sem acreditar. — Eu juro que queria... acreditar, mas essa sou eu. Essa é Anastasia que cresceu dentro de mim durante todos esses anos, desconfiando até dos próprios olhos. — Ana tinha um sorriso miúdo, mas por trás daquilo, eu sabia que tinha tristeza. — Eu não vou suportar que me quebrem mais uma vez. Eu não suporto, Benjamin. Já estou completamente rachada por dentro.

— Do que precisa para acreditar em mim? O que eu posso fazer?

— Seja o melhor *tio Benjamin* que puder e se prepare quando Bruce descobrir. Eu vou me quebrar, mas seria pior ver Ethan tão quebrado quanto eu.

Botou no pé seu pequeno sapato e se apoiou no portão de madeira agora aberto, de onde estávamos.

A mulher que eu amava não acreditava em mim.

As pessoas subestimam o peso de uma mentira.

As pessoas subestimam o peso do estrago que ela pode fazer na vida de alguém, mas, ainda assim, eu nunca conheci alguém que tenha sido tão lesado pela mentira quanto eu, que vivi a vida inteira sendo enganado pelos meus falsos desejos, que adoentavam ainda mais as minhas verdadeiras necessidades.

Anastasia se foi e mesmo que eu indagasse o motivo de não querer sair do lado de um homem tão egoísta, péssimo pai e marido como Bruce, no fundo a resposta sempre seria clara como água: ela estava com Bruce por culpa minha, por culpa da minha mentira.

Porque assim como achei que não poderia ser um bom filho no passado, ela acreditava que eu não poderia ser um bom marido.

## **CAPÍTULO 24 | PASSADO**

**Anastasia Snow, 17 anos**

Eu estava completamente desolada, com crises de ansiedade que estavam me deixando à beira da loucura.

Quase duas semanas.

Benjamin não havia me procurado. Não veio conversar, não veio dar um “oi” como ele sempre costumava fazer. Ele simplesmente esqueceu da minha existência e do filho que crescia dentro de mim.

As ondas de enjoos se intensificaram de uma maneira que a única coisa que eu conseguia botar para dentro do estômago eram copos de leite, sobrando assim mais comida, mas eu já estava mole, tentando comer carboidratos e proteínas de vez em quando para não adoecer.

Eu me peguei pensando se eu não estivesse sendo egoísta demais esperando que ele me procurasse, até porque seu pai havia falecido. Até porque ele tinha coisas demais na cabeça agora, mas eu não conseguia deixar de pensar que haviam se passado dias o suficiente para que Benjamin pudesse clarear a sua cabeça e saber que tínhamos coisas a resolver, tinha literalmente uma vida para resolver.

Deixei a preocupação e a raiva de lado, dei banho e comida ao vovô William e resolvi ir até a fazenda dos Kingsman. Sem dúvidas, ao botar minha cabeça debaixo do sol, eu me arrependi, mas as questões a serem tratadas tinham pressa.

Depois de tanto tempo em casa imersa em pensamentos desastrosos, eu precisava ir até Benjamin nem que para isso eu precisasse enfrentar um deserto escaldante.

Eu estava suada e ainda sentia cólica, que, de acordo com as aulas de biologia, deveria ser o meu bebê se alojando nas paredes uterinas.

Abri o portão do cercado e Katrina estava deitada na sombra, embaixo de uma das árvores que ficavam em frente ao lago. Me aproximei da porta de entrada, ainda sem subir os degraus da varanda. Eu teria chamado antes se a porta não abrisse, revelando a imagem de Elizabeth, a mãe de Benjamin, a mulher que deveria ser minha sogra.

— Anastasia? — Ela sabia que era eu, mesmo que usasse o tom de pergunta em sua palavra.

— Bom dia, Sra. Kingsman. Ben está? — Ela iria me responder no segundo seguinte, mas a Helen Fitzgerald passou por ela, pela porta, com um sorriso de orelha a orelha e diversos envelopes na mão. Ela era a noiva do homem que eu amava. Ela era noiva do pai do meu filho e estava visivelmente feliz por isso. — Hmm... acho que eu vou indo — sussurrei, sentindo um arrependimento que me corroía de dentro do meu ser, como as duas mãos que me enforcassem e tirassem cada migalha de ar que o meu pulmão usava como oxigênio.

— Oi, Ana! — saudou educada ao passar por mim, indo em direção ao portão.

Beth continuou a me olhar.

Eu sentia seu olhar duro nas minhas costas.

Ela sempre me pareceu uma boa pessoa perto de Jhonatan.

— Anastasia, não vá. — Parei no meio da poeira do meio-dia e virei para trás.

— Eu... hã... venho outro dia.

— Entre, vou fazer uma vitamina para você — insistiu.

— Eu já almocei, Sra. Kingsman, eu...

Ela suspirou não se dando por vencida, mas sim impaciente.

— Eu disse para entrar, Anastasia — disse duramente.

Mesmo sabendo que não deveria fazer eu voltei, cada passo, em cada degrau, até estar dentro da casa dela, sentada na cadeira de madeira branca, em sua mesa de jantar.

— Benjamin... está?

Ela foi até a geladeira. Pegou leite, mel e algumas frutas sobre a cestinha no centro da mesa. Vestiu o seu avental sempre dando alguns olhares para mim, mostrando que estava prestando atenção em tudo.

— Benjamin foi para o interior resolver algumas questões das terras de Jhonatan antes dele se casar — comentou estranhamente feliz. Elizabeth podia nunca ter me pegado no flagra com Benjamin, mas sabia que nós dois estávamos juntos há muito tempo. Além do mais, eu não sabia sobre essa viagem. Ele não havia dito nada. — E como a cerimônia está quase na porta, ele não pode se dar ao luxo de querer resolver assuntos depois do casamento.

Aquele assunto me desestruturava.

Era algo simples, que bagunçava muitos assuntos.

— Achei que... seria daqui a alguns meses.

Ela riu, botando todos os itens no liquidificador e ligou o aparelho, me dando literalmente um susto. Buscou algo em cima da terceira prateleira do armário da cozinha e quando se aproximou de mim, depositou o pequeno envelope sobre a mesa, à minha frente.

— Esse é o seu convite.

Meus dedos soaram, quando eu percebi que era um convite de casamento.

Textura áspera, com um pequeno lacre de cera cor de palha e quando eu finalmente abri, o papel cartão de letras douradas então se revelou.

***“Eu, Benjamin Kingsman e Helen Fitzgerald convidamos você para o nosso casamento que ocorrerá na Casa Dallas no dia....”***

O casamento aconteceria em breve.

Benjamin seria oficialmente casado com Helen.

Ele sabia.

A Casa Dallas era um salão de festas caríssimo na cidade que para conseguir uma vaga era necessário agendar com quase um ano de antecedência.

Ben sabia que se casaria.

Ele mentiu.

Ele me prometeu o seu coração sabendo exatamente do que aconteceria, por isso não teve coragem de ir até a mim. Por isso passou quase duas semanas sem dar as caras.

Ele estava fazendo comigo, exatamente a mesma coisa que o meu pai fez com minha mãe.

— Eu...

— Esse convite é para você — disse Beth, botando a vitamina em uma jarra, e depois a depositou sobre a mesa, junto com dois copos. Eu não tinha palavras. O que eu diria? Obrigado? Faça-me o favor. — Sabe, Anastasia, sei que é amiga de Benjamin e sei que vai concordar comigo. Não há nenhuma mulher melhor do que Helen para ele.

Controlando o choro embargoado subindo na garganta eu sorri, tão falso quanto a felicidade inata que eu tentava expressar falsamente.

— Eu... concordo.

Beth encheu nossos copos com vitamina.

— Não sei se soube, mas Jhonatan deixou uma cláusula no seu testamento de morte, mas mesmo antes da morte do meu marido, o casamento de Benjamin e Helen já estava certo.

— Eu sinto muito por Jhonatan. — Tentei desconversar. — Benjamin me contou sobre a cláusula.

Eu queria ir embora.

Não só dali de dentro daquela fazenda, mas do estado do Texas.

Dos Estados Unidos.

Do planeta.

— Deus sabe o que faz. — Deu uma golada na vitamina. — Eu, como uma boa mãe, não posso deixar de maneira alguma esse casamento atrasar. — Estalou a língua no céu da boca. — Helen está muito feliz e Benjamin tem deveres a cumprir. — Ela riu para depois ficar séria novamente. — Imagina só se algo acontecesse e ele não se casasse com Helen, acabando com a nossa família? Porque é isso que aconteceria se ele não enfiasse a aliança no dedo da Fitzgerald. A nossa família iria para sarjeta.

— Benjamin é responsável — sussurrei.

— Eu sei que é. Todos nós somos, não é mesmo? — relatou.

— Sim, Sra. Elizabeth.

Talvez, Elizabeth Kingsman não fosse tão diferente de Jhonatan. Se Jhonatan vestisse vermelho, a sua esposa ainda vestiria vermelho, mesmo sendo um vermelho mais claro, rosado, mas ela vestiria vermelho como o seu marido.

— Então, concordemos que nada faria Benjamin desistir desse casamento, certo?

Quando a primeira lágrima rolou, todas as outras vieram logo em seguida.

Aquele era um recado bem claro para mim.

Não era só o homem e amigo que eu confiava que havia me enganado, mas também a sua boa mãe com sorrisos amistosos e doces. Era só puro teatro, talvez tenha sido dela que o seu filho tenha herdado tal dom.

— Certo.

— Não vai beber? — Eu não queria. Eu realmente não queria, mas forcei a beber, assim como me forcei a sentar ali e me forcei a ouvir o que não precisava.

Quando a vitamina bateu na minha língua e eu reconheci o gosto de maçã, automaticamente senti o meu estômago revirar e a onda de enjoo vir tão forte que a ânsia de vômito veio junto.

Levantei depressa e vomitei um pouco na pia da cozinha.

— Eu não estou me sentindo muito bem.

Ela me encarou por longos segundos. Seu semblante confuso, me encarando de cima a baixo.

— Saia da minha casa, Anastasia. — Elizabeth, então, se revelou. Na mesma hora eu andei em direção a porta de saída. Saí correndo, mas estava trancada. Eu não queria ter que olhar para ela de novo. A mãe de Benjamin se levantou da cadeira e ao chegar até a porta, botou a mão sobre a maçaneta e sorriu duro, cheia de falsos sorrisos. — Quer deixar algum recado para Benjamin?

— Nenhum, Sra. Kingsman. Nem diga que estive aqui — murmurei de cabeça baixa e depois de passar pela porta, antes que ela fechasse a maçaneta, eu suspirei. — Felicitações aos noivos.

Saí da casa de Benjamin com a promessa de que nunca mais ia botar os pés ali.

Eu estava oficialmente sozinha, oficialmente abandonada e teria que tocar a minha vida sem ajuda de ninguém. Não só a minha, mas a de vovô William também e a vida da criança que crescia dentro de mim.

Eu teria que fazer escolhas e, muitas delas, infelizmente, não me agradariam.

Já estava acostumada com o fato de nunca escolher o caminho mais fácil, pelo motivo de que esses tipos de caminhos não existiam na minha vida.

Entre uma estrada de flores e a de espinhos, era sempre a de espinhos que me esperava.

E eu ainda me perguntava no fundo: por qual motivo eu pensei que com Benjamin seria diferente?

Foram longos anos de amizade.

Foram longos dias em que sequer teve um dia em que eu não me senti querida, onde eu não tenha me sentido amada por ele, onde eu não tenha me sentido desejada, mas o fim foi tão intenso quanto o começo: foi trágico.

Eu preferia ter perdido a bolsa.

Eu preferia ter ido trabalhar como garçonete pelo resto da vida, porque agora não bastava sofrer comigo mesma e com o meu avô, eu botaria uma criança para sofrer no mundo, junto conosco. Talvez meu maior pecado seja esse: arrumar novos problemas quando nem mesmo os antigos foram solucionados.

Quando cheguei em casa, meu avô estava sentado sobre a cama, pacífico e devido ao seu estado avançado de Alzheimer, não conseguíamos ter nem mesmo uma conversa plausível.

A chuva chegou e, com ela os ventos, arrebentando algumas telhas na cozinha que fizeram encher o chão da minha casa de água.

De acordo com a previsão do tempo da equipe de meteorologia da faculdade, os próximos dias seriam de chuva e eu precisava consertar aquilo. Já bastava ter um caos na vida, eu não precisava que a nossa casa, que já não era grandes coisas, ficasse pior do que já era.

Mas ali, de imediato, eu ainda sentia o golpe de Elizabeth na boca do meu estômago, tomado a minha vontade de ficar em pé, de acreditar que realmente havia uma vida para se viver. Deitei no chão do corredor, onde pedaço da chuva que caía pelo vão no telhado da cozinha ainda respingava em meu braço.

O chão estava frio e refrescando perto do tempo abafado que jazia lá fora.

Em momento algum pensei em fazer mal ao meu bebê, afinal, ele é meu, todo meu e nada de Benjamin. Era o tipo de filho que só tinha mãe que promete não deixar faltar nenhum amor, nenhum carinho e nem um pingo de educação.

Seria a eterna lembrança de Benjamin ao meu lado, eternizado na maior forma de amor que duas pessoas poderiam construir.

Alisei a barriga esticada, o ventre ainda murcho sem nenhum tamanho aparente, mas ainda que eu não soubesse o sexo, no fundo, a minha intuição mostrava que era *Ethan* que crescia dentro de mim.

# CAPÍTULO 25

## Benjamin Kingsman

Eu demorei um longo tempo no estábulo antes de voltar para o hipódromo. No momento dos leilões eu estava um pouco longe, e na mesma arquibancada, vi Bruce ser praticamente humilhado quando o anunciente disse que ele estava fora do leilão. Tenho certeza de que ele havia gastado muita saliva com os patrocinadores e compradores de cavalos para passar esse terrível vexame na frente de todos.

Eu mesmo teria vergonha de continuar ali.

Mas ele era teimoso, e dificilmente desistiria tão fácil, retirando todo seu time de campo.

Anastasia estava sentada a alguns metros de mim, agarrada a Ethan, que olhava para os cavalos na pista com atenção.

Por cima do meu ombro eu pude ver Bruce descer os degraus, ansioso para chegar até mim. Eu estava em pé bem na grade que dava o limite para a pista do autódromo.

— Por que fui tirado da lista do leilão? — Ele foi incisivo, direto e cru em suas palavras, pelo visto carregava certa raiva também.

Abaixei os óculos preto que descansava sobre meus olhos.

— Boa tarde para você também, Bruce. — Fui ignorado pela cordialidade. — Precisa ter um bom histórico com criação de animais.

— Eu tenho. — Afirmou, mentindo na cara dura.

Eu cruzei os braços, me apoiando na grade, vendo Anastasia me encarar a cada 2 minutos que se passavam.

— Sabe como funciona essa verificação de histórico? — Ignorou-me mais uma vez. — A verificação se dá com a visita do veterinário à sua

fazenda, então ele faz um balanceamento dos cuidados dos animais, do celeiro ou estábulo, e por aí vai, e você, Bruce, não tem tido um bom histórico com os seus. — Acho que, finalmente, ele entendeu que não poderia comprar nenhum dos animais. Seu rosto endureceu mais do que já estava, e ele perdeu qualquer argumento, não porque me ignorou, mas porque não tinha nada a falar diante daquilo.

— Eu... — tentou, mas eu, felizmente, o cortei.

— Deveria tomar cuidado. Os veterinários normalmente fazem denúncias de maus tratos, Bruce. — Encarei Anastasia — Talvez deva pegar o dinheiro que gastaria comprando um cavalo em leilão e investir nos que você já tem.

— Eu não maltratei nenhum animal. — Tentou se defender, com pouquíssima credibilidade por sinal.

— Ah claro! — Murmurei baixo, tomando o copo de água que estava em minha mão.

Ali ele permaneceu e não saiu mais do meu lado. O locutor no meio da pista anunciava o último ganhador do leilão, enquanto todos batiam palma. Todos os cavalos haviam sido vendidos por valores recordes em comparação às últimas edições.

— *Esse ano vamos fazer uma atividade diferente.* — o homem anunciou, mas eu já sabia exatamente o que era, e abri um sorriso com aquilo. Minha atividade favorita. — *É o laço comprido.* Ao invés de laçarem bois, vocês escolherão um cavalo selvagem para laçar. Terão dez minutos.

— Desse eu vou participar. — Falei alto, levantando a mão, e grande parte dos presentes aplaudiram, mas não satisfeito com a minha candidatura ao exercício, Bruce estendeu seu braço me encarando em um estado de

desafio mudo que eu conhecia muito bem. Aquela velha e intensa necessidade de provar ser melhor que qualquer um, mas comigo não.

— Eu também vou! — Ele gritou no mesmo tom, mas ninguém gritou por ele, nem mesmo seus pais ou *seu filho*.

— Cuidado, vai se machucar. — Alertei descendo os degraus até chegar ao lado do locutor afoito. Ninguém havia se oferecido exceto Bruce e eu. — Escolha um dos cavalos. — Eu disse. Havia 4 cavalos, de diferentes tipos e cores, todos indomáveis, e entre eles, claro, estava Katrina, com seu tapa olho, que só seria tirado quando chegasse a hora de laçá-la, caso ele a escolhesse. Não tardou para isso acontecer, porque no momento em que seus olhos caíram sobre ela, ele abriu um sorriso e apontou.

Ninguém a domava.

Katrina não levava esse nome à toa, e eu não indicava ninguém a descobrir isso na prática, seria *doloroso*.

— Katrina. — Ele fez de propósito, para me irritar. Ele sabia como todos a conheciam, e conter o animal que eu dizia que ninguém tinha a capacidade de domar, elevaria seu ego, assim como ter Anastasia como esposa, elevaria.

— Escolha outro, Bruce. Ela vai machucar você. — Eu aconselhei. Não desdenhando, mas realmente como um alerta de alguém que se importava, mesmo que fosse um prazervê-lo comer meio quilo de terra naquele chão.

— Eu já disse que quero Katrina. — Repetiu. O locutor esperou minha permissão e eu acenei com a cabeça. *Quem avisa amigo é, ou talvez nem tão amigo assim.*

— Tudo bem. Eu quero o primeiro cavalo da direita e posso começar também. — O maior cavalo que tinha. O locutor me entregou o laço e,

diferente da forma tradicional, eu não estaria sobre um cavalo para tentar laçá-lo.

Todos começaram a gritar à medida que os cuidadores buscavam os outros cavalos, e Bruce se retirou da pista, subindo para o deque da arquibancada para me olhar de cima. Amarrei bem a corda, sentindo todos os olhares sobre mim.

O cavalo foi solto e sua venda foi tirada. A primeira coisa que ele fez foi correr, procurando uma saída pelas frestas dos cercados, correndo até chegar perto de mim novamente.

Enrolei parte da corda no pulso, e cheguei perto devagar, flexionando o joelho. O animal esbaforiu pela boca, mostrando parte dos dentes limpos, e trotou para o lado contrário, corri atrás dele o máximo que pude, jogando o laço, mas bateu em sua orelha e caiu sobre o chão.

Não se laça cavalos, e isso deixa a brincadeira mais divertida.

O cavalo que deve confiar em você para ele deixar você laçá-lo, mas a grande questão é que cavalos indomáveis, são *indomáveis*.

O grande problema é que o cavalo não me deixava sequer chegar perto dele.

Arisco demais.

Fui tentar correr atrás e tomei um tombo feio no chão, de braços abertos e cara na areia. Bruce gargalhava da arquibancada, quando, na verdade, o que deveria ser uma vergonha, se tornou um álibi.

O animal se aproximou devagar quando me viu deitado e eu sequer ousei me mexer, os seus olhos desconfiados e as crinas arrepiadas seguiam não tão contentes com o que eu poderia fazer a seguir. Ele relinchou, mas nem por isso parou de diminuir a distância entre nós. O laço havia caído a menos de um metro de mim, eu teria que ser rápido para pegá-lo e laçá-lo. Eu não conseguiria tomar sua confiança em 10 minutos, era verídico esse

pensamento. O cavalo se aproximou, cheirando minha mão solta e, rapidamente, me estiquei para pegar o laço. O animal quase pisou em cima de mim, e por quase não o fez quando rolei. Deu-me as costas, mas não rápido o suficiente para fugir do laço que joguei e caiu certeiro em seu pescoço.

Eu precisava tomar cuidado para não apertar demais e machucá-lo. Então, enquanto ele tentava sair do laço, montei sobre ele, fazendo um gancho sobre seu corpo com as pernas, segurando o seu pescoço e o livrando do laço, finalmente domando o animal.

O sorriso fugiu da boca de Bruce e deu lugar ao descontentamento. Todos bateram palmas. Seria uma vergonha um homem como eu, há tantos anos dentro de uma fazenda, não saber laçar um animal como aquele.

— Obrigado! — Eu gritei para os que aplaudiam.

— Agora é a vez do... — o locutor esperou sua resposta.

— Bruce Benett. — Exclamou descendo os degraus e pegando o laço. Levei o animal até a cela e o deixei lá, enquanto os funcionários levavam Katrina até ele, na pista de corrida do hipódromo.

Subi na arquibancada encarando-o dessa vez. Ele sequer olhava para mim.

Nenhuma vaia, mas também nenhum incentivo ou aplausos.

Quando Katrina teve o tapa olho retirado de seu rosto, ela empinou jogando as patas da frente para cima, assustando todos, inclusive Bruce, que se afastou. Estressada, procurou-me pelas beiradas, e eu estendi a mão para acalmá-la.

— Estou aqui, garota! — murmurei, e ela se afastou correndo quando sentiu que alguém se aproximava.

O grande ponto é que os outros cavalos eram muito mais calmos do que Katrina, porque minha grande amiga de infância não gostava de ser

montada por qualquer um, e assim como eu, ela parecia conhecer o coração de quem tentava se pôr na frente dela.

Bruce caiu no chão exatamente três vezes quando a égua passou por ele correndo tão depressa que o deixava tonto.

Eu havia avisado.

Ele tentava correr atrás dela, mas era burrice acreditar que ele poderia alcançá-la.

O marido de Anastasia estava estressado e com raiva, porque metade das pessoas que prestavam atenção na cena riram da falta de experiência que ele tinha dentro do hipódromo, e quem também gargalhava eram os patrocinadores e empresários que ele tentava impressionar antes. Se Bruce adquiriu algum crédito antes, tratou de perdê-lo quando nem mesmo o nó no laço soube fazer.

Ele não era assim.

Costumava ser um menino desenrolado na infância.

Seu pai o ensinara sobre os animais com muita maestria, assim como Jhonatan, que embora um péssimo pai, tinha muita experiência com eles.

Ele, com raiva, veio até a grade que separava o hipódromo da pista, amarrando a corda no ferro e logo depois foi até a grade do meio da pista, responsável por deixar a corrida em formato de “0”, criando uma espécie de barreira.

Que inferno Bruce estava fazendo?

Ele correu atrás de Katrina, que tomou velocidade, cavalgando com rapidez, e quando ela pegou a reta da corda esticada, eu soube exatamente o que ele queria.

Usar força bruta para derrubá-la.

Quando o peito cheio de músculos da égua encostou na corda, suas patas foram bloqueadas e ela caiu de cara no chão, com a lateral do rosto no

chão, Bruce foi correndo tirar a única parte da corda que não tinha sido arrebentada da grade, e ao invés de selá-la, ele puxou a corda tão forte, que tornou a enforcá-la.

— SOLTE-A! — Ele tinha um sorriso no rosto, quando todos estavam boquiabertos com a cena ridícula que Bruce havia protagonizado. Eu desci correndo os degraus, em direção a ele, que me encarava como se fosse bonita aquela situação. Eu trinquei os dentes com a mesma força que apertei os dedos dentro da mão, juntei todas as raivas que ele havia me feito passar desde que chegara em Dallas, e como na adolescência, acertei meu punho em seu nariz com tanta força, que o seu corpo foi quase que arremessado para trás. — CHAMEM A MERDA DE UM VETERINÁRIO!

— Katrina não se levantava. Erguia sua cabeça e de certa forma sei que ficou mais tranquila quando me viu. — Eu não deveria ter deixado... — tirei a corda apertada de seu pescoço, me sentindo culpado por aquilo.

Ela não merecia.

Bruce tornou a se levantar furioso, com sangue fresco brotando-lhe do nariz. Ele botou a mão e fechou os olhos devagar. Olhei para trás e Anastasia tinha Ethan abraçado em seu colo, de costas para nós, provavelmente fazendo com que o filho não presenciasse aquela enxurrada de violência entre dois homens.

Alguns enfermeiros de plantão no Hotel auxiliaram Bruce para ir à enfermaria, já que seu nariz não parecia muito legal, e a julgar pelo seu olhar, as coisas ficariam muito mais difíceis entre mim e ele no decorrer dos dias.

Mas eu sabia que um soco era um muito pouco para o que ele realmente merecia, talvez um para cada merda que ele vinha fazendo.

Vi Ana deixando nosso filho com Darla, sua então avó paterna.

Fui conversar com os funcionários para tirarem todos os hóspedes do hipódromo já que o torneio daquele dia havia acabado. Eu não gostava de expor minha vida para tanta gente, ainda mais um lado agressivo que raramente dava as caras. Mesmo que eu tenha certeza de que muitos tenham concordado comigo, sabia que violência não resolveria nada, mas mesmo assim ia me satisfazer pelo menos por um curto período, diminuindo aquela euforia e raiva de Bruce, porque eu sabia que em breve ele faria uma nova merda, para subir e alavancar meu termômetro de novo.

Liberei o transporte dos animais aos seus novos donos, foram feitas as inspeções de segurança de transporte e despacho de cada um. Quando voltei, o céu já estava em um azul muito escuro, anunciando a noite fria que entrava sem dó, e o veterinário havia constatado uma concussão na pata superior direita, mas o que me surpreendeu não foi o laudo, mas Anastasia deitada no chão, sujando todo seu vestido branco, abraçada, acariciando o pescoço de Katrina.

— Eu sinto muito por Bruce... — Ela murmurou, sem nem mesmo perceber minha presença ali. — Ele é um imbecil, mas tenho certeza de que Ben vingou sua pata, e que logo vai se recuperar. — Suspirou longamente.  
— Até mesmo Ethan ficou preocupado. — Dei alguns passos para mais próximo, e ela olhou para trás, se levantando.

— Oi! — Cumprimentei-a. Olhando sua boca, eu ainda podia me lembrar do gosto dela. Com a alça arriada, eu vi o pequeno roxo que eu havia deixado próximo da auréola de seu seio mais cedo. Aproximei-me mais, assustando-a, e puxei a alça da roupa mais para cima, tampando mais da carne que estava exposta.

— Ah... — Ela exclamou. Seus olhos olharam seus pés. — Me perdoe por Bruce.

— Você não tem que pedir desculpas, e nem que ele mesmo peça vai diminuir minha antipatia por ele. — Cruzei os braços. — Ethan viu o momento em que eu...

— Não, ele tampou os olhos quando Katrina caiu.

— Menos mal. — Falei aliviado.

— Anastasia. — Olhei por cima do ombro e Bruce estava parado, em pé, com uma sacola de gelo no rosto, sem nenhum vestígio de sangue. Trocamos olhares. Ana saiu de perto de mim e se juntou a ele. — Sinto muito pelo cavalo.

Eu queria dizer: vai ser foder.

Mas o silêncio agora era minha melhor escolha.

— Obrigado pelo convite, Benjamin.

Ana me olhou, atenta e infinitamente. Seu marido partiu e quando viu que ela não partira junto dele, chamou-a mais uma vez.

O contato visual foi quebrado, e ela por fim me deu as costas, partindo mais uma vez, me deixando sem saber se ela voltaria ou não.

## CAPÍTULO 26

**Bruce Bennett**

Em pé, com os olhos caídos, eu me perdia na hora, nos pensamentos e onde eu estava. As cadeiras brancas passavam o tempo todo com pacientes na minha frente sendo carregados por enfermeiras, alguns barulhos de “bips” arranhavam meu ouvido de longe, em alguma sala, em algum quarto, onde talvez alguém precisasse de muito mais saúde do que eu agora. Estar no meio do caos hospitalar costumava me deixar nervoso, desconfortável.

Dizem que o homem é, na verdade, um animal, que seus desejos mudam com o tempo, assim como sua prioridade e seus problemas, e eu precisei vivenciar o que me trazia irritação para saber que o que me deixava nervoso, era agora outra coisa.

Quando voltei para Dallas junto de Anastasia, a minha intenção era reconstruir um império maior do que Jhonatan Kingsman. Meu pai sempre foi muito medíocre, acreditava que a grandeza de um homem não estava em tentar ser maior do que os outros, senão ser maior do que seus próprios planos. A antiga fazenda dos Kingsman foi só o início do resquício de um plano. Eu tinha Anastasia que pertencera a Benjamin, eu tinha sua casa, eu tinha tanto dinheiro quanto eles, eu tinha o filho *dele* e, melhor do que eu planejava, eu faria um filho do meu sangue em minha esposa para fechar o círculo do troféu com chave de ouro.

Eu deveria me sentir melhor, eu deveria me sentir maior, mas tudo o que havia acontecido até agora só me subia à cabeça como se fosse uma

humilhação. Desde o momento em que Benjamin tentara me ensinar como ser pai até seus olhares desdenhosos.

Ana jurava que Ben não sabia sobre o filho, mas seu olhar e seu jeito protetor, falavam outra coisa.

Minha esposa não mentiria para mim.

Eu lhe dei comida e um teto, criei um filho que sequer era meu, mal fodia comigo, e o mínimo que ela deveria me dar era um filho e um pouco de sua honestidade.

Mas o que fazer quando o então, ex-cunhado de Anastasia, tentasse mais uma vez se meter entre nós dois? Tentasse me desmoralizar perante Ethan e minha esposa? Ele não tinha palavras faladas, mas o seu olhar gritava mais do que ele poderia dizer.

E se voltar para Dallas fosse, na verdade, o meu maior erro, quando eu achava que era o maior acerto e o ponto de sucesso em minha vida? Eu me sentia em um jogo de xadrez sendo engolido por todas as peças. Era péssimo me sentir assim, tão péssimo que eu fiquei estressado em um nível que nunca havia estado antes. Eu tinha aquela sensação de sufoco, como se eu não estivesse em casa, mais em um campo de guerra e, ainda por cima, perdendo para o adversário.

Durante o tempo em que Anastasia estava grávida e finalmente decidiu sair do Texas comigo, Benjamin a procurou, e eu sabia que era Nicholas. Afinal, Benjamin tinha o pretexto de procurar por ela dizendo ser meu amigo, mas seu irmão não tinha o mesmo alibi. Mas, felizmente, com o dinheiro que eu tinha, consegui despistá-lo. Segundo ela, o pai biológico de Ethan a havia abandonado ainda grávida, mas se ele a procurou, é porque a queria de volta e isso era algo que eu não pude permitir.

Eu jamais permitiria.

Porque na estante dos maiores diamantes, Anastasia ocupava o lugar de mais destaque.

Perdê-la não estava em questão, porque tudo o que eu tinha de grande e majestoso não se comparava a ela e Ethan.

O pequeno pote de ouro.

O troféu sobre a prateleira que eu não cederia a ninguém.

Outro barulho alto, mas dessa vez não era nenhum aparelho hospitalar, mas meu telefone que voltou a tocar sem parar, como tocou de manhã.

Era Darla.

— Eu sei que você não queria atender. — Ela exclamou amarga e desgostosa.

Meus olhos reviraram.

— Eu estava no hospital, mãe.

— E onde está agora?

— No hospital! — Exclamei vencido por ela. — Agora me diga, qual a emergência?

— Seu pai vai promover uma competição de cavalos em algumas semanas. Pensei que você talvez pudesse pegar um dos cavalos dele para ir.

Darla havia visto a humilhação que passei no dia em que estava na arquibancada no evento que Benjamin promoveu. Fui diretamente proibido de participar do leilão, mesmo que tivesse dinheiro o suficiente para comprar cada um daqueles cavalos e mais quantos eles quisessem.

Maldito veterinário imbecil que havia dedurado a condição dos animais de minha fazenda.

— Não vou participar de nada, mãe.

— Você foi humilhado, Bruce. — Ela raspou a garganta para tentar controlar a raiva, mas se havia uma coisa em que minha mãe não tinha

habilidade, era de controlar sua língua, que funcionava à parte de seu cérebro, tendo vida própria. — O seu sobrenome foi humilhado. Benjamin lhe acertou um soco e, ainda por cima, lhe tirou do leilão como se você não tivesse dinheiro para isso.

— Mãe, já passou. — Eu respirei o mais fundo que pude, fechando os olhos, tentando controlar o ódio, não de minha mãe, mas da situação de merda que eu havia passado antes.

— Anastasia. — Espremi as pálpebras uma contra as outras. — Ela deveria ficar ao seu lado. E simplesmente sumiu, até mesmo na festa de Ethan. — Tossiu do outro lado da linha. — Deus, Bruce. Eu te disse desde o início. Você se casou com uma vadia, sabe lá de quem é aquela criança... Você pelo menos sabe quem foi que enfiou aquele filho nela?

— Mãe, Ethan é meu fil...

Ela grunhiu, raivosa.

— Essa mentira não cola mais. E eu não vou tolerar essa falta de respeito ridícula. É a nossa família. Ela sequer te deu um filho ainda, e são nove anos de casamento, nove anos, Bruce. Ela tem o dever... o dever... — Eu queria desligar o telefone.

Darla Benett não era boba. Era uma mulher ambiciosa, mas mesmo assim, soube levar meu pai para o sucesso. Não foi um mérito só dela, fora, na verdade, um mérito em conjunto.

Eu era filho único de uma mulher que tinha os princípios duros de como uma esposa deveria ser. Por anos ela idealizou um casamento perfeito, mas quando ela botou os olhos em Anastasia pela primeira vez, segurou um sorriso falso no rosto e foi parar no hospital em estresse agudo, assim que bati a porta e levei Anastasia para casa. Semanas depois contei sobre a gravidez e que eu seria pai, mas ela, como não era nem um pouco

boba, presumiu que talvez tivesse muito mais história do que eu a havia contado.

Ela foi contra o meu relacionamento desde o primeiro dia e quase enlouqueceu quando eu contei sobre o casamento.

Eu não pedi nenhuma permissão para Darla, foi apenas um comunicado, e embora ela tenha classificado aquilo como um pesadelo, para mim, seria um sonho. Na infância sempre fui obcecado por Anastasia.

Benjamin e Nicholas tinham absolutamente tudo.

A melhor fazenda do interior, os melhores cavalos, as melhores notas na faculdade, na escola, e ambos tinham ela, a menina mais linda da escola, mesmo que ninguém reconhecesse isso.

E agora, eu tinha mais do que eles, eu tinha tudo o que era deles.

— Anastasia é minha esposa.

— O que deu em você para se casar com uma mulher que estava grávida de outro homem?

— Ethan é meu.

— Deus, que vergonha, que humilhação. Dê um jeito de engravidá-la para que você não aparente ser mais imbecil do que já parece.

— Eu não sou um fantoche.

— Mas também não é um idiota. — Ela riu. — Anastasia sequer chegou perto de você no torneio. Ela parece mais uma empregada do seu lado do que uma esposa. — disse — Você comprou a fazenda dos Kingsman para que essa... argh... O que fiz para merecer isso, hein? Meu único filho!

O que eu diria para minha mãe? Que ela realmente estava certa? Talvez em outra realidade, eu poderia dizer que pensei com a cabeça de baixo, mas eu pensei muito bem com a cabeça de cima antes de fazer aquela escolha.

Nicholas não estava no interior, mas de acordo com as informações alheias que tive, eu sabia que ele viria para o torneio ou para o Natal, e eu daria tudo para saber qual seria sua reação ao ver a mulher que era dele e o seu próprio filho ao meu lado, sendo meus, com o meu nome em suas certidões, seja de casamento ou de nascimento.

Era uma batalha que já estava ganha, mas ele só saberia quando nos visse.

— Estou no hospital fazendo exames de rotina para começarmos a tentar a gestação, mãe.

A ligação ficou muda do outro lado da linha.

— Você é saudável, para que isso?

— Anastasia me pediu para ter certeza que teríamos um bebê saudável. — Expliquei, pausadamente. — Ela fez todos os exames que precisava, e agora é minha vez. Então se realmente puder ser mais leve em suas palavras eu vou agradecer, já tenho problemas o suficiente.

— Sou sua mãe, quero o seu bem. Não quero ver o filho que criei com todo amor e educação caindo em problemas.

— Eu sou adulto, sei muito bem aonde entro, mãe, e garanto a você que não preciso mais de suas advertências como quando era criança ou adolescente.

— Eu amo você, meu filho.

— Eu também te amo, mãe.

— Te vejo em breve? — Ela questionou e eu tive uma breve ânsia de continuar ouvindo-a falar. Ela não poderia entender minhas escolhas, se não sabia do meu propósito e eu não poderia exigir dela apenas um pouco de compaixão e boca fechada, porque Darla era, na maioria das vezes, como Anastasia: me tirava do sério apenas abrindo a boca e me fazendo escutar sua voz.

A enfermeira tinha um pequeno sorriso, aguardando que eu terminasse de dar toda atenção necessária a Darla para poder finalmente falar com ela.

— Acho que sim, te ligo. — Disse e guardei o telefone no bolso.

— Sr. Bennett? — Ela disse, graciosa. — Sou Emilly, o Dr. Mario te espera. Pode me acompanhar?

Eu lhe devolvi o sorriso cordial, e a segui através de alguns corredores extensos, longe de qualquer barulho ou desespero hospitalar agoniante.

Eu entrei pela porta, sendo abandonado por ela, encarando o médico que aparentava ser um pouco mais velho que meu pai, sentado na mesa curta a sua frente. O consultório tinha uma sala branca, parede em um tom de gelo e porcelanato branco no chão. Tão claro que ardia os olhos.

— Olá, Bruce. Como vai? — Ele sequer me olhava. Sua atenção atrás dos óculos redondos estavam todos nas folhas à sua frente, onde ele as passava e depois as relia novamente.

— Boa tarde, Dr. Estou bem, com um pouco de pressa. — Respondi, tentando não parecer grosseiro. — Está tudo bem?

Ele suspirou fundo, pegando os papéis, depositando-os em um envelope branco, logo o fechando, etiquetando e esticando sobre sua mesa, em minha direção com um sorriso miúdo no rosto.

— De acordo com sua ficha, eu vi que é casado, correto? Qual foi o motivo dos exames?

Um ar denso se propagou sobre nós.

— Sim, há nove anos. — falei, suando, mesmo que a sala estivesse gelada por conta do ar condicionado. — Queremos ter um filho e eu decidi vir fazer alguns exames para me certificar que está tudo bem.

O médico tirou o estetoscópio do pescoço, depositando-o sobre a mesa. Retirou os óculos e botou sobre o mesmo lugar do aparelho médico. Ele esfregou os cabelos envelhecidos, e me encarou.

— Bruce, eu dei uma olhada no seu exame e notei algumas alterações que não são boas. — Eu pisquei algumas vezes.

— Como assim?

— Normalmente nós medimos a fertilidade de um homem por alguns fatores primordiais, a quantidade de esperma, a motilidade deles e a alteração de sua morfologia... e bom, de acordo com os seus exames, você tem uma porcentagem extremamente baixa de espermatozoides, até tem uma boa morfologia, mas a imobilidade da pouca porcentagem que você tem é de mais de noventa e sete por cento de espermatozoides imóveis.

— E o que isso quer dizer? — Eu não queria saber. Por que perguntei?

— Que você não tem uma boa fertilidade, Sr. Bennett.

Acomodei-me melhor na cadeira como se fosse a posição que me incomodava, mas não era a posição, senão o que ele falava.

— Mas eu posso fazer um tratamento, certo? Eu vi que homens com baixa fertilidade podem mudar sua rotina para...

— Bruce. — Ele chamou minha atenção sério. — Como você tinha uma quantidade muito alta de espermatozoide com alta imobilidade, decidimos fazer também um teste de vitalidade para saber o motivo deles estarem imóveis. Normalmente costuma ser porque alguns não conseguem mexer a calda, ou porque eles não seguem uma linha progressiva, ou porque estão... *mortos*.

— Existe um tratamento para isso?

— Existe, mas só para os espermas de baixa motilidade e não para os mortos, que é o seu caso. — Seu olhar para mim era de pena. — A

possibilidade de engravidar uma mulher da forma convencional é praticamente impossível. A melhor opção seria, na verdade, a fertilização, mas, ainda assim, as chances são de pouco menos de treze por cento se sua esposa for cem por cento saudável. Dentro desses treze por cento, temos a possibilidade de que seu filho possa ter algum problema genético pela pouca saúde do esperma.

— Então... o que me aconselha? — Eu podia sentir o suor descer por meu queixo. Eu podia sentir meu coração bater na garganta. A minha maior carta de triunfo estava sendo rasgada bem em minha frente, mostrando que eu, na verdade, era um homem inútil.

— Que não tenha filhos. A possibilidade de abortos e crianças doentes são extremamente altas, maiores até do que a porcentagem de você conseguir uma gestação saudável. — Eu queria engolir minha saliva, mas a boca estava seca, como se tivesse areia em minha língua, terrosa, porosa e angustiante.

— Então, você está dizendo que eu...

— Que você é infértil, Bruce.

Eu não conseguia sentir a força que usei para me levantar da cadeira. Os minutos seguintes foram como se eu tivesse enfiado grandes bolas de algodão em meu ouvido, e tudo o que eu podia ouvir era minha respiração aguda, o coração martelando descompassado, nervoso, autoritário dentro do meu peito, tão doído que eu queria enfiar a mão pela boca para acalmá-lo.

Quando mais novo, eu vi algumas vezes que o homem era, na verdade, uma espécie de colonizador, não somente por poder tomar tudo o que lhe subisse à cabeça, mas porque, principalmente, ele produzia, ele povoava o mundo com seu sangue.

Escreva um livro, plante uma árvore, se apaixone e tenha um filho.

Escrevi poemas quando jovem, plantei uma árvore quando era adolescente e me apaixonei por Anastasia desde a primeira vez que a vi, mas, por algum motivo, o universo não me achou o suficiente para botar um filho no mundo.

A linhagem dos Bennett terminaria comigo, e eu teria que dizer aos meus pais e a Anastasia, que eu era um homem inútil, seco e infértil.

Eu não seria capaz de fazer um filho.

E mesmo que eu achasse que tinha a carta final, a família Kingsman jogou mais do que eu.

O casamento, a criação de Ethan e toda a vingança haviam sido em vão.

# CAPÍTULO 27

## Anastasia Snow

— Mãe, por que você e o meu pai nunca se beijam? — Ethan nunca fora tão curioso como vinha sendo nas últimas semanas. Ele havia me perguntado como eu realmente o havia feito, já que certamente descobriu que não foi uma cegonha que o jogara em meus braços. Perguntou ainda porque os céus eram azuis, já que descobriu que não foi Deus que o havia pintado com um pincel.

— Porque somos discretos!

— E é feio não ser discreto?

— É falta de educação. Beijos são uma coisa íntima demais para dar em público. — Ele não pareceu surpreso, apenas pensante demais. Mas não que fosse um problema, Ethan não era o tipo de criança que se tornava perigosa demais pensando.

— Mãe. — me chamou mais uma vez.

— Por que o papai não pode saber que viemos ao banco?

Meu filho era um bom confidente. Sempre que eu solicitava segredo nas coisas que eu contava, ele me atendia como o bom menino que era, mas suas curiosidades me deixavam um pouco desconfortável, porque eu sabia que Ethan era jovem demais para escapar de uma estratégia certeira que Bruce pudesse fazer, só para fazê-lo contar algumas coisas sem que ele percebesse.

— Porque estamos juntando dinheiro para comprar um presente para o seu pai sem que ele saiba. — A solução era essa. Mentir.

Não era uma coisa que eu me orgulhava de fazer, mas Bruce fazia de tudo para que eu não fosse tão independente. Em termos materiais e financeiros ele nunca me negava nada, mas em compensação eu não podia ter sequer um telefone, não podia ter dinheiro retido em contas bancárias, não podia ter um carro para ir onde quisesse, e não podia beber cerveja, pois em sua concepção, era uma bebida destinada a homens.

“*A boa esposa edifica o lar*”. Era exatamente isso que ele falava, mas era também o tipo de coisa que Darla deveria dizer quando ele era mais novo e que, agora, também fazia parte do repertório do filho.

Após ter transado com Benjamin, eu tive a certeza que precisava agir rápido. A antiga Anastasia adormeceu dentro de mim há muito tempo, mas bastou reencontrá-lo para que ela desse o ar da graça, mudando os meus desejos internos mais intensos. Mas ainda que meu coração o quisesse, eu não deixaria que a velha Anastasia mudasse meus planos dessa forma.

Benjamin usava o mesmo tom de promessas que usou no passado, e quando ele me encarava com seu olhar apaixonado, sem chances de me deixar fugir para algum canto, eu podia ver o mesmo homem de anos atrás que me jurou estrelas e não foi capaz de me dar absolutamente nem um grão de terra.

Eu queria, mas era incapaz de confiar nele.

Era como se ele fosse Bruce, mas de uma forma inversa, o que me deixava ainda mais desconfiada.

Eu sabia exatamente o que esperar do meu marido, mas de Ben? Eu não fazia ideia.

O banco estava cheio e eu ainda tinha um pouco de fé de que o gerente pudesse fazer uma liberação antecipada do valor. A sensação de estar sendo apertada dos dois lados estava me adoecendo psicologicamente.

De um lado, Benjamin exigia a paternidade de Ethan e, do outro, Bruce pedia um filho.

E eu não daria nada para nenhum dos dois.

Eu nunca pude viver minha vida, eu sempre vivi a dos outros, mas agora seria diferente. Eu estava disposta a ir atrás da minha liberdade, mesmo que ela me custasse muito dinheiro ou muito do meu sono.

Entrei na sala da gerência e botei Ethan sentado na cadeira confortável vermelha a alguns metros de mim. Ele tinha um ursinho de pelúcia em formato de cavalo no colo, brincando inocentemente, sem saber que estava enfiado em um redemoinho porque eu fui tão inocente quanto ele era agora. Talvez não tão inocente, mas o suficiente para acreditar que quem me amava, também não seria capaz de me ferir.

Sentada de frente para o gerente, eu aguardava enquanto ele encontrava meu acesso de investimentos bancários.

— Então vamos lá, Sra. Benett... — Ele exclamou passando o mouse pelo tapete pequeno embaixo de sua mão.

— Se não for demais, me chame de Snow, por favor. — Pedi sem graça. Só Deus sabe o quanto eu me sentia mal de usar o nome de um homem que eu nunca fora capaz de amar.

— Claro, Srta. Snow... — Ele se retificou. — Um suspiro escapou por meu interior. — E então, no que posso te ajudar hoje?

Olhei para Ethan que parecia entretido em seu faz de conta. Puxei o tronco para frente, em voz baixa.

— Eu gostaria de saber das possibilidades de retirar o dinheiro do investimento antes. — Completei.

Ele coçou o queixo e sem nem olhar para o monitor de seu computador, me respondeu.

— Veja bem... — Seus cotovelos encostaram na mesa de ferro, gelada por sinal. — No seu contrato está estipulado uma porcentagem de lucro sobre o valor total, e para você receber essa porcentagem, precisa cumprir com o prazo contratual até o final. Retirando antes, a sua margem de lucro diminui bastante.

— De quantos estamos falando? Talvez se não for tão alto eu...

— Diminui trinta por cento.

Olhei para o teto, com aquela leve taquicardia de um plano fracassado. Sei que eu precisava ir embora, mas depois de todo esse tempo perder uma porcentagem tão alta de lucro era loucura. Eu poderia esperar até que o mundo ruísse aos meus pés. O dinheiro da antiga fazenda do vovô William foi colocado em um fundo de investimento antes de Bruce se tornar meu marido, depois de Benjamin me abandonar. Com isso, meu marido não teve conhecimento da movimentação em uma conta que ele acreditava estar parada.

— Não existe nenhuma forma de, talvez, burlar isso?

— Sinto muito, mas isso é algo que foge dos meus domínios, são as regras do banco.

Fechei os olhos devagar, e eu sabia que o gerente podia ler minha expressão de desespero.

— Tem... certeza?

— Eu sinto muito, Sra. Snow. — Falou por último, utilizando meu nome de solteira.

Não havia mais nada a ser falado. Eu me levantei da cadeira de nariz em pé, respirando fundo, dei um sorriso para Ethan, que se levantou me dando sua mão, e saímos da gerência.

Estávamos em um dia quente, e a calça jeans que eu havia vestido foi uma péssima escolha. Meu cabelo, por dentro do coque, estava suado e o

tamancos não facilitava muito, deixando-me ainda mais cansada. Bruce foi visitar seus pais e, como não estávamos nos falando tanto como deveria, quis ir sozinho para esfriar a cabeça, bem como ir ao hospital fazer os malditos exames de saúde reprodutiva.

Eu passava pelo corredor central que dava na saída do banco, quando meu corpo bateu contra algo rígido que, ao mesmo tempo que causou a minha queda, me salvou antes que eu chegasse ao chão.

Seu cheiro foi a primeira coisa que irrompeu em meu nariz, e logo depois seus grandes olhos azuis encarando os meus atentamente. Sua mão apertou minhas costas, e eu entendi que nossa aproximação exagerada era porque ele me agarrava com força e nossos corpos estavam colados.

— Benjamin. — Pronunciei seu nome como se fosse uma saudação.

Antes de me responder, ele encarou Ethan, e em seu olhar eu encontrei algo que nunca fui capaz de encontrar nos olhares de Bruce. Havia um brilho diferente enquanto eles se observavam, como se a natureza tivesse se encarregado de fazer o restante depois que eles se encontraram.

— Que surpresa encontrar vocês aqui! — Eu sabia exatamente o que aquilo queria dizer. Não foi uma exclamação, mas sim uma pergunta sobre o que estávamos fazendo ali, mas eu não devia satisfações a Benjamin.

— Apenas resolvendo algumas coisas. — Rebati, distanciando-me do seu interesse em informações alheias.

— E você, Ethan, como está?

— Hmm, estou bem! E você, Tio Benjamin?

“Tio Benjamin...”

— Vou bem. Você nunca mais foi me visitar.

Ethan me encarou ansioso e eu tomei a frente.

— Faz apenas alguns dias que o torneio aconteceu.

Ele abriu um sorriso ladino, me encarando.

— Eu costumo sentir saudade com frequência das pessoas que eu me importo. — Ben respondeu.

Ouvi meu filho sapatear eufórico apertando minha mão.

— Mãe, você poderia deixar o tio Benjamin me levar para visitar a Poppy e o Batman.

Encarei-os, confusa.

— Batman?

— É, o filho de Poppy, o potrinho.

Ah, agora sim, eu me lembro.

— Entendo. — afirmei. — Vamos marcar. — Eu precisava ir embora dali, mas Benjamin sequer me dava espaço para respirar direito no meio daquela conversa estranha, onde meu filho conversava com o pai e sequer sabia quem ele realmente era. — Eu estou com um pouco de pressa hoje.

— Bruce está fora da cidade. — Como ele sabia daquilo? Mas estranhamente ele não havia feito uma pergunta, mas sim uma afirmação.

— Então acho que não haveria problema se eu levasse Ethan para o Hotel. Posso devolvê-lo antes do início da noite.

— Não, ele não sai sem mim ou sem o *pai* dele. Vamos deixar para outra hora! — desconversei puxando meu filho pelo braço.

— Anastasia. — Ele exclamou, endurecendo sua voz, se pondo em minha frente. — Não acho certo que Ethan fique tão sozinho naquela fazenda. Está acontecendo um torneio para as crianças do hotel na fazenda, acho que seria bom que Ethan fosse, aliás, são crianças...

— Eu já disse que ele não sai sem mim.

Benjamin abriu um sorriso satisfeito, porém, ainda assim, desafiador.

— Não seja por isso. — riu. — Você vai junto.

Eu sabia exatamente o que ele queria.

— Não. — Protestei.

Ethan tinha os olhos esbugalhados, brilhando, com as mãos juntas, em um pedido de clemência e desespero, esperando que eu realmente pudesse permitir que ele partisse sem mim.

Ben e eu já havíamos feito coisas o suficiente para provar que não deveríamos ficar tão perto um ao lado do outro.

— Por favor, mãe.

— Não, nós temos coisas para fazer. — Eu murmurei baixo para meu filho.

— Não, nós não temos, mãe.

A cara de Ben era de vitória, mesmo que precipitada, ainda era de vitória.

— Você nunca foi boa com mentiras. — As conotações que ele fazia com o passado me quebravam por inteira, como se ele esperasse que eu fosse a mesma pessoa que jurou amor há tantos anos.

— Não posso ir, Benjamin. Isso não é certo e você sabe. — Ele cruzou os braços, encarando a criança ao meu lado.

— Eu sei de muitas coisas que não são certas, Ana. — O apelido carinhoso surgiu e meu coração palpitou fracamente. — E uma delas é impedir que o seu filho tenha um pouco de diversão com outras crianças.

Deus, o que mais eu falaria? Qual desculpa eu poderia dar?

— As coisas não ficaram tão legais no último torneio. — Eu murmurei, tentando filtrar as palavras. Passei os dedos no rosto. — A forma como você e Bruce... se desentenderam. — Ethan estava atento à conversa.

— Não seria uma satisfação para o meu marido saber que eu passei um dia com você e Ethan sem a presença dele.

— Eu acho, Ana, que ele não ficaria satisfeito nem se Deus viesse do céu para nos fazer companhia. — respondeu, deixando-me sem graça,

porque graças a prepotência de meu marido, Benjamin já sabia exatamente o tipo de homem que ele era.

— Então sabe que eu não devo ir. — Olhei em volta, as pessoas já começavam a nos olhar, conversando em tom de rispidez no meio do corredor do banco.

— Deixo vocês em casa. Não seja tão dura com o menino. — Repetiu e, então, eu olhei para Ethan.

Meu filho não era um menino de muitos amigos. Tinha poucos na escola, e eu acabava por me cobrar a ser uma boa amiga dentro de casa, já que morávamos literalmente no meio do nada, onde talvez um amigo mais próximo ficava há vários km. Ben sabia disso, sabia que ele era sozinho, e por mais que eu achasse que ele não soubesse de nada de nossa vida, ele vinha provando com os dias que sabia muito mais do que eu imaginava, e isso, era muito perigoso aos meus olhos.

Eu deveria ir? Obviamente não, mas o meu filho era uma criança boa demais para me pedir qualquer coisa. Ele indagava aos montes, mas estava sempre conformado com as escolhas que eu fazia por ele. Entretanto, olhando agora para ele, eu sabia que suas mãos juntas, em um olhar suplicante para se divertir, eram verdadeiros, e ele chegou aquele ponto, porque queria algo que raramente tinha.

Companhia de novos amigos.

— O que tem nesse torneio?

— Várias coisas. Selar e montar um cavalo, e outras coisas...

Puxei a alça da bolsa que caia por meu braço.

— Ethan não sabe montar.

Encarei a gola de botões abertos no peito de Benjamin e perdi longos segundos ali, até que ele me respondesse, atraindo meus olhos para sua boca vermelha.

— Sabe sim, porque eu ensinei.  
E então, onde eu estava me enfiando?

— Antes do sol se pôr?

Benjamin abriu o sorriso mais lindo do mundo, e eu mais uma vez, cedi.

— Antes do sol se pôr. — Ele afirmou.

— Tudo bem. — Relaxei e ouvi os gritos de alegria do meu filho, do *nosso* filho.

## CAPÍTULO 28

### Anastasia Snow

Eu estava em pé sobre a grade do hipódromo. Uma responsável ensinava as crianças como fazer um laço para cavalos, a montar a sela e como colocá-la no animal, e eu podia ver a alegria extrema nos olhos de Ethan. Sua respiração leve, enquanto seu peito infantil subia e descia, enquanto ele me olhava, porque se importava que o visse, se importava que eu o enxergasse fazendo mais do que brincando sozinho pelos cantos da casa como fazia quando estávamos na fazenda.

O que eu fiz? Que tipo de família eu tinha dado a Ethan? Eu tinha aquela agonia dentro de mim, aquela dúvida se eu fazia a coisa certa ou a errada, tentando afastá-lo de Benjamin.

— Ele leva jeito. — Ben apareceu, do nada, ao meu lado, dando-me um tremendo susto. Eu fechei brevemente os olhos e espalmei a mão no peito.

— Que susto! — Expressei-me e ele sorriu sem tirar os olhos das crianças. Depositei as mãos no ferro da grade à minha frente, e minha pele derrapava por ela, pois suava pelos dedos, não porque estava calor, já que o vento ia e vinha nos refrescando, mas porque eu sempre me encontrava nervosa quando estava na presença *dele*. — É, ele já se acostumou com os animais do pai.

— Ele tem o nosso Kingsman. — Disse sem se importar que eu não fosse gostar. — Nicholas foi para cidade assim que começou a faculdade,

mas ainda assim, ele sabe montar um cavalo muito melhor do que Bruce, por exemplo. — Riu. — É de sangue, entende?

— Por que dá tanta ênfase a Ethan ter o seu sangue? — Virei de frente para ele, cruzando os braços. Ele sequer tentava disfarçar.

— Porque ele é o meu filho, e eu gosto de lembrar isso a você. — Benjamin se debruçou sobre a grade, acenando para as crianças e para meu filho que balançava o braço em sua direção. — Existe um estudo que diz que, quando mentimos com muita vontade, somos capazes de acreditar na própria mentira.

— E por que eu mentiria?

— Anastasia, não quero discutir ou me desentender com você. — Eu estava prestes a abrir a boca, mas me calei no segundo seguinte. — Não faz ideia de como me senti sozinho nessa fazenda mesmo estando rodeado de pessoas, assim como você não sabe como eu me culpei por não ter sido presente na vida de Ethan. — eu o ouvi engolindo a saliva, nervoso. — Eu realmente tive medo de acabar sendo, para ele, a mesma coisa que Jhonatan foi para mim. Eu tive medo de falhar, mas agora, olhando para ele, é diferente. — Sorriu. — E eu não consigo explicar para você, mas saber que ele pode me chamar de pai e eu posso ter o meu filho comigo, me trouxe a maior felicidade em anos desde que você se foi.

— Não faz isso.

— Isso o quê? — perguntou, me encarando dessa vez. Seus olhos brilhavam na luz do dia. As pálpebras sobre os cílios loiros e suas maçãs rosadas, altas e redondas, o queixo para fora, o nariz carnudo e afilado, ele não parecia ter envelhecido, parecia ter apenas... *amadurecido*.

— Expor seus sentimentos para que eu... me compadeça.

— Hoje, eu sei exatamente o que a minha péssima reação naquela noite fez a você, todo o mal que eu lhe causei.

A família Kingsman era aclamada por seus negócios, pela ambição de Jhon, porém mais do que essa fama financeira e agropecuária era a fama de Jhonatan como um verdadeiro touro e carrasco, não só com aqueles que tentavam se opor aos seus negócios, mas também à sua família, aos seus filhos e sua esposa.

Ben negava cada um dos boatos, mas era evidente que seus episódios de tristeza, tinham um motivo muito maior do que o esporro de seus pais.

— O que exatamente Jhonatan foi para você?

Um suspiro longo escapou de seus lábios e eu vi, não arrependimento em seus olhos, mas vi um pesar duro, triste, não era de saudade, mais claramente de ter se lembrado de algo que não queria.

— O diabo. — disse sem filtros.

Ele se pôs ereto, de frente para mim, tão alto que tive que erguer o rosto para cima para encará-lo. Seus dedos se ocuparam com os botões de sua camisa, descendo um após o outro, expondo a pele bronzeada, cheia de sardas e pintas sobre o abdômen endurecido, o peito estufado, e os músculos que desciam por dentro da calça, promovendo saudades antigas dentro de mim.

Subi novamente para seu rosto, e ele tinha um sorriso sem mostrar os dentes, apenas a satisfação por eu encarar tanto o corpo no qual já me esbaldara no passado.

— O que está fazendo? — Perguntei quando ele tirou completamente a blusa. Algumas mulheres, provavelmente mães das crianças, o despiram com os olhos dos pés a cabeça e ele não se importou, apenas com seu sorriso sacana, na qual por muitas vezes fora o motivo de eu ceder a tantas coisas quando ele não precisava nem mesmo pedir, pois eu via em seu semblante que ele *queria*. Ele pegou minha mão, e puxou-me de forma brusca, guiou meus dedos até a parte traseira de seu quadril. — Benjamin.

— Consegue sentir? — Ele perguntou, e eu pude sentir o cheiro de seu hálito refrescante de perto, misturado com o cheiro de suor masculino.

— Se-e-entir o quê? — Gaguejei.

— Na minha pele, Anastasia. — Ele deu uma risadinha cômica. — A cicatriz. — Ele se virou, sem deixar que minha mão se distanciasse de sua pele, e então além de sentir o alto-relevo, eu vi. As cicatrizes sem qualquer padrão. Algumas pareciam um pouco mais quadradas do que as outras.

— O que é isso? — Questionei, com a ponta dos dedos sobre a luxações subcutâneas.

— Exatamente o que parece ser. — respondeu-me.

Eu sabia o que era.

E Benjamin não diria para mim, porque ele sabia que compreendi o que era.

Deus, Jhonatan Kingsman não era um pai. Jhonatan era um monstro.

— Com o que... ele fez isso? — Perguntei tendo medo do que chegaria até os meus ouvidos.

— Depende. — Ele vestiu a camiseta de novo, deixando os botões abertos. — Há muitas coisas nessas cicatrizes... — Debruçou-se novamente, vendo Ethan armar seu laço com a corda em sua mão. — Às vezes era com o couro do cinto, e se ele estivesse muito chateado, ele usava a fivela também. Se ele não tivesse tempo de buscar o cinto, ele usava as ripas que tinha para a manutenção do celeiro, os pedaços de galhos secos que caíam da árvore na beira do lago ou a corda encerada que ele usava para as rédeas dos cavalos. — Seu semblante foi entrustecendo-se, seu peito foi se afundando com uma respiração morna e seu olhar foi se perdendo em um ponto vazio do hipódromo. — Depende do que ele visse primeiro em sua frente, Anastasia.

— Por que nunca me contou?

Benjamin mordeu a boca.

— Porque eu não queria que você se afastasse de mim se soubesse que meu pai era louco. — Botou os dedos em seus cabelos, coçando o couro cabeludo e puxando os fios para fora em seguida. — Eu não queria assustar você.

— Eu jamais teria me afastado de você por causa disso. — Seu olhar foi de gratidão em seguida. — E sua mãe? Onde ela estava enquanto isso acontecia?

— Aguardando que a vez dela chegasse, assim como Nicholas e Brooke. — Senti um arrepião ruim no corpo só de imaginar. Quantas vezes Benjamin sequer me deixava encostar nele alegando ter caído do cavalo, quantas vezes transamos no celeiro enquanto ele gemia de dor junto ao prazer?

— Você devia ter me...

— E o que você faria, Anastasia? Me salvaria? Entraria na minha frente. — Disse calmo. — Jhonatan não fez isso por alguns anos. Ele começou desde criança, mas quando eu atingi a idade dos onze anos, as coisas tomaram uma proporção inimaginável.

— E qual exatamente era o seu medo?

— Me tornar como ele.

— O Benjamin que eu conhecia não teria coragem de ser como o pai.

Ele me olhou por alguns segundos, longos segundos, que pareceram eternos.

— O Benjamin que você conhecia não teria coragem de dizer que “não poderia ter um filho naquele momento.” — Ele completou. — Não me entenda mal, eu não agrediria Ethan, mas e se eu abandonasse tudo para ficar com você? Destruísse a vida da minha mãe e meus irmãos e, de alguma forma, eu me tornasse tão obsoleto da vida quanto o Jhonatan?

Despejando ira sobre Ethan, assim como o meu pai despejou sobre mim, me tornando tão podre quanto ele.

— Então, talvez tenha sido melhor assim. — Me doía dizer isso. Era como dizer que o nosso amor não serviu de nada. — Estamos onde deveríamos estar.

— Não, estamos onde nossos erros nos levaram. — Ao longe, Ethan laçou o pequeno cavalo e, após, se aproximou para abraçá-lo, passando os dedos pela crina do animal, com os olhos fechados, como se aquele ato lhe trouxesse toda felicidade do mundo. — Tenho minha parcela de culpa, mas você sabe que também tem a sua.

— Eu sinto muito por Jhonatan. Eu sinto muito por... Drogas, Ben, você devia ter me contado.

— Talvez. Nunca vamos saber o que poderia ter acontecido. — Ele respondeu, fechando dois botões de sua camisa depois de tossir com o vento que transitava balançando nossos cabelos. — Me conte sobre Ethan.

Subi as sobrancelhas confusa.

— Não entendi.

— O tipo de bebê que ele era, quando começou a andar, qual foi a primeira palavra que ele disse quando... começou a falar. — O interesse de Benjamin me quebrava ao meio, quebrava minhas pernas, meu peito e, principalmente, o meu coração, porque a cada vez que eu via seu interesse genuíno na paternidade do nosso filho, a ideia de fugir tanto dele e de Bruce, começava a afrouxar dentro de mim. — Eu quero saber mais sobre o nosso filho, Ana.

Eu não podia dar a Ben a guarda de Ethan sem entrar na justiça. Bruce nunca daria o braço a torcer, pois além de descobrir a real paternidade do seu, então, filho adotivo, teria a certeza de um envolvimento muito maior entre mim e Benjamin, muito maior do que um falso cunhado

ou apenas um amigo. Ele poderia conseguir forjar diversas provas para me arrancar a guarda de Ethan e, isso, causaria mais destruição dentro de mim do que o abandono do primeiro homem que amei na vida.

— Ethan sempre foi precoce. — murmurei, encarando meu filho agora tão grande do lado de dentro do hipódromo, brincando com outras crianças, enquanto outras tinham sua vez de laçar o cavalo. — Dediquei todo meu tempo a ele. Ele aprendeu a andar com 11 meses, sua primeira palavra foi *Buce*, que era Bruce, pois segundo o seu pai, seu nome era o primeiro nome que ele deveria aprender a falar, então repetia sempre que possível. Sempre comeu muito bem, desde novo...

— Seja sincera, você acha que ele tem algo meu?

Encarei-o.

— O olhar — respondi. — O olhar de vocês é exatamente o mesmo. — falei.

Ben se manteve quieto. Havia muitas outras questões que Ethan era exatamente idêntico a Benjamin, questões essas que sempre me faziam lembrar de quem realmente era seu pai quando eu me ameaçava esquecê-lo. Era um pedacinho do meu antigo amor, renascido em um novo amor.

Ethan veio correndo do hipódromo, subindo as escadas laterais com rapidez e agilidade. Buscou a mão de Benjamin, arrastando-o, enquanto ele, sem entender, oscilava seu olhar entre mim e nosso menino.

— Mãe, vem! — exclamou.

— O quê? Eu?

— Mãe! — Ele exclamou impaciente e eu de um modo automático desci pelos degraus me juntando aos dois, sem saber o que ele pretendia. Ethan tinha um sorriso bem no meio dos olhos, travessos.

— Esse é o tio Benjamin e essa é minha mãe. Meu pai está trabalhando. — Como uma criança rebelde, ele revirou os olhos. — *Sempre*

*está.*

A auxiliadora botou a mão nos quadris.

— Ah, que bom, deem as mãos para Ethan, serão pais contra pais. — Ben não se importou nem um pouco com aquilo, mas estar diante daquela situação era trazer uma realidade que sempre me rondou, a possibilidade de eu ter casado com Ben ao invés de Bruce e viver uma vida infeliz, como se fosse a melhor coisa do mundo, como se fosse o suficiente para mim, quando eu sabia que só me corroía por dentro. A cena de nós dois de mãos dadas com Ethan era, talvez, o mais perto que eu estaria dentre meus sonhos.

Eu puxei a mão e encarei a mulher com o resquício de um fôlego quente que me saiu da garganta.

— Não... — eu sussurrei confusa, me sentindo mal. Eu me sentia exatamente como quando Denver e os meninos fizeram bullying comigo, quando eu era apenas uma criança.

— Anastasia? — Ben apertou minha mão e naquele momento todas as crianças me encaravam, esperando que eu esboçasse qualquer coisa menos a reação morta que eu tinha agora.

— Eu... — cada vez mais pessoas me encaravam, e cada vez mais minha cabeça se afundava em um misto de lembranças que não eram reais.

Ethan, Ben e eu poderíamos ter sido uma família.

Ben e eu poderíamos ter vivido juntos.

— Está tudo bem? — A auxiliadora perguntou. Eu dei um pequeno sorriso enquanto tentava respirar melhor.

— Eu... eu vou ao banheiro. — Disse rapidamente dando as costas. Eu mal sabia para onde ia, eu mal sabia o que fazer, mas eu precisava me distanciar daquela imagem que me causava ilusões.

Eu andei, sentindo a lama do gramado do terreno entrar por meus dedos até que eu pudesse chegar próximo da piscina que, por sinal, estava fechada. Meu coração encontrava-se endurecido, parecendo pedra batendo no peito, e doía. Entrei na casa de banho, e quando me virei para fechar a porta, quase a bati contra Benjamin.

— Deus, o que você tá fazendo aqui? — Eu exclamei surpresa. Eu não consegui ouvir seus passos, tão pouco consegui perceber sua presença atrás de mim.

— O que eu estou fazendo? — questionou, fechando a porta logo que passou por ela. — Você entrou em modo vegetativo lá. Fiquei preocupado.

A casa de banho era literalmente uma casa de banho. Sem janelas, como se fosse uma gigantesca sauna, com chuveiros sem vedação, pias de mármore branca e pias de prata, com um espelho só pegando toda a parede.

— Eu só preciso tomar um ar. — Eu me sentei no banco de madeira, nos fundos do banheiro espaçoso.

— Na casa de banho? — ele parecia confuso.

— Eu... não pensei muito bem.

— O que houve? O que fez você precisar tomar um ar? — Joguei o corpo para frente, esfregando os cabelos que bagunçaram o coque, desfazendo-o, encharcando minhas costas de cabelo.

— Isso tudo... essa situação toda, *está me fazendo mal*.

— Não, você está mentindo. — Ele deu alguns passos, encurtando nossa distância. — Ficou nervosa desse jeito porque sabe que nós poderíamos dar certo.

— Nós?

— É, nós. Ethan, você e eu. — Deu mais dois passos, encostando a ponta dos dedos do pé em meus pés cheios de lama. — E sabe mais o quê?

Para isso acontecer só depende de você.

Levantei-me, saindo da sua linha de proximidade. Encostei a cabeça na parede de ripas em pé, envernizadas.

— Não... — murmurei. Senti o seu hálito em meu ombro, e sua cabeça encostar em minha orelha. Sabia que ele estava próximo demais de mim.

— Pensou sobre o que falei no estábulo?

Ele quase não encostava em mim, mas eu sentia como se o meu corpo fosse desabar se ele aumentasse a proporção do toque em mim.

— Eu não quero pensar no que aconteceu naquele estábulo, Benjamin. — Ele sabia qual referência eu fazia. A sauna da casa de banho parecia estar ligada, a respiração de Ben em meu pescoço deixava minha pele suada e o meu peito como uma caixa de som que vibrava de acordo com a música, mas era a resposta do meu corpo a sua voz tão grave, atenta e decisiva sobre meus ouvidos. Mesmo que eu quisesse ter mudado 100%, haviam partes dentro de mim que eu não conseguia mudar nem mesmo à base de terapia, nem mesmo se nascesse de novo, porque dizem que certas manias transitam por vidas e vidas.

— Mentirosa! — Acusou-me devagar, fazendo com que cada sílaba fosse esticada em sua boca, saindo junto com o seu suspiro em meu ouvido.

— Você quer se lembrar, o seu corpo quer se lembrar, não só daquele dia no estábulo, mas desde a primeira vez em que se desfez enquanto você montava em mim como se monta em um cavalo selvagem, Anastasia. — Sua barba grossa roçou em meu pescoço, quando ele juntou seu peito em minhas costas. Arrepiei-me por inteiro, mais uma vez. — Você mente, mas cada parte do seu corpo fala a verdade. Então vou perguntar de novo, pensou sobre o que falei com você?

Errei ao virar meu corpo, porque ele estava tão próximo de mim, que eu quase beijava sua boca.

Sua pupila dilatou quando nossos olhares se encontraram.

— Eu... — murmurei, seu queixo roçou na lateral de meu rosto, fazendo uma cócega gostosa, um arrepião que descia do pescoço até os pés.

— Você mal consegue abrir a boca... — sussurrou bem pertinho do meu ouvido, jatos de ar quente tocando a minha orelha enquanto ele fala. Céus, eu ia desabar no chão. Senti seu braço sorrateiro se fechar em minha cintura, apertando-me contra seu peito, arrancando-me automaticamente o fôlego, causando deficiência de oxigenação sanguínea. — Você mal consegue ficar de pé, Ana...

— Eu estou... de... pé... — reproduzi devagar, com extrema lentidão. Subi minha mão no limiar de seu ombro e seu peito, fazendo com que o anel de casamento brilhasse em meu dedo.

— Eu quem deveria ter enfiado esse anel no teu dedo... — Ele olhava para cada canto do meu rosto, e tudo que eu conseguia fazer era me derreter em sua beleza. — Quando eu penso que você poderia estar dormindo com ele, que ele teve você, que ele tocou onde eu toquei, eu sinto vontade de nunca mais deixar você sair daqui.

— Eu não sou sua.

— Mas cada pedaço do seu corpo é, e ele sabe disso. — Sua mão afundou na carne de meu quadril. — Tenho certeza que eu encontraria sua calcinha melada agora se eu enfiasse meus dedos através dela. — Eu dei graças a Deus por estar de calça.

— Eu te garanto que você não encontraria. — soprei. — Até porque eu não a estou usando agora.

Benjamin apertou os olhos e trincou os dentes como se fizesse uma tremenda força, para não me apertar ainda mais contra seu corpo duro e

grande.

— Diz para mim que ele nunca conseguiu fazer com você, em anos, o que fiz em uma tarde, diz para mim.

Sua boca beijou meu pescoço e eu puxei o queixo para cima, buscando ar.

— Isso é egocentrismo, Ben.

— Não, Ana. Saber que, juntando todos esses anos, ele não foi capaz de dar a você o que eu dei em uma tarde, é só uma certeza para eu saber que o teu coração ainda é meu.

— Benjamin... — protestei sobre aquela pergunta sem sentido.

— Abra essa maldita boca e diga para mim. — Insistiu. Sua arrogância molhava minha calça, deixava a umidade no jeans completamente quente.

— Eu já te disse, faz meses que ele não me toca, faz anos que eu fujo da sua cama.

— Eu vou perguntar a última vez, Anastasia. — Seu rosto estava próximo, suas mãos imobilizando meu rosto com respeito e carinho. — Eu te quero como a minha mulher, para te foder de manhã antes de levantar e antes de dormir, para encher essa fazenda de filhos, para ser qualquer coisa que você precisar, para dar continuidade a tudo que prometi a você e fui imaturo demais para cumprir com minha palavra no passado. Então, por favor... *volta para mim?*

O tempo que reverberou entre nós, parecia ser de horas, enquanto em câmera lenta, eu via o resquício de esperança que eu estava prestes a arrancar dele, como se arranca uma raiz da terra dura.

— Não! — Exclamei devagar, alto e bom som. Suas mãos caíram do meu rosto e ele deu dois passos para trás, sem tirar seus olhos dos meus.

— Eu não vou perguntar o porquê. — Ele completou. Dando-se por vencido, passou os dedos na barba enferrujada e amarela.

— Eu já te disse.

— Você sabe que tem até o Natal para contar para Bruce, certo?

— É, eu sei. E espero que saiba que as coisas não serão fáceis.

— Eu não esperava que fossem.

— Bruce vai saber que você é o pai, e a nossa proximidade vai ser posta em questão. — Expliquei respirando firme, me recuperando daquele choque de densidade que sempre estava à nossa volta.

— Seja honesta, quem seu marido acha que realmente é o pai de Ethan?

Posterguei demais essa questão, então de uma vez só eu falei.

— Seu irmão, Nicholas.

Ele gargalhou antes de me responder, mas eu sabia que Benjamin estava incrédulo.

— Meu irmão? E por qual motivo você enfiou o meu irmão nessa história, Anastasia?

Eu finalmente pude prender meu cabelo.

— Porque Bruce insistia que nós dois tínhamos algo. Eu tive medo que ele pudesse passar algo para os pais dele e, posteriormente, eles passassem para os seus pais, então achei mais convincente dizer que Nicholas era o pai de Ethan e você era o meu cunhado.

— Não estou acreditando nisso. — Ele murmurou, andando de um lado para o outro.

— Então, quando apareci grávida e quis manter distância de você, era mais plausível dizer que o seu irmão era o pai. Então, nós saímos do estado.

— Eu te procurei.

— Não procurou, Benjamin. Se tivesse realmente me procurado, teria me achado.

— Eu gastei rios de dinheiro com detetives, e sem sinal seu. Sem um telefone, sem uma conta bancária ativa, sem nada. Você tinha sumido.

— Bruce prefere que eu não tenha telefone e nem conta bancária ativa. — Exclamei envergonhada. Acho que, contando agora para ele, eu tinha uma noção maior ao que eu realmente estava me submetendo.

— Cárcere privado? Eu fico pensando, que merda você tem na cabeça de continuar com esse imbecil! Mas eu nunca vou entender. Se quer ferrar com a sua vida, vá em frente, fique à vontade. Mas Ethan será meu.

— Eu achei que estava fazendo a melhor escolha. As pessoas erram, assim como você errou, Bruce também errou.

— Eu estou aqui, tentando me desculpar pelo meu erro, e o teu marido? Pediu desculpas ao menino ou a você? — Abaixei o olhar. É, ele tinha razão, e eu não tinha sequer o que falar. — Se não tivesse se casado com Bruce, eu teria achado você, Ana. Por acaso pensou em mim quando Ethan nasceu e você me enxergou em seus olhos?

— Eu não me lembro. — Algumas lágrimas desciam por minha bochecha.

— Mentirosa. — Benjamin exclamou mais uma vez, balançando a cabeça negativamente mais uma vez. — Como diz que não se lembra, se pôs no nosso filho o nome que eu escolhi no dia do baile da escola?

*Ele se lembrava.*

— Eu achei que você tinha se casado. — Sussurrei.

— Casei e me divorciei porque sabia que aquilo não era certo comigo e nem com ela, mas você? Prefere ficar em um buraco e não quer segurar a minha mão, porque não confia em mim! Isso não é falta de senso, isso é burrice.

— Mas é a minha escolha.

Ele explodiu de uma vez só.

— Mas eu nunca vou entender isso, porra! Eu nunca vou entender como a mulher que eu amo e, aparentemente, também me ama, prefere viver em um inferno ao viver uma vida digna.

— Talvez pudesse começar não gritando comigo. — Eu exclamei vendo o baque que ele sentiu com as minhas palavras. — Em algumas coisas, Bruce e você são iguais. Entre vocês, eu sei exatamente quais comportamentos esperar dele. Eu prefiro ficar em um buraco escuro, no qual eu sei exatamente a profundidade, do que ficar no claro, e não saber de onde a próxima porrada virá.

Não tinha muito mais palavras para serem faladas entre mim e ele.

Estávamos quebrados.

Eu podia perdoá-lo, eu podia dizer que *sim*, mas Benjamin já tivera muitas coisas fáceis na mão e eu não pretendia dar mais uma além do meu filho.

— Não vou mais importunar você, Anastasia. — Foi até a porta de saída da casa de banho, ajeitando a blusa. — Estarei com um advogado essa semana para saber a melhor forma de iniciar o processo de reconhecimento de paternidade, mas de qualquer forma, só agirei após o Natal, como prometido. — Ele botou o pé para fora, mas voltou segundos depois. — Vou buscar Ethan e esperar por você no estacionamento para levá-los em casa.

Eu sabia que agora não tinha mais volta.

Ele não deixaria mais a porta aberta para eu entrar.

Ele havia construído um muro, escondendo o velho Benjamin, o Benjamin por quem eu ainda era completamente apaixonada.

## **CAPÍTULO 29 | PASSADO**

**Benjamin Kingsman, 19 anos**

Vazia.

A maldita fazenda de Anastasia estava vazia, não só a fazenda, mas qualquer lugar que ela já tenha enchido com sua presença. Desde o seu assento na cadeira da faculdade, até o ônibus que ela costumava pegar para ir embora. Nem mesmo sua amiga sabia de seu paradeiro, procurei o seu avô pelos hospitais, mas nem sinal ou nome na lista de atendimento.

Assim como o calor no inverno, Anastasia havia sumido.

O desespero me fez pensar um milhão de coisas. Foram quatro dias após ter chegado de uma viagem de quase duas semanas para tomar de volta às terras do meu pai e vendê-las pelo preço que mereciam ser vendidas.

Porra. O medo me fazia acreditar em coisas que eu não queria crer, me fazia entender que na hora eu não tenha percebido, mas minha atitude de merda só mostrava o homem imperfeito que habitava dentro de mim, tão imperfeito que, talvez, eu tenha me moldado a imagem e semelhança de Jhonatan Kingsman e sequer tenha percebido isso.

Meu pai havia morrido, mas havia deixado seu legado dentro de mim, para que eu reproduzisse com Ana, tudo o que ele botou em ação com minha mãe.

Eu era um filho da puta.

Eu era um desgraçado.

Deixei a mulher que esperava um filho meu ir embora e sequer tive postura para dizer que eu seria o homem que ela esperava que eu fosse, o

homem que eu deveria ser.

No início do primeiro dia, eu achei que ela tivesse sido sequestrada e quando o sol se pôs, eu acreditei que, talvez, ela pudesse ter passado mal por causa da gravidez, mas quando o motorista da única frota de ônibus que passava pela estrada disse que ela pegou aquela mesma condução com várias malas e bolsas, eu soube que ela foi embora. E o ar, que já era denso em meu pulmão, havia se transformado em pedra no momento em que vislumbrei que talvez não fosse maisvê-la.

E de fato, foi complicado.

Foi difícil.

Foi doído.

No segundo dia, eu pensei que ela pudesse voltar.

Anastasia sempre fora tão dependente, que eu realmente cheguei a pensar que ela pudesse pôr a cabeça no lugar como eu pus, mas, no terceiro dia, eu entendi que, entre o momento em que veio me contar e aquele em que decidiu ir embora, ela precisou colocá-la, certeira, no lugar, evidenciando que sua partida não fora precoce e que não foi tão estúpida quanto partiu, senão que fui imbecil o suficiente para tê-la abandonado.

Eu fui incapaz de entrar no celeiro, quando no sétimo dia em que ela havia partido, a ideia de me casar com Helen Fitzgerald não se tratava mais de uma ideia, mais de um fato.

O meu quarto, que era um lugar em que eu não conseguia fazer nada além de dormir ou passar a noite, havia se tornado meu canto predileto da casa, porque era da janela que eu via Anastasia chegar pelo cercado na maioria das noites, mas eu sabia que, a partir dali, a sua imagem seria só uma lembrança desanimadora do erro de merda que eu tive.

— Quando vai sair desse quarto, Benjamin? — Beth estava em pé na porta, com o seu avental molhado, por lavar a louça ou lavar a roupa. Seu

semelhante já não era mais tão duro e triste, ela até mesmo andava de cabelos soltos pela casa.

— Não sei se quero sair. — Eu a respondi, olhando pela friagem da janela aberta. Ela deu um sorriso e se aproximou, tirando algo de dentro do bolso do avental. Havia um cartão vermelho em sua mão, lacre dourado, e eu me senti confuso. — O que é isso?

— Abra!

Eu abri e entendi que era o convite de um pesadelo que eu queria acordar.

Não era o nome de Helen que deveria estar escrito tão delicadamente ali, era o nome de Anastasia.

— Mãe... O que é isso? — Encarei a data da cerimônia. Mas que porra? Eu sequer fui notificado sobre a possível data de uma cerimônia.

— É o seu convite de casamento.

— E desde quando está pronto?

Ela tomou de minha mão, fechando delicadamente da mesma forma em que estava fechado antes. Meus dedos eram grandes demais para conduzir da mesma forma que ela o fizera.

— Peguei ontem pela manhã. — Estiquei o corpo na cama, me esparramando pelo cobertor, encarando o teto escuro do quarto. — Meu filho, sei que a situação é complicada. Sei que você não quer, mas é pelo bem da nossa família. O que seria dos seus irmãos? Afinal, você não tem ninguém, não é?!

Seu olhar era esperançoso.

Como se fosse: *não diga que sim, isso foderia tanto comigo quanto fode com você agora.*

— Eu achei que com a morte de Jhonatan, tudo seria diferente. Achei que os problemas acabariam.

— O que é um problema para você, Ben?

Ela se sentou ao meu lado na cama, esparramando seu corpo ao meu lado, tomando a mesma posição que eu, dividindo comigo a atenção do exato ponto escuro no teto.

— Coisas que eu não quero que aconteçam, mas podem acontecer e que para mim são ruins.

— E por que exatamente se casar com Helen Fitzgerald para você é algo ruim?

Tomei a atenção em seu rosto, que não fez a mesma coisa. Suas mãos enrugadas pelo excesso de tempo com elas dentro da água estavam uma sobre a outra em cima de seu diafragma.

— Porque... — murmurei. Eu lembrei da boca de Anastasia e algo endureceu em minha garganta. Eu lembrei de seu abraço e, então, senti a bola subir em meu pomo de adão. Lembrei-me de quando ela disse confiar em mim e que fui o seu primeiro amigo, na vida, e a bola virou tristeza, e a tristeza virou lágrima, caindo pelas laterais da minha cabeça, escorrendo até minhas orelhas. — Porque não era para ser a *Helen*, mãe.

— Benjamin. — Ela se virou em minha direção, me encarando, em posição fetal. Seus dedos acariciaram meu rosto, com um sorriso morno. — Não sei se estaríamos aqui deitados nessa cama se eu tivesse fugido do casamento com seu pai. — Senti seu dedo em meu couro cabeludo e fechei os olhos. — Jhonatan sempre falava como queria que seus filhos fossem perfeitos. Eu não sei o que teria sido de vocês, se eu tivesse partido na primeira vez em que ele levantou a mão para mim. — suspirou profundamente. — Sei que para vocês não foi fácil, e que não será para você, mas eu me acostumei, entende, Ben? Eu venho me acostumando a Jhonatan e o peso de sua mão desde quando você nem tinha respirado o ar desse mundo, meu filho. — Seus dedos escorregaram pelo meu queixo,

orelha, enxugando as poucas lágrimas restantes que ainda caíam. — Se não pode resolver o problema, acostume-se com ele... Com o tempo, você não percebe se ele ainda existe.

Eu não quis responder.

Eu não quis abrir a boca e rebater.

O que eu diria? Que o sofrimento de ter a mulher que eu amava indo embora era maior do que o dela, que havia sido agredida desde que estivera grávida do primeiro filho? Desde a primeira vez em que Jhonatan a forçou a abrir as pernas sobre uma cama? Desde o primeiro filho, quando nenhum deles foram consentidos? Eu não seria um imbecil, pelo menos já bastara com Anastasia, eu não podia ser o mesmo com minha mãe.

— Mãe? — Sentei-me sobre o colchão. Beth segurou no batente da porta esperando que eu desenrolasse o que tinha em mente. — O que sentiu quando meu pai... morreu?

Elizabeth Kingsman abriu um sorriso gigantesco no rosto. Não um sorriso de felicidade, alegria, mas sabe quando a gente abre a janela do quarto depois de uma tremenda tempestade, após ter enxergado no escuro durante horas e horas?

— Alívio. — Primeiro seus olhos brilharam no escuro, depois eu enxerguei as primeiras lágrimas cortarem seu rosto até o lábio, em seguida o queixo e, logo, sumiram na escuridão do quarto, que tinha apenas um vislumbre da luz que vinha do final do corredor, das escadas que davam ao primeiro andar.

— Alívio...?

— Jhonatan conseguiu fazer algo que eu sempre quis fazer, Ben. Encher seus pulmões daquela água doce do lago. — Ela puxou a beirada da camiseta que vestia, esfregou nos olhos, limpando aquele choro de alívio. — Meu pai, antes de falecer, dizia que quando sonhávamos com fé, tudo se

realizava, e desde que vim morar aqui, quando seu pai me violentou na beira daquele lago pela primeira vez, eu desejei com todas as forças que ele se afogasse lá. Então, eu passei a desejar com todas as minhas forças que um dia, ele pudesse entrar naquelas águas e só sair morto.

— Compartilhávamos do mesmo desejo, mãe.

— Eu sei que poderia tê-lo salvado, Ben. — Murmou, de cabeça baixa. — Mas salvar Jhonatan das águas, seria por uma corda em nosso pescoço. Então, mesmo que possa parecer errado, realmente te peço obrigada. Talvez não enxergue isso agora, mas seus irmãos terão um futuro graças a você.

E se foi, deixando-me uma incógnita.

Elizabeth, ao mesmo tempo que tirava um peso das minhas costas, colocava outro logo em seguida. Não foi fácil ouvir aquilo. Ela tinha tudo para nos odiar. Fomos idealizações de Jhonatan, como um criadouro de cães de raça, e ela foi a cachorra matriz.

Era pesado.

Mas ela nos amou como se fossemos planejados.

Desejados.

E foi pelo amor materno, que ela nunca conseguiu se desvincular, mesmo sendo omissa e cometendo seus erros algumas vezes, que ela conseguiu processar melhor o ferimento interno que tinha como uma esposa, se assim eu poderia dizer.

Eu fugi de inúmeras responsabilidades que Jhonatan tentava me obrigar a assumir, eu tentei postergar decisões e ações em prol de ser homem da casa, mas depois de ouvir minha mãe falando daquela maneira, de entender que o que eu achava que era sofrimento na minha vida, sequer se comparava ao que realmente era sofrimento na vida dela, quem realmente merecia um fôlego após sair do inferno, era ela, minha mãe.

Mesmo que eu achasse que depois de alguns anos, eu merecesse descanso com Anastasia.

Eu me sentei na cama, esfregando os cabelos, transformando aquele pingo de coragem que me olhava intimidado do fundo da minha alma e transformei-o em abundância, porque era disso que eu precisaria a partir dali.

Coragem em abundância.

Arrastei os pés até chegar na janela, olhando bem toda a plantação de trigo, o lago Calaham, que seguia com águas claras e tão cristalinas que refletiam a lua cheia em sua superfície, e ali eu entendi que aquela seria a minha última vez indo até aquela abertura, imaginando que, por um milagre, Anastasia poderia estar em pé, ao lado do portão, me esperando com o sorriso mais lindo que eu já vira na vida.

Aquela seria última vez que eu deixaria um problema tomar conta de mim, porque a partir dali, eu os brindaria se me fizessem sentir melhor.

Eu me tornaria o homem que Jhonatan Kingsman sempre quis que eu fosse, ainda que em morte.

# **CAPÍTULO 30**

## **Anastasia Snow**

Conhecia a fazenda da família Kingsman na palma da mão. Conhecia cada canto, desde o celeiro, até os cômodos da casa e, principalmente, o quarto de Benjamin, onde eu dormi escondido por tantas noites quando seu pai não estava em casa. Saía de lá logo nas primeiras horas da manhã, antes que o sol entrasse por sua janela.

Eu nunca me importei de estar escondida, ao menos, não no início.

A maior noção que eu tinha de amor e carinho eram os livros de romance que tinham na biblioteca da escola. Eu sempre me perdia por horas neles, chegando no nível de perder aulas enquanto folheava as páginas como uma verdadeira louca. Foram naquelas páginas que eu entendi sobre o que realmente eu deveria esperar de um homem que um dia me amasse.

Benjamin foi realmente um amigo, mas descobri estar apaixonada por ele, quando percebi que, muitas das vezes, eu ficava algumas horas a mais no refeitório, depois do almoço, esperando que ele terminasse sua aula tardia, apenas para ter o prazer de almoçar em sua companhia. Demorei um pouco a entender que o verdadeiro prazer não estava em comer, mas sim de vê-lo entrar pelo refeitório todos os dias às quatro da tarde, enquanto todos os olhares femininos eram famintos sobre ele, os dele pousavam sobre mim, famintos por atenção, e por querer saber exatamente como foi o meu dia. Mas Benjamin não sabia que o meu dia só começava quando eu o via e podia sentir o frescor de seu cheiro.

Não porque tinha perfume.

Não porque ele usava alguma fragrância, mas porque era o seu cheiro natural, cheiro de homem, *cheiro do amor*.

Eu soube o momento exato em que ele estava apaixonado por mim.

Benjamin sempre foi um péssimo aluno em Biologia e em épocas de prova, eu costumava ajudar-lhe com um reforço particular, que sempre fazia suas notas alcançarem as alturas. Mas em sua última prova do bimestre do último ano do ensino médio, enquanto estávamos no celeiro e eu explicava para ele sobre síntese proteica, seus olhos brilhavam como duas estrelas vagando pelo espaço, ele tinha os lábios entreabertos e parecia estar perdido dentro de si próprio.

Precisei explicar o mesmo assunto três vezes.

Não foi por causa de seu olhar vago que eu sabia que ele se apaixonou.

Mas, porque eu estava tão apaixonada por ele e tentava me controlar para não o olhar da mesma forma.

Nossas peles pareciam transpassar choques e, no mínimo toque dos nossos dedos, eu senti a irradiação de um ímã que parecia mais uma força natural que puxava nossos corpos para o mesmo buraco, para um abismo.

Perdi a linha de explicação enquanto contava para Benjamin como as células biológicas geravam novas proteínas, expliquei a transcrição, mas quando eu pensei em explicar a ativação, sua boca colou na minha e, então, todo e qualquer assunto sobre Biologia foi arrancado violentamente de dentro de minha cabeça, porque nela, só tinha ele.

Benjamin Kingsman.

Eu demorei um pouco até realmente pegar o jeito da coisa, até entender que eu precisava mexer os lábios como ele, e movimentar a língua como ele. Os dias passaram e a vergonha foi sumindo. Com as semanas, vieram os meses, e o que no início começou apenas com beijos inocentes,

acabou por se tornar beijos sedentos, onde um pouco de dedos por meu corpo, mãos pelos peitos e ombros de Benjamin, além dos chupões em seu pescoço e mordidas em minha orelha não eram suficientes, e mesmo que achássemos que se engolir pela boca aliviaria, só piorava tudo.

A ideia era que eu não perdesse a virgindade antes que eu tivesse Benjamin como meu marido, mas infelizmente foi apenas uma ideia.

Ele jogava no time de futebol da escola, um dia eles venceram e uma das meninas acabou roubando um beijo seu no estádio de Dallas.

Senti-me mal como o inferno, até porque aquela menina pode beijá-lo em público, mas eu, a quem ele chamava de amor de sua vida, precisava se esconder como um rato assustado.

Fugi para o banheiro.

Corri para dentro das cabines e Benjamin largou todo o time para ir até mim. Discutimos, e em meio a raiva e a frustração, eu não segurei o desejo destruidor de que, talvez, eu realmente nunca pudesse tê-lo da forma que sempre quis.

Perdi minha virgindade quando empurrei Benjamin sobre o vaso, com a cueca arriada até os joelhos e sentei sobre seu pau, o enterrando em mim de uma vez só. Ardeu como nunca, mas depois daquele dia foi impossível parar.

Foi *impossível* resistir.

O meu medo de não tê-lo começou com seu pai, quando eu ouvi pela cidade o que Jhonatan Kingsman realmente representava.

Eu tive medo.

Eu tive receio.

Contudo, Benjamin sempre foi minha garantia, sempre me prometeu que seja lá o que seu pai tramasse, ele estaria comigo, afinal, era uma promessa. Infelizmente os livros de romance me ensinaram muito pouco

sobre promessas, apenas que, importavam as circunstâncias, elas eram cumpridas. Mas quando Ben disse que não poderia ter Ethan comigo, eu entendi uma coisa que os livros de romance não me ensinaram: que, às vezes, uma promessa quebrada vem de alguém que você jamais espera.

Sentada sobre a cama de Ethan, eu estava com a caixinha onde eu guardava, escondido no quarto de meu filho, os documentos do investimento da fazenda de meu avô.

Ethan passaria o final de semana na casa de um amigo da escola. Seu pai não quis deixar que ele fosse, mas eu achei que seria melhor que ele respirasse outros ares, visto que os últimos dias haviam sido complicados demais para uma criança de agora, nove anos de idade, desde seu aniversário recente.

O céu relampejou alto debaixo da chuva massiva que caia sobre nós. O chiado de água caindo do lado de fora me trazia uma ansiedade diferente, e só não era maior que o barulho da porta de entrada que havia acabado de ser batida no primeiro andar.

Guardei rapidamente a caixa em um fundo falso embaixo do colchão, ajeitei a saia em minha cintura, puxei a blusa, que descansava a beirada por dentro da saia e respirei fundo antes de descer pelas escadas.

Degrau por degrau, até que, antes mesmo de chegar no primeiro andar, eu pudesse ver a cabeça de Bruce e, logo depois, o corpo todo ensopado de água.

— Bruce? — O chamei pela primeira vez. Não era somente seu olhar que parecia estar perdido, mas a forma na qual o seu corpo se balançava de um lado para o outro, mostrava que ele não estava tão normal quanto como havia saído de casa mais cedo. — Bruce. — Chamei novamente e ele ergueu a cabeça, procurando-me com os olhos, mas estranhamente sendo

incapaz de me encontrar, de ficar corretamente na direção que deveria para me enxergar.

— Venha aqui, agora! — Ele murmurou, ranzinza, entre dentes, como se sua boca estivesse fechada.

Meus passos foram curtos até estar perto dele, e foi isso que bastou para entender o motivo de seu comportamento estranho.

Não foi o que eu vi, mas o que *senti*.

*Bruce fedia a álcool.*

— Você está bêbado. — afirmei.

— Tudo tem dado errado desde que chegamos aqui... — Praguejou rosnando, estressado, escarrando não do fundo da garganta, mais ódio do fundo da alma. — Esse caralho de fazenda... Você é uma inútil, Anastasia.

— Ele começou a falar coisas sem sentido e eu resolvi subir as escadas fazendo caminho de volta de onde eu não deveria ter saído.

Não ficaria ali para ouvir as palavras de um homem que sequer costumava ficar bêbado, mas ultimamente as coisas vinham sendo tão diferentes, que até surpresas desagradáveis eu era obrigada a ter. Ao menos Ethan não estava em casa.

— Você está bêbado. Suba, tome um banho e, depois, quando você estiver melhor, conversamos. — Murmurei, subindo vagarosamente os degraus, mas senti a mão grande e áspera de Bruce se fechar em meu braço e me puxar para trás, me fazendo torcer o pé em falso no chão.

— Vamos conversar agora. — cuspiu.

— O que você... está fazendo... Drogado, Bruce! — Tentei puxar o braço. — Me solta, você ficou louco?

— Você sente tesão por mim? Você se excita quando me vê? — O que ele estava pensando para tomar esse tipo de atitude, o que havia

acontecido para deixar Bruce tão transtornado e instável dessa forma? Eu nunca o vi ficar assim antes.

— Eu não vou conversar com você nesse estado, me solta!

Sua língua lambeu meu pescoço e eu senti nojo, senti o bile bater no início da língua e voltar com força para o estômago.

— É óbvio que você não sente, se sentisse não estaria me evitando.

— Ainda bêbado, embriagado, com olhos caídos e semblante pesado, ele empurrou meu corpo contra a parede e eu senti o baque, em uma dose pequena de dor nos ossos das costas. — Eu te achava tão linda, Ana... Eu te achava tão perfeita, tão... *gostosa*. — Pegou pelo meu pescoço, apertando os dedos na altura de minha orelha. — Mas você é a prova viva que beleza não serve para porra nenhuma, nem para trepar você serve! *Argh...*

Eu senti os joelhos tremerem e o suor em minhas costas. As pernas bambearam e fraquejaram, e a respiração ficou defasada, congestionada dentro do meu peito endurecido, doído. Eu nunca o tinha visto tão transtornado dessa forma, eu nunca o tinha visto tão sem controle.

Fechei os olhos, sentindo seu aperto em meu corpo comprimir ainda mais a minha pele, sua respiração ofegante soprar álcool puro contra meu rosto, me deixando nauseada. Eu não tinha o hábito de beber, então não tinha esse costume de me sentir bem quando botavam o fedor de bebida em meu nariz.

Eu me senti reprimida, abusada, e não me sentia assim há anos, desde quando o fardo de cuidar de meu avô, tão debilitado, me batia e eu escolhia me juntar a Benjamin, que nessas horas me dava afago e compreensão. Mas agora, casada, como eu procuraria os braços de Ben?

— Olha o que você está fazendo...Bruce — Senti o ar faltar, de início não incomodou, mas quando a visão turvou eu sabia que ele usava muito mais força do que precisava.

Meu marido iria me matar.

Eu precisava aguentar até pegar o dinheiro do investimento, assim eu teria bons advogados para conseguir me desvincular de Bruce com sucesso.

Eu não queria seu dinheiro.

Eu não queria seus imóveis.

Eu queria apenas me ver longe dele.

— Você é minha esposa... — balbuciou — Mas, ao mesmo tempo, não parece que é. — Riu fanho, mal abrindo os olhos. — Eu estou com tanta raiva de ter vindo para cá... Raiva de mim mesmo. — esfregou seu dedão na maçã do meu rosto de forma grosseira, esticando a pele sem nenhum cuidado. — Eu tô com raiva de você por não ser a mesma mulher que eu conheci! — Eu fechei os olhos. Eu não teria sangue-frio o suficiente para fingir ter um desmaio, mas de repente me tornando quieta, ele tomasse consciência do que fazia. Mas tão pouco controle mental sobre si ele tinha, que tive dúvidas se ele também teria em relação à força de sua mão em meu pescoço novamente.

— Me... so-o-olta... — gaguejei.

Tentei alcançar o colarinho de sua camiseta, mas com a outra mão livre, ele puxou uma de minhas mãos, e avançou contra a minha boca, sua língua grave tentou entrar por entre meus lábios e eu a mordi com força. Ele gemeu, e no momento em que seu rosto saiu de perto do meu, eu senti um tapa tão forte contra o meu rosto que minha visão turvou durante alguns segundos, e eu só percebi que, de fato ele me bateu, depois.

Ele soltou meu pescoço e o meu corpo caiu no chão.

A mordida em sua língua foi forte o suficiente para lhe causar uma dor capaz de distraí-lo por algum tempo.

Eu havia oficialmente perdido o controle de Bruce e realmente não havia maior prova dessa perda, do que a falta de controle que eu presenciei.

Ele nunca fora violento.

Talvez tenha dado alguns traços de abuso desde o dia em que eu lhe disse não no banheiro da faculdade, mas, ainda assim, ele não se importou. Eu estava tão desesperada para salvar a vida e o futuro do meu filho, que sequer levei isso em consideração.

Se eu olhasse tudo isso por outra perspectiva, eu talvez me culparia por não tê-lo amado, por não tê-lo desejado da maneira que ele queria. Eu teria me culpado pelo tapa que ele havia acabado de me dar, eu me culparia por criar um marido abusivo, e talvez eu até seja culpada, mas para que eu ainda tenha forças para lutar pelos meus planos antigos, eu não faria isso.

Eu havia quebrado a cristaleira que sua mãe nos dera de casamento e, por isso, ele havia comprado outra para por no lugar, fazendo com que Darla sequer percebesse a troca.

Raios caíam dos céus. A luz da casa havia ido embora com a oscilação do temporal, enquanto as luzes do céu, que vinham da tempestade, atravessavam a janela, expandindo-se dentro de casa, sendo a única fonte de luz que tinha no momento.

A respiração de Bruce se intensificou, como a de um animal que espera sedento para atacar. Ele abriu a cristaleira, tirando tudo de lá de dentro, jogando por todos os lugares. Levantei meu braço protegendo o rosto caso ele achasse que valesse mais a pena quebrar as coisas em mim do que em qualquer outro canto.

— Eu pago tudo nesse inferno de casa, eu criei a porra de um filho que não era meu! — Gritou, limpando a saliva que escorria no canto da boca com a mão. Foi até a prateleira do corredor da sala e pegou a garrafa de whisky velho que eu nunca o vi beber. Abriu, e sem a ajuda de qualquer copo, virou o líquido na boca que escorria por seu queixo, já que ele não tinha nenhuma coordenação devido ao efeito do álcool em seu organismo.

— Eu fiz de tudo por você, Anastasia! — continuou. Se arrastou até o sofá, pois ele não conseguia levantar a perna em passos normais, ainda que fosse estranho ele ter tirado força o suficiente para me imobilizar na parede. — Eu gastei rios de dinheiro com a casa de repouso para o seu avô, eu fiz um puta casamento e você trata Benjamin Kingsman, que não via há anos, melhor do que trata seu marido. — Sentou no sofá, apoiando as costas no apoio, deitando a cabeça para trás e derramando mais destilado em sua boca. — Eu queria não gostar de você, eu queria ter tido coragem e te deixado lá para definhlar. Acho que a minha mãe estava certa.

*Deus, quanta humilhação.*

— Então peça o divórcio. — Eu falei baixo, buscando forças nos joelhos para sair do chão.

— Nunca. — Disse — Eu não vou dar para trás depois de ter chegado até aqui, não vou pedir o divórcio e jogar nove anos da minha vida fora.

Algo se embolava dentro do meu peito. Uma mistura avassaladora de vontade de chorar com o arrependimento de ter aceitado a proposta de Bruce, mas Deus sabe lá se eu estaria viva caso não o tivesse feito.

— Eu não mereço isso.

— Você é uma esposa de merda e eu um marido de merda, então estamos quites. — Quando meu avô era vivo e me insultava dizendo que eu era parecida com a minha mãe, burra como ela e seria enganada como ela, eu costumava fugir para casa de Benjamin em busca de um alento, porque sozinha, eu parecia não diluir o que me era atirado como se fossem xingamentos. Acho que é porque eu acreditava em tudo o que vovô Will dizia, mas Ben tinha palavras tão doces na boca que realmente me faziam acreditar em todas elas. Bruce se levantou, jogando a garrafa de whisky no tapete, embaixo da mesinha de centro da sala espaçosa.

— Para onde vai? — Ficou de pé, se apoiando na parede.

— Vou dormir na minha mãe hoje! — Ele resmungou estressado.

Abriu a porta da frente com uma ignorância tremenda, fazendo com que a madeira batesse contra a parede. Ele desceu os degraus sem se importar de fechá-la, enquanto a chuva da tempestade do lado de fora era levada para dentro de casa pelo vento forte.

Bruce sumiu na penumbra da noite, já que não tinha iluminação na casa, nem no quintal. Eu não consegui saber para onde ele havia ido até que os faróis de seu carro se acenderam sobre a chuva. De uma forma totalmente errada e imprudente ele cantou pneu na lama, acelerando mais do que o necessário para tirar o veículo do lugar. Ele acelerou como um louco e sumiu na estrada que dava caminho para a cidade.

Deus, o que eu havia feito para merecer tudo aquilo?

Sabe qual a pior coisa? É que Ethan estava bem no meio daquele tornado, e as consequências cairiam sobre ele de uma forma tão ruim, que eu não me surpreenderia de criar traumas em sua infância e ele me culpar por isso no futuro, justamente porque a culpa realmente seria minha, única e exclusivamente minha. Bruce não tinha possibilidade de mudar suas escolhas, mas talvez Benjamin pudesse mudar a de Ethan, caso suas vontades fossem verdadeiras como ele dizia ser, mas eu... Eu tinha o poder maior em mãos porque eu era sua mãe.

No meio da chuva, eu retraía meu corpo com medo dos trovões que navegavam através das nuvens e me mostravam o quanto pequena eu era, que ainda que eu realmente achasse que pudesse abraçar o mundo, eu deveria perceber que meus braços eram curtos demais para tal.

Há muito tempo eu não tinha essa explosão de pensamentos tão grandes que me faziam sentir como uma sacola de lixo na esquina de uma

rodovia, e me sentir dessa forma me fazia automaticamente sentir falta de Benjamin.

Estar com ele, quando adolescente, me fazia sentir a mulher mais importante do mundo, porque era isso que eu costumava a ser para ele.

# **CAPÍTULO 31**

## **Benjamin Kingsman**

Eu já não experimentava uma insônia como essa há anos. Os pensamentos dentro da minha cabeça agiam como pássaros voando sobre a janela do quarto de alguém que precisa descansar. Você sabe que precisa dormir, mas realmente não consegue.

Você é incapaz de fechar os olhos e cair no sono porque o interior de sua cabeça está agitado o suficiente para fazer você entender que tem problemas e eles precisam ser resolvidos.

Ethan tomava meus pensamentos como uma rede ao mar, e a ideia sensata e ansiosa que rondava minha cabeça, de que ele pudesse saber que eu era o seu pai, espremia meu peito em uma euforia incontrolável. Não só euforia, mas um misto de sentimentos que eu sequer dava conta de gerenciar.

Ele seria meu atestado de redenção. Uma chance de poder ter meu filho do meu lado, mas também uma sentença eterna para que eu entendesse que, devido ao erro do passado, jamais poderia ter sua mãe ao meu lado. Ela sempre seria o amor da minha vida, e agora a esposa de Bruce Benett, meu melhor amigo de infância.

Os trovões mancharam as nuvens no céu como se fossem veias finas pelo azul-escuro noturno. Era difícil, era traumático, e parecia fazer com que o passado que eu tinha atado com meu coração, se tornasse ainda mais pesado. Era um fardo que eu sempre carregaria, eu sabia disso, e não tirava minha culpa ou o meu dever de conviver com isso.

*Ela era para ser minha.*

*Era.*

*No passado.*

Um passado que fazia o presente arder em brasas.

A luz do hotel havia ido embora com a tempestade fervorosa que o céu cuspiu com força. Pela primeira vez em seis anos de hotel em funcionamento, eu tive o dever de ligar o gerador, afinal, o lugar estava cheio de hóspedes e alguns animais dependiam da eletricidade. Seria uma grande irresponsabilidade se deixasse esse tipo de coisa nas mãos de Deus, e quando eu finalmente precisei, vi que foi um dos melhores investimentos na qual muitos julgaram desnecessários.

Dessa vez, esse feito entraria para lista de “*ouça as vozes da sua cabeça, Benjamin.*”

Eu já não tinha mais nada para fazer naquele escritório.

O porta-retrato ainda estava de cabeça para baixo e eu não sabia se um dia iria deixá-lo de pé novamente, mas eu também não tinha coragem de jogá-lo fora.

Era o verdadeiro conceito de relacionamento tóxico familiar, mesmo depois de tantos anos, mesmo depois de meu pai estar morto.

Você quer se livrar do que sabe que te faz mal, mas não tem a menor coragem. É incapaz, porque nós, seres humanos, temos aquela tendência a escolher mais o que te faz mal. Aquela tendência a ter um desejo maior pelo que te causa dor e medo, e eu poderia associar parte disso a Anastasia.

Nenhuma das agressões de Jhonatan me causaram tanta dor quanto o desaparecimento de Anastasia, porque mesmo que eu quisesse me ver longe dele, eu queria um pai, eu o amava e o reconhecia como genitor. Com Anastasia, por muitas vezes eu quis ir embora, porque tinha medo de que não pudesse dar o que ela precisava, mas, ainda assim, eu a amava e reconhecia que jamais amaria outra mulher como ela.

Minha vida foi toda baseada em medo e dor e, mesmo que levianamente eu tenha aprendido a associar ambos de forma despercebida, eu sabia que sempre havia sido assim.

Mas, diferente de Jhonatan, sabia que Anastasia era a pessoa certa, na qual eu tive a idiotice de trocar pela escolha errada.

Eu folheei a lista de hóspedes dezenas de vezes. Não havia nada para fazer. Eu vinha ocupando minha cabeça como podia, da forma que eu julgava melhor, mas nada ocupava um espaço justo para me tirar o que eu precisava da mente.

Era um pouco mais de uma hora da manhã e eu não tinha sono algum.

Talvez eu devesse tomar um banho gelado, e quem sabe isso fosse o suficiente para dizer ao meu corpo que agora era hora de parar de trabalhar, e recobrar as energias perdidas em poucas horas de sono.

Eu saí de dentro do escritório apagando a luz e indo para o meu quarto.

O corredor do hotel estava vazio naquelas horas da noite, ainda mais em uma tempestade daquele porte. Alguns preferiram curtir a beleza da natureza de dentro de suas suítes, acompanhados ou sozinhos, a graça era estarem deitados em sua cama, cobertos em uma estação louca que começava o dia com um calor infernal e terminava a noite em um frio que te fazia bater os dentes uns contra os outros.

Peguei minha toalha jogando sobre a cama.

Ouvi um barulho no corredor.

Muito barulho externo acumulado ao que vinha do outro lado da porta, para que eu pudesse entender com clareza. Eu me aproximei da maçaneta, descalço, tentando concentrar os ouvidos e entender se valia a pena ou não sair, mas eu ouvi a voz de Tom.

“Você não pode entrar aqui...” — Ele parecia zangado, afoito e quem quer que fosse nem mesmo o respondia.

Aquilo não me parecia certo.

Abri a porta do quarto com postura de quem não estava contente, mas toda a personalidade que eu botei em meu rosto caiu por terra quando os olhos dela encontraram os meus.

Era Anastasia.

Cabelos ensopados de água, vestido florido tomara que caia encharcado e olhos assustados junto a respiração lacerante que a fazia inflar o peito e soltar o ar em uma velocidade impressionante.

— Me desculpe, Sr. Benjamin. — Tom deu alguns passos até estar na frente dela. — A Sra. Benett entrou no estacionamento de cavalo, o largou lá e entrou completamente molhada pela recepção e... — eu não escutei mais nada.

— Onde está o cavalo?

— Na chuva. — Ela me respondeu.

Encarei Tom.

— Vá agora e peça para o zelador pôr o cavalo no estábulo.

Tom novamente, pela milésima vez na vida, ajeitou seus óculos pela haste que ligava as duas lentes.

— Mas, senhor Benjamin, ela entrou no hotel molhada e...

— Peça para alguém secar o chão. Ela será minha hóspede hoje. — cortei-o para não dar chance a alguns porquês que eu não saberia responder, ainda que os soubesse.

Abri a porta do quarto sem saber se, entrar, era o que ela queria, mas após ver seus passos em minha direção, enquanto deixava no chão uma enorme poça de água da chuva, escancarei-a.

Meu amigo e funcionário saiu andando, sem olhar para trás.

Ela passou, molhando meu tapete, o carvalho do chão, e quando se virou para mim novamente, trouxe as mãos para o peito, de uma forma ansiosa que eu conhecia muito bem, mesmo depois de tanto tempo.

Ela estava nervosa.

Como quando brigava com seu avô.

Ethan estava na casa de um amigo, já que o havia ido visitar e os funcionários de Bruce disseram que ele só estaria em casa na segunda.

Ela só poderia ter brigado com Bruce, mas levando em consideração que ela saiu naquele temporal desastroso, de cavalo ainda por cima, correndo quilômetros na estrada cega enquanto procurava o hotel, só poderia ter sido por um motivo complicado demais para ficar em casa. Presumindo que ela estivesse atrás de mim, talvez a briga tenha me incluído.

Apenas *Talvez*.

— O que está fazendo aqui? — Eu queria perguntar se estava tudo bem, mesmo sabendo que não.

— Eu... — ela murmurou tão baixo que eu sequer ouvi sua voz, apenas li seus lábios. — Eu pensei em vir aqui e...

— E? — Novamente perguntei tentando fazer com que ela tomasse coragem para falar, pois visivelmente era isso o que faltava.

— Eu não estou me sentindo bem...

— Está frio. — cortei-a.

O meu senso de dever, queria mandá-la embora para longe, mas, ainda assim, o meu coração egoísta não dava espaço para que a parte racional do meu cérebro pudesse trabalhar.

O homem se fodia quando deixava o coração falar e, algumas vezes, era impossível tomar o controle de volta.

Peguei uma toalha, me aproximei dela e a cobri pelos ombros, tentando minimizar o estrago que a água havia feito nela.

Era visível que Ana estava nervosa. Não um pouco, porém muito.

Eu não queria pressioná-la.

Ela havia vindo atrás de mim, era justo deixá-la falar por si própria e, com seu olhar de apreensão, duvido que conseguisse falar, mesmo que eu soubesse exatamente do que ela precisava.

Eu poderia abraçá-la, mas dessa vez eu a faria pedir, para que ela mesmo entendesse estar burlando os próprios princípios e promessas, e quem sabe entendesse onde verdadeiramente era seu lugar.

Ela havia me comparado a Bruce na última vez que havíamos nos visto.

Mas o fato dela ter me procurado, não pode me deixar mais feliz.

Embora eu quisesse a felicidade de Anastasia, eu não conseguia deixar de ficar contente com a procura pelo meu abraço, como exatamente ela fazia no passado, mesmo que fosse ao meio do dia, no meio da tarde ou no meio da noite.

— Eu vou tomar um banho. — Mantive a calma e busquei uma segunda toalha no guarda-roupa, enquanto Ana olhava o quarto de uma forma que não o havia feito antes. — E depois você toma outro. Não acredito que você tenha apenas *pensado* em vir aqui.

Ela balançou a cabeça concordando brevemente.

— Eu não... tenho roupa.

— Tem. — falei — A minha. Tenho algo que pode se transformar em um vestido em você.

Concordou mais uma vez e ergueu os olhos com vergonha.

Eu me virei de costas.

Como eu poderia amá-la tão... fodidamente tanto? Era possível um amor como esse? Eu me sentia como um doente, drogado, como se somente a visão de Anastasia diante de mim já fosse o suficiente para aliviar meu estresse, pensamentos ruins e um mal-estar que me fazia lembrar que eu a queria, mas talvez jamais a tivesse, pelo menos não como eu desejava.

Entrei no banheiro enorme do meu quarto, apertei as mãos na parede ao lado do registro do chuveiro após abri-lo. A água caiu quente por minha coluna, depois a cabeça e, logo em seguida, caiu em meu rosto, travando aquele jogo de nervosismo e suor, só de saber que havia uma grande probabilidade de que Bruce tenha realmente descoberto que Ethan era o meu filho, e não o filho de Nicholas como Anastasia insistira para ele. Com isso, meu coração não deixava de acreditar haver uma pequena chance de que ela poderia finalmente enxergar que realmente falei a verdade sobre *nós*.

Eu não podia tomar uma atitude em prol de uma mulher casada que queria continuar casada, eu só poderia tomar uma atitude em prol de uma mulher que queria um divórcio.

Fiquei minutos ali, de olhos fechados, mas quando imaginei que Anastasia estava ali, do outro lado da parede, me aguardando, eu senti duas mãos rodearem minha cintura, em um despertar, senti também algo me apertar as costas. Olhei para minha barriga e reconheci as sardas de seu braço e seus dedos finos e redondos da mão.

Eu pude sentir sua cabeça encostar em minhas costas e seus pés entre os meus no box do chuveiro sob o azulejo branco.

Eu me virei e encarei seus olhos.

Eu não saberia identificar se ela chorava ou não, mas o semblante de seu rosto não expressa felicidade ou rigidez com a situação. Anastasia não havia entrado ali porque queria me agarrar no chuveiro, mas porque o

abraço que ela precisava, o afago e o carinho de alívio que ela demandava não tinha condições de esperar sequer um banho.

Estábamos nus.

Eu a abracei por cima dos ombros, e ela rodeou mais uma vez minha cintura, sem se importar com a nudez dos nossos corpos.

Eu diminuí o volume de água forte que descia do chuveiro e botei meu queixo sobre sua cabeça pequena. Eu pude sentir seus seios comprimidos contra meu diafragma.

— O que aconteceu?

— Eu não sei o que pensar, Ben. — Anastasia respirava pela boca e eu conseguia ouvir seus suspiros, mesmo que o barulho de água caindo fosse muito mais alto. — Acho que estou perto de uma overdose de pensamentos.

— E o que exatamente seria isso?

— Quando eu penso mais do que posso aguentar.

— Dívida comigo.

— Não consigo. — ela riu fraco — Eu nem deveria estar aqui.

— E por que veio? — questionei. — Anastasia. — suspirei, puxando-a pelos ombros, encarando seu rosto sem desviar pelos seios que agora estavam visíveis aos meus olhos. — Há alguns dias você me disse continuaria com Bruce e agora está aqui, parada, nua diante de mim, vinda debaixo de uma chuva que eu, honestamente, estou surpreso de que você tenha aguentado.

— Eu só... — murmurou ela. Peguei pelo seu queixo, e debaixo da luz quente do banheiro, eu vi em sua pele branca, a marca em seu queixo, no lado esquerdo de sua mandíbula e abaixo da maçã do rosto. Uma marca escura que, subindo mais meu dedo embaixo de seu queixo, revelou-se ser, na verdade, um pequeno hematoma.

— Que... — meu coração começou a bater lento, e mais rápido do que eu queria, vislumbrei toda a cena. Bruce a havia agredido — merda é essa?

Ela puxou o rosto da minha mão e eu, esquecendo até mesmo que ela estava nua, busquei uma toalha para cobri-la, com a mão tremendo.

*Eu iria matá-lo.*

— Para onde você vai? — Ela viu o nervosismo nascer em mim.

*Eu iria matá-lo.*

— Até a antiga fazenda Kingsman. — sussurrei já saindo do banheiro, meus pés encontraram o tapete do chão, e minhas mãos uma toalha, enrolando-a na cintura, buscando a porta do meu guarda-roupa.

*Eu iria matá-lo.*

— Benjamin. — Ana se aproximou da cama, segurando a toalha junto ao peito com o braço, apreensiva por ver que eu não respondia nenhum de seus chamados. — Benjamin, você não pode ir lá.

*Eu iria matá-lo.*

— Ah, é? E por que não? — minha voz já era mais alta que a chuva externa. — Por que a porra do seu marido errou e você acha que é justo dar uma nova chance para ele?

— Ele se embebedou e eu... o confrontei e ele estava estressado e...

— Eu comecei a rir.

Não era possível que Anastasia estivesse falando uma merda dessas para mim.

— Eu espero que realmente tenha algo que você não esteja me contando, porque acreditar que Bruce te deu uma porrada por culpa sua é uma burrice que achei que você jamais teria. — Encontrei uma calça, sem cueca, e a vesti, também buscando um cinto que eu pudesse usar. — Vai dizer o quê? Que mulher sábia edifica o lar, assim como Elizabeth dizia? Eu

não vou deixar você transformar a infância do Ethan na minha. — Peguei o cinto na mão e o vão de memórias me cobriu o raciocínio como uma avalanche sem fim e eu só percebi que a maioria dos meus cintos eram parecidos com os que Jhonatan usava em minhas costas, quando as lembranças se tornaram tão frescas em meus pensamentos que eu podia ouvir o barulho do couro contra a carne úmida de suor e vermelha. — Olha o que você está fazendo... Consegue ter noção das atitudes que vem tomado?

Ela parecia frágil, envergonhada porque não importava quantas vezes ela tentasse se explicar ou justificar os fatos cruéis, no fundo, ela sempre saberia que jamais teria razão, ela sempre saberia que estava errada e não havia nenhuma possibilidade de que pudesse me fazer acreditar ao contrário.

— Ethan não presencia isso. — ela sussurrou. — Bruce é o meu marido, ele erra como marido, assim como eu já errei como esposa.

Não dei mais do que quatro passos para chegar até ela, narinas abertas e um peito descontrolado de uma quantidade de oxigênio que eu inspirava muito maior do que eu precisava.

— Seu rosto tá roxo, vai esperar ele quebrar sua mandíbula da próxima vez? — Anastasia comprimiu os olhos, como se isso fosse me fazer calar a boca. — Você vai me enlouquecer, inferno! Há dias eu não consigo dormir, eu estou me afundando no trabalho para esquecer tudo isso. Você quer continuar nessa vida de merda com Bruce, dificulta as coisas com Ethan, aparece no meio da noite debaixo dessa chuva... — Apontei para sacada da sala que dava vista para a plantação do lado de fora. — Entra nua debaixo do meu chuveiro, eu descubro que você está com um hematoma porque o seu marido de merda, e que sempre merece uma chance, se irritou com você! Você me condena por um erro, mas perdoa

Bruce por vários. — O quarto ficou pequeno e eu já suava de tanto que sentia meu sangue correr em minhas veias. — Eu estou sentindo raiva de você, Anastasia, muita raiva! Você vai foder com a vida do seu filho, assim como meus pais foderam com a minha.

— Você precisa entender os meus motivos...

Ela andou para o lado, e eu me virei, guiando-me para encará-la, ficando de costas para cama.

— Eu posso estar sendo egoísta agora, mas eu te odeio por estar fodendo comigo.

— Você não entenderia mesmo se quisesse!

— Que você quer continuar com um marido de merda, pai de merda e homem de merda? Eu jamais agrediria você! Eu nunca seria capaz de encostar um dedo em você. — Eu tentava controlar a raiva, o ódio, de tudo, *de todos*. — Você só tem tentado mentir para mim.

— Eu não menti.

— Você é uma mentirosa. Mente para conseguir tudo a seu favor. — cuspi — Por que veio aqui? Por que veio aqui debaixo dessa merda dessa chuva? Por que se deu ao luxo de sair de casa sabendo que eu sou um merda? Sabendo que, como você disse, eu posso ferrar você sem que você esteja esperando?

— Eu... não deveria ter vindo.

Dei dois passos até estar quase com o peito encostado no dela.

— Disso eu tenho certeza. Essa porta não vai mais estar aberta para você. Eu não confio em você, eu não confio em você com Ethan.

Ela piscou os olhos, confusa.

— O que quer dizer com isso?

— Que o meu filho não está seguro com uma mulher que acha normal ser agredida pelo marido. — falei — Hoje ele não estava em casa,

mas quem me garante que Bruce vai se importar quando ele estiver na próxima?

— Eu jamais deixaria que qualquer pessoa encostasse em Ethan. — Ela adquiriu um misto de coragem e fôlego, puxando as sobrancelhas para próximo dos cílios, piscou repetidas vezes sem parar, balançando a cabeça de forma negativa porque havia entendido exatamente o que eu queria fazer se tivesse necessidade. — Você não tentaria tirar Ethan de mim... tentaria?

— Se eu tivesse certeza que a segurança dele estaria ameaçada debaixo daquela casa, eu não pensaria duas vezes.

— Você não teria coragem. — Endureceu o rosto, falando alto.

— Experimenta.

— Você não pode fazer isso... — ela queria gritar, mas a ideia de ter seu filho arrancado do seu lado, lhe tirou todas as forças. — Ethan é tudo o que eu tenho.

— Eu não posso interceder por você. Você tem um marido, mas eu posso fazê-lo por ele, que é o meu filho, você queira ou não.

— Você fala de coisas que não entende!

— Então experimenta me explicar. Vamos! — vociferei, mal dando um espaço para que ela respondesse. — Você tem dois minutos até que eu te enfie dentro do carro e faça você assistir Bruce tomando uma surra por agredir uma mulher com metade do tamanho dele.

— Bruce vai tirar Ethan de mim.

Do que ela estava falando?

— Bruce vai tirar Ethan de você? Por que ele faria isso?

— Porque ele é o pai legítimo diante da justiça. — Exclamou. —

Não é só uma questão de apego, mas é sobre... perder *um patrimônio*.

— Mas o menino não é nenhuma propriedade.

Ela se escorou na viga, na ponta do quarto.

— Mas para ele talvez seja, tanto eu, quanto Ethan. E perder para o Nicholas é uma coisa, mas descobrir que Nicholas nunca esteve na jogada e sim você, durante todo esse tempo, vai deixá-lo enlouquecido.

— É por isso que está com ele?

— Não é só isso! Bruce acabaria com a minha vida!

— Eu posso cuidar de você, Anastasia. Eu já te disse isso várias vezes. — E ela sabia, mas para haver tanto medo e receio em seu coração, não me parecia ser somente aquilo. Havia um pesar muito maior do que a perda de uma guarda unilateral de Ethan, ou uma promessa de destruir a imagem de boa moça que ela tinha, tinha algo muito mais perpétuo do que apenas uma ameaça crua e vazia.

— Ele poderia mentir dizendo que eu tenho problemas com vícios, provar que eu sou uma péssima mãe, inventar coisas que você jamais poderia imaginar. Ele é uma pessoa influente e... — Ela tagarelava como uma louca, sem parar, com um rádio sem pausa e sequer ligava para às vezes que eu tentava me enfiar no meio de sua frase.

— E por qual motivo ele faria isso? Apenas para não te perder?

— Ele deu tudo a mim e a Ethan. Todo tipo de apoio em relação à saúde, educação, conforto, então estar casada é o meu *pagamento a ele*.

Quanto mais eu cavava, mais podre ficava.

— E isso foi acordado oralmente?

— Não. É o meu dever moral.

— Eu tenho advogados, eu posso resolver isso em um piscar de olhos.

— Bruce tem contatos em todos os lugares. Conhece gente demais que pode me destruir e arrancar meu filho de mim em um piscar de olhos. Vai dizer que eu o traí e... Meu Deus... — visivelmente nervosa.

Agarrei seus ombros para que ela pudesse focar em mim.

— Eu disse que tenho advogados realmente bons.

O medo que ela experimentava diante de mim, ficava claro que, para ela, eu era alguém sem poder algum. Mesmo com o hotel e a fazenda, Anastasia ainda acreditava que eu tinha uma mínima potência em poder comparado ao seu marido. O seu medo, tão escancarado e direto, me fazia crer que ela mal acreditava em mim, que ainda que ela visse tudo que conquistei, eu ainda era um menino para ela.

— Mas Bruce...

— Foda-se o Bruce. Por que não me ouve quando eu digo que tenho advogados?

Os olhos de Ana começaram a brilhar forte, anunciando uma profunda tristeza que me parecia ser muito mais antiga que nossa conversa, ou até mesmo nosso reencontro.

— Porque eu não consigo mais acreditar em você! — E então, uma nova porrada. Mesmo mostrando, mesmo implorando, minhas palavras não eram nada para ela.

— O que quer que faça para você acreditar? O que eu preciso fazer?

— Eu te amo, Benjamin, mas não consigo confiar mais em você. Não consigo te entregar o meu coração quando ela já está há muito tempo aos cacos que já não refletem nem mesmo a minha sombra.

— Então você confia mais em Bruce do que em mim? — Ela acenou com a cabeça, afirmando minha pergunta. — Está com um homem que te agride, suportando um casamento porque acha que eu posso fazer pior?

— Todos que eu amo vão embora. — Ela sussurrou como se estivesse sem um pingo de fôlego — Minha mãe, meu avô, você... mas eu não vou suportar se Ethan for. — Ela desabou sentada na cama, com as mãos nos joelhos.

— Eu estou aqui. — exclamei procurando seu olhar perdido.

— Até quando?

— Até meu último suspiro. — Ajoelhei-me à sua frente, com as mãos ao lado de sua coxa, sobre a cama.

— Foi criando essa Anastasia desconfiada que suportei tudo até aqui.

— respondeu, causando-me uma ardência dentro do peito que eu não saberia explicar. — Mas eu simplesmente não consigo mais me livrar dela, Ben.

— Sabe que Bruce pode fazer todas essas coisas, apenas descobrindo que eu sou o pai de Ethan, não sabe?!

— Não, se não houver a probabilidade que eu o deixe, ele vai ficar irritado e... Vai te agredir. — Forcei um controle que eu não sabia se conseguia ter.

— E eu vou matá-lo e eu não falo no sentido figurativo. — Peguei suas mãos. — Você pode evitar tudo isso se confiar em mim. Estou voltando com minha palavra, eu disse que era a última vez que ia falar sobre isso, mas se você confiar em mim e deixar que eu enfie advogados entre vocês, nós vamos agora buscar suas coisas e as coisas de Ethan naquela fazenda.

Sua mão passou pelos meus ombros, enrijecendo minha musculatura à medida que seus dedos alisavam os pelos de minha pele. Sua outra mão soltou a toalha, que caiu expondo seus seios, redondos e cheios como eu me lembrava, só que agora, maiores.

Ela escorregou pela cama e caiu sentada sobre meu colo da mesma maneira que sua boca cobriu a minha.

Filha da mãe.

Sabia muito bem como calar minha boca, porque sabia que meu corpo nunca a negaria sequer um cheiro em seu pescoço.

— Estou tentando te entender e você quer trepar? — afastei-me e perguntei, mas fui ignorado com muito mais sucesso do que antes. Ela segurou em minha orelha e aproximou mais uma vez nossos rostos, enfiando sua língua dentro de minha boca de uma forma esfomeada. Eu nunca neguei fogo a mulher alguma, e não seria agora que eu o faria, ainda mais com a mulher que sempre me ocupou a cabeça quando eu entrava em bocetas alheias, a mulher que me tornou homem pela primeira vez.

Agarrei o osso de seu quadril e, só quando minha mão áspera tocou-lhe, percebi que ela, na verdade, usava apenas as peles do corpo sem roupa alguma e eu, apenas uma calça, meio aberta, que mais um pouco deixaria meu pau duro sair pela abertura do zíper.

Sua boca tinha um gosto amargo, mas também doce. Mordi seu lábio inferior e ela gemeu contra minha língua quando apertei meu braço em volta de sua cintura, ficando de pé com ela no colo, agarrado em sua boca.

Tombamos na cama e meu corpo já fervia com a ideia de que apenas um pano me separava de estar dentro dela.

— Eu não raciocinei, eu só quis vir, eu só quis correr para você. — Ela murmurou quando sentiu meu joelho afundar o colchão e meu corpo pairar por cima dela.

— Precisamos parar com isso para já. — Minha boca caçou um trajeto pelo baixo monte entre os volumes de seus seios, respirando fundo a pele que ainda carregava o cheiro de suor, de adrenalina, de desespero e de desejo. — Ou a gente conversa, ou a gente se engole. — O que eu estava falando? Eu queria a engolir enquanto conversava, queria que ela sentisse o que jamais teria se não aprendesse a me dar a porra de um voto de confiança, não era só sobre prazer, era também muito sobre o que havia sido antes de sermos um pedaço da alma um do outro.

Ela arreganhou as pernas, enrolando-as no alto de meu quadril, e eu, automaticamente, esfreguei o jeans em sua boceta nua.

— Eu passei anos brigando internamente me perguntando como seria se você voltasse. Seríamos dois adultos e entenderíamos que o passado passou, mas... tinha outra parte de mim que implorava para que você fosse o mesmo Benjamin de antes.

— E que outra parte é essa? — Subi a mão aberta na parte de trás de sua cabeça, sentindo seus fios enrolando-se em meus dedos.

— A que está aqui, deitada nessa cama! — Beijei-a mais uma vez, sem a pretensão de ser grosseiro ou ter qualquer arrogância de sua boca, mas aquele beijo falava tudo o que não conseguimos dizer, e mesmo que eu conseguisse, não acredito que eu falaria tanto.

Minha mão fechou entre seus cabelos e apoiei o mesmo braço, pelo cotovelo, no travesseiro embaixo de sua cabeça, enquanto a outra descia arrastando a palma da pele pela lateral de seu corpo, apertando a carne em minha mão onde eu julgava melhor. Quando cheguei em seu quadril, entrei por sua virilha, pela parte de dentro de sua coxa, chegando na testa de sua intimidade, que apresentava pelos curtos, finos, passando pela superfície de seu clítoris. Seu corpo se contorceu e os olhos verdes se fecharam, impulsionando a barriga para cima e a cabeça para trás, contra a palma da minha mão.

Eu aproveitei para fechar ainda mais a mão, apertando o couro cabeludo.

— Eu queria enforcar você agora. — Murmurei, navegando com os dedos para dentro dos grandes lábios, revelando um vale completamente encharcado de excitação e prazer, que escorria entre as bandas de sua bunda na cama. — Eu queria foder você com o que eu sinto agora, ódio e raiva,

mas eu não consigo, porque existe uma linha muito fina entre o amor e o ódio dentro de mim.

Eu queria ver seu rosto enquanto meus dedos deslizavam para dentro dela, dois de uma vez, o mais fundo que consegui, seu interior me imprensou e, mesmo que em silêncio, era possível sentir seus espasmos internos com clareza. Com o polegar melado, circulei seu clítoris devagar, lentamente, puxando os dedos pela metade e entrando novamente.

Em minha calça, a sensação que eu tinha, era de ter um pedaço de ferro pesando toneladas, dolorido, vibrando para ser abraçado pelo interior com toda a promiscuidade que gostávamos.

Eu puxei apenas um pouco do jeans para baixo, segurando o meu pau na mão, pincelando de cima a baixo em sua intimidade.

— Aproveite como puder, porque quando acabarmos aqui, você será somente Benjamin Kingsman e eu Anastasia Bennett.

Maldita.

Ainda usara o nome do ex-marido para completar seu nome.

Palavras fortes o suficiente para que eu literalmente brochasse, mas o ódio e o tesão que eu sentia por ela estavam par a par, e eu a faria lacrimejar de arrependimento toda vez que me visse e soubesse da escolha imbecil que havia feito.

— Devia se escutar falando. — falei em ironia.

— Minha audição está ótim... — antes que ela terminasse de falar, eu me enfeiei por inteiro, cada centímetro da cabeça do pau até a base, enterrando o mais fundo que consegui nela, sentindo a bolas colidirem com sua bunda e minha virilha encaixar na dela. Sua boca abriu em um “o” perfeito, e os olhos, que antes estavam abertos, reduziram de tamanho em vertigem ao susto de uma estocada funda.

— Eu quero ouvi-la me ameaçar e reclamar enquanto eu fodo você, Anastasia. — agarrei sua coxa e mais uma vez saí, jogando todo o peso na virilha, afundando-me até o limite de seu interior quente, que borbulhava a quentura e umidade. — Eu quero ouvir você reclamar, ao mesmo tempo, enquanto geme, porque é o meu pau que está dentro de você. — Mordi forte o bico de seu peito e ela soltou um grito. — Eu quero ouvir você gemer enquanto diz que não confia em mim. — Agarrei sua perna, rodando seu corpo, deixando-a de bruços e assustada pelo movimento repentino. Sem que ela esperasse, puxei seu quadril, e meti o pau mais fundo ainda, naquela posição que realmente aumentava o limite do meu corpo sobre o dela. Abri a mão pesada e acertei contra sua bunda, Ana soluçou. Enquanto a pele queimava, enfiei o dedo na boca, e forcei a entrada de seu cu, e então eu vi todos os pelos de suas costas se arrepiarem.

— O que está fazendo? — ela mal tinha fôlego.

— Hoje será memorável. — Eu enfiei o dedo até o fundo em sua bunda e comecei a estocar o pau em uma distância curta, fundo e gostoso dentro dela, derrapando, como se o interior de Ana fosse tão apertado, que me cuspia para fora toda vez que eu me pusera a puxar o quadril para trás. — Então eu lhe digo, aproveite você, porque eu tenho certeza, que nunca terá novamente o que vai ter hoje.

— Devagar... devagar... — ela gemeu apertando os olhos.

— Dói? — perguntei, preocupado.

— Não. — Eu sorri. Sabia exatamente o que ela sentia. Com isso, puxei seus cabelos com força, enfiei outro dedo em sua bunda, e a fodi rapidamente. Sua carne se chocava barulhenta contra meu quadril, duro e voraz, como eu gostava, como dava tesão a ela. *Como dava tesão em mim.*

— Ben! — Ela gritava, e logo em seguida, senti sua boceta me apertar com violência, como se me chupasse e me apertasse com os dentes,

mas eu não estava preparado para o que ela faria em seguida. Anastasia apoiou os cotovelos na cama, e rebolou enquanto ainda gozava comigo dentro dela. Eu não saberia explicar como aquilo foi gostoso, vê-la me foder, atingindo seu orgasmo lento, quando deveria ser ao contrário. — Mais!! — ela pediu, e eu como um tolo acatei, mais na segunda bombada, em senti meu gozo violento vir e os jatos quentes soprarem longe, dentro dela, à medida que eu ainda investia.

Mas aquela não era a lembrança que prometi que ela levaria para casa.

Enquanto seu corpo descansava na cama, puxei o pau para fora dela, e massageei da cabeça à metade da extensão para não perder a ereção, posicionei-me sobre sua entrada.

— Benjamin!

— Apenas diga se doer.

— Eu nunca fiz... — enfiei a cabeça e ela inflou o peito, sustentando o joelho.

Aproximei o tronco de sua orelha.

— Apenas respire à medida que me sentir entrar. — Empurrei o quadril para frente, e o pau estava tão melado em uma mistura de porra e excitação, que escorregou fácil, sendo comprimido pelo cu, tão apertado, que era impossível perder a ereção, mesmo após ter um orgasmo.

— Queima... — gemeu, com a boca fechada. — arde...

— Não vou pedir para que confie em mim. — exclamei, tentando segurar os espasmos no pau. Entrei por inteiro, quando minha pélvis colou nas bandas de sua bunda, da cabeça até a base, mais do que aquilo, só se eu entrasse com as bolas, que repousavam sobre os grandes lábios de sua boceta. — Até no cu você é... irresistível. E acho que ele vai ser a única

parte de você que eu não vou foder, porque o coração e a boceta já entraram para conta.

Puxei seu rosto e beijei sua boca, com o corpo colado no dela, sem sair por completo de seu interior e sempre voltando e afundando-me quando chegava a metade do pau exposto. Sua língua buscou a minha, para logo chupá-la antes de perder o ritmo para gemer contra meus dentes.

Apertada.

Apertada demais para aguentar por muito tempo, ainda mais com minha falta de costume. Aí, sim, as coisas ficavam difíceis.

Enfiei a mão por baixo de seu corpo, sentindo-a rebolar contra o meu enfiado no dela, e encontrei seu clítoris encharcado. Massageei ali, no ponto certo, fazendo com que Anastasia realmente ficasse na beirada, com a respiração ofegante. Ela deu sinais claros que estava à beira de outro ápice, quando sua boca abriu e seus olhos reviraram. Abri as pernas, sentando literalmente sobre ela, e enfiando fundo, sentindo os espasmos dela e seu cu me apertando a base como se fosse um anel em volta de mim. Não resisti e, junto da mulher embaixo de mim, deixei que jatos quentes de prazer e satisfação a preenchessem também.

Eu fechei os olhos, caindo por cima dela, após sair vagarosamente de sua bunda.

Eu não tinha percebido antes, mas a tempestade havia cessado.

Ela ainda respirava calmamente, mas foi enquanto eu a observava adormecer, que caí em um sono tão profundo quanto o de Anastasia.

## **CAPÍTULO 32**

### **Anastasia Snow**

Despertei de forma rápida e assustada, como se eu estivesse sonhando com luzes e meus olhos não fossem capazes de se ferir com o clarão forte que entrava por algum lugar. Embora eu soubesse que estava claro, a primeira coisa que vi não foram janelas ou portas, mas Benjamin, deitado de barriga para cima e nu da cabeça aos pés, dormindo tão profundamente que dava pena de acordá-lo.

Eu me levantei devagar, em passos curtos. Seu apartamento era compacto, mas ainda assim, muito luxuoso para um lugar pequeno.

Eu diria, confortável.

Abri a porta do banheiro e entrei debaixo do chuveiro.

Precisava de uma roupa para ir embora e rezar para que Bruce não tivesse ido para casa.

Eu me sentia dolorida pela noite anterior.

Abri o registro do chuveiro e deixei que a água caísse pelo meu rosto sem pena, respirando vagarosamente pela boca para não engolir água e me afogar. Sacudi a cabeça nervosa.

O que eu estava fazendo deixando-me levar pelos pensamentos do passado? Benjamin não era o mesmo e muito menos eu. Eu queria correr daquilo que me acorrentava, como se fosse prisioneira de um sentimento que surgia sufocante junto a presença dele. Era algo que estava longe demais do meu controle.

Limpei-me, passando a mão pela intimidade, sentindo-a dolorida, automaticamente relembrando os momentos da noite da tempestade passada. Peguei a toalha, que havia encontrado e trago no meio do caminho para cá, e a enrolei no corpo. Não poderia mais voltar ali, já não bastava perder o controle de Benjamin e Bruce, eu perdia o controle de mim também, o controle dos meus planos. Perdi o controle das minhas ideias, deixando que um sentimento adormecido por anos mandasse na minha vida, como se eu não fosse dona de mim mesma.

Quando botei o meu pé para fora do banheiro, a primeira coisa que encontrei foram o par dos olhos azuis de Benjamin, quentes como o inferno, assim como o corpo que não parecia ter saído de uma mulher, mas sim esculpido por um homem de extrema habilidade.

— Bom dia. — ele exclamou, sério, cordial.

— Hmm, bom dia. — eu disse. Ele esticou sua mão em minha direção com um pano que parecia feminino, mas não pertencia a mim. — É para você.

Parecia ter acordado há poucos segundos, já que sua mão insistia em esfregar os olhos.

— De quem é isso?

— Brooke. — ele me respondeu.

Dei mais alguns passos, botei a toalha sobre a mesa da sala, ainda um pouco envergonhada, mas de qualquer forma eu tinha pressa para voltar para casa. Ethan chegaria depois do almoço.

Botei o vestido, e realmente coube certinho.

— Obrigada. — eu disse.

Encarei minha roupa ensopada no chão, no mesmo lugar que a havia tirado para tomar banho.

—, É isso, você veio para dormir comigo e vai embora?

Levei alguns segundos para digerir e saber em qual intenção ele se referia.

— Espero que isso não seja um drama.

— Então, quando sair por aquela porta vai ser apenas Anastasia Snow para mim, certo? — Balancei a cabeça negativamente. Era exatamente o que eu deveria fazer. Aquela noite foi uma despedida.

— Vou aguardar o contato do seu advogado. — exclamei me aproximando da cama.

— Foi você quem me abandonou a primeira vez, e agora, faz novamente e eu te prometo que não terá a próxima. — Respondeu-me visivelmente amargurado. A cara de Benjamin é a de quem acreditava que, talvez no raiar do sol, eu poderia mudar de opinião. Mas eu precisaria de muito mais do que beijos e uma boa foda para me fazer acreditar que ele estava sincero, ou talvez o problema realmente fosse comigo, talvez eu realmente nunca mais fosse capaz de confiar em alguém de novo.

— Não vai precisar ter. — exclamei — Até, Ben. — Eu não prolongaria o fim de um ciclo.

Seria ruim para mim, seria ruim para ele.

Quando bati a porta para ir embora, seu olhar ainda me acompanhava.

Peguei o corredor um pouco perdida. Talvez tenha entrado por alguns caminhos que obviamente não eram os certos, porém, depois de alguns minutos até me familiarizar com o lugar, encontrei o corredor que me levaria direto para a recepção do hotel. Quando cheguei lá, encontrei alguém que realmente não queria encontrar.

Não agora.

Porque quando ela pôs os olhos em minha roupa, entendeu exatamente de onde eu havia saído. Além disso, não eram nem oito horas da

manhã.

— Anastasia. — Chamou meu nome, não como uma surpresa boa ou como um susto, mas com aquele tom de pesar, de *sinto muito*.

Houve um tempo que eu a havia culpado, houve um tempo que eu me culpei, que culpei Benjamin, mas todos os fatos que se entrelaçaram não fora apenas por culpa de uma pessoa, mas cada um teve sua parcela, e isso é inegável. Mas Elizabeth Kingsman, sem dúvidas, fora alguém que tinha tudo para fazer com que eu ficasse e soubesse que, talvez, a melhor escolha para Benjamin fosse eu. Mas a sua sede por manter o padrão de vida que seu marido dava, a impeliu a quase me reprimir e ameaçar para não se tornar mais um peso nos ombros de Benjamin, e eu, como uma menina tola, acatei.

— Elizabeth. — murmurei de volta no mesmo tom de voz.

— Você por aqui... — disse cordialmente.

Fiz uma reverência com a cabeça.

— Vim falar rápido com Benjamin.

— Tão cedo?

— Meu dia começa cedo. — respondi. Eu não queria guardar mágoas ou raiva dela. No fundo, entendo que ela só queria o melhor para família, e eu também sabia que estava longe de ser uma esposa incrível de uma família incrível. Mas sem quaisquer dúvidas em minha cabeça, eu sei que tudo poderia ter sido diferente se a nossa conversa no passado tivesse acontecido de uma forma mais humana. Se ela tivesse enxergado em mim o pingo de compaixão que tinha pelos filhos. — Com licença, estou atrasada. — fiz menção de que passaria por ela, mas ao chegar perto, Elizabeth entrou em minha frente. — Eu disse que estou atrasada.

— Não afaste Ethan de Benjamin. — falou como se eu estivesse devendo algo.

Não nego que senti raiva, mesmo sabendo exatamente porque ela pedia aquilo, mas me surpreendi que ela soubesse da situação.

— Não fui eu quem o fastou, Sra. Kingsman.

Ela deu um meio sorriso sem graça.

— Eu não sabia que você estava grávida. — tentou transformar a minha dor em coisa mínima. — A culpa não foi de Ben. Ele estava com a cabeça cheia de muitas coisas naquela época.

— Não tente defendê-lo.

Ela continuou, me atropelando com suas palavras.

— Ele era só um menino e você foi embora.

— E de quem foi a culpa? Minha? — questionei com o mesmo cinismo que me foi usado no passado. — Realmente estou atrasada, Sra. Kingsman. Tenha um bom dia.

Aquela conversa não precisava acontecer agora.

Um homem já esperava ao lado de fora com o meu cavalo quando me viu passar pelo corredor e ser praticamente parada pela mulher que deveria ser minha sogra nos dias de hoje.

Montei no animal, tomando suas rédeas, debaixo de um sol que faz parecer que sequer trovejou aos quatro ventos no dia anterior, e rumei a caminho de casa.

# **CAPÍTULO 33**

## **Benjamin Kingsman**

Ela havia ido embora mais uma vez.

E dessa vez era de verdade, sem redenção, sem qualquer tipo de conversa que se opusesse a mudar a minha opinião. Eu nunca precisei viver de migalhas, e não seria agora que eu teria.

Ela saiu pela porta e eu ainda fiquei lá, digerindo aquela falta de ar em um misto de ansiedade. Sabia que agora não voltaria a tê-la, que os nossos caminhos tinham se dividido no momento em que ela deixou aquele quarto. A última lembrança que teria de nós, seria o gosto de sua língua na minha e a forma que ela me olhava enquanto eu entrava e saía do que eu queria que fosse meu.

Abri a porta, saindo pelo corredor, andando devagar, como se abaixo dos meus pés tivessem nada mais, nada menos do que ovos. Meus pés afundavam em algo muito mais macio do que carpete.

Um desconforto gigante.

Elizabeth estava na portaria do Hotel, encarando algo no cercado, que bastou me aproximar para saber que ela acompanhava Anastasia sumir no horizonte, em meio a poeira e os raios de sol que ofuscavam a visão.

Ela voltou seu olhar para mim, marejado, doído e chateado, fungando o nariz e passando a manga da blusa nos olhos, para secar algo que era raro ver manchar seu rosto.

Precisei me tornar adulto para saber que nem tudo a gente pode externar, que nem tudo a gente conta e que, por mais que doa guardar, a

gente sempre comete esse sacrifício, não por ninguém, mas por nós mesmos.

Porque mesmo que doa contar, guardar às vezes dói mais ainda.

Minha mãe poderia estar chorando por diversos motivos, pela perda da infância do neto que nunca participou ou por, quem sabe, deduzir o que Anastasia passara para chegar até onde chegou.

Mas eu não iria fazer perguntas ou levantar questionamentos, pelo menos não dessa vez.

*Hoje não.*

— Mãe, você está... — O som de algo batendo contra o chão chamou minha atenção e reconheci os cabelos cheios e barba por fazer de Nicholas. Ele usava um terno cinza, que deveria ser caro pelo tanto que brilhava sobre o sol, algum emblema caro na altura do bolso em seu peito e o anel dourado exageradamente brilhante em seu dedo. Tinha um sorriso maroto, típico dele, não desde criança, mas adquirido em algum momento necessitado da vida, posso chutar que tenha sido a necessidade com as mulheres, já que Nicholas sempre fora muito bem relacionado entre elas.

Eu poderia dizer que é família, mas esse feito é algo que, entre nós, somente ele dominava.

— Quem é vivo sempre aparece. — Falei, sem terminar o que diria para Elizabeth, afinal, talvez ter seus três filhos por perto, pudesse fazer o que ela sentia, passar de alguma maneira.

— Deus, isso não era tão longe do aeroporto da última vez. — Nick disse enquanto tentava afastar os raios solares de seu rosto, na verdade, como se ele pudesse fazer isso.

— Achei que realmente não fosse vir. — atestei. Tom surgiu, cumprimentando-o, pegando sua mala, e sumindo pelos corredores do hotel.

— O melhor fica sempre para o final. — Piscou um dos olhos verdes para mim e abriu os braços para Elizabeth, que já dizia uma sequência de “*oh, meu filho*”, emocionada, com sua baixa estatura, ficando na ponta do pé para tentar enrolar seus braços no pescoço de Nick. — Sem choro, Elizabeth, não estamos em um velório.

— Eu apenas estou com saudade. — Ela dava pequenas batidinhas no peito de seu filho, conferindo se todos os ossos estariam no devido lugar.

— Vamos lá. Isso não é um velório, alegria, por favor. — Disse alegre, soltando-se dela, e fechando seus braços ao meu redor, em um abraço apertado.

Eu amava Brooke, afinal, ela era minha irmã, mas a conexão que tinha com Nicholas era algo extremamente diferenciado. Alguns dizem que trabalhar com família chega a ser algo problemático, mas eu, sem dúvidas, discordo disso, visto que não vejo ninguém mais competente que ele para gerenciar todos os nossos negócios.

Mesma linha de raciocínio, guia de pensamentos e veracidade para lidar com o que almejamos, e isso, meus amigos, é raridade. Encaro como um presente da vida.

— Estou esperando você dizer que sentiu minha falta. — disse baixo próximo ao meu ouvido enquanto ainda apertava meu tronco.

Eu apenas ri.

Éramos adultos, mas quando juntos, era como se tivéssemos 18 anos outra vez.

— Sente-se para esperar, porque se ficar em pé pode cansar. — Ele gargalhou.

— Você tem uma forma peculiar de demonstrar saudades, Ben. — Se distanciou, apertando meu ombro.

— Isso é de família. — respondi, e pelo seu rosto, eu sei que seus pensamentos navegaram para o passado, mas ele continuou a sorrir mesmo assim.

— Uau, as reformas no hotel realmente ficaram incríveis.

— Eu disse que ficariam.

— Não que eu não acredite em você, mas ficou muito melhor do que achei que ficaria. — Ralhou. — Inclusive, eu poderia dizer que realmente não entendo porque você gosta tanto de ficar no meio do mato, mas com uma estrutura dessas...

— Até você se mudaria para cá, eu sei.

Ele me empurrou levemente.

— Prefiro a cidade. — falou Nicholas. — O interior é pacato demais para mim.

— Katrina espera até hoje que você possa aprender a montá-la.

Ele arregalou os olhos como se eu o tivesse ofendido, subindo os degraus da recepção do hotel, finalmente se afastando do sol matutino.

— Eu não monto mais cavalos, irmão, na verdade, até pratico o esporte, mas não com animais... — houve uma pausa. — Com mulheres sim.

— Dispenso comentários.

— É um direito seu, Benjamin. — Ele botou a mão na cintura. — E o meu quarto? Tenho uma reunião online em 20 minutos.

— O de sempre. — resmunguei acenando para alguns hóspedes que passavam vindo do corredor. — Te vejo no almoço.

— Sem dúvidas. — riu, pegando o caminho para se acomodar devidamente depois de uma longa viagem.

Elizabeth ainda encarava o terreno que beirava a estrada, ao horizonte. Os olhos pequenos tentando filtrar a luz do início do dia, mas

pela idade, não tenho dúvidas de que falharam miseravelmente.

Ela botou a mão na cintura, e virou o rosto quando notou que eu me aproximava.

Me pus ao seu lado, sem me importar de estar obstruindo a entrada da recepção e ela sorriu.

— Está tudo bem, mãe?

Elizabeth acenou com a cabeça várias vezes, piscando os olhos sem me encarar agora. Soltou um longo suspiro.

— Estou feliz. — Disse. — Estou feliz porque conseguimos mudar nossa realidade.

— E eu fico feliz que você esteja feliz. — Ela abaixou a cabeça, seus cabelos caíram pelas laterais de seu rosto, suas costas se apoiaram contra o batente e ela me encarou, avaliando cada centímetro, como se pudesse realmente comparar o Benjamin de dez anos atrás com o homem em pé em sua frente.

— Você tem raiva de mim?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Sei porque Nicholas e Brooke não gostam de vir para o interior e me pergunto porque eu não fiz alguma coisa enquanto pude. — exclamou.

— Você fez o melhor que pôde, e está tudo bem. — Peguei seus ombros, abraçando seu corpo, e senti ela respirar fundo contra meu peito.

— Não viva do passado, mãe. Somos o seu presente e é isso que importa. Jhonatan não está mais aqui. — Ela puxou o rosto para me olhar, com lágrimas que salientavam seus olhos, prontas para cair em suas maçãs. — Tudo por nós, lembra?

Elizabeth devolveu o abraço na mesma intensidade e voltou a encostar sua cabeça em meu peito.

— Tudo por nós, meu filho.

Eu sabia que viver de passado era um dos piores erros, mas o problema em se lembrar dele quase sempre é que, nesse caso, foi exatamente ele que me fez chegar onde cheguei. Foram os traumas, os medos, a vontade de nunca mais viver ou fazer com que alguém viva o que eu vivi. E era, infelizmente, impossível não olhar para tudo o que consegui construir e não lembrar da caminhada.

De uma forma errada, me lembrar das surras de Jhonatan eram como uma espécie de combustível para nunca desistir, para sempre estar distante daquela realidade que foi como ter acordado de um pesadelo.

Eu não teria feito diferente.

Eu não teria salvado meu pai daquele afogamento.

E mesmo que isso fosse doentio e péssimo, eu teria me aproximado do lago, para que Jhonatan visse em meus olhos, a satisfação de sua morte enquanto seus pulmões se enchiam de água doce e seu corpo afundava sem parar na água.

A morte dele jamais consertaria o passado da forma que queríamos, jamais repararia os traumas que vivemos, mas, sem dúvidas, mudou o nosso futuro, porque se meu pai estivesse vivo, não sei se Nicholas, Brooke ou minha mãe, estaríamos respirando do mesmo oxigênio.

# **CAPÍTULO 34**

## **Anastasia Snow**

*Semanas depois...*

Cada dia mais próximo do natal, o meu corpo ia refletindo os sinais de ansiedade e nervosismo. Desde as unhas comidas, as oscilações de humor em casa e as noites que eu passava em claro, e acabava dormindo além do horário que normalmente deveria acordar para gerenciar as tarefas normais do dia.

Benjamin sabia exatamente os horários que Bruce costumava sair para ir ao centro de Dallas, e com isso ele visitava Ethan em nossa fazenda. Eu normalmente me trancava dentro de casa e ficava na janela, atrás das cortinas, observando, fazendo teorias absurdas sobre a coragem de Benjamin em me tomar o meu filho, o único pilar que me sustentava até ali. O único ponto de força bruta que me alimentava para chegar até onde cheguei.

Eu me arrastei da cama até o banheiro naquela manhã, tomando o banho mais frio que o chuveiro poderia oferecer, botei a roupa mais confortável que pude, e ao passar no quarto de Ethan, pude notar que ele já havia descido.

Eram quase meio-dia e meia, horário de almoço, e a confirmação disso foi o cheiro bom de comida que vinha da cozinha.

Ao descer os degraus da escada, Bruce estava com a porta aberta, e falava com alguém. Pelos seus gestos educados e o rosto em uma simpatia genuína, eu sabia que não era Benjamin. Quando cheguei aos últimos

degraus, e minha visão então se tornou plana, vi que era Joe Lenniester, o corretor responsável por vender a antiga fazenda dos Kingsman para nós.

Meu marido continuou a conversa mesmo após desmanchar parte de seu sorriso quando me viu. Logo eles se despediram, já que o corretor não conseguia me ver e ele finalmente fechou a porta.

— O almoço está na mesa, Sr. Benett. — A cozinheira passou por nós, secando as mãos no avental agarrado em sua cintura e depois saiu pelo mesmo caminho que havia usado para chegar ali.

Ethan já estava sentado na mesa, nos aguardando.

Bruce seguiu até a sala de jantar, olhando de soslaio pela janela na parede próxima à mesa e se sentou na outra ponta. Depois do episódio em que achei que ele quase me mataria, nós não conversamos mais.

Semanas se esbarrando pelos corredores de casa sem trocar uma palavra sequer, nem mesmo um pedido de desculpas, e isso me fazia sentir um pedaço de merda por não o denunciar e, consequentemente, não abrir a boca e pedir um divórcio agora, visto que essa era a chance.

Mas o medo gritava em minha cabeça, o medo por Ethan.

O que Bruce fez comigo, serviu apenas para provar que eu não o conhecia como acreditava. Serviu para me mostrar que, mesmo achando que eu estava certa, como há anos atrás, eu continuava a fazer as piores escolhas.

— Você comprou um novo imóvel? — Sequer dei bom dia, não por má intenção, mas porque a minha curiosidade foi maior do que a educação.

— Bom dia. — Olhei para Ethan. — Bom dia, meu bem.

— Bom dia, mãe. — ele desejou de volta.

— Boa tarde. Já passam de meio-dia. — ele rompeu o silêncio a sua volta, buscando o guardanapo, depositando-o sobre as pernas, sentado na

cadeira. Bruce não abandonava as manias de sua mãe, mas eu não fazia questão de seguir junto de Ethan.

Ele seguia visivelmente incomodado.

— Eu errei, Anastasia. — exclamou sem me olhar, servindo-se do agrião e da carne sob o tabuleiro de vidro. Eu o olhei por um momento, esperando ver algo inédito, que não era condizente dele, *um pedido de desculpas*. — Errei em ter vindo para cá, em ter insistido em vir para essa fazenda. — *ou não*. — Fiquei sabendo que Nicholas voltou. Como você viu, o meu relacionamento com Benjamin já não é dos melhores e eu tenho certeza que, com Nicholas, será pior, por isso, decidi que o melhor seria irmos embora.

Engoli a saliva, assimilando suas palavras e tudo o que elas implicavam.

— E você não pensou que Nicholas poderia vir para o interior quando comprou essa fazenda?

— Pensei, mas agora é diferente. É bem diferente. Passaremos o Natal no hotel de Benjamin para não pensarem que eles são o motivo de estarmos indo e, após isso, vamos embora.

Pisquei os olhos, um pouco atônita. Eu nunca o vi tão decidido. Ele mal me olhava.

— Mãe, quem é Nicholas? — Ethan questionou e eu tive que pegar um copo d'água porque era muita coisa para digerir em apenas algumas horas.

— Ninguém que você deva conhecer, Ethan. — Bruce respondeu, me encarando no fundo dos olhos e aquilo não era uma resposta para meu filho, mas sim uma ameaça para mim.

Uma ameaça de que Ethan não deveria conhecer o pai.

Não deveria vê-lo.

E nem saber da existência dele diante de um pai biológico.

O que aconteceria quando Benjamin finalmente se apresentasse como o pai legítimo de Ethan?

— Não acho que deveríamos ir agora. Ethan se acostumou na escola nova, ele gosta daqui, gosta do interior... — tentei ser o mais branda possível, mas o olhar severo de Bruce queimou em meu rosto de uma forma difícil de explicar.

— Não era você que tanto foi contra voltar v interior, Anastasia?

Solucei e me levantei para colocar meu almoço no prato em uma tentativa de sucesso em desconversar minha reação com a decisão dele.

— Minha vontade continua a mesma, mas estou apenas pensando no meu filho.

— Eu também estou. — enfiou um pedaço de carne entre os dentes e mastigou devagar — Não sei onde eu estava com a cabeça quando pensei em vir para cá, quando entrei nesse jogo com Benjamin e...

— Nunca teve jogo nenhum, Bruce.

— Sei reconhecer quando um homem me desafia.

— Você se desafiou sozinho. — continuei sem um pingo de filtro.

Ele deu um tapa na mesa, sacudindo os copos de vidro e os pratos sob o pano branco.

— Você o está defendendo?

Devagar, cortei a carne na ponta e dei uma mordida. Encarei a empregada, que estava em pé no canto da sala, e fiz uma menção com a cabeça para que se aproximasse.

— Está muito mal passado, por gentileza, ponha novamente no fogo.

— Ela levou o prato e eu voltei a encarar Bruce do outro lado da mesa extensa.

— Mas Sra. Anastasia, está do jeito que você gosta.

— *Leve*. Não tem como comer essa carne *assim*, desse jeito. — respirei fundo e encarei Bruce. — Eu não o estou defendendo e não vim aqui para competir com ninguém, assim como acredito que Benjamin não está competindo com você, apenas se protegendo.

— E por que ele se protegeria de mim?

— Porque você transformou isso em um problema, quando deveria ser uma convivência. Nós sequer conseguimos sentar nessa mesa para almoçar sem brigar, você bebeu e...

Ele bebeu toda a água do copo.

— Naquele dia... eu não queria.

— Mas fez e sequer teve coragem de me pedir desculpas. — Eu tentava, por deus, apaziguar a respiração demasiadamente descontrolada enquanto falava com ele. A raiva me faria gritar, mas eu não tinha a menor condição de destruir ainda mais meu psicológico com brigas e problemas. Eu já havia chegado ao meu limite, já havia batido a minha conta e tudo o que eu queria era alívio, era respirar ar saudável.

— Eu sempre deixei que você tomasse a frente das coisas, mas agora, eu digo que vamos embora daqui há duas semanas.

— O que Joe fazia aqui?

— Pedi a ele que bote a fazenda à venda. — Bruce continuou comendo como se nada estivesse acontecendo, meus dedos ficaram travados sobre a mesa e um sentimento ruim se apossou do meu interior. Eu sempre procurei me preparar o máximo possível para as mudanças em minha vida. Era uma forma de me sentir segura, mas daquela forma, tendo que praticamente fugir, eu me sentia desestabilizada.

Benjamin não aceitaria que eu simplesmente sumisse dessa forma com Ethan, isso acarretaria um possível problema antecipado, quando

Bruce tomasse ciência de quem realmente era o pai da criança que fora seu filho durante muitos anos.

— Por que não a vende de volta para os Kingsman?

— Não vou devolver a fazenda a eles. Venderei para outra pessoa, além do mais, é minha, eu paguei por ela.

— Outra pessoa pode comprar e vender a eles e...

— Anastasia! — Chamou meu nome alto, com o rosto surpresa. — O que deu em você hoje? Você é casada comigo ou os Kingsman? Sou seu marido, inferno.

Olhei para Ethan que abaixou a cabeça enquanto presenciava aquela discussão desnecessária e chula.

Meu prato voltou para mesa novamente.

— Coma, Ethan. — Bruce pediu, cordialmente, mas chegamos a um ponto que ainda que ele fosse educado, as suas palavras fediam a ignorância e estresse, de uma forma tão pesada que a menor presença dele no ambiente me incomodava, transformando o quarto de Ethan, o melhor lugar da casa.

Cortei a carne, enfiando na boca, mas algo estava estranho.

À medida que eu mastigava, meus olhos fixavam-se no prato, serrando a parte superficial que a cozinheira selara na frigideira até revelar a parte interna mais vermelha, suculenta, liberando o suco da carne, a faca serrou mais um pouco, até arranhar contra o prato e naquele momento atípico e único que só tive o azar de presenciar uma vez na vida, eu senti outra vez, muito mais forte do que antes.

Mastiguei uma, duas, três vezes, na quarta, eu senti a onda de enjoo avassaladora junto a faca que continuava a serrar apenas o prato, causando um som angustiante.

*Não.*

*A essa altura não.*

## ***Flashback***

**Anastasia Snow, 17 anos.**

A carne da universidade costumava ser muito gostosa e bem temperada, mas de umas semanas para cá parecia estar... crua, com um gosto de peixe azedo que eu não sabia muito bem botar em palavras. Eu respirava fundo tentando controlar ânsia de vômito, comer porque eu precisava me alimentar, eu precisava tentar fazer tudo parecer normal, mesmo quando não estava.

A bandeja de almoço da universidade estava à minha frente, um pouco de ensopado de carne, purê de batata inglesa com milho, um pouco de arroz e aspargos.

Com um pedaço na boca, a faca cerrava um pouco da carne na minha frente, enquanto a fumaça saia dela. Mas ao tentar engolir, a faca rangeu em contato com o aço da bandeja e a onda de enjoô foi tão forte, que precisei botar a mão na boca para não vomitar tudo que comi do café da manhã até a hora do almoço.

Anelise, que estava sentada ao meu lado, me olhou no momento em que travei a coluna para trás, assustada com o que acontecia comigo.

Ela entendeu.

Ela sabia porque aquele não era o primeiro episódio.

— Banheiro, *agora*. — Ela disse cautelosa baixinho. Eu me levantei deixando a minha bolsa no banco e correndo para o banheiro. Por cima do ombro, vi Anelise pegá-la.

Esvaziei o estômago no vaso sanitário, controlando a ânsia que ainda estava presente.

— Deus! — murmurei com falta de ar, apertando as bordas do vaso, respirando o máximo que eu podia, minha amiga ia dando pequenos tapas em minha boca com um lenço para retirar o resto de fluidos estomacais.

— Anastasia. — Ela me chamou uma vez, mas eu estava perdida demais em pensamentos desoladores para pensar em alguma coisa pra responder. — A gente precisa ir à enfermaria.

Fiquei ereta e me escorei na parede do banheiro, escorregando até o chão, ao lado do vaso.

— Não posso.

— Não é sobre poder, *você tem que ir*.

Murmurou, e ela tinha razão.

— Posso tomar um remédio e...

Ela agachou na minha frente, com os braços apoiados no joelho e eu tudo que vi foi pena em seu olhar.

— Você e Benjamin tem transado sem preservativo? — Às vezes eu me esquecia como Anelise costumava não ter travas na língua. Por alguns momentos isso era incrível, mas por outros momentos, era complicado demais. E vê-la parada diante de mim com uma pergunta dessas, me fez raciocinar melhor por um lado que acho que eu não o tinha feito antes.

Quando um casal não usa preservativo, ele obviamente engravidou, mas essa era uma falta de cuidado que nós não poderíamos ter, pelo menos não comigo e Ben. Não agora.

— Só deixamos de usar uma vez e..., mas já tem algum tempo e...

— Anastasia! — meu nome novamente saiu de sua boca em um tom de repreensão. — Como você pode cometer esse erro?

— Pode ter sido alguma coisa que não caiu bem.

— Espero que tenha sido, espero de verdade. Você e Benjamin... um filho no meio da situação como está, vai acabar com a vida de vocês dois.

— eu engoli em seco suas palavras, entaladas em minha garganta com um choro precoce que lutava para sair, mas eu iria engolir com força tudo que me fizesse mal. — Mas só vamos descobrir indo à enfermaria.

— E se der positivo?

— Quero pensar que essa possibilidade não exista. — ela murmurou baixo quando alguém parecia ter entrado no banheiro.

Joguei uma água no rosto para despertar do cansaço e da vertigem.

Conversei com a enfermeira da enfermaria e expôs os sintomas, e segundo ela, o mais inteligente era pedir um exame de sangue no laboratório da universidade para saber. No frasco contendo o meu sangue junto da solicitação, eu ganhei o nome de Julia Adalind ao invés de Anastasia Snow, pois os responsáveis pelo laboratório eram os próprios universitários fazendo estágio, e eles conheciam gente demais.

Sozinha, eu passei a tarde toda sentada na cadeira da enfermaria aguardando o resultado. Horas que pareciam dias.

— Ana? — A enfermeira chamou com um sorriso no rosto. O envelope estava fechado e ela me esticou o braço.

— E então? — perguntei esperançosa.

— Eu não abri o envelope. Não seria justo. — Coçou a cabeça e eu tomei o papel na mão. — Abra quando estiver sozinha, onde quiser.

— Obrigado. — eu murmurei.

— Boa sorte. — ouvi quando já estava de costas.

Saindo pela rua em direção ao ponto de ônibus, meus dedos apertavam o envelope lacrado com uma força que mais um pouco eu sabia que iria rasgá-lo. Aquilo era o que me separava do inferno, era a minha torcida para que eu tivesse relmente comido algo podre ou de origem duvidosa, porque perder alguns dias no hospital não seria nada diante de ter

que perder anos da minha vida, mesmo sabendo que Benjamin jamais me deixaria com um filho.

Eu estava bem embaixo da lanterna do posto, o ônibus vinha na esquina entre o limite da estrada e da cidade.

Eu abri o envelope e subi até a altura dos olhos. O papel estava dobrado.

Eu abri.

Passei pelo pseudônimo do laboratório, e logo abaixo alguns números de algum hormônio.

*Reagente.*

De repente, a gravidade pareceu me esmagar em pé, como se eu fosse um ponto de massa denso pesando sobre o tecido do universo, como se alguém tivesse dado com os pés bem no meio do meu peito.

O ônibus passou diante de mim e nem força para esticar o braço eu tive.

O motorista da frota era novo.

Ele não ia parar sem um sinal.

Perdi o último ônibus do dia, assim como descobri que perderia boa parte da minha vida por estar *grávida*.

# CAPÍTULO 35

## Benjamin Kingsman

*Semanas depois na festa da véspera de Natal...*

— Não me lembro quando foi que eu te vi dentro de roupas tão elegantes. — Nicholas parou atrás de mim, encarando, junto comigo, a minha imagem sobre o espelho dentro de uma camisa de mangas longas na cor branca, que tinha suas bordas por dentro da calça social preta, e uma sandália aberta no pé.

A noite estava fresca, e em uma véspera de Natal, era adequado se vestir de maneira confortável, afinal, não era uma comemoração qualquer.

— Para falar a verdade, nem eu. — respondi-lhe, abrindo um dos botões que Nicholas insistiu em deixar aberto.

— Sinto falta de ter uma cunhada.

— Diga isso a Brooke e não pra mim. — falei, penteando os cabelos ainda em frente ao espelho. Nick estava sentado na cadeira próximo da varanda da sala me encarando nos mínimos detalhes. Ele costumava fazer a mesma coisa quando eu me arrumava para ir à universidade. Normalmente eu trazia alguns doces de uma padaria muito antiga do centro de Dallas, que hoje foi vendida para a construção de um shopping.

— Não acho que Brooke goste de mulheres.

Desviei o olhar para ele brevemente, que riu sacana.

— Bem engraçadinho você.

— Juro que não forço. — Disse e se levantou quando eu dei as costas para o espelho, anunciando estar pronto. Nicholas coçou a cabeça e eu

soube no momento em que comprimiu a boca, que ele queria falar alguma coisa que eu poderia não gostar muito. — Então...andei conversando com Brooke e ela disse que... — pigarreou — Anastasia está casada com Bruce Bennett.

Eu me esquecia que Brooke era uma confidente fiel a Nick, como aquele tipo de criança que tudo que vivencia, conta para o pai. Eles eram exatamente dessa maneira.

— E o que mais ela contou?

Cruzou os braços.

— Apenas isso, por quê? Tem mais coisas?

— Você vai ver com os próprios olhos mais tarde. — Murmurei balançando a cabeça sendo o alvo de sua curiosidade.

— Detesto suspense, Benjamin.

— É, eu sei. Eu também não, é de família.

(...)

A ceia natalina aconteceria no *lounge* da piscina. Uma empresa foi contratada para cuidar especialmente da mesa de comidas e decoração. Todos foram convidados, e os poucos que ali não estavam, preferiram ficar dormindo em suas suítes. Alguns fazendeiros da região também foram convidados.

Era quase uma tradição fazer uma confraternização de Natal na *Kingshorse* desde que o hotel foi inaugurado, e com o passar do tempo os convites não precisavam exatamente serem feitos, porque todos sabiam do compromisso anual.

Nicholas veio logo atrás de mim, ajeitando a gola de sua camisa e puxando a borda das mangas. Daemon Ross assobiou do bar, estendendo

seu braço e eu quis recusar quando vi que Bruce estava lá, pois sua cara quando bateu os olhos em mim, não foi das melhores.

Eu não iria procurar Anastasia pelo salão com os olhos. Eu não iria insistir em algo que somente eu queria, que somente eu desejava e eu já não tinha mais o desejo obsessivo de desejar por dois. Era uma questão de respeitá-la.

Aproximei-me cumprimentando todos eles, inclusive Bruce, mas sem lhe direcionar uma palavra sequer.

— Grande Benjamin, estávamos aqui falando sobre o hotel. — Daemon riu, apertando o ombro de Bruce que olhava para o seu copo, tudo para não ter que me dar sua atenção.

— Bom, esse é o meu irmão, Nicholas. Acho que o conhecem. — exclamei, apontando a mão para meu irmão que vinha logo atrás de mim.

— Boa noite, senhores. — Nick saudou. Bruce subiu o olhar para nós, especificamente para Nicholas, um olhar duro, mordendo a parte de dentro da boca e sequer o cumprimentou, encarando-o de forma desdenhosa, em piscadas lentas. Notei que ele apertava o copo em sua mão além do necessário.

Merda, Bruce acreditava que ele era o pai de Ethan.

— Nicholas Kingsman. — ele repetiu — Os grandes irmãos Kingsman. — puxou um copo de whisky — servidos, rapazes?

— Não, obrigado. — Disse.

— Ele não bebe, e eu só depois da ceia. — Nick se desviou das investidas e tentativas de ser alcoolizado para falar de projetos pelo resto da noite, mas acredito que isso era algo que ele não queria fazer. Sei que ele gostava de seu trabalho, mas até o homem mais trabalhador precisa descansar a mente uma hora. — Não acho que é uma ideia muito inteligente beber de estômago vazio.

— Sábio. — Daemon gargalhou enquanto o garçom do bar enchia seu copo mais uma vez.

— Então, me digam, o que eu perdi. — Enfiei as mãos nos bolsos da calça.

— Bruce botou a fazenda à venda de novo. — Não deixei esconder minha reação com a notícia de merda que eu havia acabado de receber. Tentei abrir a boca para dizer algo, mas eu não podia demonstrar interesse demais. O que estava acontecendo? Anastasia não havia me falado nada, tão pouco recebi qualquer notificação de Joe, que tinha um faro faminto por dinheiro, e certamente se minha antiga casa tivesse a venda, eu seria a primeira pessoa a quem ele tentaria vender de volta.

Joe Lenniester sabia da minha infelicidade com a venda de nossa antiga casa.

— A venda? — Questionei, retendo a emoção na voz.

Ele balançou a cabeça, alternando seu olhar entre mim e Nicholas que provavelmente não entendia nada ao receber tanto desdenho.

— Sim. Anastasia, Ethan e eu vamos embora. — levou a beirada do copo até a boca, provando um pouco do destilado em sua língua. — Não nos acostumamos com o interior.

— Anastasia cresceu aqui. — ralhei.

Ele soltou um riso fraco.

— Mas ela não quis vir, então acho que decidi ouvir *minha* esposa.

— A ênfase na palavra me fez desejar que sua cabeça fosse aberta ao meio.

O meu filho.

Ela levaria o meu filho de novo embora.

Ela o levaria a me abandonar mais uma vez.

E se Bruce não tivesse me contado? Será que ela iria me contar ou fugiria como uma covarde mais uma vez?

— Nossa antiga fazenda? — Nicholas se interessou, se aproximando, e o rosto dele torceu em algo que parecia raiva.

— *Sim.* — disse em uníssono.

— Eu compro.

Ele fingiu tossir, mas tenho certeza que ele planejava uma mentira, das boas e só queria ganhar tempo.

— Já tem uma pessoa na fila, ficou de fazer uma visita. — Bruce estava quase gaguejando, evitando os olhares e tão desconcertado que bebeu o líquido todo do corpo, a fim de ocupar sua boca para não ter que nos responder.

Nicholas tomou a frente, dando dois passos, mostrando que tinha o poder dos Kingsman no sangue. Ele mordeu a boca e puxou a carteira do bolso da calça e de lá um cheque.

— Ligue e diga que já está vendida.

Bruce arregalou seus olhos castanhos, impactado com a audácia de meu irmão... Eu simplesmente estava adorando ver Nick tirá-lo do sério de uma maneira tão única, rápida e eficiente.

— Não posso, sou um homem de palavra. Além do mais, ele me prometeu um bom valor.

Meu irmão e eu trocamos olhares e começamos a rir.

Já vi Nicolas entrar em disputas apenas por ego, e de uma coisa nunca poderia dizer ao contrário, ele era um lobo nos negócios, e a gana que habitava em seu interior era algo que muitos homens queriam ter, mas não era coisa que se aprendia com a vida, era algo que já se nascia com, e Nicholas, havia nascido pra fazer homens gaguejarem em uma mesa de negócios.

— Diga um número, Bruce. — Nick puxou uma cartela de cheques de um dos lugares da carteira e respirando fundo, sem um pouco de

paciência por já ter percebido o tratamento diferenciado que estava tendo entre todos nós. — Não importa quantos zeros, apenas diga o valor e eu vou dobrá-lo.

Bruce soava como um animal.

O garçom encheu seu copo e ele mordeu a boca antes de balançar a cabeça.

— Wow! — Daemon gargalhou bebericando de seu copo. — Isso é não é uma conversa de meninos.

— Definitivamente não. — respondi encarando Bruce encurralado como um maldito rato.

— *Eu disse que não.* — O Benett insistiu.

Não havia nenhum interessado na casa.

Ele apenas não queria ter o gosto de que nós pudéssemos ter a fazenda de volta, mas o sabor da vitória seria algo que eu não daria a ele, pois eu tinha um plano, sempre tinha.

Eu acreditava veemente em algo, que eu tinha como uma *quase* ideologia: *nada é impossível*.

Nicholas se aproximou de mim, dando brevemente as costas para Bruce e chegou até o meu ouvido.

— Você tem um plano, não tem?

Eu sorri.

— Se nós não podemos comprar, talvez alguém compre para nós. — Voltei a ter a atenção de Bruce, visto que Nicholas saíra do nosso campo de visão. — Por que tanta pressa em sair? — questionei, receoso.

Quando ele riu, eu entendi que suas próximas palavras seriam com um orgulho exagerado e descabido.

— Anastasia e eu estamos tentando ter mais um filho há algum tempo, e tudo indica que iremos conseguir em breve, afinal, temos tentado

bastante. — Sua cara estava em péssima com aquele sorriso malicioso e o tom de prazer em falar era visível. — Ethan também não gosta muito daqui, então iremos embora.

Eles estavam tentando ter um filho?

Anastasia disse que não dormia com ele há meses.

Qual a chance de que ela tivesse mentido pra mim?

E se ela estivesse apenas dormindo comigo para conseguir tempo?

E se a Anastasia que eu achei que estivesse dentro dela, fosse apenas uma mulher mentirosa, amargurada pelo passado em que eu fui um imbecil e ela, com um espírito de vingança ativo, achou que eu também deveria me sentir lesado?

— Tentando...*ter um filho*?

— Espera, mais um filho? Vocês têm um filho? — Meu irmão em uma surpresa genuína, não parecia nenhum pouco preocupado do jeito que Bruce queria que ele ficasse, afinal, o ex-namorado de Anastasia era eu, não ele.

— Sim, Ethan. — olhou em volta. — Está correndo em algum lugar por aí.

Eu queria sair dali.

Queria me afastar de Bruce e suas ideias que literalmente acabaram com meu Natal.

Queria encontrar Anastasia e prendê-la contra a parede.

Eu fui um imbecil.

Fui enganado.

Ela precisava que eu não contasse para Bruce sobre minha paternidade em relação a Ethan, ela precisava ganhar tempo. Grávida de um filho dele, ela manteria a boa vida que tem, e se mudando, eu não teria acesso ao meu filho e seu marido jamais saberia sobre mim.

Ela havia pensado em tudo.

Eu fui apenas um peão em seu jogo.

Fui passado para trás.

— Com licença, senhores. — Murmurei tropeçando no meu próprio pé, recuperando o fôlego do nervosismo que me tomava conta. Passei os dedos pelo cabelo e eu não conseguia localizá-la.

— Ei, você está bem? — Nicholas questionou quando me alcançou.

— Eu vou ficar. — Eu mal conseguia retrucar seu olhar.

— Benjamin, você está branco.

Ela não estava em nenhum lugar.

— Eu sou branco.

— Só que você está mais do que o normal. — Segurou meu rosto entre as mãos. Atrás de uma das pilastras largas, onde Bruce sequer podia ver.

— Me escuta, eu preciso de uma ajuda sua. — Não era justo pedir isso para Nicholas, mas se não fosse para ele, para quem exatamente seria?

Ele arqueou as sobrancelhas e mexeu a barba entre seu nariz e sua boca.

— Você está me deixando preocupado.

— Puxe conversas naquele grupo e mantenha Bruce entretido.

— Por quê?

— Depois te explico, apenas faça.

Nicholas balançou a cabeça negativamente.

— Benjamin... — me repreendeu sem gostar nenhum pouco da ideia.

— Confia em mim.

Soltou meu rosto, dando alguns passos pra trás.

— De quanto tempo precisa?

Sorri de lado.

— Dez minutos. — Falei e saí andando.

Eu precisava encontrá-la e avisar que, na manhã seguinte, Bruce Benett iria saber que Ethan era na verdade o meu filho, e Anastasia apenas decidiria se seria ela a contar isso, ou eu.

Eu não cometeria mais um erro, eu não deixaria mais um dia passar e me enganar de novo.

(...)

### **Anastasia Snow**

Havia apenas algumas horas que estávamos ali.

Contestei Bruce o dia inteiro para que não fôssemos. Eu preferia passar o Natal dormindo cedo com Ethan do que estar presente em um lugar onde eu recebia muitos olhares constrangedores.

Eu respirei profundamente encarando o vaso pela terceira vez, em que eu apertava suas bordas naquela noite, enquanto botava tudo o que comia para fora.

Piorava com o passar dos dias e aquela sensação de azia e queimação se intensificava quando meu estômago estava vazio, então eu tentava equilibrar o máximo que eu podia entre fazer coisas que me dava ânsias, enjoos e vômitos.

Bruce não sabia e não era fácil de esconder.

Agora eu não tinha saída.

Eu precisava conversar com Benjamin.

Não só havia errado uma vez, como havia sido burra ao ser tão negligente comigo mesma.

Eu pediria o divórcio a Bruce no dia seguinte.

Eu estava grávida de um filho que não era dele e, agora, para saber se Ben realmente falava a verdade diante de tudo que prometera, eu precisava contar a ele que Ethan não era seu único filho. Eu não precisava que ele me assumisse, na verdade eu nem mesmo sabia o que de fato faria, o que diria.

O sentimento que eu tinha era de estar à deriva sem nenhuma terra à vista.

Meus seios latejavam contra o sutiã e eu sentia cólicas no pé da barriga.

Como pude ser tão irresponsável para engravidar dessa forma?

Eu sequer tive cabeça para me maquiar quando saí de casa, para esconder as olheiras.

Aproximei-me da pia do banheiro, jogando água no rosto várias vezes seguidas, passando a mão molhada na nuca, no busto.

Eu sentia como se meu corpo nunca fosse se recuperar, como se o meu corpo estivesse esgotado de energia, porque na verdade eu estava fatigada não só fisicamente. Eram tantos problemas que eu não tinha mais neurônios para tentar encontrar uma solução pra eles, se eu não tivesse Ethan, o meu desejo seria sumir.

Sumir do planeta e da vida das pessoas.

Ser esquecida.

Ajeitei o sutiã de uma forma que ficasse mais confortável e em passos lentos, com um sapato que aperta meu pé e me fazia querer jogá-lo longe, eu caminhei em direção a porta, mas quando minha mão se preparava para agarrar a maçaneta, ela se abriu.

Prendi a respiração.

— Ben.

*Se a montanha não vai até Maomé, Maomé vai até a montanha.*

— Entra! — Ríspido era a palavra certa para descrevê-lo.

— Não podemos ficar sozinhos aqui e...

— Não, Anastasia. Eu vou ser breve e rápido. — Benjamin tinha o rosto vermelho, as veias de seu pescoço e testa estavam salteadas, e o brilho em sua pele mostrava que ele estava suando, ele estava *nervoso*.

— Eu também preciso conversar com você.

— Eu não quero ouvir sua voz. — Falou. — Mas você vai ouvir a minha! Que história é essa que você vai embora com o meu filho?

Puxei o ar pela boca, e de uma vez só, tirando a carga pesada que estava cansando meus ombros, eu disse:

— Eu estou grávida.

Meu coração estava acelerado, mas o coração de Ben? O de Ben eu via bater bem em seu pescoço, sua boca empalideceu e seus ombros, antes erguidos, caíram lentamente, e ele soltou o ar pela boca e pelo nariz.

— Grávida? — Sua barba estava grande, seus dedos esfregaram ela até a altura da orelha, e seu olhar roletou desgovernado pelo banheiro. Tinha muita surpresa em seu rosto, gratuita e desnecessária. — Como você pode? Você me usou e agora está grávida? — raiva, sua voz tinha muita raiva, da mais pura e incontrolável raiva. — Como eu pude ser tão imbecil? Você ganhou tempo, me levou na lábia, engravidou e ainda vai levar meu filho junto?

— O que Bruce te disse?

— Que vocês vão vender a porra da fazenda? É, ele disse para mim e para todo mundo, e falou mais um monte de merdas. — Inesperadamente, ele deu um soco na parede, e fechou o punho junto com os olhos porque provavelmente havia doído.

— Não era para você saber assim.

— O que você tem na sua cabeça? Você não pensou em mim antes de engravidar? Você não pensou em como isso ia me foder? Porra, o que você

se tornou? Que tipo de mulher você se tornou, Anastasia?

*Não, de novo não.*

— Benjamin! — eu queria falar, mas eu sentia como se as palavras cruéis que ele cuspiam sem pena tivessem mão e apertassem o interior do pulmão com as duas mãos. Eu não conseguia respirar.

— Não fala! Cala a boca. — *Tudo aquilo porque...eu havia engravidado dele?* — Para que você engravidou? Para garantir dinheiro? Estabilidade?

Minha mão tremia, mas ouvir tudo aquilo quieta eu não iria por nada, quando me dei por si, o estalo da minha palma em seu rosto foi a única coisa que ouvi quando me dei conta, minha mão ardia.

— Me respeite! — eu gritei, sentindo o choro escorrer pelos olhos.

— Eu não vou tolerar que nenhum homem me trate assim.

Ele riu com a mão sobre o rosto.

— Foi você mesmo quem deixou de se respeitar. — Grunhiu. — Casada e fodendo comigo, enquanto dizia que não ia deixar o seu marido. Você disse que me amava! — suas sobrancelhas grossas e claras estavam forçadas em um finco no centro de sua testa.

Eu havia decidido que o odiava.

Eu odiava Benjamin.

Ele ainda era o mesmo adolescente frustrado, cometendo o mesmo erro, em uma escala muito pior do que antes.

Minha mão tornou a estapeá-lo sem parar, sem se importar de atingir seu rosto.

— Eu te odeio!

— Você tem vinte e quatro horas para contar a Bruce sobre a paternidade de Ethan. Eu não vou deixar que meu filho tire o pé dessas terras, você entendeu? — Ele apontou o dedo em meu rosto e em o

empurrei contra a porta. — Você pode ir para onde quiser com essa gravidez e o seu marido, mas o meu filho *fica*, e se vocês tentarem sair daqui escondido, eu caço vocês no inferno.

Benjamin saiu pela porta, batendo-a, me abandonando mais uma vez.

Desde que eu o havia reencontrado, eu realmente acreditei que, por ventura, ele pudesse ter mudado como pregava, mas diante de suas palavras ainda quentes em meu ouvido e a forma desrespeitosa na qual ele direcionou-as a mim, ficou claro que tentar dar razão à sua vontade de voltar a viver como no passado foi o meu maior erro.

O Benjamin Kingsman que fora o meu melhor amigo na faculdade havia partido em algum momento em que eu não estava mais presente, e o homem que hoje habitava seu corpo era alguém que, mesmo parecido com o homem que eu amei, não era a mesma pessoa.

Eu pediria o divórcio de Bruce no dia seguinte e tocaria minha vida.

A situação havia mudado drasticamente e eu não podia ficar casada com um homem enquanto estava grávida de outro.

Isso não era certo.

Eu destruía a vida de Ethan, que tipo de mãe eu era? Em qual momento eu me perdi do que deveria ser um exemplo como mulher para ele, que tão novo, já entendia muita coisa?

Em breve eu pegaria o investimento no banco e procuraria ajuda psicológica, eu não seria capaz de nada sozinha, porque depois de conseguir a separação, eu não fazia a mínima ideia do primeiro passo que eu deveria tomar.

Eu ficaria perdida em algum lugar dentro de mim.

Mas de uma coisa eu estava certa: eu deveria me reconstruir mais uma vez porque agora eu não tinha apenas Ethan, mas outra

responsabilidade a caminho e mesmo no limiar entre a tristeza e o pensamento perdido, era o meu dever não me deixar dar por vencida.

## **CAPÍTULO 36**

### **Benjamin Kingsman**

Anastasia teria um filho com Bruce Benett.

Ouvi muito que o karma consegue nos encontrar em algum momento da vida, e acho que eu havia encontrado o meu.

Eu estava destruído por dentro.

Fodido.

Eu saí do banheiro vendo-a chorar daquela forma e deixei o meu coração lá, partido, nas mãos dela, e eu não quero precisar dele de novo, porque se tem uma coisa que aprendi é que o coração só serve para doer.

Ele só serve para machucar.

Aproximei-me da primeira mesa que vi e me servi de sangria de vinho e frutas.

Eu disse que não iria beber, mas aquele dia estava sendo difícil demais para enfrentar sóbrio, e se aquela taça fizesse efeito, eu teria que precisar de uma dose todos os dias da hora de acordar até a hora de ir dormir.

Debrucei-me sobre a mesa com os braços esticados tentando dissipar aquele sentimento de arrependimento. Talvez, eu não deveria ter sido tão filho da puta nas palavras, mas ela engravidou de outro homem quando me jurou amor.

Anastasia iria fugir.

Iria me deixar, de novo.

Ela era casada, o que eu iria esperar? Anastasia pode ter sido mentirosa, mas o maior erro foi o meu, de acreditar em uma mulher que

tinha o coração partido e estava pronta para fazer o mesmo.

Nosso único elo precisava ser apenas Ethan, mesmo que eu me sentisse quase incapaz de deixá-la ir.

Ela realmente teria uma família com Bruce agora.

Peguei meu copo e andei procurando por Nicholas, mas para o meu azar, bem atrás da mesma pilastra em que eu havia me escondido, ele estava sozinho com Bruce. Ele parecia conversar com meu irmão de uma forma um pouco impaciente, com gestos e caras, enquanto Nick tinha a face séria, e uma sobrancelha levemente levantada indicando a ironia em seu olhar.

*Merda.*

Então Bruce virou seu pescoço devagar, lentamente, varrendo com a visão tudo que vinha perto dele até me encontrar em pé, retrucando o mesmo olhar. Nicholas falou algo com ele, mas foi ignorado. Logo, ele passou a mão pelos cabelos, seus passos foram lentos, e sua atenção não desviou de mim. Quando achei que ele iria me atravessar com seu andar, apenas desviou passando bem do meu lado, batendo com o seu ombro no meu, propositalmente.

Nick tinha as duas mãos no ar, com uma posição que parecia mais “*o que aconteceu?*”. Na verdade, eu quem queria fazer essa pergunta.

— Cara, que loucura! — ele exclamou.

Esvaziei a boca, bebendo a sangria.

— O que houve? — Olhei pra trás e vi Ethan ir em direção à saída. Voltei a atenção para Nicholas de novo e ele aguardava respostas.

— Bruce Benett acabou de me acusar de ser o *pai* do filho dele e ficou dizendo coisas como: *você era um moleque fingido* e várias outras coisas e eu não entendi absolutamente nada. — Minha cara me entregava, ele fez uma pausa e então continuou — Por que acho que você sabe exatamente o que está acontecendo?

— E o que você respondeu?

— Bom, ele me acusou de ser o ex-namorado da esposa dele e eu expliquei que, na verdade, foram vocês dois quem namoraram por anos na adolescência.

Fechei meus olhos e esfreguei o rosto.

Bruce sabia.

Agora ele tinha certeza que Nicholas nunca fora o pai de Ethan, mas sim eu.

Sempre fui eu.

— Merda, fica aqui que eu já volto. — Eu estava de sangue quente. Anastasia também e, depois do que meu irmão me disse, eu tenho certeza que Bruce se incluiria nisso.

Encontrei-o passando pela recepção e indo em direção ao portão do cercado do hotel que dava no estacionamento.

— Bruce! — Gritei. Ele andava rápido e eu apenas tentava alcançá-lo. Se a disputa entre nós fosse real, eu sabia exatamente o que iria tirá-lo do sério. — Quero a paternidade de Ethan, eu quero a paternidade do *meu filho*.

E então os pés dele pararam. Ele continuou de costas sob o chão grosso e antes de se virar ele começou a rir, seu joelho girou e agora ele me encarava perplexo.

— Espera, você está dizendo que quer a paternidade do *meu filho*?

Jogo de cintura, era disso que eu precisava agora.

Não precisava de raiva e nem de ignorância.

— Quero fazer isso civilizadamente. — falei, pausadamente. Sentia-me frio, porém suava. — Sem brigas!

Bruce gargalhou e colocou as mãos nos joelhos, logo fechando a boca pensativo, ainda com aquele sorriso incrédulo no rosto.

— Você é um grande filho da puta. — cuspiu. — Eu te perguntei, Benjamin, te perguntei sobre a paternidade de Ethan e você mentiu.

— Isso não importa. — disse. — Não quero ter que brigar por causa disso.

Bruce se aproximou, trincou os dentes e apontou seu dedo no meio do meu rosto, e eu juro que quis quebrar sua mão e sua cara junto.

— Você é louco? Quando você a abandonou, sozinha, cuidando do velho Snow, quando ela nem conseguia cuidar de si mesma, eu quem estava lá, fui eu quem cuidou dela e do menino.

— Bruce, você precisa me escutar. — Quanto mais controle eu tentava ter, maior minha raiva ficava.

— Essa é a porra da minha família e vai continuar sendo, você me entendeu? — Sacudia sua mão à medida que seu rosto se aproximava ainda mais para falar, com medo de que os hóspedes que o conheciam pudessem nos ouvir.

Deu-me as costas e continuou andando em direção ao seu carro, e através da janela, eu pude ver a silhueta de Anastasia encarando nós dois.

Eu não podia deixá-lo ir embora com a última palavra como se fosse uma ordem.

— Ethan é meu filho, isso não é uma competição de cavalos. — Prestes a entrar no carro, ele deu a volta, transtornado.

— Se essa merda fosse uma competição, eu já o teria derrubado há muito tempo. — Sua mão se abriu em meu peito me empurrando para trás, e eu realmente não estava me reconhecendo ou talvez deveria estar ficando louco, porque em qualquer outra situação, ele já estaria caído no chão com meio litro de sangue escorrendo por seu nariz.

— Vou levar isso para justiça, posso provar que procurei por ela...

Bruce cuspiu no meu pé.

— É, eu sei bem disso. — O que ele queria dizer com isso? — Por pouco eu não te denunciei por perseguição.

— Espera... — Ele não podia ter feito o que eu estava pensando. — O que você fez?

— Ela já era minha, Benjamin, e eu a teria protegido do mundo inteiro se houvesse a real necessidade. Se Anastasia e Ethan tem tudo o que tem hoje, é porque *você não foi homem o suficiente*.

Desgraçado.

Ele a escondeu durante todas às vezes em que mandei detetives, paguei consultas no sistema por um número de telefone, um cartão de crédito, um endereço.

Era Bruce que nublava todas as minhas procuras.

Ele foi a barreira entre mim e ela.

Eu poderia ter encontrado Ethan antes dele nascer.

Poderíamos ter ficado juntos.

— Eu vou foder com você, Bruce.

Benett deu a volta no carro, abriu a porta e antes de entrar disse:

— Faço das suas as minhas palavras, Ben. — Ele bateu a porta do carro, abaixou o vidro da frente, e me olhando enquanto acelerava, terminou de falar — Você só está colhendo o que plantou. É muito mais parecido com seu pai do que você pensa. — Aquilo me atingiu de uma forma inesperada.

E sumiu na penumbra da noite, deixando o rastro de poeira pelo chão.

Anastasia o preferiu e escolheu em detrimento de mim.

Meu filho iria pelo mesmo caminho se eu não fizesse nada.

E, no final, quem perdeu única e exclusivamente, fui eu.

Vivi tempos demais uma vida pacata. O interior era assim, tudo ia e vinha com o vento, nada violento demais, estressante talvez, mais violento nunca. Experimentei um inferno particular desde que Bruce havia voltado. Não só porque ele me causava ódio.

— Benjamin. — Olhei para trás, era Nicholas. — Eu estou ficando assustado, cara, o que está acontecendo?

— Vem. — Chamei-o, entrando no *lounge* da piscina novamente, sentando-me no bar, e pedindo uma dose de Whisky ao garçom.

— Você vai beber?

— Ou eu bebo, ou faço uma merda hoje. — Exclamei tirando o copo do apoio de madeira e virando tudo na boca, balançando-o vazio para mostrar para o garçom, pedindo para ele encher novamente.

— Eu ouvi Bruce.

— Então já sabe. — afirmei.

— Não ficou claro.

Encarei meu irmão que se coçava de ansiedade em ouvir o que eu tinha pra falar.

— Ethan, o filho de Bruce, é o meu filho com Anastasia. Entretanto, ela disse que namorava com você no passado, e não comigo.

Nicholas arregalou seus olhos e entendeu o que me deixava em um estado de estresse que ele nunca foi capaz de ver antes.

— Garçom, quero o mesmo que ele, por favor. — Meu irmão pediu, ainda perdido. — Por um momento, achei que você fosse um comedor de casadas. — Não o respondi e ele me empurrou — Benjamin! Quando se tornou tão depravado? Mas que universo paralelo é esse? Ela não é casada com Bruce? Quando isso aconteceu?

— No passado. — Passei o dedo pela borda do copo querendo uma resposta racional, mas não tinha. Eu queria, ela quis, e foi assim que

aconteceu. — É mais forte que eu, Nicholas. É quase *incontrolável*.

— E agora?

— Vou recuperar a guarda de Ethan e deixar que ela prossiga a vida com seu marido.

— Bruce não me parecia muito interessado em deixar que você fosse o pai do menino.

— É para isso que existem advogados. — Nick debruçou o cotovelo na mesa do bar.

— Jura? Se não tivesse me contado, eu não saberia, irmão. — fingiu uma voz fina enquanto balançava a outra mão em desdém.

— Vocês dois parecem duas crianças de dois anos de idade. — Brooke se debruçou ao lado de Nicholas, sorrindo para o garçom que estava tão derretido por ela, que se ela jogasse um beijo do outro lado do bar, ele pularia pra pegar. — Uma dose de gin, por favor.

Meu irmão mais novo fechou a cara.

— Não precisa usar sensualidade, acho que educação já é o suficiente para que ele entenda. — Disse, emburrado.

Ela usava um vestido tubinho de Natal, com um sorriso sacana. Droga, aquilo era convivência demais com Nicholas.

— Você está linda essa noite, irmã. — elogiei e ela se envergonhou.

— Obrigada, Ben. — ela recebeu seu copo, e esticou o braço enquanto o garçom adicionava algumas pedras de gelo no interior da bebida. — Benjamim já te contou da novidade?

— Que eu tenho um sobrinho? Acabei de saber! Inclusive, acho que precisamos comemorar. — riu do caos alheio.

— É de uma péssima educação não ter trazido um presente sequer para o menino. — Brooke disse.

— Cheguei aqui achando que *eu* cheguei o mais perto de engravidar alguém na última semana, mas descubro que Benjamin resolveu correr na frente. — Ele me encarou e, mesmo querendo rir, não tinha clima, pelo menos não para mim. — Mas e, você, o que deu para o seu sobrinho?

— Um pequeno pônei de pelúcia. Vou deixá-los de verdade com Benjamin.

— Mas pensem pela parte boa, teremos um ente de mente sã dentro dessa família. — Murmurei vencido pelo estresse e todos ficaram quietos, pois sabiam exatamente do que eu falava, afinal, se não pode vencer o que te aflige, transforme-o em ironia e irrelevância.

— A loucura vou deixar pra vocês. — Brooke se pronunciou.

— Hoje é oficialmente Natal, que tal um porre de presente?

Encarei Nicholas, e acho que pela primeira vez, se tratando de bebida, eu precisava concordar com ele.

— Estou dentro! — resmunguei.

Meu irmão me empurrou levemente com o ombro.

— Já sabe o que vai fazer?

— Sendo sincero? Não. — Respondi.

Ele riu.

— Então a bebida vai dizer.

# **CAPÍTULO 37**

## **Anastasia Snow**

Fui a primeira a passar pela porta de entrada. Ethan passou logo atrás de mim e Bruce vinha furioso, levantando poeira desde que batera a porta do carro tão alto que me dera um susto.

Eu não consegui entender um pedaço sequer da conversa dele com Benjamin tentando tirar a atenção de Ethan para que ele não ouvisse o que eles diziam e nem ao menos se importavam que meu filho estivesse escutando tudo.

Mas eu sabia: Bruce sabia da verdade. Bruce realmente sabia de tudo agora.

A hora do confronto chegou e eu, talvez, tenha achado que estava preparada, mas não.

Nada te prepara para o problema, não importa o quão pronta você acha que esteja.

Você nunca está e isso é um fato.

Bruce bateu a porta da sala na mesma ignorância na qual bateu a porta do carro. Respirei fundo, deixei que Ethan subisse as escadas na minha frente e quando pisei no primeiro degrau, ouvi o rompante raivoso de Bruce logo atrás de mim.

— Você fica. — cortou o ar. — Ethan, você sobe e fecha a porta.

Meu filho parou no meio da escada, me encarou e depois o suposto pai.

— Mãe, você...

— Mandei subir, garoto. Agora mesmo! — Bruce insistiu e ele o fez.

O vento sacudia a janela do lado de fora, e aquele misto de silêncio, mistério e a raiva que eu via em seus olhos me deixava nervosa, ansiosa. Eu realmente não sabia o que viria a seguir.

— Bruce, eu... — eu não tinha intenção de falar nada, mas a falta de palavra entre nós, me assustava.

— Cala a boca. — ele ordenou andando de um lado para o outro. Seu rosto bronzeado estava vermelho. Sentei-me no sofá, já que os meus joelhos tremiam tanto quanto as minhas mãos, e mesmo que a casa estivesse fresca e arejada, minha pele brilhava de suor. Ele parou de andar e ficou de frente para mim, em pé. — Minha vontade agora é de te dar uma surra, mas honestamente, eu seria capaz de matá-la se encostasse a mão em você agora. — Um arrepió correu pela minha espinha.

Ele nunca havia falado daquele jeito comigo antes.

O que faria se soubesse que eu estava grávida, mais uma vez, de Benjamin?

Meu plano seguia o mesmo.

Mas, devido às circunstâncias, eles precisavam ser adiantados.

Minha situação era diferente agora.

Então, em um estalo, minha atitude imediata veio.

— Eu quero o divórcio. — O silêncio imediato de Bruce e a forma que ele paralisou, mostrou que ele não esperava aquilo de mim. Nem mesmo eu esperava tamanha coragem pelo simples fato de ter desenvolvido um medo após o episódio de agressão em que fui irracionalmente para a fazenda de Benjamin.

Meu, então, marido gargalhou alto, me deixando ainda mais assustada.

— Me responde uma coisa, vocês dormiram juntos? — questionou em um tom de ameaça.

— Não. — Menti.

— Fui feito de imbecil durante todo esse tempo? — olhou para o teto, atônito. — Eu fui a porra do único idiota que não sabia disso? Durante todo esse tempo vocês riram da minha cara?

— Ninguém riu da sua cara. — expliquei, apertando a borda do sofá com o peito de mão. — Eu sabia que Benjamin era seu amigo. Não queria que ficasse chateado.

Ele deu meia dúzia de passos, ficando a uma distância de quase 2 metros de mim.

— Eu não estou chateado, Anastasia. Eu estou puto. — atestou.

— Nosso casamento não aconteceu da forma que deveria, Bruce. Você sabe disso!

— Você está dizendo, na verdade, que nunca foi apaixonada por mim, seu interesse era em não morrer de fome. — Lembrar daquilo doía.

— Eu nunca menti sobre não estar apaixonada. Você precisou de uma boa esposa, e teve uma. Fui honesta, assim como estou sendo agora, *eu quero o divórcio*. — Frisei novamente. Eu não queria mais estar ali. Eu não queria mais estar próxima dele.

Nossa casa era um ambiente que me fazia sentir mal.

Como se algo se pendurasse em meus ombros e eu fosse incapaz de deixar esse peso de lado, mas de certa forma, eu levaria muito tempo até me sentir leve outra vez.

— Você só pode ter ficado maluca. — Bruce se aproximou da porta e deu um soco contra a madeira. Ela estremeceu e eu sabia que aquele ato deveria ser desferido em meu rosto, pois era exatamente o que ele queria.  
— Você não vai se ver livre de mim assim. Benjamin aparece e você realmente acha que vou deixar a criança que criei por quase nove anos ir

embora assim, eu investi tempo em vocês! — andou de um lado para o outro, frenético. — Vou até o inferno se for preciso.

Estava escrito em seu rosto a ameaça.

— Não somos um investimento. Você não pode me obrigar a continuar casada com você.

Com raiva, ele deu alguns passos em minha direção, agarrando meu queixo com a ponta dos dedos e, com força, sacudiu meu rosto, incrédulo.

— Se depois de tudo que fiz por vocês, você tentar sair de dentro dessa casa com *o meu filho*, você vai amanhecer como uma mulher drogada, pegarei todos os laudos de consulta com o psicólogo depois que você deu à luz a Ethan e usarei contra você. Se Benjamin tentar tirar o menino de mim, vou alegar que você foi abandonada, que me traiu, eu comprarei o júri, vou queimar rios de dinheiro com os melhores advogados desse país só para foder com você! — Meus olhos instantaneamente encheram de lágrimas. Eu poderia aguentar ameaças e porradas, mas ameaçar tirar a única coisa que eu tinha de bom era demais para mim. — Você vai perder o seu filho porque foi uma ingrata e sairá fodida desse casamento porque só pensou em você.

— Você não teria coragem. — sussurrei.

Eu estava em frangalhos com o mínimo vislumbre do que ele me prometia de forma tão crua e cruel.

Ele usava meu passado como um agouro persistente que me arrastava para o fundo obscuro da minha mente.

— Coragem? Eu tenho de sobra, só me falta a motivação. — soltou meu queixo com rudez. — Agora, eu te pergunto, você vai me dar essa motivação, Anastasia?

Benjamin havia mostrado que eu não deveria ter sequer cogitado confiar nele desde o início e, mesmo acreditando que eu havia feito certo,

confiar em Bruce foi pior ainda. A guarda de Ethan foi como um seguro para que eu continuasse com ele, e mesmo que fosse dolorosamente inegável, ele estava vencendo.

— Não... — Sussurrei vencida.

Arrastei meu corpo anestesiado do sofá pelo chão, encarando, ainda sem acreditar, o que eu havia acabado de escutar.

Bruce me colocaria como uma viciada perante a justiça.

O que eu pensei quando aceitei aquele casamento?

Eu saí de um inferno pra me enfiar em outro, a diferença entre os dois, é que o anterior me cozinhava rápido, ligeiro, já este, começou devagar, prolongando os danos ao longo do tempo. Eu mesma me crucifiquei o tempo inteiro, tentando ser alguém que eu não era, enclausurando o meu verdadeiro eu dentro dessa Anastasia, que queria ser a esposa perfeita em agradecimento a Bruce, como se ele tivesse feito alguma caridade ao registrar Ethan e nos dar um teto digno.

(...)

A semana correu rápido.

Nem sinal de Benjamin ou de qualquer outra pessoa.

Uma parte minha desejava que Ben tivesse desistido da ideia da paternidade de Ethan, mas a outra se sentia profundamente triste com essa possibilidade, porque o que eu via na decisão dele era o amadurecimento que eu quis que acontecesse no passado, mas infelizmente não houve, culminando no nosso presente.

Vi em Benjamin, a falsa possibilidade de ter feito a escolha certa no passado.

Ledo engano.

Bruce não me deu o divórcio. Mal parava na fazenda e perguntava às empregadas sobre cada passo que dei dentro de casa, com quem falei ou se recebi qualquer visita. Se antes Ethan não recebia atenção dele, agora que ele literalmente havia se ausentado.

Éramos estranhos morando dentro da mesma casa.

Pensei em fugir na virada de Ano Novo, mas sequer consegui levantar da cama para algo que não fosse ir até o vaso esvaziar o que nem tinha no estômago.

Uma situação precária que mal me deixava dormir.

Antes, os problemas eram administrados com inteligência, mas como eu administraria a omissão de uma gestação de um homem que ameaça me tirar meu próprio filho?

Bruce resolveu recuperar sua imagem perdida diante dos homens que estavam presentes no torneio na fazenda *Kingshorse*, aceitando fazer uma competição de cavalos em nossa fazenda, para talvez mostrar para todos, que ele não era um homem tão fraco quanto aparentava ser.

Os Kingsman não foram convidados. Bruce não se rebaixaria a tanto.

— Se comporte. — meu marido exclamou, parado na porta, me encarando pelo espelho na parede do quarto.

Não tive coragem de encará-lo, não depois da ameaça velada dos últimos dias. Aquilo foi um fato que separou as águas entre nós dois, levantou-se um muro de aço, que não importa o quanto ele tentasse, ele jamais derrubaria.

— Sempre me comporto. — Afirmei.

— Conto com isso.

Ethan passou por ele, que se retirou, deixando meu filho e eu a sós.

Ele subiu o queixo, me encarando depois de ter sentado na cama e me esperado terminar de pentear meus cabelos úmidos.

— Você está bonita. — elogiou-me. Seus cabelos foram escovados, seu olhar azul era avaliativo, mas também de admiração.

Aproximei-me, deixando um beijo em sua testa.

— Você também está lindo, meu amor. — Ethan tinha nove anos agora, e eu conhecia muito bem o filho que havia botado no mundo. — Conheço esse olhar. No que está pensando?

Ajoelhei-me na frente dele, tomando seu rosto, que já fora tão pequeno, em minhas mãos.

— Eu...

— Eu? — Perguntei.

Ele soltou o ar do peito e finalmente disse.

— Os pais da minha escola são diferentes do meu.

Levantei a sobrancelha.

— O que quer dizer com isso?

— Meu pai não brinca comigo, não me leva para andar de cavalo como o tio Ben e a vovó Darla parece que está sempre chateada comigo, mas eu não sei o que estou fazendo de errado. — Ethan era tão ingênuo, que o fato dele não perceber o que realmente estava acontecendo, acabava comigo. A rejeição de Bruce era algo tão nítido, que qualquer um poderia ver.

— Seu pai... É só um pouco ocupado, e sua vó é só um pouco... orgulhosa demais.

Ele me encarou.

— Mas o tio Benjamin tem muito mais tarefas que o mantém ocupado e me dá mais atenção do que o meu pai em muito tempo. — Falou.

Qual argumento eu usaria para embargar o que ele tinha na cabeça?

Nada.

Não tinha como defender Bruce Benett, e mesmo que eu o tentasse defender, seriam minhas palavras contra a forma que o seu pai o tratava.

— Eu vou conversar com ele, tudo bem? — Senti meus olhos molharem e o abracei para tampar as lágrimas.

— Mãe? — Fiz que “sim” sem abrir a boca. — Eu não gosto quando ele... faz *aquilo* com você.

— Aquilo?

— Quando ele grita e te deixa triste. — ele esfregou seu rosto em meu ombro. — Às vezes consigo ouvir do meu quarto.

Eu era uma péssima mãe.

O que eu estava fazendo com as nossas vidas?

— Isso vai mudar, meu amor! Eu prometo. — Respirei fundo, engolindo a tristeza e limpando o rosto antes de beijar suas bochechas. — Vamos descer! Tudo bem?

Ethan acenou com a cabeça, nós descemos.

O lado de fora estava completamente lotado e abafado. Para completar, a quantidade de pessoas dentro do cercado da fazenda era muito maior do que o espaço suportava. A prova disso era a ideia de que eu mal conseguia andar entre as pessoas, tendo que, gentilmente, pedir “licença” de um em um minuto.

Bruce me encontrou com um olhar, enquanto estava com seus pais e um grupo de homens. Eu tentei voltar, mas o excesso de corpos impedindo a minha volta era muito maior para que eu andasse para qualquer lugar que não fosse para frente.

Eu já não me sentia bem há dias e aquela sensação de fadiga e pressão baixa só aumentava a cada hora que passava. Meu único desejo era ter um pouco de paz no momento, porque pelo menos assim, eu poderia

tentar bolar um novo plano, até mesmo para fugir com Ethan se tivesse a real necessidade.

Vesti um sorriso falso no rosto, puxei o ar e me aproximei deles.

— Anastasia. — minha sogra murmurou. — Demorou demais. — Seu tom era seco, de advertência. — Bruce estava te esperando.

— Estava cuidando do *meu* filho, Darla. — respondi no mesmo tom, sem a menor das paciências.

— Meu filho não paga empregadas à toa, é para isso que elas servem, cuidar do seu filho e da casa, para que você cuide do seu marido.

— Falou baixo, para que as companhias não escutassem, embora ela não pudesse esconder o rosto retorcido...

— Seu filho paga empregadas e não uma mãe. Da responsabilidade do meu filho cuido eu, que foi quem o pariu. Se eu não der atenção àquela criança, quem vai?

Meu marido me encarou, com raiva por eu usar da mesma artimanha que sua mãe. Agarrou minha cintura com ignorância quando me aproximei. Soltei um suspiro de dor quando senti seus dedos pesados sobre o último osso de minha costela.

— Esta é a minha esposa, Anastasia. — ele me apresentou, aproximou a boca do meu ouvido, trincando os dentes, com um sorriso forçado. — O que eu disse sobre se comportar?

— Eu estou me comportando, mas não vou ficar de boca fechada enquanto sua mãe implica até com a minha função materna para com Ethan.

— Ignore-a.

— Quando falar do meu filho, não. — Retruquei.

— Acho que a vi em algum lugar. — Um dos homens, acompanhado de uma mulher que provavelmente era sua esposa, exclamou, com um

sorriso no rosto. Ele vestia um terno cinza, muito bonito. Me deu dó por ele ter um sapato tão encerado em um chão tão cheio de poeira como aquele.

Forcei um sorriso no rosto.

— Viemos a pouco tempo pra cá. — exclamei.

Bruce me puxou ainda mais pela cintura, beijando meu rosto, e eu senti seu hálito azedo, aquilo me embrulhou o estômago. Passei o olhar pelas pessoas, e do outro lado de onde estávamos, encontrei um olhar familiar: Brooke Kingsman, me encarando diretamente, sem piscar os olhos.

— Oh, meu deus, acho que agora me lembro. — A mulher ao lado do homem botou a mão na boca, em um sinal de surpresa, e riu. — Há algumas semanas, Benjamin fez um pequeno torneio para as crianças em seu Hotel, foi a tarde, se não me engano, eu vi você lá.

Merda.

Merda.

Merda.

Bruce não sabia daquilo.

— Ah, foi mesmo? — Benett continuou me apertando e eu soltei o ar que prendia para manter a postura. Aquilo estava me machucando.

— Bruce... — Sussurrei. — Está me machucando. — continuei tentando afastar o tronco do seu aperto, mas ele forçou ainda mais. Nossa companhia sequer percebeu.

— Agora estou lembrada. Você estava na grade, em pé junto de Benjamin, Lence inclusive achou que fosse Bruce. Não é mesmo amor? — Ela apertou o braço do marido que balançou a cabeça.

— O menino, pequeno, seu filho, estava com vocês! Meu filho, inclusive, participou do mesmo campeonato. — e começaram a rir, felizes.

— Acho que você está se confundindo. — Tentei me esquivar.

— Não, eu tenho *certeza* que a vi.

Darla me fuzilou.

— Você não estava junto, Bruce?

Ele escarrou a saliva da garganta.

— Tive um compromisso nesse dia e... — Nem mesmo ele tinha condições de formular alguma mentira.

Brooke continuava me olhando.

Encarando-me.

Cortei o contato com ela e encarei Bruce, que tinha olhos tão cerrados que me deu medo.

— Quero entrar dentro de casa. — murmurei, me virando completamente pra ele, ficando de costas para a porta.

— Que história é essa Anastasia? O que você fazia na fazenda de Benjamin sem mim? — aproximou seu rosto do meu.

Meu coração estava batendo forte, na garganta, dentro da minha cabeça, como um tambor que aumenta de volume a cada segundo.

— Ela está enganada.

Ele riu, amargo.

— Você sabe que não está. — insistiu. Seu olhar desviou do meu por alguns segundos, deixando seu semblante ainda mais estressado que antes.

— Por que convidou Brooke Kingsman?

Deus, do que ele estava falando?

Faltava-me ar.

E não importa o quanto eu tentava puxar pela boca e pelo nariz, parecia que nem um pouco deles chegava ao meu estômago, pelo menos, não o suficiente para evitar que minha visão turvasse como estava acontecendo agora.

— Eu não... convidei. — Eu disse, sem fôlego.

Sem que eu esperasse por qualquer ação dele, Bruce avançou contra minha boca na frente de todos, porque sua real intenção, era que Brooke assistisse tudo que camarote. Com a pouca força que eu tinha, mordi sua boca, fazendo-o se afastar e lhe acertei um tapa no peito.

— Meu deus! — Darla gritou.

Todos olharam.

Todos que estavam à nossa volta ouviram o barulho do tapa, mesmo com o som de conversa alta, com o som de cavalos.

Passei a mão no peito, perdendo parte da audição.

Afastei-me em passos curtos, tentando encontrar um caminho para longe de Bruce, mas antes de dar o quarto passo, eu senti meus joelhos dobrarem, o impacto no chão e pés turvarem antes de tudo escurecer.

## **CAPÍTULO 38 | PASSADO**

### **Benjamin Kingsman**

Pelos vitrais da igreja entrava uma luz tão forte, que me fazia querer fechar os olhos. O paletó em meu corpo me sufocava, o cheiro forte e azedo de flores me enjoava, a música do violino no primeiro andar, por onde Helen passaria em breve, me deixava nervoso, mas não de uma maneira boa.

Eu queria ir embora.

Eu queria fugir.

O Benjamin sonhador morria aos poucos, porque não havia nada parecido com os sonhos que um dia tive, quando eu andasse em direção aquele altar.

Eu diria sim para uma mulher que queria dizer não.

Era o meu dever, era minha obrigação.

Os dias precisaram passar para entender que a verdadeira tragédia, não foi a morte de Jhonatan, mas sim aquele casamento.

“*Em prol da família*” me obrigou a pensar.

Mas quem faria algo em prol de mim?

Quem me defenderia?

Quem me traria Anastasia de volta?

Eu havia trocado uma família pela outra e eu sei que ela jamais me perdoaria.

O que para os Fitzgerald era um novo início de ciclo entorpecido com doses exageradas de felicidade, era o fim do caminho para mim, sem volta, mesmo que eu me divorciasse em algumas semanas.

Eu estava em uma espécie de camarim, enquanto me encarava no espelho à frente, pensando que, talvez, a única forma de escapar daquilo fosse a morte, mas eu seria um covarde se o fizesse.

Que tipo de homem deseja a morte ao enfrentar os problemas da vida? O quanto fraco e desesperado eu estava a ponto de pensar isso?

A porta fez um barulho alto ao ser aberta.

Nicholas passou por ela vestindo um terno azul-escuro, a gravata atada ao pescoço largo, com os cabelos já maiores, devidamente penteados para o lado e um pequeno sorriso medíocre nos lábios. Se ele não tivesse notado tamanha tristeza em meus olhos, certamente seu sorriso estaria muito maior.

— Você não me parece feliz. — Ele sugeriu, ironicamente.

— Isso é um problema? — Perguntei, apertando a gravata.

— Para mim? Nenhum. Eu acharia estranho se tivesse. — Ele se sentou no sofá, de qualquer jeito, com as pernas por cima do braço do sofá, pegando uma maçã sobre a mesinha embaixo da janela.

— A igreja está muito cheia? — Questionei.

— Não sei se eu deveria te responder, mas... sim! Resta apenas um banco vago! Helen ainda deve demorar, segundo a mãe dela.

— Ótimo. — falei, sentando no sofá à sua frente. Apoiei os cotovelos no joelho e esfreguei o rosto, querendo acordar daquela merda de pesadelo.

— Sente falta dela, não sente?

— A cada maldito segundo. — Sussurrei.

— Não te julgo. — Nick sibilou. — Acho que me senti um pouco mal, sabe?! Você é o meu irmão e eu não gosto de ver você ou Brooke infelizes.

— Não agora, mas talvez quando você estiver mais velho, vai entender que certos sacrifícios precisam ser feitos.

— Eu não sou uma criança. — me contestou.

— Eu não disse que você era uma, Nick. — subi a mão para seu ombro, apertando em um gesto de irmandade. — Penso que, talvez, poderia ser pior. Esse casamento será a nossa liberdade. — Sorri, sentindo aquele misto de alegria e tristeza dentro de mim — Você vai poder estudar o que quiser, Brooke também. Sem cintos ou rádios com aquela música imbecil.

— Ele riu, tristonho.

— A nossa felicidade agora é a sua infelicidade, Ben. Não é Anastasia que entrará por essa igreja hoje.

Odiava me lembrar, mas eu sabia que depois de sair dali, eu me recordaria disso todos os dias.

— Acho que é tarde demais para pensar sobre isso. Talvez eu mereça.

— Do que está falando? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Talvez eu nunca pudesse ser alguém bom o suficiente para ela.

— Eu não conheço um homem mais justo que você, irmão. — Eu sorri encarando o chão com aquelas palavras, que embora fossem de coração, era como se Nicholas tentasse passar pomada em um tiro no meu peito.

— Nós erramos, Nick, mas o que nos difere dos imbecis é a nossa vontade de reparar.

— E você errou? — Ele me perguntou.

Eu suspirei.

— Talvez, sim.

— E por que não reparou?

Estiquei-me no sofá, olhando para o teto cor de creme e, logo após, o encarei mais uma vez.

— Porque se o reparasse, nós não estaríamos tendo essa conversa nesse exato momento.

Alguém abriu a porta, anunciando que Helen já estava na porta da igreja, dentro do carro e que eu precisava esperá-la no altar.

Quantos pesadelos eu já não vivi enquanto Jhonatan estava vivo? Entrar naquela igreja com alguém que não fosse Anastasia seria só mais um.

Agarrei meu irmão pelo ombro, apertando-lhe os ossos e beijando sua cabeça. Ele ainda não era mais alto que eu.

— Só de saber que suas feridas vão finalmente poder sarar sem que sejam abertas novamente na semana seguinte, já significa muito pra mim.

Ele devolveu o gesto na mesma intensidade.

— Te amo, Ben! Eu faria de tudo pela nossa família! — Eu sabia que Nicholas chorava.

— *Tudo por nós!* — Sussurrei, soltando-o, encarando bem os olhos que ele tentava secar, vermelhos.

— *Tudo por nós!* — Ele repetiu.

## **TEMPOS ATUAIS**

**Benjamin Kingsman**

Talvez eu realmente fosse como Jhonatan.

Falei tanto dele, que hoje, a possibilidade que eu seja uma cópia dele é tão grande que me assusta.

Os dias se passaram, um novo ano entrou e, por indicação do advogado, tive que parar de ir até Ethan para vê-lo.

Eu tinha saudades dele.

O judiciário estava em recesso de início de ano e isso era uma merda. Fazia-me pensar no porquê de eu não ter resolvido isso antes. Por que dei ouvidos para Anastasia? Por que acreditei que ela abria a boca e, realmente, dizia a verdade? Por que acreditei que ela, talvez, não confiasse em mim, quando na realidade, era eu quem não deveria confiar nela?

E se eu tivesse insistido? E se eu tivesse achado outra alternativa para ficar com ela e sustentar minha família? Eu poderia tê-la agora.

Eu poderia ter o meu filho, eu poderia ter a minha *própria família*, assim não a teria perdido.

Meu destino já estava traçado.

Anastasia escolhera Bruce e não a mim.

Eu não era o suficiente.

Não fui para Jhonatan como filho, não fui para Anastasia como homem e, talvez, também não seja para Ethan como pai.

A porta do meu escritório abriu e Brooke entrou por ele com uma cara assustada e, ao mesmo tempo, irônica quando viu a garrafa de Whisky quase vazio sobre a minha mesa, ao lado do computador.

Não só era visível a minha embriaguez como o fedor forte de álcool na sala.

— Meu irmão virou o Drácula e eu não estou sabendo? — Ela perguntou, se aproximando devagar.

Meu pescoço doía por estar sentado encarando o teto há muito tempo, mesmo com as costas no apoio da cadeira.

— Acho que o Drácula desfruta de mais alegria que eu no momento.

Ela se aproximou, debruçando-se sobre a minha mesa, tirando o sorriso caótico do rosto.

— De nós três, você é o que menos consegue esconder quando alguma coisa te abala. — E ela estava certa.

— Sou humilde, deixo o posto de excelência para você e Nicholas.

— Minha mãe fez o almoço. Expulsou metade dos cozinheiros e tomou posse de um dos fogões. Ela quer comer conosco hoje.

Dei uma risada fraca.

— Elizabeth não perde a oportunidade de mimar os filhos.

— É, você sabe disso.

Brooke olhou para a lareira do escritório, enquanto algo pegava fogo, ou pelo menos tentava pegar. Aproximou-se, empurrando a imagem que revelava minha foto com Jhonatan em um dos campeonatos de hipismo, que nem para virar cinzas prestava.

— Como isso veio parar aqui?

Eu a encarei por alguns míseros segundos.

— Achei que queimando isso, me lembraria quem eu não deveria ser.

— suspirei. — Mas... me enganei.

Deu alguns passos sem rumo, para o fundo da sala.

— Vi Anastasia ontem. — Encarei-a com atenção e ela percebeu. — Bruce deu um evento na nossa antiga fazenda e eu fui com alguns *amigos*...

Ergui as sobrancelhas.

— *Amigos*?

Suas bochechas coraram.

— É... — continuou, se aproximando da janela, de costas pra mim, e logo retornou, me deixando vê-la de frente, com os mesmos passos aleatórios. — Como eu estava dizendo antes, eu vi Anastasia lá. Bruce e ela não pareciam muito... *felizes*! Acho que eles estavam discutindo, e logo depois ela desmaiou e foi levada às pressas para o hospital.

Estalei a língua no céu da boca.

— Bruce não está feliz, pelo menos não depois que descobriu que sou o pai de Ethan, mas deve pelo menos estar aliviado de saber que Anastasia está esperando um filho dele.

— Acho que Nick me contou algo do tipo. — resmungou. — Achei, por um momento, que te encontraria lá.

Balancei a cabeça negativamente.

— E por que eu iria?

— Porque você é um Kingsman, Benjamin.

— Eu não teria coragem de aparecer lá depois da noite de Natal. Esse poço de coragem e falta de senso, prefiro deixar para Nicholas.

Ela gargalhou e se aproximou da mesa, mais uma vez, espalmando as mãos na superfície de vidro.

— Não, você está errado. Se fosse Nicholas no seu lugar, ele iria lá mesmo sem ser convidado, tomaria Anastasia para uma dança, provaria da boca dela, e faria algo que Bruce não faz tão bem quanto você, ser um bom pai.

— E por que você me classifica como um bom pai se sequer viu alguma interação minha com o menino? — perguntei, curioso.

— Passarinhos me contaram.

— Elizabeth? — E ela riu. — Eu disse que Anastasia está grávida do marido. O que quer que eu faça?

— Não tentar entrar em coma alcoólico já está de bom tamanho para mim. — Suspirou. — Vou dizer a nossa mãe que você já vem.

— Eu não vou. — disse, duramente.

Brooke pareceu não ligar.

Ela ergueu-se, me deu as costas enquanto andava até a porta, mas antes de sair, envergonhada, sorriu e disse:

— Seja o Benjamin que sempre foi. Sei que se fosse Nicholas em seu lugar, ele não faria a escolha correta, mas você, sim, amado irmão. O universo sabe o que faz. *Estamos sempre no lugar certo, na hora certa, Ben.*

Não a vi sair, apenas ouvi o barulho da porta bater devagar, quase silenciosamente.

Peguei a garrafa de destilado na mão, sacudindo-a e observando o restante de líquido que não era sequer suficiente para uma golada, virei na boca ainda com uma pequena esperança de que algumas últimas gotas despencassem em minha língua, mas foi em vão.

— Se embebedar no horário de almoço não é algo típico seu, meu filho. — Eu literalmente tomei um susto. O fundo da garrafa bateu contra a mesa e meu coração ainda se recuperava da presença inesperada de Elizabeth.

— Que susto! — Ela sorriu. — Eu não vou almoçar, mãe!

— E posso saber por qual motivo?

Passei o dedo em uma das sobrancelhas.

— Falta de fome.

— Fala como se eu não conhecesse você. — Ouvi seus passos no carpete.

— Só respondi a sua pergunta.

— Não, Benjamin. Você só falou o que acha que quero ouvir, mas o que eu quero ouvir não é isso, eu quero uma resposta honesta.

Ergui o olhar, encontrando os olhos dela. Tão ternos. Elizabeth já havia aguentado coisa demais com Jhonatan e eu sabia que se tivesse metade da paciência e paz de espírito dela, eu teria respirado fundo e pensado “vai passar, uma hora vai.”

— Você acha que sou igual a Jhonatan?

Ela absorveu a pergunta e me encarou como se eu a estivesse xingando.

— Talvez a fisionomia, mas não há nada de Jhonatan em você, em Nicholas ou em Brooke. — Dei uma pequena risada. — O que te leva a pensar nisso?

— Abandonei Anastasia grávida, mãe. — Aquela maldita lembrança era como ácido líquido, perfurando minha carne e arrancando de mim qualquer indício de felicidade.

— Como assim?

Eu me levantei, caminhando até a janela da sala, encarando o terreno plano da colheita que foi feita algumas semanas antes da temporada de chuva.

— Depois que meu pai morreu, ela foi até a nossa antiga fazenda e... me contou que estava grávida. — suspirei fundo. — Eu disse que não podia ter um filho naquele momento, falei sobre a Helen, que eu tinha que me casar por causa do testamento de Jhonatan... ela foi embora e eu deixei que ela fosse embora. Depois viajei para o interior e... quando voltei, ela sumiu. — Olhei para o céu. — Eu perdi a vida inteira do meu filho, eu vivi uma vida infeliz achando que era infeliz, mãe.

Ao encarar Elizabeth, seu rosto havia mudado. A respiração mesclada com uma pitada de desespero era nítida na meia luz do escritório, seus dedos se esfregavam um no outro em um sinal nato de ansiedade que eu conhecia muito bem.

Ela ficava da mesma forma quando Jhonatan a ameaçava.

O que a deixaria tão nervosa quanto uma ameaça do homem que a violentou a vida inteira? O que deixaria Elizabeth Kingsman tão desequilibrada?

— O que foi? — Perguntei, preocupado.

— Anastasia estava grávida de Ethan quando Jhonatan faleceu?

— Foi o que acabei de dizer. — Respondi. Ela deu alguns passos para trás, e ficou de costas, até recuperar o controle das suas mãos que tremiam, para me encarar novamente munida de um poço de coragem.

— Tem algo que... eu nunca contei a você, Benjamin. Algo que fiz, mas eu não sabia, *eu juro*.

Já sentiu alguém lhe pisar no peito? Como se estivesse tirando poeira da sola do pé, com raiva? Era isso que eu sentia nesse exato momento. O osso de minha caixa torácica havia ficado pequena para os meus pulmões, meu coração estava envolto de uma claustrofobia dentro do meu peito, batendo tão rude que eu podia senti-lo nas têmporas.

— O que você nunca me contou, mãe? — Recitei tão baixo que, provavelmente, ela nem mesmo havia me ouvido, mas com a ansiedade estampada em sua face, eu duvido muito que ela tivesse cabeça para me pedir para repetir, quando tudo o que ela precisava, era botar para fora o que estava entalado.

Ela se aproximou de mim, segurando meu rosto entre os dedos, beijando minhas bochechas por cima da barba mal feita, olhos marejados e um engasgo na garganta que em breve viraria um choro compulsivo.

— Eu te amo, Ben. Eu só queria te proteger...

Eu havia aprendido uma vez na escola, na aula de sociologia em específico, que quando pedimos desculpas antes de contar o problema, significa que o problema é grande, e que a desculpa vem antes para amenizar o impacto, mas dessa vez, com minha mãe agora a minha frente, não acho que o que ela vá me contar será amenizado com seu pedido sôfrego de perdão.

Minhas mãos repousaram em seu ombro, tremendo talvez tanto quanto as dela.

— O que você fez? — Perguntei, sem fôlego.

— Eu só pensei na nossa família, se eu soubesse que ela estava grávida antes eu... — Agarrei seus ombros mais forte, sacudindo apenas uma vez, vendo-a comprimir os olhos.

— Que merda você fez, Elizabeth?

Soltei-a quando ouvi o mesmo choro de quando Jhonatan a agredia. Quando Jhonatan a arrastava pelo corredor do segundo andar, o mesmo choro de quando ela viu Jhonatan *quase matar Brooke naquela noite*.

— Quando você foi para o para o interior, após a morte de Jhonatan, Anastasia te procurou em nossa fazenda. — Arregalei os olhos. — Eu mostrei os convites de casamento para ela.

— O quê? — Trinquei os dentes, atônito. — Os convites de casamento só foram feitos depois que eu cheguei.

Eu a vi tentar engolir saliva.

— Eu menti. — disse — Eu pedi que fossem feitos logo após o falecimento de seu pai.

— O que você disse a ela? — Eu sabia que Elizabeth estava com medo do meu estado, mas eu simplesmente *não conseguia controlar*.

— Eu... Eu disse que Helen era melhor para você, que aquele casamento beneficiaria a família, beneficiaria Brooke, Nicholas, os estudos, e que se a união de vocês não acontecesse, o prejuízo...

— Você não fez isso... — murmurei. — Você deu a porra do convite de casamento para mulher que esperava um filho meu e não tinha absolutamente ninguém na vida?

— Ela tinha William Snow.

Gargalhei alto.

— Então essa é a sua desculpa? Anastasia tinha o avô? Você se amparou nisso para fazer o que fez? — Eu nunca senti tanto ódio de alguém

na vida como eu sentia dela. — O velho Snow estava com Alzheimer, à beira da morte e era Anastasia quem cuidou dele.

Beth perdeu um pouco do medo.

— Como eu poderia saber? Se ela te amasse, teria ficado.

Ri em ironia.

— Anastasia nunca quis ser um peso pra mim! Ela sempre bateu nessa tecla, Elizabeth. O que você teria feito quando o homem que te ama vai casar com outra, diz que não pode ter um filho naquele momento, e a mulher que deveria ser a sogra dela, praticamente a expulsa como a porra de um pedaço de lixo? — minha mãe permaneceu calada. Meus pés ganharam vida própria na sala, andando de um lado para o outro, mãos entre as mechas de cabelo, meu corpo quente, rosto em chamas e a respiração tão falha que se eu tentasse correr, teria um infarto. — Sobre mim e Anastasia, você sabia sobre eu e ela? Desde quando?

— Encontrei vocês dois juntos no celeiro uma vez.

— E por que nunca me disse isso?

— Porque achei que ela poderia ser uma distração para você, dentre todo aquele inferno que Jhonatan fazia a gente viver.

*Deus, quantas mentiras.*

— Você está me dizendo que sabia que eu me relacionava com Anastasia e a usou como uma distração para mim? Como se ela fosse um boneco descartável? — Quanto mais eu cavava, mas podre ficava. — O casamento com Helen?

Ela olhou dentro dos meus olhos.

— Eu... já *sabia*. — murmurou. — Eu não sabia que Anastasia estava grávida. Isso teria mudado tudo, filho.

— *Filho*? — questionei — que tipo de mãe é você, Elizabeth?

— Ela não seria uma boa esposa para você.

— Então você sempre pensou como Jhonatan, certo? A sua forma de pensar nunca foi diferente da dele. — Peguei o álbum de fotos dentro de minha gaveta, cheio de imagens nossas, Brooke e Jhonatan, ela e meu pai juntos. Aqueles eram momentos de merda que eu não queria me lembrar, que eu nunca queria ver de novo, mesmo que talvez, em algum momento, minha mente trouxesse de volta.

— O que está fazendo? — Ela perguntou, ameaçando se aproximar.

Com raiva, taquei o álbum inteiro nas chamas da lareira causando uma pequena fumaça cinzenta pelas cinzas que ali jaziam, algumas fotos despencaram flutuando pelo ar lentamente até o chão.

— Quero que vá embora da fazenda. — Encarei-a.

— O quê? — Eu sabia que ela não acreditava, pelo fato direto de que eu nunca levantei minha voz diante dela, pelo menos não até agora.

Minha voz rompeu com agressividade no ar.

— Você fodeu a minha vida. — gritei. — Achei que com a morte de Jhonatan tudo ficaria maravilhoso, mas a segunda versão dele está bem na minha frente. — Como eu nunca percebi isso antes? — Você poderia ter parado com as surras, você poderia ter parado com as agressões. — A fúria se misturava com a raiva em uma intensidade que me cegava. — Nicholas só tinha nove anos quando você assistia Jhonatan agredi-lo como se agredisse um homem. Você poderia ter ido embora conosco quando éramos crianças.

— E para onde iríamos?

— Debaixo de uma ponte seria melhor do que estar lá, Elizabeth. — Gritei forte, com a dor da alma, dando em seguida um soco contra a estante, depois outro, e outro, até que ela caiu. — O inferno teria sido melhor do que aquela casa. — O armário caiu junto a centenas de livros no chão e ela

puxou o corpo com o susto. — Faz ideia de como é a nossa cabeça? Faz ideia de como crescemos fodidos?

— Não fale por Brooke e Nicholas, eles têm sã consciência, não use seus problemas com Anastasia para falar pelos seus irmãos.

Gargalhei. Meu rosto pegava fogo enquanto a via falar como se tivesse um pingo de razão.

— Sã consciência? — Me aproximei, agarrando seu braço. — Você não faz ideia de como é a cabeça de Nicholas hoje. Não faz ideia do que tem por trás daquele senso de humor irônico, talvez nunca vá saber por justamente só olhar para o seu próprio nariz. — A figura que eu tinha de Elizabeth caía por terra bem diante de mim. Era como saber que minha mãe era uma mulher que eu talvez nunca tenha conhecido. — Afinal, Brooke, Nicholas e eu poderíamos ter aguentado mais alguns anos de braços e costelas quebradas para que você não fosse para rua, não é mesmo?

— Eu posso ter errado em não ter defendido vocês o suficiente, mas aguentei por vocês, Benjamin.

— Eu também posso ter errado, mas o que você fez enterrou todos os anos que eu poderia ter tido com Ethan. Você terminou de ajudar a jogar o meu filho nos braços de outro homem que nem ao menos soube ser pai o suficiente para ele.

Beth puxou o braço.

— E você teria sido um pai exemplar? — Aquilo me pegou de uma forma que eu jamais saberia explicar. Joguei todos os vasos que estavam em minha mesa. O barulho era alto, mas eu só precisava queimar aquela raiva como fogo queima o papel pra se alimentar. Elizabeth espantou-se, porque de todos seus três filhos, eu era o mais centrado. — Eu te amo, meu filho, sei que vai me entender. Você errou, assim como eu. Se acha que Anastasia deve perdoar você, precisa me perdoar também.

— Vai embora.

— Não seja como seu pai. — Ela exclamou.

— Nisso, talvez você seja melhor do que eu, mãe.

— Tudo por nós, meu filho. — Ela exclamou e eu senti repulsa.

— Nunca foi tudo por nós, mãe. Sempre foi tudo por você!

A porta se abriu e, por ela, Brooke passou, arregalando os olhos para o estado em que se encontrava minha sala.

— O que aconteceu aqui? — Eu diria que um furacão poderia ter passado por ali.

— Nossa mãe está de partida. Peça que Tom chame um táxi para ela, talvez ela possa contar para você o que aconteceu enquanto faz as malas.

# **CAPÍTULO 39**

## **Anastasia Snow**

Acordei com uma baita dor de cabeça, daquela que parece que tem alguém com uma marreta gigantesca sobre sua testa, que fica mais pesada a cada minuto.

Não havia ninguém no hospital que não fosse Bruce.

Os médicos nada falaram e eu mesma não tive a menor coragem de perguntar. A boca seca parecia ferir minha garganta, que necessitava da melhor quantidade de saliva possível para exercer a função normal.

Bruce estava sentado na cadeira no fundo do quarto. O hospital era o mais caro de Dallas. Fazia parte de um plano de saúde que era pago em conjunto com o de Ethan.

— Oi... — Saudei, mas tudo o que ele fez foi levantar o olhar e depois baixá-lo novamente para o telefone. — Onde está Ethan?

Vencido, ele finalmente me deu atenção.

— Está em casa, com a cozinheira.

— Há quanto tempo estou aqui? — Sentia-me sonolenta, com a respiração um pouco cansada.

— Algumas horas. — Puxou o pulso encarando seu relógio. — São quase dez horas da noite.

— Eu queria pedir desculpas e... — Bruce simplesmente se levantou e se retirou me deixando a falar sozinha.

Ele não havia descoberto que eu estava grávida, pois se tivesse, certamente eu estaria morta.

Um médico entrou no quarto, com um sorriso no rosto.

— Boa noite, Sra. Bennett. — Ele exclamou, alegremente, buscando minha ficha no pé da cama. — É, você está de alta e... *grávida*. — Botou a ficha no mesmo lugar. — Meus parabéns, foi só um susto, é normal nesse período de gestação.

O monitor cardíaco diminuiu rapidamente os intervalos entre um “bip” e outro.

Droga, droga, droga.

— Meu... marido? — questionei não desejando saber a resposta, mas eu precisava saber.

— Ah, acho que ele ficou um pouco assustado, mas já já vai estar beijando essa barriguinha. — Ele alisou e o monitor começou a apitar desenfreadamente.

— Ele... *sabe*?

O médico riu como se fosse piada.

— Se ele é o pai, por que não?

Simples assim: *porque ele não era*.

(...)

Joguei água no rosto no banheiro do quarto, e quase não tive a atenção de pegar minha bolsa, que provavelmente foi pega por Ethan em meu quarto, ou pelas empregadas. Cheguei ao estacionamento e, por maior que fosse um hospital de grande porte, o carro de Bruce se destacava perante os outros poucos.

Abri a porta, me sentando ao seu lado, sem conseguir encará-lo.

Ele sabia.

Ele sabia que eu estava grávida.

Ele sabia que o filho não era dele.

Saímos do estacionamento do hospital pegando a via rumo a estrada do interior de Dallas.

O silêncio era como um grito estridente que latejava a cabeça porque eu sabia que, de tamanha quietude, viria algo muito pior.

O que eu deveria esperar? Uma surra? Gritos? Um divórcio?

O que eu deveria fazer? Fugir com Ethan? Tentar me defender de alguma forma? Ou sucumbir ao que quer que aconteceria quando chegássemos em casa.

O olhar de Bruce sequer falhava, caindo para o lado, em minha direção. Era atento e direto à pista, como se ela pudesse mantê-lo distraído do buraco que eu havia aberto no chão em que ele pisava.

Errei uma vez acreditando em Benjamin e, agora, uma segunda vez.

— Bruce, eu sei que você fez muito por... — Ele soltou o ar do peito e então respondeu duramente e direta.

— Cale a boca. — Eu calei, mas por instinto, tentando sempre me desculpar quando eu sabia que estava errada, continuei.

— Fui ingrata... — murmurei baixinho, olhando tão atenta para frente quanto ele.

— Mandei você calar a boca.

— ... e eu sou agradecida por tudo que... — Ele freou bruscamente e minha testa bateu contra o painel do carro, não tão forte para me ferir, mas forte o suficiente para me calar.

Ele havia feito de *propósito*.

— Mandei calar a merda da boca.

Então, simplesmente, me calei.

O silêncio perdurou por toda a viagem. Ele estacionou o carro ao chegar em casa e desci logo atrás dele. Passei pela porta e Ethan veio correndo me abraçar, assim que me viu chegar na sala.

— Mãe... — Eu o apertei. — Está tudo bem?

— Estou melhor, foi só um mal-estar.

— Suba para o quarto, nós vamos conversar, Anastasia. — Bruce surgiu atrás de mim, subindo as escadas sem me olhar. O queixo virado para cima, sem qualquer pressa de chegar lá em cima.

— Já volto, está bem?! — Ethan acenou positivamente, e eu o segui. Respirando devagar, nervosa.

Agora era tudo ou nada, embora eu achasse que estava mais para nada.

Foi no corredor que meu coração parou, porque antes de entrar no quarto que era dos pais de Benjamin, eu vi de longe, papéis que eu conhecia muito bem.

*Eram os papéis dos investimentos.*

*Os papéis da fazenda da família Snow.*

Petrifiquei com os pés no chão, mas com uma ignorância sem tamanho, Bruce agarrou meu braço, me puxando para dentro do quarto.

Meu olhar estava assustado.

Não queria perguntar o que ele faria, pois parte de mim já sabia no momento em que ele agarrou meu braço.

— Por onde quer começar? Pelo bastardo que você carrega ou pela herança que você escondeu de mim?

Encolhi-me no canto do quarto, ao lado da escrivaninha.

— Eu disse que eu queria o divórcio.

— Diga para mim, há quanto tempo vocês estão fodendo pelas minhas costas?

Minha garganta estava tão seca como quando eu estava no hospital.

— Bruce, Benjamin e eu... é algo que está além do que posso explicar.

Ele gargalhou.

— O que você quer explicar? Que sentiu tesão pelo homem que te abandonou grávida e resolveu repetir a dose?

O pior de tudo era saber que ele estava certo.

O erro não foi apenas um ou dois, o erro estava em várias partes daquela história, inclusive na parte onde deixei que Benjamin se aproximasse demais de mim, conhecendo as falhas exatamente onde elas tinham uma maior brecha.

— Eu quero te pedir perdão, eu sei que... — As coisas estavam tão embaralhadas na minha cabeça que eu sequer conseguia formular uma resposta decente. — Eu errei, eu sei.

Eu só não queria ser agredida mais uma vez, bastaram as porradas que recebi em meu coração durante todos esses anos.

— O que você espera? Que eu crie outra criança, porra? Que eu seja um otário mais uma vez?

— Não, não espero.

Ele abriu as portas do guarda-roupa, puxando uma enorme mala de lá, jogando-a aberta sobre a cama, com o rosto vermelho.

Meu corpo estava em estado de alerta, e se recolheu quando ele avançou contra mim, me empurrando contra a parede, encarando meu rosto, enfurecido. Era muito claro para mim que Bruce brigava com a parte dentro dele que queria me esganar ali mesmo, mas eu rezava para que a outra parte ganhasse.

— Por favor... por favor...

Seu olhar subiu para o teto, soltando uma grande quantidade de ar de dentro do peito.

— Minha mãe sempre me disse que você era uma vadia e eu sempre preferi acreditar que você não era, mas acho que me enganei.

Um choro compulsivo desentalou com pressão quando ele me largou.

Bruce voltou para o guarda-roupa, retirando dele todas as roupas que estavam pregadas no cabide, sacudindo a cabeça em confusão interna consigo mesmo.

Aquilo foi o limite para mim e para ele.

— Para onde você vai? — Eu perguntei, entre lágrimas e choro.

— Isso não te interessa. — respondeu, ríspido. — Nosso casamento acabou! Essa merda de casamento acabou! Você está livre, Anastasia. Isso tudo é demais para mim. — Ele fechou a mala de qualquer jeito, se aproximou da porta, tirou um papel do bolso e jogou sobre o meu colo. — Leia!

— O que é isso?

— Mandei você ler! — Gritou, sem paciência ou filtros.

Soube que se tratava de um exame em razão do logotipo da clínica, a mesma que eu costumava me consultar e Ethan também. Algumas linhas abaixo, encontrei o ter do assunto.

— Você é...

— Infértil. — respondeu-me, irritado.

Bruce jamais poderia me engravidar, mesmo se quisesse.

Um karma que havia chegado a cavalo.

Ele girou a maçaneta e quando a porta foi puxada, Ethan estava atrás dela, parado, me encarando. Deu alguns passos em minha direção. Abri os braços, encolhida no canto do chão, e ele veio até mim, desviando o olhar para a mala de Bruce.

— Mãe, o que está acontecendo? Para onde o meu pai vai? — Apertei ele contra o meu peito.

Meu filho era um menino tão bom, não merecia assistir a isso. Não merecia nós dois.

Merecia uma mãe melhor, que pudesse dar uma vida mais digna a ele, e não uma mãe que se vendia em troca de casa, comida e saúde.

Bruce riu, gargalhou, na verdade. Olhando para nós dois com desdém.

— Pai? — debochou.

Eu sabia exatamente o que ele queria fazer.

— Não faz isso!

— Sua mãe não te contou ainda, Ethan?

*Não, não, não.*

— Ele é só uma criança, Bruce! — Berrei o máximo que pude, mas ele não pareceu dar a mínima.

— Seu pai, Ethan, é o tio Benjamin. Eu só servi para ser o seu pai enquanto seu pai biológico decidiu que você era um problema, mas para sua mãe não deve ser, já que ela resolveu ter outro problema com ele. — Ele passou pelo batente da porta. — Agora você vai ter um irmãozinho. — Prestes a ir embora, ele se virou novamente, passando a mão no cabelo, como se o penteasse para sair de dentro daquela casa com a mesma postura que havia entrado. — Já ia esquecendo. A fazenda foi vendida, vocês têm quinze dias para sair daqui de dentro.

— E para onde nós vamos?

Ele deu de ombros, já descendo a escada e eu o ouvi dizer por último.

— Pouco me importa, Anastasia.

Ethan, então, me encarou durante longos segundos, e a minha reação foi agarrá-lo, como se eu pudesse protegê-lo do mundo, como quando ele tinha apenas alguns dias de vida. Mesmo que ele não soubesse, era sua vida que me protegia de minha própria cabeça.

— Filho, me perdoa, me perdoa, me perdoa, me perdoa, eu te amo, eu... eu nunca quis... — Eu podia sentir seu pequeno coração bater, desmantelado, entristecido dentro do peito.

— Meu pai é o tio Benjamin? — Ele reproduziu, se afastando de mim, devagar, levemente incrédulo.

— Eu nunca quis isso para você, Ethan. Eu sempre quis o melhor, eu tentei o meu melhor.

Afastou-se em passos lentos, em direção ao corredor.

— Ethan? — questionei preocupada. — Para onde vai?

Um sorriso tristonho invadiu sua boca, e lágrimas mancharam seu rosto.

— Para o meu quarto, mãe. Eu... quero ficar sozinho.

## CAPÍTULO 40

### Benjamin Kingsman

— É a nossa mãe, eu jamais esperei que você a tratasse assim. — Nicholas afirma, sem denotar o que realmente pensa sobre isso, uma incógnita, apenas tragando o charuto como uma maria fumaça, seu copo de whisky estava cheio pela sexta vez.

— É a vida do meu filho, Nicholas.

— É, eu sei, apenas não esperava que você fosse tão duro. — Ele repetiu.

Nicholas tinha a nobre mania que passar a mão sobre a cabeça de Brooke, embora eu achasse que não fosse impressão minha. A minha mãe também se juntava a essa mania. De alguma forma, eu achava que entendia toda essa chateação, afinal, elas eram o único conceito de amor puro feminino que ele não tentaria levar para a cama no fim da noite.

Seu lema era: se divirta com as mulheres erradas até que possa fugir da certa, e como um homem solteiro, eu jamais o repeliria, mas comparar a sua vida à minha era uma burrice sem tamanho.

— Você está falando sobre ser muito duro? Fala sério. — passei a mão no rosto. — O dia que tiver um filho, uma família, vai entender exatamente do que estou falando, por enquanto você não pode opinar.

— Somos uma família, Ben, e me basta. — Ele riu — *Tio Nicholas ama, tio Nicholas cuida.* — Revirei os olhos e ele encheu um pouco mais seu copo de destilado. — Enquanto esse processo de transferência de paternidade não sai, acho que você deveria dar uma volta comigo. Tenho te achado estressado demais.

— As suas formas de se desestressar são bem diferentes das minhas. Eu prefiro surrar alguém do que sair por aí, comendo bocetas aleatórias.

Ele gargalhou.

— Posso te arrumar bocetas que gostam de ser surradas, assim fica melhor?! — Os anéis em seu dedo causaram um barulho contra o vidro do copo propositalmente. — Viu só, até nisso temos os mesmos gostos.

— Nicholas! — O repreendi. — Eu não tenho interesse em saber dos seus gostos sexuais.

Ele continuou rindo baixo, até que o silêncio separasse nós dois.

— Elizabeth poderia ter evitado tudo aquilo, todas as situações com Jhonatan e... — Sua fisionomia mudou imediatamente e então ele se levantou.

— Eu não quero falar sobre isso. — A voz ríspida e lasciva me cortou sem dar nenhuma chance de terminar o assunto. Eu o entendia, mas parecia haver algo a mais em Nicholas que ele era incapaz de abrir a boca e botar para fora. Como uma enorme bola de medos que estava presa em seu peito e era grande o suficiente para criar raízes em seu interior.

— Tem certeza?

Ele não confirmou, apenas me deu uma olhada séria que eu raramente via em seu rosto, aquela era outra face do meu irmão que não costumava sair com tanta facilidade.

Certa vez, ouvi de alguém, que quando vemos a água na borda do copo, quer dizer que ele está prestes a transbordar.

Ouvi alguns toques na porta e Nicholas foi até lá para atender.

Vi apenas os óculos de Tom do outro lado da porta, as mãos na frente do corpo.

Nick olhou para trás, me encarando.

— O que foi?

— Bruce Benett está na frente da fazenda querendo falar com você.

— No mesmo segundo, um raio estridente desceu dos céus, causando um tremendo barulho. Uma quantidade preocupante de chuva caía do lado de fora.

— Bruce? — confirmei. Não havia motivos para que ele fosse me procurar, mas ainda assim, eu sabia que para coisas boas não deviam ser. Não havia vitória a ser declarada por ele, pelo menos não depois que Anastasia anunciou uma gravidez.

— Quer que eu vá? — meu irmão se ofereceu, pronto pra fazer o que ele fazia de melhor: preparado para arrumar um problema.

— Fica aqui, eu vou lá.

Busquei meu relógio atando-o ao pulso, e passei pela porta, fechando-a no rosto de Nicholas. Atravessei o corredor, a recepção e, ao lado de fora, se recusando a entrar para proteger-se na parte coberta, em um caso de egocentrismo sem tamanho, estava Bruce, ensopado de água.

Eu me aproximei dele, que mordia a boca, furioso.

— Bruce?

Ele riu consigo mesmo, sem abrir a boca.

Eu queria estar bêbado agora. Se eu pudesse voltar no tempo, teria tomado todas as doses que Nicholas havia tomado e um pouco mais.

— Eu já sei que você e Anastasia estavam fodendo pelas minhas costas. — Disse, assumindo a informação. Um choque percorreu meu corpo, eu não esperava por aquilo, ao menos não naquela altura do campeonato.

— Escuta, Bruce, ela não queria e...

— Estou indo embora, Benjamin. Fique com ela se quiser, vocês se merecem. — ameaçou se distanciar. — Pegue a criança e faça o que quiser

com ela. Eu entrarei com um processo para passar o menino para o seu nome, caso queira.

— Eu já fiz isso. — Falei, ainda perdido.

— É, você ganhou, meus parabéns. — Ele começou a caminhar na chuva, em direção ao seu carro e eu absorvia tudo que havia escutado. Ele iria abandonar Anastasia por descobrir que ela o havia traído? Ele era louco? Ela estava grávida! Ele não podia abandoná-la com um filho no ventre.

Corri atrás dele, com o coração na mão. Agarrei seu ombro e ele se desvencilhou antes de me encarar.

— Você vai abandonar Anastasia grávida?

Bruce Benett abriu a porta do carro, sentou na poltrona do motorista.

— Ah, Ben, não é nada que você não tenha feito antes, não é mesmo?!

Bruce foi embora, partiu, e pelo pouco que pude ouvir, ele não voltaria.

Suas palavras foram tão transparentes quanto águas.

O quão imbecil eu fui? Como eu poderia remediar o que fiz no passado? O que eu poderia fazer para ter, de Anastasia, o perdão por não ter sido quem eu deveria desde o início? Bruce foi um imbecil, mas se ele não tivesse cuidado dela no começo, meu filho estaria vivo?

Eu sabia exatamente o que fazer.

Sabia exatamente onde botar o meu orgulho.

Em uma caixinha, na última gaveta da mesa, e esquecê-lo lá para sempre.

Debaixo daquela chuva insana, eu montei em Katrina, que mesmo com a baixa visibilidade, correu como nunca, como só ela fazia pela estrada de lama, sujando a si mesma, sujando a mim e tudo o que tinha no caminho.

Fiquei preocupado, não só pelo meu filho, como pela mãe dele, afinal, eu a amava.

Os poucos minutos que normalmente eu demoraria para chegar lá fizeram-se eternos, mas Katrina havia crescido na fazenda, então mais do que qualquer outro animal, ela sabia exatamente como chegar lá.

Ainda em movimento, mesmo que devagar, eu pulei de cima dela, quase escorregando na lama que se formava no chão, pela chuva.

O caseiro saiu ao meu encontro, encarando-me. Eu o conhecia das redondezas. Era um bom homem apesar da idade avançada.

— Sr. Kingsman? — Ele perguntou, sem muito visão, pela chuva e a escuridão noturna.

— Jensen! — Exclamei. Encarei o carro dele próximo ao celeiro. — Tem alguém na casa?

— O Sr. Benett foi embora. Pediu que eu viesse dar uma geral no celeiro para deixar tudo limpo para os próximos donos, mas pelo visto a Sra. dele e o menino ficaram pela casa. — Acenei positivamente pela cabeça. Encarei o carro mais uma vez. Eu precisaria dele. Levar Ethan sob Katrina naquela chuva era uma grande irresponsabilidade.

— Jensen, posso pedir um favor?

O senhor tirou o chapéu da cabeça, fazendo uma reverência.

— Claro, Sr.

— Vai ficar até quando aqui?

— Amanhã à tarde termino o serviço e estou partindo. — Respondeu.

— Preciso do seu carro. Trago amanhã pela manhã. Acha que é possível?

Ele riu.

— Claro, Sr Kingsman. Posso buscá-lo no hotel se quiser.

— Não, isso seria muito abuso da minha parte. Vou levar a criança para o hotel e não posso fazê-lo na chuva.

— Eu entendo. — Jensen se aproximou entregando as chaves na minha mão. — A embreagem é um pouco teimosa, mas nada que um pé pesado não resolva. Tome cuidado com as poças de lama. Ficar preso com o menino na estrada nessa tempestade é pior do que se molhar indo a cavalo.

— Obrigado. — Exclamei, dando-lhe um aperto de mãos. Aproximei-me de Katrina, dando tapinhas leves em suas costas. — Pode voltar, garota! Hoje você vai sem mim. Eu te recompenso depois, prometo.

— Mais alguns tapas e ela saiu correndo em uma tremenda velocidade, sumindo na escuridão da noite.

A porta de entrada estava aberta. O primeiro andar, vazio, e todas as peças no lugar, nada bagunçado, nenhum sinal de briga, nenhum sinal de violência. A casa havia sido remanejada de forma inteligente. As reformas foram respeitosas e mantiveram o aspecto antigo dos Kingsman. Apesar daquela casa já ter me causado muitos sentimentos ruins, ela fora quem me transformara, junto de Jhonatan, no homem que sou hoje, seja certo ou errado, bom ou mau. Esse era eu, Benjamin Kingsman.

Subi os degraus devagar e optei por ir pela esquerda, onde era meu antigo quarto. A porta estava encostada, e em pé na janela, estava Ethan, olhando através do vidro.

— Eu sei que você está aí. — Ele murmurou sem se virar pra mim, e eu soltei o fôlego e toda a delicadeza que eu tinha ao pisar no chão. — Eu te vi chegando com Katrina, não deveria ter mandado ela embora.

Suspirei fundo.

— Achei melhor voltar de carro. Não posso expor você à chuva.

Ele se virou caminhando até mim, com seus pequenos olhos azuis intensos, como os meus, com uma chateação genuína demais para uma

criança de apenas nove anos. A fisionomia era minha, mas seu jeito de postura madura me lembrava muito Nicholas na infância.

Ethan estava próximo de mim, com seu queixo erguido, ele media um pouco mais de meio metro.

— É verdade que você é meu pai? — Arregalei os olhos impactados. Aquela informação havia me pegado desprevenido. Como ele havia descoberto aquilo? O menino me parecia despretensioso demais para procurar tudo por curiosidade própria.

— Quem te disse isso?

Ele abaixou o queixo, encarando o chão, mexendo nos dedos da mesma forma que Anastasia costumava fazer quando estava ansiosa.

— Bruce disse que você também me abandonou.

Filho da puta.

Desgraçado.

Como ele poderia ter falado aquilo para uma criança de nove anos? O que ele tinha no lugar do cérebro?

— Ele disse isso?

— É, disse.

Eu me ajoelhei, pegando suas mãos, para soar o mais verdadeiro possível, mesmo depois de ter me mantido afastado durante tantos anos. Meu filho era uma criança de ouro, não merecia aquilo, não merecia meio amor ou meia atenção, Ethan merecia tudo por inteiro, um carinho por inteiro, chamego por inteiro e principalmente um pai por inteiro.

— Eu e sua mãe éramos melhores amigos quando mais jovens, mas... acabei me apaixonando por ela como nunca me apaixonei por nenhuma outra mulher na vida. — Ele me encarava atento, com foco total na história. — Eu tinha medo de errar com ela. Seu avô morreu pouco tempo antes dela me dizer que você já estava a caminho, com tanta coisa

acontecendo ao mesmo tempo, a ideia de ter um filho me assustou, e nesse susto, eu não dei a importância que deveria a vocês, então sua mãe foi embora, com você ainda na barriga e se casou com Bruce.

— Você então não gostava de mim?

Dei um sorriso tão grande, que senti a musculatura do rosto chegar ao limite.

— Eu amo você, Ethan. Desde a primeira vez que eu te vi eu soube que você era meu. — Rodeei meus braços ao redor do pequeno corpo infantil. Ele ainda estava parado, impactando tantas informações em um curto período de tempo. — Sinto muito por demorar tanto tempo, eu sinto muito por não ter estado presente, mas posso te garantir que mesmo que eu erre algumas vezes, vou dar o melhor para ser o pai que você merece.

Ele piscou os olhos e devolveu o abraço.

— Então não posso mais te chamar de tio Benjamin?

— O importante para mim, é você se sentir confortável da maneira que você quiser.

— Obrigado, *tio Benjamin*.

— E sua mãe?

Ele coçou os cabelos um pouco longos.

— Minha mãe está no quarto dela. — Ele contou. — Bruce foi embora, com mala e tudo.

Peguei sua mão, de maneira delicada. Ele não era uma criança tão pequena para sua idade. Pegamos algumas peças de roupa e itens pessoais e botamos em uma mochila. Levei Ethan para dentro do carro, fechando os vidros já que a chuva sequer diminuía. Eu estava ensopado, banhado em chuva.

— Fique aqui, já volto. Vou pegar outra bolsa. — expliquei a ele. Subi os degraus, mas quando passei pela porta, Anastasia estava ereta no pé

da escada.

Parei por alguns segundos e nos encaramos intensamente.

— Onde está Ethan? — Perguntou, quebrando nosso silêncio.

— Dentro do carro.

— O que meu filho está fazendo dentro do carro?

— O nosso filho vai para o hotel comigo. Não acho que esse seja um ambiente muito agradável e saudável para ele agora. — Expliquei, indo até o sofá e buscando a última bolsa que faltava.

— Você vai mesmo continuar com essa ideia de se aproximar dele?

Dei uma risada triste. Ela ainda não acreditava em mim?

— Anastasia, eu nunca me afastei dessa ideia. Ethan é minha prioridade agora... — Aproximei-me devagar. Sua respiração estava descompassada e eu sabia que causava algo em seu corpo, em seu interior pela forma que ela mal conseguia piscar, quando seu olhar travava uma batalha com o meu.

Ela engravidou de outro homem, mas o quanto eu a amava? Eu errei, e talvez a vida seja sobre isso, errar e reconhecer o erro. Eu a queria. O quanto eu a queria ao meu lado? A que ponto eu passaria por cima de tudo para poder chamar Anastasia de “amor da minha vida” de novo? O preço seria passar por cima de tudo aquilo. A nossa felicidade seria muito mais valiosa, e mesmo que eu tentasse mostrar a todo momento, ela precisava entender minha honestidade e sinceridade.

A coragem molda bons homens, assim como as boas intenções, e para ela e Ethan, eu estava cheio delas.

— Ele só teve a mim por tanto tempo...

Peguei sua mão, ela tentou puxá-la de início, mas eu não soltei em momento algum.

— Não vou abrir mão de Ethan, assim como não posso te forçar a vir comigo. — comecei.

Ela tentou mais uma vez puxar a mão.

— Do que você está falando, Benjamin?

— Essa é uma escolha que você deve fazer. Talvez você não acredite em mim, mas eu te amo, mesmo depois de nove anos, mesmo que se passe mais nove anos a partir de hoje, eu vou te amar do mesmo jeito, vou te admirar da mesma forma que eu admirei quando te vi pela primeira vez naquela aula, enrolando seus cachos no lápis de cor roxo com cheiro de framboesa que você tinha. — dei um longo suspiro. — Eu fui um imbecil, não uma, não duas vezes. Incontáveis, mas eu não posso ficar aqui e não fazer nada. — apertei mais suas mãos. — Minha irmã me contou uma vez que estamos sempre no lugar certo, na hora certa, então é exatamente aqui que preciso estar agora, falando exatamente o que estou falando. Eu *preciso* estar com você, Ana. — dei um pequeno e singelo sorriso. — Sei que o que fiz te diz o contrário, mas eu era um moleque naquela época. Não importa de quem é esse filho, eu prometo criar ele com todo o amor, como se fosse meu, Ethan e ele. E, caso aceite, dar a vida que vocês merecem ter.

— *De quem quer que seja esse filho?* Do que você está falando?

— Drogas, eu não sei se me expressei direito. — Puxei um pequeno envelope do bolso e estiquei-o em sua direção. Ela merecia muito mais do que aquilo. — Vou te dar um tempo para pensar. Amanhã de manhã volto aqui para que a gente resolva isso de uma vez por todas. — Ela tentou abrir e eu vetei. — Faça isso quando estiver sozinha. — Dei alguns passos para trás. — Isso é o mínimo que eu poderia fazer por você depois de tudo. Se não escolher estar comigo, eu vou entender, Ana. Eu prometo.

Ela nada disse. Continuou parada, estática no meio da sala. Bruce era um covarde, eu sabia disso. O que me importava era se ela queria estar

comigo, se ela queria criar o nosso filho da maneira que deveria ter sido criado desde o início. Se ela quisesse, o restante do mundo poderia explodir que eu continuaria com um sorriso no rosto tendo ela do meu lado.

Eu tinha o sentimento de dever cumprido. De que agora, mesmo diante de tantos problemas recentes, eu estaria invicto nos meus planos e acertos, eu estaria confiante em qual caminho escolher de agora em diante.

Arredei o pé dali rumo ao Hotel Kinghorse. A estrada não estava tão ruim, mas foi tranquilo o suficiente para que eu demorasse quase quarenta minutos até chegar à fazenda.

Retirei todas as coisas de Ethan de dentro do carro, carregando para dentro do hotel. Nós não falamos muito, pois mesmo que ele fosse uma criança, havia muita vergonha dentro dele pra entender que o homem com quem havia passado metade das últimas semanas era, na verdade, muito mais do que um amigo de infância de sua mãe, mas sim seu pai biológico.

Elizabeth havia ido embora do hotel. Era melhor assim. Ela era minha mãe e eu a amava. Uma hora teríamos que conversar, botar alguns pratos sobre a mesa e fazê-la entender que nem sempre o que ela achava que era melhor para nós, de fato era.

Passamos pela recepção do hotel e chegamos até o meu apartamento. Ao entrar, seus pequenos olhos azuis brilhavam de curiosidade para tocar em cada um dos itens decorativos que ali descansavam.

— A sua casa é muito bonita.

— A nossa casa, Ethan. — respondi. — Se sinta em casa, porque ela também pertence a você.

Ele retribuiu meu sorriso alegre, deixou sua bolsa infantil sobre o sofá, e ao chegar perto da cama, ele subiu, abriu os braços e pulou com o rosto contra os travesseiros.

É, acho que nos daríamos muito bem.

## Anastasia Snow

Benjamin foi embora com Ethan e eu vi o farol aceso sumir na chuva.

Eu não tive coragem de abrir a boca e dizer uma coisa sequer, depois de entender que ele acreditava que o filho que crescia dentro de mim era de Bruce. Se um dia duvidei de seu amor, ele agora provava que realmente queria, que realmente desejava nós dois juntos, deixando de lado a falsa crença de que meu marido havia me abandonado grávida.

Merda.

Eu deveria ter dito a ele.

Se Benjamin tivesse as intenções mais puras desde o início, porque em um tamanho egocentrismo repleto de egoísmo, eu não acreditei quando tudo o que ele queria era o melhor para Ethan, e consequentemente para mim também.

O envelope branco estava comprimido em minhas mãos, molhado, mas não o suficiente para impedir que eu não soubesse do que se tratava.

Quando abri, as letras foram esfregadas em minha face.

Eram todos os documentos em branco, referentes a escritura e a propriedade da fazenda Kingsman, a mesma que Bruce havia comprado, a mesma que eu habitava agora.

Deus.

*Não podia ser.*

Benjamin pediu que o escolhesse, mas na rejeição de seu pedido eu poderia ficar com a casa.

Ele quem a havia comprado *anonimamente* de Bruce.

Meus joelhos dobraram-se no chão e o choro desinstalou de mim mais uma vez naquele dia.

Soluços e mais soluços, rancores do passado que precisavam cair por terra, arrependimentos que, na verdade, nunca existiram. Eu nunca me arrependi de tê-lo conhecido, de ter tido Ben como o meu melhor amigo durante toda a infância e a adolescência.

O meu coração nunca foi de outro homem se não dele.

Para viver o presente, eu precisava perdoar o passado.

A família que eu sempre sonhei em ter estava bem diante de mim e eu poderia perdê-la se continuasse com esse orgulho descabido.

Corri debaixo da chuva, de vestido, procurando algum cavalo.

Um homem que limpava a fazenda, me encarou debaixo do celeiro, um pouco espantado pela minha audácia de sair naquele tempo.

— Sra. Benett! — Ele exclamou.

— Snow, por favor. — Eu o repeli.

Ele tossiu.

— Claro, me desculpa. — continuou — Não é bom que a Sra. fique debaixo da chuva, não acha?

— Bruce deixou algum cavalo aqui ainda?

— Tem um ali. Você vai até conseguir montá-lo, mas ele não obedece Sra. Snow, vai para onde quer e não para onde mandam.

Dei um pequeno sorriso.

— Vai obedecer sim.

Corri em direção ao estábulo.

— A Sra. sabe montar? —

Olhei para trás.

— *Eu aprendi com o melhor professor!*

# CAPÍTULO 41

## Anastasia Snow

Eu esperava que Ethan já estivesse dormindo naquela hora. Ele estava cansado, acredito que não só fisicamente, pois presenciar a minha discussão com Bruce, deve tê-lo desgastado. Até porque mesmo que agora ele soubesse que Benjamin era seu pai, ainda havia um resquício de convivência com seu antigo pai. Nenhum sentimento muda da água para o vinho, ainda mais vindo de uma criança como ele.

A chuva ainda vinha forte do lado de fora, quando já estava no lado de dentro do hotel e tirava um pouco do excesso de água com a toalha de Tom havia me dado.

— Preciso falar com Benjamin. — Pedi o mais simpática que eu pude.

— Sra Anastasia, está tarde. Ele já está dormindo, prefiro hospedar a senhora em um dos quartos e amanhã pela manhã poderá falar com ele.

Eu suspirei.

— Benjamin Kingsman é o pai do meu filho, e eu exijo falar com ele agora. Qual é o número do quarto?

Tom tinha a pele do rosto vermelha, não acho que ele estivesse com raiva de mim, mas eu no mínimo o estava deixando nervoso, não no sentido ruim, mas eu estaria brincando com seu estado de ansiedade.

— Fica... Eu acho melhor...— Mordi a pele da boca e me recordei nos segundos seguintes como eu havia chegado lá, na última vez em que estive ali.

— Eu sei onde fica. — A toalha caiu no chão e eu passei por ele em marcha atlética, vendo por cima do ombro, Tom vir atrás de mim.

— A Sra. não pode entrar aqui!

— Benjamin!!!! — Eu gritei. Se ele estivesse ali, ele me ouviria.

— Não pode gritar, tem hóspedes aqui! — o homem tentava me alcançar, mas meus passos eram mais rápidos.

Uma das portas se abriu, eu parei no meio do corredor, descalça, a imagem de Ben saiu pela porta, calça moletom cinza e uma regata branca. Ele primeiro olhou para Tom.

— Que gritaria é essa no corredor? — Questionou, mas teve sua resposta quando me enxergou ali, tão próxima. — Anastasia? O que faz aqui? eu disse que iria até você amanhã de manhã. Veio debaixo dessa chuva?

— A gente precisa conversar! — Eu murmurei. — E não pode ser amanhã. Precisa ser agora.

Ele botou as mãos na cintura.

— Ethan está dormindo! — Ele disse e eu fiquei mais tranquila. — Está com fome?

— O que isso tem haver?

— Vamos conversar enquanto eu cozinho algo. — Ben acenou com a cabeça para Tom que nós encarou e deu as costas. Ele não havia ficado muito feliz. — Vem! — Eu o segui por alguns corredores que eu nunca havia ido antes, chegamos a um corredor que havia uma enorme porta de aço, onde passamos.

Quando foi mencionado uma cozinha.

Achei que talvez poderia ser a cozinha de seu apartamento ou loft, como ele costumava dizer, não uma cozinha industrial toda em aço, muito mais equipada do que eu já havia visto em toda minha vida.

Ele estava descalço.

Passou pelo balcão, puxando um avental laranja.

— Eu quero conversar com você. — Pedi mais uma vez. Ele vestiu o avental, e puxou duas panelas debaixo da mesa de aço. Era loucura pensar em coisas mais densas naquela hora, mas Benjamin tinha braços roliços pra fora daquela camiseta, e com aquele avental no pescoço, facilmente se tornaria um fetiche vê-lo daquela forma.

— Estou ouvindo. — ele respondeu, com atenção em algumas gavetas no balcão ao lado do fogão. — Ouvirei você com os ouvidos, não acho que isso vai implicar no fato das minhas mãos estarem ocupadas.

— Eu pensei no que você me disse... — Ele puxou alguns dentes de alho, pegando uma faca brilhante a afiada e amassou alguns deles fazendo força com a mão sobre a lâmina deitada, para acessá-los e descascá-los ao mesmo tempo, gerando uma contração muscular em seus braços que me deu água na boca.

— E então?

— Tenho algumas perguntas. — Ele me encarou piscando os olhos, pegando um pote de manteiga, cogumelos, algum tipo de carne que eu não conseguia distinguir qual e alguns legumes.

— Faça. — Eu perdia mais tempo vendo Ben cozinar do que pensando no que perguntar para ele. Eu não fazia ideia de que ele cozinhava e tinha certeza de que, pelo menos na adolescência, Benjamin não fazia ideia de como ligar um fogão sequer. Ele cortou as verduras, o cogumelo, a carne em cubinhos e eu só percebi que estava ali, obcecada por observá-lo, quando ele jogou uma colher de manteiga e alho dentro da panela, parou e riu da minha cara. — Anastasia. As perguntas.

De dentro do sutiã, puxei o envelope dobrado, completamente molhado, que ao tentar esticá-lo, ele se partiu em várias partes.

— Drogão! — exclamei. — Deve ter sido a chuva.

Ben jogou os cubos de carne que chiaram no calor da manteiga à medida que ele mexia.

— Você não devia ter vindo debaixo dessa chuva.

Tomei fôlego.

— O que é isso? — Ergui o papel rasgado.

— O que na verdade era isso. A escritura e os documentos da fazenda Kingsman.

Engoli a seco.

— Eu sei disso, Ben. Mas, porque me deu isso?

Encarou-me pegando na torneira da pia um copo com água, jogando metade dele dentro da panela.

— Achei que tivesse ficado claro. — respondeu. — Caso sua resposta fosse não, é mais do que justo que eu te ampare de alguma forma. A fazenda é sua, Anastasia. Eu comprei de Bruce através de outra pessoa. Se escolher... — mordeu o interior da bochecha... — Entenda, não fiz isso para que reforce a ideia de que quero ficar com você.

— Fez por pena?

— Pena? Claro que não. — abaixou o fogo da panela e deu seus longos passos até estar próximo de mim. — Eu sei que foi atrás de mim enquanto eu estava fora e eu sei o que minha mãe te disse, Ana. — Seu dedo largo roçou em minha bochecha e botou uma pequena mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha. — Eu tive minha parcela de culpa, assim como Elizabeth tem a dela. A fazenda é um pedido de perdão. Se escolher trilhar seu caminho sozinha, poderá viver lá, sem se preocupar com as despesas da casa, com os funcionários, com as despesas da vida de Ethan, mesmo que Bruce tenha ido e mesmo que você não queira ficar comigo, eu posso dar o suporte a essa criança que está por vir, emocional,

financeiro...*paterno*. Não me importa se ele não é *meu*. Se você não puder ser *minha*, você pode ser minha amiga, como nos velhos tempos, Ana.

— Como sabe sobre sua mãe?

— Ela me contou. — ele respondeu.

— Porque você é assim, Ben? tenta abraçar o mundo inteiro quando tem apenas dois braços?

Benjamin se desmontou e abriu um sorriso envergonhado, levando a mão na parte de trás da cabeça, mexendo em seus fios, cerrando os olhos azuis embaixo da luz quente da cozinha.

— Antes eu não podia, mas agora que eu posso, não vou hesitar em fazer.

— Como soube que o filho era de Bruce? — meu espanto em saber daquilo ainda não havia passado. Não são tantos homens que passariam por cima do orgulho por amor e teria a coragem de criar um filho que não era de seu sangue. Se Benjamin realmente pretendia fazer o que dizia, sua ação falava muito por si só. Se isso não era amor, eu não sabia o que era.

Ele nem sequer desconfiava que o filho que eu carregava pertencia a ele.

Ele foi até a panela, desligando o fogo, depositando metade do conteúdo em um prato.

O cheiro estava muito bom.

— Na noite de natal, Bruce estufou o peito para dizer que vocês estavam tentando ter um filho e usou uma conotação ridiculamente sexual que me deixou cego de ciúmes, disse que iriam embora, então eu pensei não só em você se afastando, mas em Ethan também. — Buscou uma colher, e se aproximou de mim com o prato na mão. — Eu não deveria ter falado daquele jeito com você, eu fiquei...furioso. Me *desculpa*.

— Entendi. — murmurei. Benjamin botou o prato na minha frente.  
— Para que isso?

— Para você comer!

— Eu não disse que estava com fome. — Encarei-o e ele riu com os olhos, tão lindos e iluminados da mesma forma que eram a tanto tempo atrás.

*Ele ainda era o meu Benjamin.*

Ele ergueu a colher cheia de cogumelos, carnes e verduras.

— Não acho que você tenha comido algo depois de tudo isso, também não acho certo que você ande pela chuva grávida, e não acho certo que você não se alimente. Se não consegue se preocupar consigo mesma, se preocupe com o bebê. — Aproximou a colher do meu rosto. — Tem carne e legumes, então abra a boca.

Achei engraçado a forma com que ele falava, tão cuidadoso e terno, de avental no meio da cozinha do hotel, alimentando a mulher que ele amava e que ainda achava estar grávida de seu ex-melhor amigo de infância.

Abri a boca e limpei a colher. Devo admitir que ele tinha futuro na cozinha, e que passar a vida comendo comidas tão gostosas como essa não eram uma má ideia. Fechei os olhos e as verduras derreteram na minha língua.

— Isso é muito bom... — eu sussurrei ainda mastigando. Era feio falar de boca cheia mas eu não podia evitar. Deus, onde Benjamin havia aprendido cozinhar dessa forma? Sei que a grávidez aguça o paladar, mas o que eu sentia era demais.

— Eu... fiz algumas aulas de culinária enquanto tinha tempo vago aqui no hotel. — ela disse, todo orgulhoso de si.

Eu já havia esperado tempo demais. O vapor e o cheiro do prato vinham bem no meu nariz, despertando uma fome que não estava dentro de mim antes.

— Ben, tem uma coisa que eu preciso te contar.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

— Eu continuo te ouvindo, Ana.

— Bruce, ele era estéril. — Peguei uma nova colher no prato, assoprei um pouco, e sem esperar que ficasse realmente morno, eu botei na boca, queimando a língua.

Foram longos segundos vendo seus olhos azuis piscarem até que ele finalmente esboçasse uma reação. Ficou mais ereto e ele cerrou seus dois olhos.

— Espera, se ele é estéril, não pode ter filhos.

Bingo! Deus, achei que Benjamin fosse mais esperto.

— É, ele não pode ter filhos. — Eu disse ironicamente com a boca cheia. — Nem mesmo se pudesse, o que eu carrego não seria dele, já que como eu disse, estávamos a quase um ano sem relações.

— E como...você sabe disso, sobre ele ser estéril?

Peguei um pano dobrado sobre a bancada de aço e limpei a boca, a fim de manter uma conversa saudável, onde os dois se ouviam, e não onde eu tinha a boca cheia de carnes e legumes e Benjamin petrificado tomando sua própria conclusão.

— Eu passei mal ontem cedo em um evento na fazenda, minha pressão caiu, eu fui para o hospital e o médico disse-lhe o motivo. Bruce não precisou de um mapa para entender que o filho não era dele, e acho que saber que ele era estéril e eu estava grávida de você, terminou de acabar com o seu ego.

Ben arregalou os olhos, sua mão caiu para junto da lateral de seu corpo e ele prendeu a respiração, para depois soltar uma única pergunta.

— Quê? — perguntou. — Então, esse...*bebê*...é meu?

— E de quem mais seria?

Suas mãos pegaram meus braços, deslizando para minhas mãos, apertando-as fortes.

— Ana...— seus olhos marejaram. Eu nunca o havia visto chorar antes. — Por que me deixou falar aquelas coisas no banheiro, no natal? Por que não acertou minha cara e gritou que estava esperando um filho meu?

O arrependimento genuíno em formato de lágrimas de dor que escorriam seu rosto.

A grande verdade.

O Benjamin que eu queria finalmente estava ali, e talvez ele nunca tenha ido embora, talvez ele sempre estivesse ali, e eu apenas não soube enxergá-lo, pelo menos não tão claramente como agora, sem o véu do orgulho que antes cobria minha mente.

— Porque eu achei que você tivesse entendido que eu estava grávida de você. Percebi que tinha se enganado hoje. — falei — Achei, por um minuto, que você me abandonaria mais uma vez, Ben.

Ele riu, e eu avancei meio passo, próxima demais, limpando suas lágrimas com meus dedos.

— Eu nunca te abandonei. *Nunca*...— sussurrou fechando os olhos sentindo o meu toque. — Nós vamos ter outro filho, meu deus!

— Isso é um problema? — Perguntei, receosa.

Balançou a cabeça.

— Acho que você não entendeu ainda. Esse filho é a minha segunda chance.

— Criaria mesmo um filho de Bruce, caso fosse verdade?

Sua mão pegou a lateral do meu rosto. Encaramo-nos atentamente, sem sequer piscarmos. Já perdi as contas de quantas vezes me abstraí em sua beleza enquanto nós deitávamos no celeiro da fazenda Kingsman sem contar os minutos, apenas fazendo o que fazíamos de melhor, aproveitar a companhia um do outro.

— Bruce assumiu Ethan para se casar com você, porque eu, que reconheço você como a mulher da minha vida, não passaria por cima desse pequeno detalhe para te ter de volta do meu lado?

— Aquela casa é grande demais pra uma pessoa só. — sussurrei e nossas testas se encontraram, roçando pele com pele. Ele estava quente, sua respiração morna e mesmo que seu coração estivesse batendo acelerado, o ar saia pacífico de sua boca e nariz. Ele sorriu e eu não pude deixar de fazer o mesmo.

Ben me agarrou pela cintura, me assustando, sentando-me na bancada de aço.

— Me perdoa, Ana?

— Só se você passar a usar mais esse avental. — causei uma crise de risos nele.

— Porque isso me soa um tanto erótico?

— Porque talvez seja.

— Fetiche por cozinheiros?

— Por você, Ben. Apenas por você! — Eu disse antes que ele abrisse minhas pernas pelos joelhos, se enfiasse no meio delas e tapasse a minha boca com a sua. A diferença era que, agora, ele era oficialmente meu e eu oficialmente dele. Sua língua explorou cada canto da minha boca, chupou meu lábio superior e eu me afastei, sem fôlego. — Meu deus, estamos na cozinha!

— É, eu sei! — ele concordou, beijando meu queixo, pescoço, ombros e me deixando extasiada, de cabelos em pé, literalmente.

— Alguém pode entrar aqui!

— Isso é um hotel. Alguém pode acabar entrando em qualquer quarto, inclusive. — Deu leves estalinhos em minha boca, segurando meu rosto com suas duas mãos.

— Os chefs cortam carnes nesse balcão?

— Legumes também!

— Benjamin, isso é anti-higiênico.

Ele riu em resposta.

— É uma pena, porque eu pretendia te comer em cada lugar dessa fazenda, desde o celeiro até a recepção.

Agarrou-me pela cintura, trocando-me de lugar, um segundo balcão onde ficavam algumas panelas de ferro. Benjamin tomou a minha boca, agressivo, cheio de saudade, tirou o avental do corpo apressado, a blusa e puxou o meu quadril até a beirada de ferro de onde eu me sentava. Ali, abaixou as alças do meu vestido expondo meus seios sensíveis pela gravidez e os abocanhou, chupando com volúpia, chocando o centro de minhas pernas contra o volume endurecido completamente marcado na calça de moletom cinzenta que ele usava.

— Isso é bom...Isso é muito bom! — resmunguei sentindo a ponta de sua língua estapear o bico intumescido do meu seio. — Mas pode ficar melhor.

Com o pé, tentei descer sua calça revelando o músculo que sumia virilha adentro. Céus, quando Benjamin tivera tantos músculos pelo corpo?

Ele riu com minha tentativa.

— Você sempre foi muito apressada, pelo visto isso não mudou.

Ele puxou uma cadeira, se sentando, bem diante de mim.

— O que você está fazendo?

Ben olhou para o relógio no pulso, agarrando meu quadril e arrastando até a altura de seu diafragma, levantando meu vestido.

— Já passou da hora de jantar, mas eu ainda tenho fome. — Meu pescoço cansou, eu me deitei, o senti rapidamente puxar minha calcinha e em seguida sua língua astuta e energética me atingiu em cheio, junto da respiração quente sobre o meu clitóris. Eu gemi alto, esticando os braços, derrubando as panelas, causando um tremendo barulho.

— Merda! — Encontrei seu ombro, botando o pé lá a medida que ele me chupava por entre as pernas levando todo raciocínio que eu tinha na cabeça pela boceta. tentei agarrar a beirada da bancada mais minha mão escorregou e eu derrubei mais alguns talheres. Senti sua língua forçar contra minha entrada e voltar molhada pelos pequenos lábios até o monte inchado de carne sensível, estapeando sua superfície com a língua quente. Apoiei o cotovelo contra o balcão, e o puxei pelos cabelos, assistindo Benjamin abandonar minha boceta e subir por entre o vão dos meus seios até minha boca.

Eu pude sentir o meu gosto em seus lábios.

— Para que a pressa?

A essa hora minha respiração já havia ido para os infernos. Benjamin sabia muito bem como usar a boca, mas usando o pau ele fazia milagres.

— Saudade. — vociferei contra sua boca. Ele se afastou um pouco e em uma rajada lenta, ele tornou a se acomodar dentro de mim, centímetro por centímetro, até que restasse apenas suas bolas contra a borda da mesa. dobrei os joelhos, Benjamin saiu de dentro de mim e entrou de novo devagar, chupando meus lábios, respiração com respiração, seu rosto suado e os olhos apertados, controlando-se. Sua mão agarrou os fios do meu

cabelo pela nuca e eu apertei minha mão direita contra seu pescoço. — Lento demais. — Sussurrei.

Mordeu meu queixo.

— Você está grávida. — afirmou.

— Estou grávida, não morta. — Contestei, ferindo seu orgulho.

— Você quem pediu. — Benjamin rosnou, puxando meu cabelo em direção a superfície, obrigando-me a deitar, puxou o meu quadril, levantou minha perna direita, obrigando-a a suspender-se em seu ombro, e entrou de uma vez só dentro de mim, duro, fundo e escorregadio. Puxei-o pelo pescoço, botando os dois pés contra o osso de seu quadril.

— Você já foi mais rápido, Ben. — Ri e ele caiu, puxando ainda mais meu cabelo, obrigando-me a erguer o queixo para que ele pudesse morder meu pescoço enquanto me fodia com força. Minha mão apertou o seu pescoço e ele só aumentou a força e a gana sobre o meu corpo. Meus olhos lacrimejavam de prazer, lágrimas escorriam pelas laterais dos meus olhos quando ofereci os seios e ele os chupou, mordendo o bico com o canino, marcando minha pele com chupões arroxeados. O prazer aumentou, arrepiando-me, externando a convulsão prazerosa de dentro para fora, apertando seu pau em meu interior, chegando ao tão almejado orgasmo. — Eu estou....ahhhh, meu deus!

— Você já aguentou mais, amor! — E rimos juntos. Ele entrou mais algumas vezes, as estocadas se tornaram mais lentas e fundas, até que seus olhos reviraram-se e ele diminuiu o ritmo pairando sobre mim. Benjamin me abraçou, beijando meu diafragma, barriga. — Eu te machuquei?

Devolvi o abraço pelo pescoço.

— Com certeza não. — exclamei tentando controlar a respiração descontrolada. Ficamos alguns minutos ali, aproveitando a companhia um

do outro no meio da cozinha do hotel, com o cheiro de carne e legumes misturado a sexo e suor.

— Escute, se não quiser ficar na fazenda, podemos ficar no loft aqui no Hotel. — sugeriu.

Eu comecei a me ajeitar, para levantar o tronco, ficando sentada e ele saiu de cima de mim, limpando-se com a própria camisa que havia caído no chão em algum momento.

— O que prefere?

— Prefiro criar nossos filhos na fazenda.

— Eu entendo que lá deve ser um gatilho para você. — Tentei confortá-lo.

— Ana, entenda, desde que você e nossos filhos estejam comigo, eu vou para onde você quiser. É só pedir.

Eu sorri com seu gesto.

— Tudo bem!

Benjamin começou a ajeitar tudo o que eu havia tirado do lugar e, quando terminou, me ajudou a descer da bancada.

— Temos uma vida para planejar, mas antes, precisamos dormir, por favor. O dia foi longo.

Encarei-o sorrindo, feito uma boba. Eu queria tanto ter tido esses momentos anos atrás, entretanto, diante de tudo o que havia acontecido, eu percebi que o destino cruza caminhos retos por linhas tortas, e que Ben e eu estávamos exatamente onde deveríamos.

Éramos o verdadeiro significado sobre o caminho não importar, desde que chegássemos ao objetivo.

# **EPÍLOGO**

## **Benjamin Kingsman**

*Alguns meses depois...*

Não me lembro de ter tido tanta fé na minha vida.

Não sobre deus ou qualquer coisa, mais sobre acreditar em dias melhores, acreditar que era possível superar um passado, superar mágoas e tudo aquilo que te joga para baixo com a mesma força de se pular de um penhasco rumo ao chão.

Eu havia me tornado um homem diferente agora, orgulhoso da família que eu tinha, porque depois que eu passei a tê-los do meu lado, todas as conquistas se tornaram extraordinárias.

Era por eles.

Por Ethan, por Anastasia e pela pequena Anelise que estava a caminho.

Nós mudamos para a antiga fazenda Kingsman há alguns meses. Levei o meu escritório para um dos quartos vazios que havia lá. A pedido de Anastasia, eu iniciei uma terapia para diluir melhor o passado com Jhonatan, para não me cobrar tanto ao ponto de me fazer mal. Reformamos toda a fazenda.

Aterramos o lago Calaham junto com as memórias passadas, prometendo cultivar somente as boas dali para frente.

Katrina corria junto com Ethan por todos os campos das plantações, livre, de alguma forma que me fazia enxergar nele, o velho espírito de liberdade que sempre foi almejado pelos Kingsman.

Estava no sangue.

Do outro lado da sala, nossos olhares se encontravam por entre as pessoas que transitavam de dentro para fora e vice e versa. Eu tinha aquele mesmo sentimento dos dezoito anos quando ninguém sequer podia imaginar que estávamos juntos, aquela porção de borboletas intrusas no estômago, o sorriso bobo no rosto e o arrepião na coluna.

Seu vestido branco era folgado na barriga cheia e redonda, seus passos até mim eram mais lentos, com auxílio da mão nas costas, os cabelos soltos com uma grande flor branca presa em sua orelha.

Ela se aproximou e me ofereceu os lábios, de bom grado, aceitei, apertando-os um contra o outro de maneira forçada.

— Por que me olha tanto? — perguntou, ao se afastar.

— Por que você é a noiva mais linda que eu já vi na vida! — Acariciei seus cachos todos jogados de um lado do ombro.

— Eu já disse que você está um charme nessa camisa quase transparente?

— Seu olhar te denuncia. — Anastasia me encarou de cima até embaixo e mordeu os lábios.

— Sossegue, você mal consegue andar. — acusei-a, dispersando seus pensamentos nefastos e promíscuos. Seu olhar que brilhava dizia mais sobre ela do que suas palavras.

— Anelise uma hora vai nascer.

Eu gargalhei alto, chamando atenção de algumas pessoas. Ana parecia querer recuperar todos os anos agora.

— Então se prepare, pois quando ela nascer, eu vou lhe foder até que engravide de novo.

Ela corou e eu adorava quando isso acontecia.

— O papo está muito bom, mas acho que Nicholas quer um pouco da sua atenção também.

Virei o rosto e meu irmão tinha a mão levantada como uma criança que espera sua vez de falar diante da professora. Nick havia cortado o cabelo, muito baixo por sinal, mas isso não era o suficiente para que a esposa de alguns homens que haviam sido convidados para o meu casamento com Anastasia não o olhassem com cobiça.

Soltei-me de Ana, que tomou sua atenção para outros convidados.

Ele me abraçou.

— Nicholas Kingsman, arrasando com o coração das mulheres casadas! — brinquei, cordialmente.

— *Ha Ha Ha Ha* — imitou forçadamente. — Você é muito engraçado.

Dei leves tapinhas sobre seu peito, por cima da camisa cinza.

— É difícilvê-lo sem um terno. Acho que das últimas vezes que o vi, você nem barba tinha.

— Passado fica no passado, Ben. — Ele resmungou e eu assenti. — Podemos conversar? No privado?

— Meu escritório. — Falei. Subimos as escadas, no final do corredor, passamos pela porta antes de fechá-la. Nick entrou, sentou-se em minha cadeira, esticando seu corpo e rodando sobre ela em seguida.

— Gostei daqui. — disse, debochado.

— Você não vai acreditar, eu também! — usei o mesmo tom que ele.

— Mas, dê sequência, estou te ouvindo.

Ele puxou a mão, encarando as próprias unhas, passando o dedo entre elas.

— O ex-marido de Anastasia foi preso ontem pela manhã.

Dei dois passos à frente.

Aquilo sim era uma boa notícia.

Bruce nunca mais havia entrado em contato. Ele usara um advogado para ir às audiências de transferência de paternidade de Ethan, assim como também preferiu não se encontrar com Anastasia durante o período de divórcio.

Foi melhor assim, tanto pra ela que só guardava coisas ruins, quanto para ele que estava com o ego ferido por tudo que havia acontecido.

— Preso?

— Agressão contra uma namorada. A mulher era neta do prefeito de Dallas, e o suposto prefeito fez questão de fazer a denúncia pessoalmente.

O histórico dele por si só falava.

É triste que ele tenha se perdido entre os anos de sua vida. Bruce nunca fora alguém violento, mas certamente havia um aspecto que fora desenvolvido ao longo de sua vida, dando origem a esse comportamento violento dele para com as mulheres ou contra qualquer um que tivesse força inferior a ele.

— Acho que não me sinto tão surpreso. — Nicholas sabia o que ele havia feito a Anastasia.

— Ele me ligou pedindo o contato de um bom advogado. — Ergui a sobrancelha. — Mas eu passei o contato de um amigo que vai fazê-lo perder alguns anos preso por agressão.

— Ele vai pagar fiança.

— Se fosse qualquer outra mulher, sim, mas não com a neta do prefeito. Ele está com sangue nos olhos e Darla Benett está desesperada. Eu juro que, nem que ela gaste toda fortuna da família, vai conseguir tirá-lo de lá. — Girou o corpo na cadeira. — Se os Benett tem dinheiro para tirá-lo de lá, o prefeito tem muito mais para mantê-lo.

— Eu seria ruim se dissesse que fiquei feliz com essa notícia?

— Nem um pouco. — Ele respondeu. — Eu também fiquei, aliás, não querendo mudar de assunto tão bruscamente, mas eu vi o que fez no lago.

Um assunto delicado, que embora fosse um tanto pesado, Nicholas não conversava sobre ele com absolutamente ninguém, a não ser eu, mas ainda assim, havia barreiras que eu não conseguia passar.

— Pensei que, talvez, poderia ser melhor para esquecer algumas coisas.

— Aterrar o lago não vai apagar o passado.

— Mas vai nos ajudar a superar ele. — salientei.

— E Elizabeth? — Questionou e não me fugiu que ele chama-a pelo nome, sem qualquer menção ao termo “mãe”. Guardei o tema para depois, pois achei que ele sequer notou que disse.

— Preferiu não vir. — Murmurei baixo.

Eu amava Elizabeth. Era minha mãe, a primeira mulher que eu amei. Entretanto, ela mesma preferiu tirar um tempo para si, reconhecendo seu erro no passado. Entreguei-lhe o convite do casamento que aconteceria na fazenda, pessoalmente, mas ela preferiu ficar em casa.

O tempo curaria nossas feridas, até o momento em que ela se sentisse confortável para finalmente aproveitar a vida do lado dos netos.

— Entendi. — Nick disse balançando a cabeça. Virou-se, encarando os fundos da fazenda pela janela, em uma plantação que se estendia até o horizonte, sem fim.

— Eu queria te perguntar uma coisa. — seus olhos em um tom esverdeado apenas subiram até os meus azuis, esperando na defensiva a pergunta. Ele sabia o caminho que eu tomaria. — Por que você, Elizabeth ou nossa irmã nunca me contam o motivo de Brooke ter tomado aquela surra em que Jhonatan quase a matou dias antes dele falecer? — ele

esfregou o rosto, visivelmente incomodado, o suficiente para se levantar da cadeira.

— Benjamin, você tem uma péssima mania feia de revirar o passado. Não se contenta com o presente? — respondeu arisco, quase mostrando os dentes. — Você tem Anastasia, Ethan, outro filho a caminho. Isso não é o suficiente pra você? O que vai mudar na sua vida saber o que aconteceu há tanto tempo atrás?

— Nada, mas talvez...

— Não. — me cortou. — Aquilo é um passado com um ponto final.

— Não me parece que o que aconteceu tenha um ponto final.

— Mas teve e fim de assunto. — cortou rápido, mais uma vez.

— Entendi. — Eu não queria deixá-lo nervoso. Aquele era um assunto tão pesado para Jhonatan quanto o assunto de Ethan foi para mim no passado. — Bom, o aniversário de Ethan será em breve e, como vocês fazem aniversário próximos, eu pensei que seria legal comemorarmos todos juntos. Pelo menos dessa vez.

— Eu não acho uma boa ideia.

— Por quê?

— Eu vou indo. Meu avião sai em duas horas.

— Nicholas. — Eu chamei. Eu tinha a leve impressão de que ele se tornava distante a cada ano que passava, mesmo nos visitando sempre com seu senso único e pessoal de humor. — Por que você está criando essa barreira?

— Barreira?

— É. O que você esconde aí dentro?

Ele passou por mim, abrindo a porta, mordeu o lábio inferior. Eu o vi apertar a maçaneta com força, sua respiração falhar e seus olhos se

perderem em um breve momento no chão, mostrando que ele não só se perdera ali, mas dentro de seus pensamentos.

— Vai por mim, você não quer saber, Ben. — Ele se afastou, e partiu.

Encarei sobre minha mesa, o porta retrato onde Elizabeth, Jhonatan e eu estávamos juntos. Tirei a imagem de trás do vidro, buscando um isqueiro, abrindo a janela. O fogo surgiu quando eu apertei o clique. Eu o levei até a ponta da foto, vendo-a queimar.

Eu sempre ouvi dizer que nunca devemos renunciar a família, mas eu também sei que uma família de verdade nunca faria o que Jhonatan fez conosco. Ainda que ele fosse meu pai, eu o apagaria da minha vida sempre que tivesse a oportunidade.

A foto transformou-se em cinzas e o vento como, se soubesse o que fazer, carregou-as para longe ao passar pela janela.

Jhonatan jamais seria lembrado.

Dentro da gaveta, busquei a foto que Anastasia havia revelado da festa da escola de Ethan, e botei no lugar em que deveria ficar.

Agora sim, minha família estava no lugar certo.

Ouvi o barulho de alguém passar pelo corredor correndo.

Só podia ser meu menino.

Sai do escritório, indo até a porta do quarto de Ethan.

Seu quarto fora completamente reformado. Adicionamos cores vivas, brinquedos e vida a um lugar que em minha infância foi morto e sinônimo de más lembranças e gatilhos.

O assoalho ainda rangia quando eu pisava sobre ele, me aproximei da cama devagar, sabendo exatamente quem se escondia ali embaixo. Tomei um golpe de lembranças, como um gatilho certeiro, mas diferente de antes, eu não me entristeci, porque eu sabia que ali embaixo não tinha uma criança

cheia de medos, tão pouco abaixo da cama com aquele cheiro de poeira familiar que predominava.

Eu sabia que não era o jovem Benjamin de 7 anos que tomava surras de um homem de quase 40 anos que me esperava ali embaixo.

Era um menino de 9 anos, que de mim teria apoio, amor, atenção e respeito independente de suas escolhas.

Curvei-me até enxergar Ethan embaixo da cama com um sorriso que aprendi a amar.

— *Achei você.*

**FIM**

**Nicholas Kingsman retorna  
em fevereiro pelas mãos de**

**[@mcolchero.autora](#)**

## ***AGRADECIMENTOS***

Eu poderia pedir um milhão de obrigados aqui, dizer um milhão de coisas, mas vou me abster apenas ao sentimento de gratidão para as pessoas que puxaram Benjamin da minha mente e o empurraram para o papel.

Dona Bárbara, obrigado por ser essa amiga incrível, por esse senso de humor único e essa fé que nem se a gente juntasse 2 mil pastores ia se equiparar a sua (risos eternos), você é do caralho. Dona Adriele, obrigado por essa amizade promíscua e safada, eu sempre senti falta de alguém pra expor meus desejos bizarros e ocultos, obrigado por ter aparecido na minha vida. Senhora Colchero, obrigado por se afundar nos meus enredos e muito obrigado por sua amizade maravilhosa, você foi uma surpresa desse ano, e eu sou grata por tê-la comigo.

Não menos importante, Amanda Tavares, quem construiu o egoísmo de Benjamin e o nervosismo de Anastasia comigo. Eu sempre costumo pensar que estamos no lugar certo e na hora certa, e meu ano não poderia ter fechado melhor tendo você como mentora de escrita. 2023 vai ser incrível, e que o Benjamin seja o primeiro de muitos trabalhos juntas.

*NICHOLAS ESTÁ CHEGANDO!*

